

O Louco
e a
Encalhada

Maya Rodale

BAD BOYS & WALLFLOWERS 2



O Louco e a Encalhada

Bad Boys & Wallflowers

Livro 2

Maya Rodale

Sinopse

Ser boa não fez muito bem para **Lady Olivia Archer**. Tudo o que ganhou durante quatro temporadas no mercado matrimonial foi o apelido de *senhorita Afetada*. Suas perspectivas são tão sombrias que seus pais a comprometeram com um estranho com uma reputação terrível. Se **Phinneas Cole, o barão louco**, quer uma noiva que possa alçá-lo na sociedade, possivelmente Olivia possa assustá-lo quebrando todas as regras de uma dama.

Phinn admirou a postura e o refinamento de Olivia de longe... qualidades que parecem haver-se desvanecido agora que estão oficialmente comprometidos. Esta Olivia é coquete, provocadora e perversamente irresistível. Ela não é absolutamente a mulher que ele esperava, entretanto, ela é *quão única* ele quer.

Está decidido a cortejá-la. Ela está decidida a resistir. Mas Olivia está descobrindo que não há nada tão atraente quanto um noivo louco, malvado e perigosamente sedutor...

Prólogo

*“— Que comece a caça ao grande marido!
Lady Penélope às suas graduadas”*

Primeira temporada de Lady Olivia Archer Londres, 1821

Apesar da extensa preparação da Escola de Maneiras para Jovens Damas, de Lady Penélope, lady Olivia Archer era um fracasso no mercado matrimonial. A temporada mal tinha começado quando ficou muito claro que sua educação seria inútil para atrair pretendentes.

— Atrevo-me a dizer que aos cavalheiros não importa saber sobre o bordado — comentou Olivia às suas amigas e companheiras encalhadas, Lady Emma Avery e Srta Prudence Merryweather Payton. Ela acabava de retornar de uma das três danças em seu cartão quase vazio.

— Supõe-se que devemos perguntar aos cavalheiros sobre eles mesmos — comentou Emma. — Mas o que vamos fazer se perguntarem sobre nós?

— Exatamente! Uma jovem deve ser vista e não escutada — disse Olivia. Era uma das regras que obedientemente tinham aprendido. — Mas seria grosseiro não responder.

— Tentei isso e foi um desastre — disse Prudence com um estremecimento. — Estive meia hora escutando Lorde Gifford falar sobre as sarjetas de drenagem em sua propriedade.

Perto dali, lady Katherine Abernathy, uma companheira de classe na academia de Lady P, explodiu em gargalhadas junto com o grupo de jovens solteiros, bonitos e elegíveis que a rodeavam. Era seguro dizer que não estavam discutindo sobre sarjetas de drenagem. Ou sobre bordado.

Olivia olhou à lady Katherine com um pouco de ciúmes antes de sufocar o tipo de emoção tão pouco apropriada em uma dama. Não, as mulheres sempre estavam serenas e eram amáveis.

Os infratores da regra transitavam por um perigoso caminho de vício, para a ruína.

As damas apropriadas eram recompensadas com bons maridos e felicidade.

Mas parecia que Lady Katherine estava passando muito bem.

— Talvez deveríamos ter passado menos tempo aprendendo como servir o chá e mais tempo aprendendo a paquerar — murmurou Olivia enquanto olhava Lady Katherine bater alegremente seus cílios ante as hordas de jovens ao seu redor.

Para o final da primeira temporada da Olivia, mesmo tentar aprender a paquerar seria impossível, já que os homens não se atreviam a aventurar-se no rincão do salão de baile, que era onde Olivia passava a maior parte de suas noites.

Segunda temporada de Lady Olivia

Nos salões de baile

Com um vestido modestamente cortado, feito de tecido em um tom não muito adulator, em branco, Olivia fazia as rondas nas festas e bailes com sua mãe constantemente ao seu lado, procurando cavalheiros com os quais conversar, já que Olivia tinha passado muito tempo conversando com suas amigas encalhadas em lugar de procurar um marido durante sua temporada anterior.

— Diga à Lorde Stanton sobre suas aquarelas — insistiu lady Archer.

Olivia obedeceu e viu os olhos do cavalheiro ficarem frágeis. Honestamente, ela não podia culpá-lo. Existiria um tema mais aborrecido que as aquarelas de uma jovem? Entretanto, lhe disse que pintava todas as tardes de terças-feiras e quintas-feiras.

Perversamente, pensou em lhe informar que seu tema favorito para pintar era o nu masculino.

Perversamente, a ideia realmente lhe atraía.

Mas ela não podia dizer tais coisas em companhia educada. Então, em troca, Olivia lhe contou sobre os vexames de tentar pintar um gatinho com uma bola de lã. O cavalheiro escutou pacientemente por um momento antes de desculpar-se para voltar a encher seu copo. Ou saudar alguém. Ou chamar a sua carruagem.

— Diga à Lorde Babington sobre seu canto — sugeriu lady Archer. — Olivia tem uma voz encantadora.

Olivia obedeceu e viu que o olhar de Lorde Babington vagava. Verdadeiramente, ela o entediava. Havia algo mais parvo que falar sobre cantar? Mas a alternativa era mostrar-lhe aqui no salão de baile.

As damas não se exibiam enquanto cantavam.

Mas, não seria divertido se o fizesse? Olivia sufocou uma risadinha enquanto imaginava.

O cotovelo afiado de sua mãe nas costelas a devolveu à conversação.

Não. Ela nunca o faria.

Mas ela pensava sobre isso.

— Conte ao Sr. Parker-Jones sobre seu bordado, Lady Olivia.

— Passo minhas horas livres bordando — disse Olivia com uma clara falta de entusiasmo.

— Que interessante — murmurou o cavalheiro, quando em realidade era a própria definição do tédio. Enquanto isso, sua atenção obviamente era atraída para lady Katherine, que ria das engenhosas brincadeiras dos homens enquanto se

inclinava para frente para mostrar seu seio em uma vantajosa posição.

Olivia tinha uns seios muito pequenos, que sempre estavam cobertos.

As damas não fazem alarde sobre si mesmas.

— Não deve falar tanto de si mesma, Olivia — lhe advertiu sua mãe e Olivia conteve um suspiro exasperado.

As jovens não suspiram exasperadamente.

— Aos cavalheiros não importa inteirar-se das habilidades das damas — continuou sua mãe, contradizendo todas as conversações que acabava de fazer sobre a Olivia e homens despreparados. — Deve perguntar sobre eles. É o tema favorito de cada homem.

Lorde Pendleton não refutou a sua mãe. Acreditando que tinha encontrado uma audiência interessada em Olivia, expôs longamente sobre seus cães de caça, seus inquilinos descontentes e os vexames de um compatriota em uma grande cidade como Londres.

Mas as mulheres sorriam com graça, mesmo se estivessem morrendo de aborrecimento por dentro. Mas seu olhar se desviou continuamente para suas amigas, rindo entre elas. Não pôde evitar dar-se conta de que todos os bonitos cavalheiros paqueravam com as garotas que não tinham mães tão autoritárias. Ou um apelido como *Senhorita Afetada* por suas maneiras e conversação excessivamente adequados.

O que era gracioso, porque no fundo não pensava em si mesma como uma afetada.

Ela era uma garota que gostava de cantar e dançar, que desejava paquerar com os libertinos e ser beijada incorretamente. Infelizmente, as circunstâncias nunca foram as adequadas para que ela fosse essa garota. Ela estava muito ocupada sendo uma dama.

— Isso é champanhe, Olivia? As damas deveriam tomar só limonada — Olivia simplesmente entregou o copo a um servente que passava. Não importava que um cavalheiro o tivesse dado e sua mãe tivesse advertido que uma dama não devia negar-se.

Terceira temporada de Lady Olivia ***A biblioteca de Lorde Archer***

Ao começo de sua terceira temporada, os pais de Olivia solicitaram sua presença na biblioteca para uma entrevista sobre suas perspectivas matrimoniais. Ou uma falta clara delas. Verdadeiramente, ela estava muito aborrecida por seu estado. Queria casar-se.

Queria romance. Queria uma família própria. Mas, o que poderia fazer? Fazia tudo certo. Vestia trajes modestos, aperfeiçoava os hábitos de uma dama e se mordida a língua por comentários descorteses ou alentadores. Mesmo assim, o bom marido e a felicidade que lhe tinham prometido lhe escapavam.

Olivia se sentou em um sofá. Seus pais se sentaram em frente. A habitação mal era usada; Lorde Archer passava a maior parte de seu tempo em seu clube, evitando a sua esposa e filha, exceto quando Grave Matters se misturava.

— Olivia, agora que terminou sua segunda temporada — começou sua mãe.

— Sem um pretendente — se queixou seu pai, assinalando desnecessariamente o dolorosamente óbvio. — Depois do investimento que fizemos em sua educação.

— Devemos fazê-lo melhor durante sua terceira temporada. Fiz uma lista de perspectivas para você — disse sua mãe, entregando à Olivia uma folha de papel. — Dedicaremos um esforço especial a aprofundar nosso conhecimento destes senhores a quem seu pai e eu consideramos candidatos adequados.

Com cada nome que lia, Olivia se sentia mais ansiosa e enjoada. Se estes eram os bons maridos que lhe tinham prometido, então ela tinha sido tremendamente enganada. Se estes eram os maridos que seus pais pensavam que ela era capaz de apanhar, então ela estava horrorizada.

— Lorde Eccles? — Questionou Olivia, levantando a vista da folha. — Mas ele é muito velho! Estou segura de que é anterior à inundação!

— Jovenzinha — advertiu seu pai. A gente podia discernir a severidade de seu estado pela cor de sua cara. No momento, Olivia o comparou com um vinho rosado.

— Sim, mas será viscondessa e uma viúva acomodada dentro de uns anos — assinalou sua mãe.

Olivia pensou que poderia cair doente sobre o tapete. Embora as jovens não depositassem seus corpos na biblioteca.

— E Lorde Derby não mantém suas mãos para si mesmo — disse Olivia, tremendo. — Toda jovem sabe manter-se afastada dele.

— Também tem uma renda de seis mil ao ano e uma parcela de terra contígua a um dos nossos imóveis — respondeu seu pai como se isso fosse tudo o que importava. Como se suas esperanças e sonhos fossem insignificantes. Como se seus dias e noites de estremecimento com este homem não fossem o ponto. Não, para eles não eram!

Ao final, a lista horrível não importava nem um ápice. Embora Olivia tivesse aprendido a não falar sobre aquarelas, bordados ou seus esforços musicais com cavalheiros, o conhecimento tinha chegado muito tarde.

Encontrar-se em uma conversação com qualquer cavalheiro, inclusive os candidatos de tão horrível lista, resultou ser uma impossibilidade. Sua reputação a precedia: os homens baixavam seus olhares ou se afastavam enquanto passeava pelo salão de baile lutando por manter a cabeça erguida e um sorriso no rosto.

Pensou em chamar sua atenção e pronunciar um discurso: *“Cavalheiros, me permitam lhes assegurar que tampouco tenho nenhum interesse em falar de fitas para o cabelo. De fato, estaria muito agradecida se um de vocês, jovens e bonitos, beijasse-me em lugar disto”*.

Obviamente, ela não fez tal coisa. Mas imaginá-lo manteve um sorriso em seus lábios; e seus olhos secos.

Às vezes, isso não era suficiente. Quando sua mãe estava ao seu lado, a aversão era ainda mais óbvia. Na festa no jardim de Lady Farnsworth, Middleton em realidade se lançou a uma sebe para evitar as damas Archer.

Havia muita gente pela qual Olivia se lançaria a uma sebe para poder evitar. Como Lady Katherine Abernathy, Lorde Derby ou Lorde Eccles. Mas a jovem sorriu e manteve uma conversa educada. Não procurou refúgio nos arbustos. E, entretanto, admirava o Sr. Middleton por fazer o que desejava. À medida que passavam as horas de visitas e as festas vespertinas, Olivia descobriu que ser uma debutante não era tudo o que se acreditava. Mas todos disseram que se ela se comportasse e seguisse as regras, a felicidade seria dela. Lady Penélope tinha compartilhado isto com suas estudantes. A mãe de Olivia o gravou em sua filha. Todos os livros de conduta e os aldeãos o confirmaram.

O Sr. Middleton e a sebe não era o pior. Nem por indício. Tinha sido nomeada como *a menos provável de Londres para causar um escândalo*. Olivia teve o desgosto distinto de aprender isto ao escutar uma conversa entre um grupo de jovens saídos de Oxford. Ela os olhou ansiosamente. Eram o tipo de homens que aceleravam o pulso das jovens. Ela não foi a exceção. Juntando seus nervos, obrigou-se a aproximar-se, talvez se entrasse em sua linha de visão. Possivelmente onde pudessem notá-la e lhe pedir uma dança. Ela endireitou sua coluna e puxou seu corpete o mais baixo possível (sem

dúvida não muito baixo). E permanecendo perto, adotou o beicinho de lady Katherine, que os homens pareciam achar irresistível. Os cavalheiros mal a notaram; estavam em meio de uma animada conversação.

— Depois de tudo, quando ela poderia causar um escândalo? Está muito ocupada com suas fitas para o cabelo e o bordado — disse um jovem alto e moreno.

Lud, ele era bonito. Olivia se aproximou mais, preparada para rir das garotas tolas que só se incomodavam com suas fitas de cabelo e bordados.

Mas logo um tipo ruivo disse: — Não esqueça suas aquarelas e suas canções — Olivia congelou, temerosa de que estivessem falando dela. Lentamente, começou a retroceder, envergonhada por pensar que um deles quisesse dançar com ela.

— Mesmo se a *Senhorita Afetada* tivesse essa inclinação — disse outro, já sabia que estavam falando sobre ela, — com aquela mãe constantemente ao seu lado, como poderia sequer tentar algo escandaloso? — Todos gemeram com a menção de sua mãe.

— Senhor, nos salve das Damas Archer — disse outro, e outros estiveram de acordo. Olivia fugiu, desconsolada e horrorizada. Possivelmente um *felizes para sempre* não era para ela.

Capítulo Um

Lorde Castleton, que embarcou em seu grand tour e o estendeu por alguns anos, enviou uma mensagem de que logo retornará a Inglaterra.

Inteligente e na moda, por uma senhora distinta

O Semanal de Londres.

Quarta temporada de Lady Olivia

Enquanto Olivia permanecia de pé com o passar do perímetro do salão de baile, entre os bailarinos, estava dolorosamente consciente dos minutos que passavam. Minutos nos quais suas perspectivas de matrimônio se voltaram mais escassas. Tratou de calcular quantos minutos faltavam para o baile que comemorava o centésimo aniversário da escola de Lady Penélope, portanto, quantos minutos ficavam antes que ela fosse uma encalhada confirmada, um fracasso no mercado matrimonial e um caso completamente sem esperança.

Nenhuma graduada na história da escola não tinha obtido um emparelhamento dentro de quatro temporadas.

Exceto, talvez, Olivia. Também poderiam começar a chamá-la *a menos provável para casar-se de Londres*.

— Está tudo bem? — Prudence perguntou justo quando Olivia estava tentando dividir quarenta e quatro dias pela quantidade de minutos em um dia. — Parece doente.

— Estou tentando fazer matemática — explicou Olivia, antes de dar-se por vencida.

Ela era terrível com os números.

— Não tem bom aspecto — lhe disse Prudence da maneira em que o faria só um amigo muito querido.

— Pensa dar uma volta ao salão de baile? — Perguntou Olivia. Ela estava impaciente de estar só de pé ali. Esperando. Sempre esperando.

— Sim, vamos. Que divertido — murmurou Prudence. Agarradas pelo braço, aventuraram-se do rincão do tremoceiro ao resto do salão de baile, onde, ao seu redor, homens e mulheres paqueravam, conversavam e organizavam matrimônios ou encontros. Encontraram o caminho para o balcão que se alinhava na parte superior do salão de baile.

— Aqui estão! — Exclamou Emma. — Quero lhes apresentar a alguns amigos do Blake.

Tanto Olivia como Prudence franziram o cenho. Blake era o duque de Ashbrooke, e até que se casou com a Emma tinha sido um notório libertino. Seus amigos não estavam interessados nas *menos prováveis de Londres*.

— Acredito que talvez... — Olivia começou. Havia algo nos homens que se mostravam desinteressados que sua confiança não poderia suportar esta noite. Por mais que quisesse

apaixonar-se e casar-se, estava esgotada com o constante fracasso de seguir tentando-o. Era hora de considerar o que ela poderia fazer em seu lugar. Possivelmente ela e Prudence poderiam compartilhar uma casa e ser solteironas juntas.

Emma não estava tendo nada disso, entretanto.

— Oh, sim vem! — Exclamou antes de arrastar virtualmente Prudence com ela.

— Estarei ali — disse Olivia. — Só necessito de um momento.

Lentamente, caminhou ao longo do balcão, permitindo que seus dedos se arrastassem sobre a balaustrada. Olhando para baixo, observou o aumento e a atração da multidão, desfrutando da vista dos bailarinos girando em círculos do alto...

Mas, oh, como desejava estar entre eles. Estava tão cansada de seguir esperando.

E logo ela o viu.

Pelo contrário, ela viu como a multidão se movia ao seu redor. Pareciam apartar-se como se fosse alguém de grande importância. Como qualquer outro homem na habitação, usava um traje de gala. Mas as similitudes pareciam terminar aí. Este homem era mais alto, seus ombros mais largos. A forma em que se moveu sugeria que era um homem de determinação e ação. Tinha o cabelo curto, mas alvoroçado, como se tivesse passado os dedos por ele com brutalidade... como se tivesse saído da cama de uma mulher.

Poderiam imaginá-lo facilmente como um libertino ou um pirata. De fato, o fez.

Intrigada, Olivia caminhou lentamente pelo balcão, mantendo o ritmo com este homem enquanto caminhava pelo salão de baile. Quem era ele? Ela não o reconheceu de festas anteriores. Talvez fosse o Lorde Castleton mencionado nos periódicos, que se esperava que retornasse à cidade depois de um longo período no estrangeiro.

À Olivia não importava: fosse quem fosse, era novo e, portanto, não sabia que era a *Senhorita Afetada* ou uma das *menos prováveis de Londres*. Seu coração começou a pulsar ao triplo ante as possibilidades.

E logo, inexplicavelmente, voltou-se e a olhou diretamente.

Seus batimentos do coração se detiveram.

Seu fôlego ficou entupido na garganta.

Ele era formoso. E ele a olhava fixamente. Até este momento, Olivia não tinha ideia de que alguém podia sentir o olhar de outra pessoa do outro lado do salão de baile.

Nunca tinha sido alcançada por um raio, mas podia imaginar que poderia sentir-se como isto. Ela não podia mover-se. Ela não podia respirar. Sentiu a faísca da intriga, a faísca da luxúria, a faísca da possibilidade.

Ela observou enquanto murmurava algo a um amigo próximo antes de começar a caminhar para as escadas que conduziam ao balcão.

Ela tinha que conhecê-lo. Imediatamente.

Olivia caminhou rapidamente para as escadas que conduziam ao salão de baile. Era este o momento em que conheceria o amor de sua vida? Tudo parecia perdido: era

este o momento em que sua sorte mudava e sua vida realmente começava?

O bonito estranho a estava esperando ao pé das escadas. Quando Olivia desceu, passo a passo, pensou na educação de Lady Penélope que a tinha preparado para este momento: depois de horas de subir e descer escadas com livros na cabeça, agora era capaz de sustentar seu olhar enquanto descia a escada.

— Olá — disse. Sua voz era tudo o que um homem deveria representar: baixa, profunda, e de algum jeito o som a fazia sentir cálida de dentro para fora.

As damas não deviam conversar com cavalheiros que não lhe fossem apresentados. Ouviu a voz de sua mãe em sua cabeça, lhe recordando as regras. Mas, o que ela ia fazer, fugir e encontrar alguém que os apresentasse? O feitiço se romperia. Embora iria contra tudo o que lhe tinham ensinado, lutou contra seus instintos e sussurrou:

— Olá.

O bonito desconhecido procurou sua mão, a qual estendeu com graça. Seus dedos se fecharam ao redor dos dela. Ele pressionou um beijo sobre sua mão. Era um gesto perfeitamente apropriado, entretanto se sentia... malvada. Ela nunca havia se sentido malvada antes. Por que ninguém lhe havia dito quão emocionante era?

Por um momento olharam um ao outro.

E logo, ao não ter muita prática para falar com os cavalheiros, ela soltou a primeira coisa que lhe veio à mente: — Seus olhos são muito verdes.

De fato, eram-no: verdes, e sombreados por pestanas escuras, e quando sorria — como o fazia agora — enrugavam-se levemente nos cantos. Foi então quando notou a cicatriz. Era um corte fino que se estendia da têmpora até a maçã do rosto.

Quem era este homem? Onde tinha estado nas últimas quatro temporadas?

Deu um passo para mais perto dela e baixou o olhar para sua boca. Seus lábios se separaram.

Seria este o momento de seu primeiro beijo? Olivia tinha cada nervo de seu corpo fazendo cócegas.

Pensamentos estúpidos se misturaram, desta vez com a voz da própria Lady Penélope: *As damas não se envolviam em interlúdios sem acompanhantes com cavalheiros, conhecidos ou não.*

Se ela o beijasse agora, ele poderia pensar que ela era aquela classe de garota. Segundo tudo o que lhe haviam dito, os homens não se casavam com aquela classe de garota. E dada a atração quase evidente entre ela e este estranho, ela não pensava que um beijo fosse suficiente. Dado que seu único objetivo na vida era casar-se, e imediatamente...

Olivia suspirou, com vontade de ser má e, entretanto, seguiu controlada pelas regras.

Justo quando começava a considerar a possibilidade de atirar a precaução pela janela, e abraçar aquele bonito desconhecido e pressionar seus lábios contra os seus, a aguda e cruel voz de lady Katherine se misturou. Pior ainda, estava acompanhada por sua corte de amigos mal-

humorados, incluídas as Damas Crawford, Mulberry, Falmouth e Montague.

— Lady Olivia, é você? Com um cavalheiro? — A incredulidade de lady Katherine era muito clara. Olivia se mordeu o lábio com aborrecimento. É claro, ela teria que arruinar este momento ao intrometer-se e informar a este bonito estranho que ele estava com uma das *menos prováveis de Londres*. — Nunca pensei que veria o dia.

O cavalheiro elevou uma sobrancelha inquisitivamente. Olivia queria morrer. Ou talvez fugir. Entretanto, tanto o cavalheiro como a viciosa manada de mulheres lhe bloquearam o caminho de volta ao salão de baile.

Voltou-se para olhar à lady Katherine quando passava pelas escadas. Mas Katherine só deu um sorriso cruel antes de empurrar Olivia aos braços do homem com um repentino empurrão de seu cotovelo.

Ele a apanhou, é claro. Olivia ofegou quando se golpeou com a parede firme de seu peito. Seus braços a rodearam por um segundo precioso e enlouquecedor. Respirando profundamente, encontrou-se intoxicada por seu aroma. Por um momento, ela fechou os olhos, querendo que todas as regras desaparecessem, junto com Lady Katherine e o resto da alta sociedade que a chamavam de *Senhorita Afetada e uma das menos prováveis de Londres*. Ela só queria ser ela mesma e estar com este homem, quem quer que fosse.

As jovens não abraçam cavalheiros com os quais não estão casadas.

Entretanto, a voz de sua mãe se misturou em seus pensamentos com outra regra...

— Oh, meu Deus — murmurou Olivia. Essa era realmente a voz de sua mãe que se escutava perto, perguntando se alguém tinha visto sua filha. Temendo que sua mãe a descobrisse assim e arruinasse tudo com um ataque histérico ou algo pior, lhe dizer que informasse àquele homem sobre seu bordado, Olivia se liberou de seu abraço e fugiu à segurança do lotado salão de baile, onde sua mãe a encontrou e exigiu que retornassem à casa diretamente porque Lady Archer se sentia mal.

Olivia foi dormir sonhando com aquele bonito desconhecido e como poderiam voltar a ver-se.

Capítulo Dois

Lady Penélope solicita a assistência de suas graduadas e seus maridos em um baile que celebra o centésimo aniversário da escola.

Um convite

A biblioteca de Lorde Archer

No dia seguinte

Olivia se uniu a contragosto com seus pais no escritório para o que provavelmente seria outra terrível entrevista sobre seu estado civil. Durante aproximadamente dez minutos da noite anterior pensou que ainda poderia haver esperança para ela. Se pudesse ver aquele bonito estranho outra vez...

— Uma notícia esplêndida, Olivia! — Exclamou sua mãe com um brilhante sorriso em seu rosto.

— Ah? — Disse Olivia com cautela, depois de ter aprendido há muito tempo que tinham conceitos muito diferentes sobre uma esplêndida notícia. — O que é?

— Seu pai tem uma excelente perspectiva para sua mão em matrimônio

— Quem é? — O cabelo de sua nuca se arrepiou em sinal de advertência. Seus pais, em seus esforços anteriores, mostraram uma definição deplorável do que era excelente em um cavalheiro. Não se atrevia a considerar a possibilidade de que o bonito homem da noite anterior a tivesse rastreado e lhe tivesse pedido que se casasse com ela.

— É um bom partido! — Disse Lady Archer brilhantemente. Possivelmente inclusive muito brilhante. Olivia entrecerrou os olhos. — Sua senhoria tem um rendimento de dez mil ao ano e... bom, ele tem um título. Pediu para te cortejar e já expressou interesse no matrimônio!

Um acordo formal de cortejo equivalia a um compromisso, especialmente uma vez que as notícias chegassem à sociedade.

— Sim, mas quem é? — Perguntou com impaciência. Era aquele homem com os olhos verdes? Não tinha pretendentes, só alguns cavalheiros que pediam ocasionalmente valsa ou conversavam educadamente com ela quando se encontravam casualmente em um salão de baile. Nenhum dos quais parecia possuir algo parecido a uma ardente paixão por ela, ou inclusive uma remota inclinação acerca do matrimônio... ou um título e dez mil libras ao ano.

Sua mãe sorriu. Seu pai limpou a garganta.

— É Lorde Radcliffe.

Olivia deu um grito de surpresa quando ficou de pé.

— O *barão louco*? Vocês não podem falar a sério!

Todas as garotas de Londres estavam familiarizadas com a história do *barão louco*, que servia de advertência sobre os

perigos do que espreitava no matrimônio. Sua primeira esposa morreu sob seu teto, e sob circunstâncias misteriosas, depois de ter lutado amargamente. Alguns diziam que ela tinha sido envenenada, outros disseram que tinha sido estrangulada; não estava muito segura. Mas o que recordou foi que as circunstâncias eram muito suspeitas e não naturais.

Alguma vez se aventurou à sociedade, quem o receberia?

Todas as garotas temiam ver-se comprometidas com alguém como ele: um sedutor vil, solitário e assassino.

— Querem me casar com o *barão louco* que, conforme as informações, matou a sua esposa anterior? — Olivia se engasgou com as palavras e as lágrimas lhe arderam nos olhos.

— Nunca foi acusado — comentou seu pai. Um soluço estrangulado escapou da garganta de Olivia.

— Realmente, não há necessidade de histeria — disse sua mãe energicamente. — São só intrigas. As damas não fofocam.

— Não quero ser cortejada por ele e definitivamente não quero me casar com ele! — Protestou Olivia, achando muito difícil modular o tom de sua voz.

— Disparates! Nem sequer o conhece — exclamou sua mãe.

— Essa é uma das razões pelas quais eu não gostaria de casar-me com ele — respondeu Olivia. Continuou, embora o rosto de seu pai ficava rosado e se obscurecia em tons escarlate. — Somos desconhecidos. Que classe de homem

pergunta sobre casar-se com uma mulher que nunca conheceu?

Do tipo que era inapropriado, do que nenhuma mulher o consideraria a menos que recorresse a tais medidas secretas e manipuladoras. Se tivessem sido apresentados adequadamente em um baile, ela poderia havê-lo rechaçado. Mas não, agora tinha relacionado seus pais em um cortejo formal, o que lhe deixava poucos recursos.

— Ele te viu. E fez averiguações sobre você — disse seu pai. — Me disse que tinha vindo a Londres para procurar esposa e que era o tipo de garota que não causava problemas, que era exatamente o que estava procurando. Disse-lhe que era uma garota amável e dócil, que seria uma boa esposa, e lhe agradou escutá-lo.

— Olhe, Olivia! — Exclamo sua mãe com alegria. — Todos os nossos esforços chegaram a bom término. É a dama perfeita e fará o papel de uma esposa perfeita para este cavalheiro.

Olivia se calou. Preparou-se toda sua vida para ser a dama perfeita e a esposa perfeita para um cavalheiro perfeito. Não a de um *barão louco*. Não de um homem a quem lhe importava tão pouco seu coração, mente ou seus sentimentos que nem sequer organizaria uma reunião informal antes de falar de um cortejo formal. Não a de um homem que assassinou a sua esposa.

Ela nunca tinha sido desobediente em sua vida. Mesmo ontem à noite, quando teve todas as tentações de atuar imprudentemente, não o fez porque as garotas boas faziam

bons jogos. A lenta sensação de remorso começou a arder em seu ventre.

Se ao princípio ela tivesse feito as coisas de maneira diferente... ou ao menos beijar aquele homem ontem à noite. Se só... se só...

Era muito tarde para tudo isso.

Ou não era?

— Não o farei — disse Olivia com firmeza. — Lhe diga que o rechacei.

— Olivia! — Sua mãe gritou. Embora as damas não gritassem.

— Deve se casar! — Seu pai trovejou. — As jovens se casam! Isso é o que fazem.

Sabia que era inútil explicar que ela queria casar-se. Ela simplesmente não queria casar-se com o *Barão Louco*.

— Não, obrigada. Sinto-me adulada por suas atenções — disse com um gesto de cortesia. — Mas a resposta é não.

Sua mãe e seu pai intercambiaram o tipo de olhar que dizia muito. Tinha uma sensação de afundamento no estômago e não estava muito segura de poder respirar.

Isto não podia estar acontecendo. Não com ela. Não a ela. Ela tinha sido tão boa.

Ela não merecia isto.

— Bom, veja, filha, o assunto está quase resolvido — disse seu pai com gravidade. — Dei minha permissão para este matrimônio. Os contratos foram elaborados. Tudo o que lhe espera é um cortejo superficial e sua aceitação. Recorda nossa conversação na temporada passada?

— Como poderia esquecê-la? — Perguntou amargamente.

— O fato é que precisa se casar e demonstrou que necessita de ajuda — disse seu pai. — Conseguimos um par adequado para você. Lorde Radcliffe tem um título e bons ganhos.

— Sua propriedade não está muito longe da nossa, por isso podemos realizar visitas frequentes — disse sua mãe animadamente.

De mal a pior! Uma visão de seu futuro como a *baronesa louca* apareceu em frente aos seus olhos: longos períodos de solidão interrompidos só pelas visitas de seus pais. Quer dizer, se ela não fosse assassinada em sua noite de bodas.

Estaria irrevogavelmente presa a um homem que só valorizava sua natureza dócil e gentil. Nunca se apaixonaria, nem faria com que um homem se apaixonasse por ela.

— Mas e os meus desejos? — Sussurrou Olivia. — E o amor ou...

— Olivia, é hora de deixar de lado essas ideias tolas — disse sua mãe. — Nós gostaríamos que fossem lidos no domingo os proclamas.

Em outras palavras, ela devia conhecê-lo. Ele faria sua proposta. E ela devia aceitá-la.

Este era o momento em que deveria assentir e agradecer aos seus pais por resolver o aborrecido assunto de quem seria seu proprietário pelo resto de sua vida. Uma filha obediente o faria. Uma boa garota estaria agradecida pela atenção por seu bem-estar. Outra pessoa apelaria às suas emoções ou sua felicidade.

Olivia sempre tinha sido uma filha obediente, uma boa garota e uma boa pessoa. E tudo o que tinha conseguido era um prometido vil e violento. Então ela não lhes agradeceu e muito menos aceitou sem protestar seu destino. Ela não apelaria às suas emoções ou razões. Ela simplesmente se negaria.

— Não o farei. — Sua voz soava estranha aos seus ouvidos, havia uma borda brusca e uma profundidade que nunca tinha escutado antes.

— Se casará com ele, Olivia Elizabeth Catherine Archer — ameaçou sua mãe.

— Mesmo que tenha que te arrastar pelo corredor eu mesmo — terminou Lorde Archer, sua cara agora da cor vermelha.

Ao que Olivia respondeu excepcionalmente com voz de aço: — Já veremos isso.

Sala de estar da duquesa de Ashbrooke

— Ocorre que há destinos piores que permanecer solteira para o baile de Lady Penélope — declarou Olivia. Ao dar uma olhada em um espelho, viu que seus olhos brilhavam com ira e suas bochechas estavam anormalmente ruborizadas.

Emma (que uma vez foi uma encalhada e agora era uma duquesa) e Prudence (ainda a *menos provável de Londres para ser apanhada em uma posição comprometida*) guardaram

silêncio, beberam seu chá e consideraram as possibilidades do que poderia ser pior que isso.

Enquanto isso, Olivia seguia enfurecida. Uma parte de sua irritação estava dirigida aos seus pais, é claro, por tomar uma decisão tão desmesurada sem consultá-la.

Também se zangou com o mundo pelo fato de que as jovens não podiam decidir seu próprio destino.

Oh, não tinha que casar-se com o *Barão Louco*. Mas logo que se soubesse, era muito pouco provável que atraísse outro pretendente que competisse com ele. Exceto pelo bonito estranho da outra noite, de quem bobamente fugiu, ninguém estava interessado nela.

Olivia ardeu ao recordar todos aqueles anos nos quais simplesmente tinha observado, esperado e esperado, sem êxito. Ela tinha seguido todas as regras e agora... isto. Um destino pior que permanecer solteira para o baile de Lady Penélope. Um destino pior que a eternidade como solteirona. Uma vez que se casasse com este cruel e assassino barão não haveria possibilidade de apaixonar-se.

— Muito bem, não posso imaginar algo pior — disse Emma, rompendo o silêncio e a furiosa irritação de Olivia.

Então ela lhes disse. As palavras saíram. Enfurecidas, sua língua tropeçou com as orações enquanto descrevia sua desgraça. Sua voz decididamente não estava nos tons moderados e doces que tinha estado cultivando toda sua vida. Ela estava em carne viva. Assustada. E zangada.

— O *barão louco*? — Suas amigas tiveram a reação esperada: um grito de surpresa e medo.

Prudence e Emma compartilhavam olhares de horror, combinados com lástima e um pingo de preocupação. Olivia sentiu certa satisfação de que compartilhassem sua angústia ante as notícias, mas no geral se sentia muito, muito pior. Seus medos não eram infundados. Sua irritação não foi uma reação exagerada. Este não era um mau sonho do qual despertaria.

Era real e horrível.

— É tão horrível como estou imaginando? — Perguntou Emma. — Tenha em conta que tenho uma imaginação muito ativa e um gosto pelas novelas góticas.

— Ainda tenho que conhecê-lo — respondeu amargamente. — O que não impediu que meus pais lhe dessem permissão para me cortejar e casar-se comigo. Portanto, não tenho ideia de quão horrível é, mas suspeito que dada sua reputação e os métodos tortuosos de cortejo, é bastante horroroso.

— Não esqueçamos que matou a sua primeira esposa — Prudence assinalou desnecessariamente.

Mal poderia esquecer esse detalhe espantoso.

— Supostamente, segundo meu pai — murmurou Olivia. — Não veio à cidade desde que “*supostamente*” assassinou a sua esposa. Mas por que o faria? Ninguém o receberia, à exceção dos meus pais.

Tinham-lhe tão pouco afeto? Tão pouca fé em suas perspectivas? Não se podia negar que não teve êxito no mercado matrimonial. Mas o cortejo do *Barão Louco* seria um novo e insondável fracasso.

De todos os ângulos, esta situação fez com que Olivia se sentisse totalmente inútil.

A única pessoa que a amava o fez por todas as razões mais dilaceradoras: porque era uma candidata. E dócil. E uma boa menina. Como se ela não fosse mais que um livro de perfeita conduta personificado. Como se ela não fosse uma mulher que queria ser amada.

— Ao menos não será uma encalhada para o baile de aniversário de Lady Penélope, — assinalou Prudence — que terá lugar em quarenta e três dias. Não que alguém esteja contando.

— Mas realmente é um destino pior que a morte? — Refletiu Emma.

— Sua perspectiva acalma meus nervos incomensuravelmente — respondeu Olivia secamente. — Minhas opções são ser a única garota solteira na história da Escola de Lady Penélope ou me casar com o *Barão Louco* e logo sofrer um desaparecimento prematuro.

— Provavelmente eu não esteja casada também — acrescentou Prudence, acariciando afetuosamente a mão de Olivia. — Podemos sofrer juntas.

— Ambas, já é o suficiente! — Emma gritou. — Encontrarão bons maridos a tempo. Estou segura disso.

— Palavras pelas quais viver. Da duquesa dos olhos estrelados e profundamente apaixonada — comentou Prudence secamente. Ela e Olivia compartilharam um olhar.

Desde que Emma se apaixonou e se casou com seu bonito, encantador e totalmente apaixonado duque, mostrou-

se incontrolavelmente otimista em tudo.

Inclusive tinha começado a brincar de ser casamenteira, apresentando à Olivia e Prue os amigos elegíveis do duque em cada oportunidade. Infelizmente, era mais que evidente que simplesmente não o entendiam. Suas reputações como as menos prováveis de Londres lhes precederam, e nenhum dos libertinos, patifes ou solteiros da alta sociedade se inclinavam a esquecê-lo, por mais que a duquesa de Ashbrooke pudesse lhes animar a fazê-lo.

Honestamente, era embaraçoso. Era quase pior que estar no canto como uma encalhada.

— O baile de Lady Penélope é só uma noite de tortura, mas este matrimônio será pelo resto da minha vida — disse Olivia.

— Que provavelmente não seja longa — disse Prudence.
— Se se casar com o *barão louco*.

— Prudence! — Emma exclamou, horrorizada.

— Bom, isso é um consolo — disse Olivia sombriamente. Também lhe fez pensar. Se não tinha muito tempo para viver... por que não o fazer agora?

Não se casaria com o *Barão Louco*, por um lado. Ela não faria outro arranjo floral nem costuraria outro exemplar. Se dedicaria ao que importava: um delicioso primeiro beijo que lhe debilitaria os joelhos, valsar com cavalheiros bonitos que a manteriam mais perto do que era apropriado, de algum jeito encontrando o amor de um patife reformado e, sobretudo, descobrindo o que lhe gostava e quem era quando não

caminhava com delicadeza e com a promessa de uma recompensa em um dia longínquo.

Encontraria aquele bonito desconhecido e o beijaria até que lhe debilitassem os joelhos.

Ela viveria agora.

— Fui a dama perfeita — disse Olivia lentamente, afirmando o óbvio. — Nos fizeram acreditar que o comportamento delicado seria recompensado com bons maridos e um *felizes para sempre*. Fomos gravemente enganadas

— Tem razão. — Prudence esteve de acordo. — Por toda a nossa vida disseram que nos puséssemos de pé, sorríssemos quando não gostasse, que nunca rechaçássemos um convite à valsa, que sempre fôssemos amáveis e atenciosas sob qualquer circunstância. O quanto funcionou para nós?

As três garotas ficaram em silêncio. Não lhes tinha funcionado muito bem. Duas eram encalhadas virtualmente confirmadas e estavam a ponto de converter-se nos primeiros fracassos matrimoniais da Escola de Lady Penélope.

Mas uma delas tinha conseguido um duque.

— Bom, funcionou para a Emma — Olivia disse finalmente. Ela estava realmente feliz por sua amiga. Profundamente e verdadeiramente feliz. Fazia só umas semanas que todas tinham perspectivas muito sombrias. Mas não era justo que Emma tivesse a experiência mágica de apaixonar-se e Olivia se visse comprometida à força com o *Barão Louco* e assassino.

— Minha sorte não mudou até que anunciamos meu compromisso com o duque de maneira incorreta, perversa e falsa — disse Emma. — E por “*nós*” refiro-me a vocês duas.

— De nada — disse Prudence amavelmente.

— Um ponto interessante depois de ser a *Roliça Literária* e a *menos provável de Londres para comportar-se mal* — disse Olivia, referindo-se aos antigos apelidos de Emma. — Todas fomos muito boas durante muito tempo.

— Então, logicamente se deduz que devemos portar-nos mal — afirmou Prudence. — Especialmente você, Olivia.

— Continua — murmurou Olivia. Seu coração começou a pulsar com força porque Prue tinha aquele olhar travesso em seus olhos que predizia travessuras, possivelmente problemas, potencialmente desastres.

Prudence explicou: — Se o comportamento perfeito de uma dama te tem feito se comprometer virtualmente contra sua vontade com um homem que te deseja exatamente por essa qualidade, então logicamente se deduz que uma conduta reprovável te tirará dela.

— Ela tem razão — disse Emma com um entusiasmo crescente. — Seus pais nunca lhe deixarão sair outra vez, mas poderia fazê-lo. Ele pode cancelar o acordo. Especialmente se a perfeita candidata que queria como noiva resultasse ser uma víbora histérica e problemática que o atormenta constantemente com escândalos.

— Me pressionarão para que o aceite — disse Olivia, vendo o potencial do plano de Prue. — Mas não podem obrigá-lo a casar-se comigo se decidir que não lhe convém.

Sobrava dizer que faria todo o possível para lhe demonstrar que não lhe convinha. Sua vida e felicidade futura dependiam disso.

— Deve quebrar todas essas regras próprias de sua mãe — confirmou Prudence.

As jovens não quebram as regras.

Olivia sorriu maliciosamente. O fariam agora.

— E logo romperá o compromisso! — Exclamou Emma. — Oh, isto será divertido!

— O que Olivia poderá fazer que surpreenderá à boa sociedade e repelirá o *Barão Louco*? — Perguntou Prudence.

As garotas se calaram. As sobancelhas se franziram pensativamente. Suspiros do fundo do coração foram lançados.

— Bom, se não for ser uma dama perfeita, terei um segundo bolo — disse Olivia, servindo-se um. E logo outro. Pensou em contar às suas amigas sobre o estranho, mas agora tudo era muito triste. Além disso, ela não queria interromper suas intrigas.

Então suas sobancelhas franzidas e cenhos franzidos se converteram em sorrisos malvados quando lhes ocorreram extravagantes atos de impropriedade.

— Para começar, deve usar vestidos diferentes — disse Emma, e todas olharam o singelo e modesto vestido de dia da Olivia, de marfim e musselina azul listrado. — Algo que diga *Mulher Misteriosa* em lugar de *Solteira Virginal*.

— Poderia aparecer bêbada em uma festa — sugeriu Prudence. — Isso horrorizaria todas as viúvas e mães com

mentalidade matrimonial, e aos cavalheiros mais asquerosos, incluído o *Barão Louco*.

— E então deveria fumar um charuto no terraço em companhia de libertinos — adicionou Emma. — Os cavalheiros se sentirão terrivelmente incômodos pelo impacto de uma dama intrometendo-se em sua aborrecida conversação sobre cavalos e outras coisas.

— E quando estiver em um baile, bêbada e empestada de fumaça, direi o que penso, em lugar de sempre dizer o que é cortês — disse Olivia, pensando em todas as vezes que mordeu a língua.

— Sem conversações amáveis sobre o clima! — Disse Emma. — Acredito que todas deveríamos nos unir à Olivia.

— Deveria dar um passeio pelo White's — começou Prudence. — E logo sente-se, ponha seus pés sobre a mesa, e deixa que lhe vejam os tornozelos, e pede um brandy.

Olivia enrugou o nariz.

— Tenho que bebê-lo?

— Sim — disse Prudence. — De um gole só e golpeia o copo sobre a mesa para enfatizar.

— Então exigirei que me tragam o livro de apostas e tacharei nossos nomes como *Menos provável de Londres* — disse Olivia, sorrindo. Seu estômago dando cambalhotas ante a ideia. Ela nunca o faria, é claro. Mas, e se se atrevesse?

— Deve ter um encontro sem acompanhante com um cavalheiro, preferivelmente um escandaloso — adicionou Emma.

— Mas deve ser vista por uma intrometida e fofoqueira — disse Prudence. — Do contrário, não conta.

— Depois de tudo, se estiver a sós com um libertino e ninguém o vê, realmente aconteceu? — Emma pontuou esta pergunta filosófica com um movimento de suas sobrancelhas.

— Uma pergunta profunda e filosófica digna de uma duquesa — comentou Prudence.

— Em geral, deve passar tanto tempo quanto é possível em companhia de libertinos e mulheres com reputações escandalosas — adicionou Prudence com total naturalidade.

Como se não fosse sabido que os cavalheiros se lançavam às sebes para evitar Olivia.

Algo que deveria mudar imediatamente.

— Talvez inclusive se apaixone por um — disse Emma.

— E te levará à Gretna Green antes que o *Barão Louco* saiba quem lhe levou — concluiu Prudence.

— Conhece todas as regras, Olivia — disse Emma. — Só tem que as quebrar, uma por uma, quando for o momento.

Capítulo Três

*Uma mulher ruborizada violentamente é uma das coisas
mais repugnantes para o olho.
O Espelho da Desenvoltura, um livro de conduta universal
dado a Olivia em seu aniversário de doze anos.*

Archer House No dia seguinte

Olivia se sentou em frente ao espelho enquanto sua criada, Mary, obrigou seu loiro cabelo a enrolar-se. Lorde Radcliffe vinha tomar o chá e Lady Archer tinha dado ordens estritas de que Olivia se apresentasse o melhor possível, o que significava que suportaria o ferro quente e enredaria o cabelo em um arranjo com fios de pérolas e fitas para o cabelo. Ela colocaria um de seus primorosos vestidos brancos e se comportaria com a maior delicadeza e cuidado para evitar sujar o vestido. As senhoritas sempre devem estar muito limpas e sem recriminação.

Não havia outra opção.

Ou havia?

Quebre as regras, uma por uma, à medida que as encontre.

Depois de ter passado toda sua vida obedecendo cada ordem, era um pensamento estranho e curioso considerar deliberadamente fazer o contrário. Oh, ela tinha pensado em, por exemplo, pôr Lady Katherine em seu lugar com um comentário cortante, ou tocar canções obscenas no piano em um musical, ou abandonar livros de conduta em favor das novelas românticas que Emma sempre estava lendo (e Olivia discretamente tomava emprestadas porque as damas não liam tal lixo). Gostaria de tirar a saia e correr através do Hyde Park em lugar de caminhar. Usar pintura labial e vestidos diáfanos. Paquerar com um libertino e talvez ser o tema das fofocas.

Olivia sempre pensou que um dia... um dia faria todas estas coisas quando saísse da casa de seus pais e se casasse com o tipo de homem bonito que aceitaria esse lado dela e respiraria o comportamento aventureiro.

Ela tinha nutrido sua visão desse perfeito *felizes para sempre*. Seu marido seria bonito, encantador e sempre saberia o que dizer. Ele a olharia amorosamente e sempre tentaria lhe roubar um beijo. Viveriam em uma casa grande com um grupo de crianças ruidosas e ela nunca lhes gritaria se enroscassem a saia ou quebrassem um vaso. Com formosos vestidos e pelo braço deste marido perfeito, todos esqueceriam que alguma vez a tinham chamado de *Senhorita Afetada* e que o Sr. Middleton tinha saltado uma sebe para evitá-la.

Mas se se casasse com o *Barão Louco*, que a desejava porque era a *Senhorita Afetada* e uma das *menos prováveis de Londres*, condenaria a si mesma a uma vida curta e como uma propriedade. Só a ideia a fazia querer saltar a uma sebe para evitá-lo.

Era um destino terrível, um carente de beijos, valsas e aventuras de todo tipo. Nunca se apaixonaria. Ou seria amada profundamente e apaixonadamente desejada. Em vez disso, ela se ocuparia dos serventes e bordaria na solidão até que seus dedos sangrassem.

— Está muito calada hoje, lady Olivia — disse Mary, enquanto cuidava para não a queimar com o ferro. — Está nervosa por conhecer seu pretendente?

— Você não estaria? Especialmente dada sua reputação como assassino? — Respondeu.

Mas estava mais nervosa pelo que ia fazer.

Algo escandaloso. Pouco feminino.

Quanto antes deixasse claro que ela não era a mulher que ele esperava, mais cedo poderia... voltar a ser uma encalhada. Ou fazer algo escandaloso para conseguir um marido amoroso, como o tinha feito Emma.

— Suponho. — Esteve de acordo Mary. — Mas poderia ser só uma intriga. Ele já esteve aqui, sabe? Veio com seu advogado. Ambos estão se reunindo com seu pai neste momento.

Havia só uma razão pela qual um advogado estaria aqui: para redigir contratos de matrimônio. Era absurdo que progredissem com tanta celeridade quando nem sequer tinha

conhecido o homem! Deviam pensar que era tão dócil, serviçal e desesperada por casar-se que aceitaria qualquer proposta. Parecia que ela teria que demonstrar que estavam gravemente equivocados. Tinha deixado de ser a *Filha Perfeita*.

— Viu-o? — Perguntou Olivia.

— Sim — disse Mary, sem olhar os olhos de Olivia pelo espelho.

— E?

— Seu advogado é mais bonito. — Apressou-se Mary. E isso disse tudo.

— Suponho que seja horroroso. Me diga, é velho e gordo, com olhos pequenos e ar malévolo? — Se tinha aprendido algo das novelas, era que os vilões sempre tinham olhos pequenos e ar malévolo.

— É hora de apertar o espartilho e colocar o vestido — disse Mary alegremente, confirmando assim que o *Barão Louco* era o homem mais horroroso e repugnante da cristandade e que devia fazer o que fosse necessário para sair deste problema.

Se pelo menos tivesse beijado aquele estranho!

— Mary, acredito que estou um pouco pálida — disse Olivia quando lhe ocorreu uma ideia.

— Essa é a sua aparência — disse Mary. — Charmosa e apropriada, como a porcelana.

De fato, tudo sobre ela era pálido e apropriado, angélico e olvidável. Ela não era colorida, selvagem ou desejável.

— Mas talvez poderia usar um pouco de cor em meus lábios — disse Olivia. — E talvez algo para meus olhos. Tem

alguma coisa?

— Esta é uma petição incomum, Lady Olivia — disse Mary com inquietação. Jogou uma olhada para a porta do dormitório. — Temo a reação de sua mãe.

As senhoritas adequadas não usavam pintura labial ou adornavam seu rosto. Só um certo tipo de mulher o fazia, e os homens em busca de esposas submissas e dóceis não estavam interessados nessas mulheres.

— Eu me ocuparei da minha mãe se me trouxer um pouco de pintura labial. Por favor, Mary. Minha felicidade futura depende disso.

Quando Olivia desceu os degraus de mármore para saudar seus pais e ao *Barão Louco* no vestibulo, estava perfeitamente preparada e era a imagem de uma *Dama Perfeita*. Do pescoço para baixo.

Graças a uma aplicação de pintura labial e ruge, parecia uma prostituta. Uma cadela bêbada. Uma bêbada que se aplicou a maquiagem enquanto estava de pé em um navio no mar durante uma tormenta. Seus lábios, e um pouco mais à frente, tinham uma feroz sombra carmesim. Suas bochechas eram rosadas, talvez inclusive fúcsias. Como se ela fosse seu pai em um de seus ataques de ira, ou como se estivesse ardendo de vergonha. Seus olhos tinham sido revestidos com suficiente kohl para confundi-la com um guaxinim.

Olivia se sentiu absolutamente ridícula, mas completamente resoluta em sua rebelião.

Pensou que se via tremendamente pouco atrativa.

Esperava que o *Barão Louco* pensasse isso também.

Sua mãe chiou antes de colocar a mão enluvada sobre a boca e amortecer os soluços com um de seus lenços. Seu pai, claramente mortificado, ruborizou-se grandemente. Sua mandíbula se apertou e seus olhos se incharam sob a tensão de reter um enorme rugido de ira.

Olivia nunca desgostou seus pais. De fato, esta era a primeira vez que era objeto de algo mais que elogios. Sentiu que seu estômago se retorcia. Tomou cada grama de sua determinação para não subir correndo as escadas, esfregar a cara e retornar com suas mais sinceras desculpas. Qualquer instinto desse tipo se desvaneceu quando ela pôs os olhos naquele homem repugnante.

O *Barão Louco*, que em realidade era um corpulento ancião com um cenho franzido de desaprovação, limpou ruidosamente a garganta como se tivesse escarros. Olivia não ocultou seu estremecimento de repulsão. A ideia de compartilhar uma cama com este homem fortaleceu sua resolução incomensuravelmente.

Não se casaria com o homem repugnante que a olhava com desprezo. Não queria que ele a tocasse. Honestamente, deveria haver se empapado com um vidro de perfume também.

O outro homem, seu advogado, presumivelmente, deu um passo adiante e lhe proporcionou mais de um choque que paralisou seu coração.

Ela reconheceu seus cativantes olhos verdes e sua boca, a qual quase tinha beijado.

A cicatriz que tinha notado à luz das velas era muito mais premonitória à luz do dia.

O bonito estranho simplesmente levantou uma sobancelha. Olivia pensou que seus lábios se torceram nos cantos: meu Deus, estava rindo dela! Querido Deus, isto foi mais mortificante do que ela tinha esperado.

Talvez o advogado fosse suscetível ao suborno, e se fosse assim, só teria que lhe dar seu dinheiro em troca de que queimasse os documentos matrimoniais. Então esperaria nunca voltar a vê-lo ou ao *Barão Louco*.

— Olivia! Sobe as escadas imediatamente — vaiou sua mãe.

— Para que? — Perguntou ela, como se não tivesse ideia, honestamente.

— Que rabugice! — Ofegou sua mãe. Olivia sentiu uma estranha emoção. Nunca tinha sido impertinente em sua vida.

— Não se preocupe, esposa. Sigamos com as apresentações e essa maldita festa do chá — disse Lorde Archer com um olhar furioso à sua filha. Suas bochechas avermelhadas da cor do casaco vermelho de um soldado. Olivia não tinha visto essa sombra desde que inconscientemente tinha usado seu brandy francês de contrabando durante uma festa de chá com suas bonecas. — Lorde Radcliffe, me permita lhe apresentar à minha filha, lady Olivia — disse Lorde Archer. — Não tenho ideia do que aconteceu com ela. Ou à sua cara.

Mas não foi o ancião corpulento com os olhos pequenos quem deu um passo adiante.

Por um segundo Olivia sentiu alívio. Quer dizer, antes que a verdade a golpeasse.

Lorde Radcliffe, o homem que pensava que era o advogado, o homem que era seu atraente desconhecido, fixou seu olhar em seus olhos de guaxinim e se inclinou levemente. Um tremor de medo percorreu sua coluna.

Quase tinha beijado um assassino! Graças a Deus que ela não o tinha feito.

— É uma honra conhecê-la, lady Olivia. — Era o próprio *Barão Louco*, inclinando-se sobre sua mão estendida. Ele não era o que ela tinha esperado, mas de todos os modos a aterrorizou. Seu olhar fixo nela era desconcertante, como se a estivesse memorizando para pensar nela mais tarde.

A cicatriz, notou, estendia-se desde sua têmpora até sua maçã do rosto inclinando-se agudamente justo debaixo de seu olho. Foi obra de sua falecida esposa, atuando violentamente em defesa própria? Olivia assumiu isso.

Sua boca era cheia. Sensual. Era o tipo de boca que poderia ter imaginado beijar se não estivesse curvada em um sorriso ligeiramente desconcertante. Ele a achava ridícula.

Bom.

Olivia simplesmente o olhou com horror. O kohl fez com que seus olhos se movessem. Seus lábios tinham sabor de pintura amarga. Deveria dizer: *É um prazer te conhecer, milord*, mas as palavras lhe entupiram a garganta.

Seu engenho lutou por funcionar, salvo por um pensamento: deveria ter agregado mais pintura. Ou fugir já. Seus joelhos se debilitaram ao notar sua altura e seus largos

ombros. Poderia dominá-la em um instante se assim o quisesse.

Todos os seus instintos lhe disseram que fugisse. Mas em troca, Olivia se obcecou com o que parecia ser seu único curso de ação: comportar-se de maneira tão abominável que um homem que a desejasse por suas qualidades dóceis e femininas voltasse correndo para a comarca da qual vinha.

— Olivia. — Sua mãe lhe deu uma cotovelada nas costelas. Supunha-se que devia responder ao *Barão Louco*.

Olivia tinha passado um número exagerado de horas aperfeiçoando uma reverência que ressaltava a graça de seus movimentos e transmitia seu porte régio com um temperamento respeitoso. Hoje deu uma breve sacudida superficial, do tipo que um servente pode dar quando lhe pede que renuncie à sua tarde livre e esvaziasse os urinóis.

— Sinto-o terrivelmente, milord. — Sua mãe lhe pediu perdão. Ele simplesmente assentiu. Ansiosamente se agarrou a um de seus lenços bordados. — Olivia se destaca na reverência. Olivia, tenta-o de novo. Se esforce para não nos envergonhar.

Erguendo-se para dentro, Olivia se afundou no arco mais obsequioso imaginável, exagerando cada movimento da curva mais profunda de seus joelhos até os dedos com gestos de pomposas sublevações que sustentavam seu vestido em alto.

— Muito bem — comentou Lorde Radcliffe, olhando de mãe a filha. Olivia se negou a reconhecer seu olhar. Ela simplesmente não pôde.

Foi apresentada ao advogado, um Sr. Morris, quem se foi com os contratos de matrimônio finalizados em suas mãos depois de lhes dar um bom dia. Suas palavras de despedida:

— Só precisam assinar-se.

— Chá. Tomemos um pouco de chá — disse sua mãe, animada e incentivando a todos a sentar-se nos sofás próximos à lareira. — Olivia, por que não vem?

— É claro, mãe — Olivia disse com uma doçura exagerada, porque isso se esperavam dela. — Estaria encantada de servir o chá para nosso prezado convidado.

Ninguém conhecia a etiqueta de servir chá melhor que Olivia (praticava todos os dias às três em ponto), que era a forma em que agora era tão habilmente capaz de violar qualquer pequeno ponto de etiqueta. Segurou a asa com seu punho e apertou o bico. Não perguntou se o *Barão Louco* preferia só um torrão de açúcar ou dois, ou se tomava leite, ou se o desfrutava de forma pura e amarga.

Quão único impedia Lady Archer de explodir em um furioso acesso de raiva era a regra de que as Damas Não Explodiam em Acessos de Raiva Furiosos, especialmente quando tinham companhia.

Mas quando Olivia sobrepôs o chá para que se derramasse no pires, foi puramente um acidente devido à forma desconcertante em que Lorde Radcliffe fixou seus olhos verdes sobre ela.

Ela se deu conta de que a pintura ridícula em seu rosto e suas maneiras escandalosamente pobres não evitavam o calor que tinha sentido por seu olhar na outra noite. A poderosa

conexão que ela tinha sentido com ele ainda estava alojada em sua memória. O pior de tudo, ela ainda recordava visceralmente a esperança que sentiu quando seus olhares se encontraram.

E agora estava envergonhada e aterrorizada.

Ao passar uma xícara de chá ao *Barão Louco*, ela viu as cicatrizes de aspecto horrível em suas mãos e quase deixou cair a xícara.

— Obrigado — disse.

— Por nada — respondeu ela.

Tinham falado oficialmente quase cinco palavras um ao outro. Logo, viria a noite de bodas.

Olivia procurou uma das bolachas de gengibre na bandeja. Sua mãe dizia que uma mulher só comia um, para ser educada, e nada mais, para que não acreditasse ter um apetite insaciável.

— O que você está achando de Londres, Lorde Radcliffe?

— Perguntou Lorde Archer.

— É incrivelmente cheia e intrigante, não? — Ele respondeu com um sorriso que Olivia poderia ter admitido que o fazia atrativo se estivesse interessada, o que obviamente não estava. — Desfruto do sabor da vida na cidade, embora prefira minha casa em Yorkshire. Tenho uma grande propriedade com muita privacidade.

Olivia não gostou do som disso. O campo significava grande distância entre ele e a seguinte propriedade. A privacidade significava que ninguém veria se ela estivesse em problemas. Ela se serviu outra bolacha. Tanto por sua

fantasia de viver em uma casa com vizinhos próximos para visitas frequentes.

— Quão grande é sua casa? — Inquiriu sua mãe.

— Cinco hectares, incluindo sótãos e porões — respondeu olhando à Olivia, quem franziu o cenho.

Tinha que mencionar sótãos e porões? Todo mundo sabia que se quisessem manter cativas às donzelas, ou levar a cabo qualquer classe de atividade nefasta, não se fazia no salão, e sim em sótãos poeirentos e masmorras úmidas no porão. Ele havia dito masmorras, não?

Olivia se serviu outra bolacha.

— O imóvel em si é encantador — continuou, com um olhar incômodo em sua direção. — Muito tranquila e remoto. Há um extenso bosque.

Debaixo de toda sua pintura facial, Olivia empalideceu. Extenso significava que não haveria ninguém para escutar seus gritos. Não que as mulheres alguma vez gritassem. A menos que suas vidas estivessem em perigo. Como estaria a dela. Oh, meu Deus.

Ela deixou bruscamente sua xícara de chá que chocou ruidosamente contra o pires. Sua mãe franziu o cenho. Olivia sentiu uma onda de ira: como podiam pensar em casá-la com este homem?

— Não há muita sociedade — adicionou com um leve sorriso. Era um sorriso de arrependimento ou um que prometia maldade? Deu-lhe outro olhar. Definitivamente o último.

Estaria sozinha, completamente sozinha, com este homem! Piscou para conter as lágrimas, o que fez com que seus olhos queimassem quando se mesclaram com o kohl. Os secou com um de seus lenços bordados, arruinando-o para sempre.

— E como vão seus esforços científicos? — Inquiriu seu pai, trocando de tema até que se recompôs.

— Mantêm-me ocupado da manhã até e noite, de verdade — respondeu Radcliffe. — Alguns acham o trabalho perigoso, mas acredito que é fascinante e desfruto do desafio.

Trabalho perigoso? Deus querido, a que se dedicava este homem? Supunha-se que os cavalheiros jogavam cartas, escreviam poesia às damas, tomavam bebidas e pouco mais. Em seus clubes. Em Londres.

Se os dois se casassem — o que com toda certeza não fariam -, enfrentaria uma miserável miséria sem que nem sequer Emma ou Prudence pudessem lhe proporcionar consolo em suas décadas de exílio. Perderia por completo seu engenho. Passearia pelos corredores com seus vestidos fantasmagóricos e virginais murmurando para si mesma "*Não me casarei com ele, não o farei!*" e mantendo conversações com amigos imaginários. Ela seria conhecida em todos os periódicos de Londres como a *Baronesa Louca*.

— Uma das razões pelas quais vim à cidade é para trabalhar com o Duque de Ashbrooke no motor de diferença — explicou Radcliffe, e isso chamou a atenção de Olivia.

O marido de Emma estava envolvido nisto? Olivia teria uma conversa com sua amiga. Talvez pediria a Emma que

implorasse ao duque que enviasse este *Barão Louco* para longe e a deixasse em paz. Na batalha por sua liberdade e felicidade futura, resolveu provar todas as suas alternativas.

— Acredito que essa não foi a única razão pela qual veio à cidade, Lorde Radcliffe — adicionou sua mãe, quase com paquera. Olivia pôs os olhos em branco porque as damas não punham os olhos em branco. Mas sempre tinha querido tentar.

— Vim com a intenção de tomar uma esposa — disse Radcliffe, olhando-a fixamente.

Seu pulso começou a acelerar-se de puro terror.

— É hora de que volte a tentá-lo.

De novo. Aí estava: o fato frio de sua esposa anterior. A quem assassinou.

Intencionalmente.

— E fez exatamente isso! Não é assim, Olivia? — Disse sua mãe, voltando-se para ela. — Ele veio só por você.

Deveria murmurar quão adorável ou maravilhoso era. Em troca, respondeu:

— Não acredito que eu tivesse muito a ver com o assunto, absolutamente.

Sua mãe franziu os lábios. Seu pai começou a ficar rosado de novo. O *Barão Louco* fez uma careta.

— Pensou nas bodas, Lorde Radcliffe? — Perguntou Lady Archer, embora não tinha havido nenhuma proposta. Olivia temia que as palavras "*casar-se comigo*" seriam as seguintes em sair de sua boca.

Em troca, disse: — Se se tratar disso, permitirei a ambas fazer os planos. Estarei ocupado com meu trabalho no motor. Também entendo que as damas se deleitam com assuntos como estes e que é melhor se os homens se mantêm afastados. — O *Barão Louco* adicionou. — O que for que deseje, lady Olivia.

— Diz isso agora — disse ela.

— Olivia! — Gritou seu pai.

— Como? — Perguntou Radcliffe. Pobre homem, estava bastante confuso. Estava tão louco como se dizia? Como ele podia não saber que ela, ou qualquer outra mulher em Londres não desejaria ser sua esposa? Só porque quase o beijou em um corredor mal iluminado não significava que desejasse casar-se com ele agora que sabia quem era e a violência da qual era capaz.

— Não significa nada — disse bruscamente Lady Archer com sua filha.

— Na verdade, não é assim — disse Olivia com seriedade, apesar dos olhares furiosos de seus pais. Oh, ela ia ter uma dor de ouvido mais tarde. Melhor que uma vida com este homem com cicatrizes, com sua perigosa ocupação e seu passado violento, que se dedicava a seduzir às donzelas em rincões mal iluminados do salão de baile.

— Talvez pudesse me contar sobre você, Lady Olivia. O que gosta de fazer? — Perguntou o *Barão Louco*.

Olivia abriu a boca para dar uma resposta sarcástica, mas não lhe veio à mente nada mais que a trágica verdade de que não sabia o que gostava de fazer. Provavelmente

quebraria o coração de sua mãe ao saber que sua filha não se deleitava com os arranjos florais nem práticas de piano nem nenhum de seus outros passatempos.

— Olivia gosta da aquarela — disse Lady Archer antes que Olivia pudesse pronunciar uma palavra. — O bordado é um de seus passatempos; é excelente com uma agulha. Os arranjos florais são outro de seus talentos. Será uma excelente administradora do lar.

— Justo o que preciso — disse Lorde Radcliffe com um sorriso que poderia ter sido formoso se ele não a condenasse a uma vida curta administrando os lençóis e os menus com o chef.

Justo o que não quero ser.

Qualquer esperança de amor e companheirismo em um matrimônio se perderia se ela se encontrasse caminhando pelo corredor com este homem. Pensava que era uma mulher tola que se contentaria dirigindo os seus serventes e adoecendo em absoluta solidão. As cicatrizes não fizeram nada para acalmar seus temores. Tampouco a forma em que a olhava. A maquiagem não tinha sido suficiente. Ela deveria fazer algo pior.

Capítulo Quatro

*Qualquer donzela treme de terror se se encontrar a sós
com o Barão Louco.*

*O Baron Louco: a história completa do amor trágico de
uma inocente donzela, uma morte inesquecível. A verdadeira
história.*

Quando Phinneas Cole, formalmente conhecido como o Barão Radcliffe, e popularmente conhecido como o *Barão Louco*, embora preferisse chamar-se Phinn, viu pela primeira vez Lady Olivia Archer em uma festa, entendeu o magnetismo de uma maneira que nunca havia sentido.

Dado que era uma espécie de perito nisto, isto foi notável.

Sabia sobre os materiais e as forças de trabalho, mas nunca tinha compreendido visceralmente a força invisível até que não pôde tirar sua atenção dela. Ele nunca o havia sentido. Uma vez que a viu, olhar para outro lado era uma impossibilidade física.

Tinha estado sozinha no balcão dando voltas ao redor do salão de baile como se estivesse sozinha em uma habitação

abarrota de gente. Era uma sensação que ele conhecia muito bem e uma que não esperava compartilhar com uma mulher. Por um momento, Phinn ficou ali, desligado da multidão, olhando-a e observando.

Ela tinha um formoso cabelo loiro e uma tez pálida. Cada movimento dela, da leve inclinação de sua cabeça até a forma em que riscava os dedos ao longo da balaustrada, era controlado e elegante.

Com uma olhada, ele podia ver que ela era o oposto à Nádía, que era tudo o que queria em uma esposa.

Phinn caminhou deliberadamente entre a multidão até que a encontrou ao pé das escadas naquele corredor escuro. Para sua segunda esposa tinha a intenção de fazer tudo bem, desde a primeira apresentação até a proposta.

Reunir-se assim — sem ter sido apresentado, e não ter acompanhante — era terrivelmente impertinente. Mas não pôde ir-se. Quando ela caiu derrubada em seus braços, teve dificuldades para soltá-la. Phinn a queria, queria perder-se nela.

Não podia culpá-la por entrar em pânico e fugir, mas desejava que ficasse.

Queria conhecê-la. A conheceria.

Mais tarde, ele perguntou por ela ao seu amigo, Lorde Rogan.

— Aquela mulher? Lady Olivia Archer. Mais conhecida como a *Senhorita Afetada*. E é uma das *menos prováveis de Londres*, mas não recorro se é a menos provável a se comportar mal ou ficar presa a um escândalo.

Isso foi tudo o que Phinn precisava escutar. Tinha vindo à cidade para ajudar a construir o Motor de Diferença do Duque de Ashbrooke para apresentá-lo na Grande Exposição, e para casar-se com uma mulher que manteria sua casa, esquentaria sua cama e, não lhe causaria nenhum problema nem o distrairia de seu trabalho.

Parecia que a encontrara em sua primeira noite em Londres. Quando encontrou a mulher perfeita, pela qual ficou paralisado, por que esperar para fazê-la sua esposa?

Não tinha obtido uma apresentação essa noite, mas obter a permissão para cortejá-la tinha sido o tema de uma entrevista rápida com seu pai. Phinn estava feliz; temia que o negócio de encontrar esposa se esticasse, consumindo um tempo que seria melhor se dedicado ao seu trabalho.

Entretanto, uma vez que conheceu corretamente Lady Olivia Archer, confirmaram-se seus piores temores, outro desastroso encontro com uma esposa tremendamente imprevisível.

Depois de uma reunião desastrosa na casa do Archer, retornou à casa de seu amigo, Lorde Rogan, com quem se hospedava em Londres.

Tinham ido a Oxford juntos e cercaram uma amizade genuína embora pouco provável quando descobriu que suas diferentes personalidades funcionavam bem. A companhia do Rogan evitou que se convertesse em um recluso completo, dedicado só aos seus estudos. Phinn tinha assegurado que Rogan não deixasse a escola e ele era a única pessoa com a qual Rogan podia confiar quando, por exemplo, exigia que o

resgatasse do magistrado local, o que tinha acontecido com regularidade.

Phinn paralisou em uma cadeira no escritório de Rogan.

— Bom, isso não foi o que eu esperava — disse, passando os dedos pelo cabelo como o fazia quando estava frustrado. - Infelizmente, não ajudava a dissipar os rumores sobre sua loucura. Mas, de novo, nunca lhe tinha importado o que pensava a sociedade.

— O que esperava do chá com sua ruborizada e virginal noiva e seus adoradores pais? — Perguntou Rogan.

— As caricaturas são uma forma de descrever Lady Archer — comentou Phinn secamente. Ela era uma mulher alta, bela e severa. Tudo sobre ela estava perfeitamente feito.

— As palavras “*bruxa dominante*” vão mais ao ponto? — Perguntou Rogan com um sorriso descarado.

Phinn ignorou o seu amigo. Não podia aceitar termos tão toscos para uma mulher que poderia ser sua futura sogra. Mas tampouco podia negá-los. As advertências constantes de Lady Archer sobre o comportamento de sua filha foram notáveis. Por outra parte, o comportamento de sua filha tinha sido deplorável.

Não tinha havido nenhum sinal da garota refinada e elegante pela qual se apaixonou à primeira vista. Ele ainda a buscava, sob todo o descaramento, cenhos, lábios pintados e comportamento grosseiro. Onde se tinha ido?

— Ao rubor se refere a que tinha uma quantidade excessiva de pintura sobre suas bochechas? — Perguntou Phinn. Sabia tudo o que tinha que saber sobre física, mas

nada sobre o tema da moda feminina. — E o que o preto ao redor de seus olhos e a mancha vermelha em seus lábios? É a moda em Londres nestes dias?

— Entre certo tipo, talvez — Rogan respondeu com uma piscada e uma ênfase em certo tipo que não deixava lugar a dúvidas sobre seu significado.

— Mas não damas recatadas, virginais e inocentes — esclareceu Phinn.

— Por mulheres apelidadas de *Senhorita Afetada*, não — Rogan confirmou.

— Ela os usava em excessos — disse Phinn franzindo o cenho. — Excessos.

— Teria gostado de ver isso — disse Rogan, rindo.

— Parecia cômica — admitiu Phinn. Estava tão mal feito, tinha que ser deliberado, embora não gostasse do que isso sugeria sobre seus sentimentos por ele. Surpreendeu-se ao descobrir o quanto lhe importava. — Queria rir muitíssimo pela reação de seus pais. Pensei que iam ter uma apoplexia ali no vestíbulo. Mas temia a ira de Lady Archer.

— Lady Archer é uma criatura aterrorizante. Os cavalheiros londrinos aprenderam há muito tempo a evitá-la a todo custo. Pergunte ao Middleton alguma vez — disse Rogan. — Talvez sua adorável prometida o tenha feito em um esforço equivocado por te impressionar.

— Poderia estar inclinado a pensar isso, se não fosse pelo resto de suas maneiras — refletiu Phinn. Mas, uma vez mais, sua experiência se centrava na maquinaria, não na minúcia da etiqueta do chá. — Não estou seguro se ela me

despreza, é simplesmente estranha, ou se estou dando muita importância ao tema.

— O conhecendo, diria que está considerando muito o tema — disse Rogan. — Por outra parte, acredito que está pensando muito. Me diga, seguiu meu conselho e lhe falou de quanto grande era sua propriedade?

— Sim. E não acredito que lhe importasse minimamente — disse, recordando como empalideceu quando mencionou as vastas terras unidas à sua casa de campo. De fato, quanto mais lhe disse sobre elas, mais horrorizada parecia.

— Provavelmente deveria lhe haver dito o tamanho de sua conta bancária ou o tamanho do...

— De verdade? — Perguntou Phinn, fazendo uma careta ao seu amigo.

— Estou divagando — se defendeu Rogan.

— Este negócio de encontrar noiva é exatamente como esperava — disse Phinn, franzindo o cenho. — E precisamente o que esperava evitar.

— Sufocante, claustrofóbico, deprimente — disse Rogan.

— Confuso, governado por forças desconhecidas que não se aderem a nenhuma lógica e seguem leis pelas quais não sou consciente — corrigiu Phinn. Não poderia ser simples: o homem conhece a mulher, casam-se, e depois desenvolvem o afeto?

Mas logo pensou na estranha atração que sentia por Olivia.

Pensou que as coisas seriam fáceis com ela. Depois de tudo, ele tinha aprendido que era conhecida como *a menos*

provável de Londres para causar um escândalo e que estava em sua quarta temporada e, portanto, presumivelmente estava ansiosa por casar-se. Seu pai estava ansioso por chamar o Arcebispo quando lhe aproximou.

Quando as coisas eram simples?

Qualquer outro homem poderia ter sido repelido pelo comportamento de Lady Olivia. Mas dado que estava tão em contraste com sua reputação de *Senhorita Afetada*, encontrou-se bastante intrigado. Assim como os problemas matemáticos que não encaixavam, Phinn tinha um desejo de resolver a discrepância.

— Lamentando todo o tempo passado com seus experimentos em lugar de com apostas e mulheres? — Perguntou Rogan.

— Sim — reconheceu Phinn. — Um pouco.

— Talvez deveria ter passado mais tempo estudando as complexidades do comportamento feminino em lugar de todas essas máquinas e esses teus experimentos — sugeriu Rogan. O que permaneceu tácito: talvez seu primeiro matrimônio não tivesse sido tão mau. — Esta pode ser sua oportunidade. Considera-o um experimento.

— Tem um ponto — esteve de acordo Phinn.

— Excelente — disse Rogan com um sorriso. — Pedirei nossos chapéus e casacos. Podemos começar por Madame Scarlett.

— Um bordel? Estou virtualmente prometido, Rogan — protestou Phinn. — Além disso, são só quatro da tarde. Além

disso, devo me reunir com o duque em relação ao nosso projeto.

— Quer estar preparado para sua noite de bodas, não é?

— Perguntou Rogan, ainda com o olhar posto em visitar o bordel. Às quatro em ponto. Da tarde.

— Estive casado antes, Rogan — disse Phinn secamente. Ele não era um novato. O temperamento apaixonado de Nádía nem sempre foi um problema, só fora do dormitório.

— E como funcionou? — Perguntou Rogan com um atrevido levantamento de sobrancelha, sabendo muito bem a resposta. Esta não era a primeira vez que seu amigo tentava dissuadi-lo do estado matrimonial. Um círculo de inferno, Rogan o tinha comparado uma vez. Com Nádía como sua esposa, Phinn não podia estar em desacordo.

— Meu matrimônio foi um desastre sem paliativos e um pesadelo interminável — respondeu Phinn. — Todos sabem.

— Entretanto, está tentando-o de novo — disse Rogan.

— Bom, não me chamam o *Barão Louco* por nada — comentou Phinn secamente. Oh, ele sabia o que os fofoqueiros estavam acostumados a dizer dele. Mas, sinceramente, não podia incomodá-lo realmente. Em Yorkshire, realmente não tinha sentido. Além disso, tinham passado anos desde *Aqueles Acontecimentos*, e presumia que todos já tinham se esquecido daquilo. — O que posso fazer, Rogan?

— Sobre o que? — Perguntou, e Phinn reprimiu um suspiro de exasperação pela deplorável capacidade de atenção de seu amigo.

— Lady Olivia. Ela não é exatamente a mulher que pensei que seria.

Phinn tinha esperado que fosse doce e encantadora. Dada a poderosa conexão que compartilharam na outra noite, ele não pensou que seria tão contrária quando se conhecessem adequadamente. Era desconcertante, e os quebra-cabeças sempre o intrigavam.

— Olhe, Phinn, é um fato triste que as mulheres não se joguem sozinhas aos homens, a menos que seja um desses tipos como Ashbrooke, Gerard ou Beaumont. Os malditos têm toda a sorte — grunhiu Rogan. — Então tem que cortejá-la. Fazer com que goste de você.

— Esperava evitar cortejá-la — disse Phinn.

— Deram-me a entender que é um passo necessário para o matrimônio, no que parece ter seu coração posto.

— Meu coração não está concentrado em nada. Só necessito de uma esposa.

— Simplesmente faça com que goste de você — disse Rogan de forma muito simples. — Isto é o que tem que fazer: deve impressioná-la. Demonstre que é um grande patife. As mulheres amam os homens fortes. Que as faça sentir protegidas. — Rogan flexionou seus braços, supostamente para revelar seus bíceps. Mas suas atividades principais eram beber e viver imprudentemente, não, por exemplo, trabalhando sob o sol. A demonstração não era impressionante, embora seu ponto foi considerado.

— Está sugerindo que eu demonstre façanhas de força?

— Lhe mostre quão forte e viril é. E musculoso. As mulheres sempre estão falando de homens como as figuras dos deuses gregos.

Fazem-no? Phinn não estava a par de que as mulheres "*falavam*" sobre tais coisas.

Por outra parte, como qualquer homem sensato, quando via uma manada de mulheres em uma discussão profunda, partia na direção contrária.

— Não as vê no Museu Britânico, pretendendo estar interessadas em estátuas gregas e romanas? Há algo mais aborrecido que velhas partes de pedra? Não. Realmente, só estão comendo com os olhos os músculos e tentando discernir o que há debaixo da folha de parreira.

— Não tenho o hábito de ver as mulheres jovens comer as estátuas com os olhos — respondeu Phinn.

— Realmente precisa sair mais de seu escritório — disse Rogan com naturalidade e provavelmente não de maneira incorreta.

— Realmente quero que isto funcione, Rogan. — Sua governanta lhe tinha estado pedindo que tomasse uma esposa, "*desta vez uma muito agradável*", e a ideia de que uma mulher compartilhasse as refeições e sua cama tinha certo atrativo. Especialmente se esta esposa não causasse problemas ou o distraísse de seu trabalho. E logo estava a questão da estranha força que o atraiu para Olivia. Mas não podia dizer tanta bobagem, e especialmente não a Rogan, que nunca o deixaria viver em paz. Em troca, disse: — Eu não gostaria de ter que começar desde o começo.

— Façanhas de força, digo-te — disse Rogan com confiança. — Ou ao menos, deve afastá-la de sua mãe. De fato, olhe, se puder roubar um momento a sós com ela em um baile. As mulheres amam os momentos roubados em lugares escuros e apartados com cavalheiros. Supõe-se que não devem fazê-lo, mas o fazem. Me acredite.

Capítulo Cinco

Esta semana em emparelhamentos inesperados: há rumores de que Lady Olivia Archer, mais conhecida como a menos provável de causar um escândalo em Londres, está sendo cortejada por nenhum outro que Lorde Radcliffe, mais conhecido como o Barão Louco pelas jovens donzelas trementes.

Inteligente e na moda, por uma senhora distinta –

O Semanal de Londres.

Quando Olivia chegava aos bailes, sempre ocorriam três coisas. Primeiro, ela engenhava para perder a sua mãe na multidão. Logo se abria passo entre a multidão de convidados com a cabeça em alto, fingindo que não via todos os homens que posteriormente se faziam escassos logo que se davam conta de sua proximidade.

Finalmente, encontrava Emma e Prudence de pé perto da mesa de limonada. Era provável que Olivia e Prudence permanecessem ali, a um flanco, durante todo o baile, salvo pela ocasional viagem à sala de retiro das damas só para animar as coisas.

Mas esta noite era diferente.

Olivia era claramente consciente de que, em lugar de evitar seu olhar, a olhavam com uma expressão que só podia qualificar-se de compassiva. As mulheres ofereceram sorrisos pela metade, antes de voltar-se para sussurrar aos seus companheiros. Os homens seguiam olhando para outro lado, mas sem sua habitual presteza.

Olivia concluiu o óbvio: a alta sociedade sabia que o Barão Louco estava cortejando a *menos provável de Londres para provocar um escândalo*. Sua garganta se contraiu ante a ideia.

Tinha visto Emma e Prue a só dez passos de distância quando Lorde Dudley, de todas as pessoas na Inglaterra, parou em frente a ela.

Ela deu um passo para a direita com a intenção de caminhar ao seu redor, porque esse descarado não poderia querer falar com ela. Mas Dudley também deu um passo para a direita, bloqueando seu caminho.

Ela deu um passo para a esquerda. Dudley fez o mesmo.

O cortês vocabulário de Lady Olivia carecia das palavras para descrevê-lo, além de dizer que era universalmente desdenhado por seu cruel engenho e seu comportamento alvoroçado. Entretanto, o descarado era convidado a todas as partes devido à influência de seu pai.

Portanto, quando Dudley se adiantou a Olivia, obviamente com a intenção de lhe falar, um nó lhe formou na boca do estômago. Isto não poderia ser bom.

Outras pessoas próximas eram da mesma opinião, já que se voltaram para olhar à espera de uma cena. A constantemente atormentadora Lady Katherine estava sorrindo. Pela primeira vez em quatro temporadas, Olivia se converteu no centro das atenções.

— Lady Olivia — disse Dudley, inclinando-se profundamente. — Entendo que as felicitações logo estarão em ordem.

Olivia não respondeu porque não tinha nada a dizer, embora não por falta de desejo ou esforço. Amanhã, no café da manhã, pensaria em uma réplica devastadora. por agora... nada.

— Tenho algo que pode achar interessante — disse Dudley com um sorriso.

— Prefiro duvidar — respondeu ela. Perto, alguém riu entredentes.

Dudley não foi dissuadido. Lhe deu um folheto. Só com uma olhada, pôde ler o título, impresso em letras grandes: O BARÃO LOUCO: A HISTÓRIA DO HORRÍVEL AMOR TRÁGICO DE UMA DONZELA INOCENTE E SUA MORTE PREMATURA. A VERDADEIRA HISTÓRIA.

Foi publicado seis anos atrás, pouco depois do Incidente. Olivia sabia isto porque uma companheira da Escola para jovens de Lady Penélope tinha conseguido uma cópia. Todas as garotas o tinham compartilhado com entusiasmo, saboreando todos os detalhes sangrentos da sórdida história e rezando para nunca, nunca, casar-se com ele.

— Anda, toma-o — disse Dudley com um sorriso. — Quererá saber o que te espera em sua noite de bodas.

— Já o li — disse Olivia, esperando que parecesse aborrecida e não aterrorizada.

Mas Dudley sacudiu o folheto para ela, deixando-a sem outra opção que pegá-lo.

Logo, com o lábio tremendo pelo cruel aviso de que possivelmente se casaria com o pior homem do mundo, passou junto ao Dudley para as encalhadas. Deixou que o folheto caísse ao chão para ser pisoteado pelas hordas de sapatilhas de cetim.

— Do que se tratava tudo isso? — Perguntou Emma. Embora ela fosse uma duquesa agora, ainda passava uma boa parte de cada baile com Prue e Olivia.

— Dudley é o pior — disse Prudence com veemência. As outras garotas estiveram de acordo.

— Queria me dar uma cópia do folheto sobre o *Barão Louco*.

— Recorda ter lido isso na escola de Lady Penélope? — Perguntou Prudence. — Tive pesadelos durante semanas. Coisas verdadeiramente aterrorizadoras.

— Prudence! — Exclamou Emma. Prue a ignorou.

— Recorda a parte onde matou seu irmão para poder seduzir a sua prometida? — Perguntou Prudence com desagradável surpresa.

— Só para eventualmente matá-la, também — disse Olivia. — Oh, recordo-o.

— Sua mãe está se aproximando de nós a um ritmo vertiginoso — comentou Emma.

As garotas voltaram para olhar. Lady Archer tinha boas intenções. Sua única tarefa na vida era o matrimônio adequado de sua filha, e o Senhor ajudaria a qualquer um que se interpusesse em seu caminho. Ela podia passar mais tempo bordando ou pintando ou fazendo obras de caridade e menos tempo tentando encontrar um marido para sua filha.

— E tem ao *Barão Louco* por companhia — murmurou Olivia quando o viu com sua mãe.

Se não soubesse, poderia ter pensado que se via bonito com sua roupa de noite. Mas ela o fez.

— Não disse que era bonito, Olivia! — Exclamou Emma, golpeando-a no ombro com seu leque. Honestamente, sua amiga se tornou suave. O romance a tinha destroçado. O duque de Ashbrooke fazia um mingau de seu cérebro.

— Bonito de uma maneira aterradora — murmurou Prudence.

O *Barão Louco* estava em marcado contraste com os outros cavalheiros. Era mais alto, mais largo nos ombros. Todos os outros usavam coletes de cores brilhantes; o seu era cinza escuro.

Olhando-o através dos olhos de suas amigas, Olivia notou seus fortes traços cinzelados, que se teriam suavizado com um sorriso. Ou a falta do corte dramático de uma cicatriz. Ele não era bonito. Era perigosamente formoso, mas o medo nublava tanto sua visão que só conseguia ver o perigo.

— A boa aparência não significa que não seja um assassino — disse Olivia. — Não me importará que tenha bonitos olhos verdes quando suas mãos se fecharem ao redor do meu pescoço.

— Quero conhecê-lo — disse Emma, olhando com curiosidade em sua direção.

— Eu também — adicionou Prudence. — Nunca conheci um assassino. Isso sei.

— E eu preciso visitar a sala de retiro para as damas — disse Olivia. Seu coração pulsava com fúria, como uma pobre gazela ao dar-se conta de um leão avançando furtivamente para ela. — Urgentemente.

Dirigindo-se habilmente através da multidão no salão de baile, chegou à sala.

Com a porta fechada, Olivia soltou um suspiro de alívio e se tombou no sofá.

— Vai evitá-lo toda a noite? — Perguntou Prudence.

— Sim. Isso é precisamente o que pretendo fazer — respondeu Olivia. — Não pode propor se não puder falar comigo. Se ele não propuser, então não preciso me casar com ele.

— Confesso que quero me encontrar com ele — disse Emma. De novo.

— Faça seu marido o apresentar — sugeriu Olivia. — Não posso acreditar que já não o tenha feito. De fato, não posso acreditar que não tenha mencionado que seu marido esteve envolvido nesse desastre.

— Honestamente, não tinha nem ideia! — Protestou Emma. — Ele mencionou um conhecido que vinha de Yorkshire para ajudar com o motor, mas eu não pus dois e dois juntos. Aparentemente, além de aterrar as jovens, o *Barão Louco* também é um perito em máquinas. Estão construindo o motor em uns estábulos que converteram em armazém na Devonshire Street. Blake não o trouxe à casa. Ao menos não enquanto eu estava lá.

— Inclusive Blake acredita que é um perigo para as mulheres jovens em todas partes — murmurou Olivia.

— Ele está em liberdade neste salão de baile — disse Prudence em um sussurro silencioso, deliberadamente traçando para fazer com que o cabelo na nuca de Olivia se arrepiasse.

— É possível que tenha êxito evitando sua companhia esta noite — disse Emma. — Mas o que acontece com o resto de sua vida?

— O que quer dizer? — Perguntou Olivia. — Meu plano para evitá-lo é perfeito. Não sei por que não pensei nisso antes.

— Sabe que seus pais os juntarão em cada oportunidade — disse Emma com praticidade.

— Deve rechaçá-lo rompendo as regras, recorda? — Disse Prudence. — Só porque será muito mais entretido para o resto de nós.

— É uma lástima que não tenhamos trazido o xerez — disse Emma. — Poderíamos levar Olivia furiosamente bêbada.

— Deveríamos nos preparar melhor na próxima vez — esteve de acordo Prudence. — Embora seja uma pena desperdiçar a oportunidade esta noite.

— O que mais estava na lista? — Perguntou Olivia.

Prudence rebuscou em sua bolsa e tirou uma folha de papel dobrada.

— Trouxe-a contigo? — Perguntou Olivia, ligeiramente consternada.

— Pensei que poderíamos necessitá-la — disse Prudence com um sorriso porque tinha razão.

Emma lhe arrebatou a lista da mão e leu: — Mantenha-se em companhia de conhecidos libertinos e descarados.

— Bom, a gente não pode balançar um braço neste salão de baile sem golpear um — disse Prudence.

— Sim, mas falar com um será outro assunto completamente diferente — disse Olivia com um suspiro, recordando a visão do Middleton lançando-se a um arbusto para evitar ela e a sua mãe. Durante o resto da festa ele esteve tirando ramos e folhas de seu cabelo.

— Teremos que ser ardilosas com nossos métodos — declarou Prudence com o que só poderia descrever-se como um sorriso malvado. — Me atrevo a dizer que este baile ficou interessante. Não temos uma, mas duas missões: evitar o *Barão Louco* a todo custo, mantendo a companhia de libertinos e patifes. Esperemos que sua mãe tenha trazido sais aromáticos esta noite.

Rogan tinha persuadido Phinn para que fosse à festa, já que lhe daria a oportunidade de roubar um momento a sós

com lady Olivia. Ou possivelmente conhecesse outra mulher que não se importasse em casar-se com um homem famoso por um passado obscuro.

Muito rapidamente se fez evidente que ambas eram perspectivas desalentadoras. As jovens o olharam com atenção, e quando divisaram a cicatriz ou se davam conta de quem era, apartavam-se. Achando isto tremendamente irritante, Phinn franziu o cenho com força, o que provavelmente não ajudou.

Lady Archer demonstrou ser outro obstáculo para seus planos. Em suas garras, apresentaram-lhe ao menos a metade de assistentes ao baile, e todos atuaram como se o escândalo com Nádía tivesse acontecido na semana passada em lugar de seis anos atrás.

Notou os olhares nervosos como se esperassem que cometesse algum ato violento ali no salão de baile.

Phinn recordou por quê tinha evitado ir a Londres. A maquinaria de sua oficina em Yorkshire, uma vez que a tivesse reconstruído depois do incêndio, não lhe importava nenhum pouco sua reputação nem se incomodaria com uma conversa tola.

Se não estivesse tão obcecado encontrando a Olivia, poderia ter provado seu temperamento. Seu legendário gênio Radcliffe. Isso lhes daria algo do que falar.

Tinha-a visto antes com suas amigas. Quando ele e Lady Archer abriram passo entre a multidão, foram-se. Fugiu, se quisesse ser preciso a respeito, o que sua mente inclinada à ciência não podia evitar notar.

As coisas tinham sido diferentes quando se conheceram. Antes de saber quem era, tinham compartilhado uma conexão que era muito forte para ele para dar-se por vencido depois de uma reunião desastrosa. Sendo um homem com mentalidade científica, não estava a ponto de deixar seu noivado e começar de novo depois de um experimento fracassado. Faria outro intento por discernir se realmente eram incompatíveis ou se acabavam de ter um começo difícil.

Precisava fazê-lo sem Lady Archer.

— Vê a Olivia? — Perguntou, abanando-se e esticando o pescoço tentando olhar entre a multidão.

— Eu não — mentiu. Ela estava parada em meio a uma multidão ao redor da mesa de limonada. Ele reconheceu uma oportunidade. Dirigindo-se à sua futura sogra, perguntou: — Talvez gostaria de encontrar um assento e lhe trarei uma limonada?

Lady Archer pensou que seria encantador.

Phinn se dirigiu para Olivia, seu olhar fixo nela. Ela estava formosa esta noite. Seu cabelo estava em algum arranjo com brincos que enfatizavam seu esbelto pescoço. Estava como o fez na noite em que a viu pela primeira vez, simplesmente encantadora e inocente.

Nádia tinha sido sombria e perversa. Em comparação, Olivia parecia sol e felicidade.

Uma garota mais baixa e redonda com cabelo avermelhado estava ao seu lado. Viu-as sussurrar furiosamente de uma à outra da maneira aterradora que só as mulheres podiam.

O que estavam discutindo? Phinn não estava seguro de querer saber.

— Radcliffe!

Phinn se virou e viu o duque de Ashbrooke. O duque se ganhou uma reputação como um grande libertino antes de apaixonar-se por sua esposa, Emma. O que menos se sabia era o gênio matemático do duque. Tinha criado o motor de diferenças e como funcionaria. Através da Royal Society, aproximou-se do Phinn para redigir os planos e construir o motor.

E posteriormente sua viagem a Londres.

— É bom ver-te fora, Radcliffe — disse o duque. — Queria te apresentar à minha esposa, Lady Emma.

Lady Emma era uma pequena morena que lhe deu um sorriso ligeiramente torcido.

— Como vai? — Perguntou, olhando à Olivia.

— Muito bem, obrigada — respondeu Lady Emma. — Tenho muita vontade de o conhecer, especialmente porque está cortejando uma das minhas amigas mais queridas.

Isso chamou a atenção do Phinn.

— Um mundo pequeno, não é? — Murmurou o duque.

— Ela é realmente uma garota encantadora — disse Emma.

— Sim, isso acredito. Formosa, também — disse Phinn. Grande parte do comportamento das mulheres parecia desafiar a lógica para ele, mas sabia que o que dissesse a uma o faria saber às demais. Ele deveria nomear este fenômeno. Publicar um trabalho sobre isso.

Ou usá-lo em seu benefício.

— Surpreendeu-nos seu repentino cortejo — disse Emma, e Phinn armazenou essa informação. Muito, muito rápido. Mas, o que ganharia esperando? — Mal lhe conhecemos.

— O que você gostaria de saber? — Perguntou Phinn.

Lady Emma olhou à esquerda, logo à direita, logo se inclinou mais perto.

— Fez? — Ela perguntou em voz baixa.

— Emma! — Exclamou Blake.

— Está decidido a casar-se com minha melhor amiga — explicou. — Devo perguntar.

— Mulheres — murmurou Blake, sacudindo a cabeça. Phinn sorriu, sem atrever-se a mostrar seu acordo de outra maneira.

Lorde Archer não tinha perguntado. Simplesmente se limitou a dizer: *“confio em que esses rumores sobre sua esposa anterior sejam uma tolice”*, e logo passou a falar do generoso dote de Olivia.

— Sua casa realmente tem um calabouço? — Perguntou Emma, e ele a olhou com curiosidade, perguntando-se de onde demônios tinha tido uma ideia assim. — E depois das bodas, se é que haverá uma, realmente vai encerrar a Olivia em seu vasto e remoto imóvel?

Phinn ainda estava tentando entender de que demônios estava falando.

— Desculpe a minha esposa e suas perguntas intrusivas, embora divertidas — disse o duque.

— Veremos como é o cortejo primeiro — respondeu Phinn evasivamente.

— Sim, o faremos — Emma respondeu de uma maneira que o fez sentir-se incômodo.

Uma comoção junto à mesa de limonada chamou sua atenção. Implicava a Olivia, e suas mãos sobre outro homem. Ela não era dele ainda, mas Phinn experimentou uma onda de possessividade que despertou seu temperamento Radcliffe. Ele respirou fundo, obrigando-o a retroceder.

Havia uma multidão ao redor da mesa de limonada. Olivia e Prudence se uniram à multidão não por um gole, mas sim por estar perto de Lorde Gerard, quem recentemente tinha aparecido nas colunas de intrigas depois de sofrer um acidente de carruagem ao amanhecer, no qual descobriu-se que a esposa de seu amigo estava na carruagem com ele. Dada sua falta de traje, havia poucas dúvidas sobre o que tinham estado fazendo juntos. Houve um duelo, é óbvio, e foi bastante notável para ele mostrar seu rosto esta noite.

— Você lhe pergunta — disse Prudence, empurrando brandamente a Olivia enquanto olhava os largos ombros de lorde Gerard vestido com um fino casaco de lã preto. Seu cabelo de castanho era longo, enroscava-se ao redor do pescoço.

— Não, você lhe pergunta — respondeu Olivia. Ele era uma torre de masculinidade viril. A ideia de falar com ele a fez se sentir mal. Não tinha se preparado para isto, e em seu nervosismo suas palmas se umedeceram.

— É você que supostamente está paquerando com senhores de má reputação — assinalou Prudence em um sussurro.

— Paquerar? — Repetiu Olivia. — Não estou segura de saber como.

— Só pensa no que Lady Katherine faria — aconselhou Prudence. Olivia podia imaginá-lo: provavelmente ronronaria e acariciaria seu braço enquanto prometia o pecado com seu olhar. Olivia poderia fazer isso? Seu coração começou a pulsar com força. Os nervos certamente iam vencê-la.

— Pensei que só necessitava que me vissem perto de um libertino.

— É muito boa para seu próprio bem — declarou Prudence.

Juntando sua coragem, Olivia pressionou ligeiramente seus dedos enluvados na manga de Lorde Gerard, obtendo sua atenção. Ele se virou. Devagar. E logo a olhou.

Olivia olhou para a cara que provocou mil suspiros entre a alta sociedade. Suas feições se definiram agudamente e absolutamente nobres. Ele a olhou com uma expressão enfastiada. Os olhos de Lorde Gerard tinham as pálpebras pesadas e sombrias, o que lhe fez perguntar-se se estava cansado, aborrecido ou ocultando algo.

Como se supunha que ia falar com ele? E muito menos ronronar e acariciá-lo?

— Desculpe — disse ela, sempre educada. — Se não lhe importa, milord, de dar um copo à minha amiga e a mim... — ela tinha começado a gaguejar.

Para então, algumas pessoas haviam voltado o olhar para a vista incomum de Lorde Gerard prestando atenção a uma das *menos prováveis de Londres*. Ela não podia fugir, mesmo se quisesse.

As boas maneiras o obrigaram a honrar o pedido de uma dama. Mesmo se olhasse nervosamente à dita dama como se esperasse uma conferência sobre boas maneiras.

— Como desejar — murmurou da maneira mais devastadora. Olivia pensou que deveria ter sido mais atrevida antes. Lorde Gerard lhe estava falando e trazendo um gole!

Deu a Olivia e Prudence um copo de limonada.

Olivia lhe sorriu belamente. Ela podia fazer isso. O pecado prometido com seu olhar ardente teria que esperar até que pudesse praticar.

Cautelosamente lhe devolveu o sorriso. Estava-o pondo nervoso? Por que essa perspectiva a fez sentir-se impetuosa?

Ela deveria dizer algo engenhoso ou coquete. Gostaria de poder piscar os olhos sem contorcionar seu rosto em uma expressão pouco atrativa. Em troca, bebeu sua limonada no que esperava que fosse uma maneira sedutora e atraente. Uma vez mais algo que realmente deveriam ter ensinado na Escola para Jovens damas de Lady Penélope.

— Obrigada — ela disse.

— É um prazer — respondeu. Houve uma ligeira mudança nas comissuras de sua boca. Isto era muito divertido para ele. Mas ao menos não a estava descartando diretamente.

— Está desfrutando desta noite? — Perguntou Olivia.

— Sim. E você?

— Sim — disse Olivia, muito sem fôlego. Lorde Gerard o notou também, o que a fez ruborizar.

Na verdade, este poderia ser o começo de um grande romance se pudesse pensar em algo perfeito para dizer. Logo se olhariam de frente, intrigados, como faziam os patifes, como Emma lhes tinha informado pelas novelas que lia. Logo dançariam e os anos de aulas de dança não se teriam desperdiçado depois de tudo. Se apaixonariam rapidamente, e ele lhe sugeriria maliciosamente que fugissem à Gretna Green e...

— Oh! — Olivia gritou quando alguém, Prudence, chocou-se contra ela e lhe fez derramar sua limonada por todo a frente do colete de seda azul pálido de Lorde Gerard. Ela, com medo, o olhou; sua expressão era tão inescrutável como sempre, embora o mero indício de um sorriso foi substituído definitivamente por franzir o cenho.

— Sinto-o tanto! — Disse, e lamentava terrivelmente ter arruinado seu quase-momento. — Por favor, aceite minhas mais sinceras desculpas.

— Está bem — disse. Mas não foi realmente assim. Tinha sido orvalhado com limonada e devia retirar-se cedo para não cheirar a limões ou se tirar o colete. A ideia disso provocou um rubor furioso em suas bochechas.

Tirou um lenço de sua bolsa (as senhoritas sempre estão preparadas) e tentou secar o colete de Gerard, o que, é claro, fez-lhe pôr suas mãos em cima de seu colete, na região de seu abdômen, realmente. Olivia sabia que era firme sob seu toque

e que esta era a primeira vez que tinha um contato tão íntimo com um homem.

Embora não parecesse íntimo, não com dúzias de pessoas olhando com expressões ligeiramente perplexas e ligeiramente horrorizadas. Suas bochechas ainda estavam quentes. Ela estava quente, tudo terminou. Endireitou-se, agarrando torpemente o lenço e olhou ao seu redor. Por uma vez, todos a estavam olhando.

O olhar de Olivia cruzou com o do *Barão Louco* embora mantivessem a distância. Como conseguiu encontrá-la na multidão lhe escapava. Supunha que havia um pouco de atração entre eles, embora agora soubesse que não era o melhor.

Ainda... ainda... ela podia ver seus olhos verdes fixos nos dela. A intensidade de seu olhar a pôs nervosa. Tinha-o zangado? Tinha-o envergonhado? Não era esse o objetivo deste exercício ridículo?

Sobretudo, por que tinha vontade de alisar o cabelo e desculpar-se? Prudence tinha razão: ela era muito boa para seu próprio bem.

Phinn partiu atrás de Olivia, só para ser detido por Rogan, quem tinha se dignado a aparecer no salão de baile depois de desaparecer nas salas de cartas à sua chegada horas antes. Phinn sondou a habitação para ver para onde tinha ido Olivia agora.

Tinha tido suas mãos sobre algum tipo, o que lhe conduziu à incômoda revelação de que já se sentia possessivo com ela. Não havia uma razão lógica para que ele se sentisse

dessa maneira. Tal sentimento também revelou que sua atração por ela não se apoiava por completo em sua formosa aparência e perfeita reputação. Era mais profundo, mais primário. Ele queria suas mãos sobre ela.

— Ah, aí está — disse Rogan alegremente.

— Que tal suas apostas? Está perdendo mais do que se pode permitir? — Inquiriu Phinn, mesmo sondando a habitação em busca de Olivia.

— Eu fui um fracasso — disse Rogan abatido. — Nem todos temos sua capacidade anormal para predizer as mãos ganhadoras e ser tão inescrutável a respeito.

— É matemática. Probabilidades, etc, etc, — explicou Phinn novamente — passei horas tentando te ensinar, Rogan; só falava sobre a sorte e a pressa do jogo.

— Perdeu-me em matemática — disse jovialmente Rogan. E em voz alta. — Como vai sua busca para roubar lady Olivia?

— Shhh — Phinn disse quando algumas pessoas próximas se voltaram com expressões de alarme. Maldição, agora leria a respeito de seus nefastos planos de fugir com uma noiva involuntária nos periódicos da manhã. — Não quero roubá-la. Só passar um maldito momento a sós com ela — disse Phinn, passando os dedos pelo cabelo. E logo, baixando a voz, acrescentou: — consegui me afastar da companhia de lady Archer.

— Bom, isso é um começo — coincidiu Rogan.

— Logo me encontrei com o Ashbrooke e sua esposa — disse Phinn, ainda inseguro se estava zangado ou divertido com lady Emma. Falava bem de Olivia que suas amigas se

preocupassem tanto para fazer as averiguações que ela fez. Mas, o que foi esse bate-papo de masmorras?

— Olhe a alta companhia que mantém — replicou Rogan.

— Enquanto isso, — continuou Phinn — Olivia tocou um cavalheiro junto à mesa de limonada.

Rogan começou a afogar-se com seu uísque e Phinn pensou em lhe dar uma palmada nas costas. Difícil.

— E agora... — a voz do Phinn se apagou quando vislumbrou o precioso cabelo loiro de Olivia. Ela se dirigia ao terraço. Se pudessem encontrar-se ali, seria perfeito.

Poderiam falar sem a interferência da terrível aglomeração no salão de baile.

— Lady Archer! Boa noite — disse Rogan.

— Boa noite — respondeu ela, olhando de um cavalheiro a outro.

— Este é lorde Rogan, um dos meus amigos mais antigos — disse Phinn. — Estava simplesmente me dizendo que gosta de valsa, e acredito que escutei uma começando agora.

— Em realidade, é uma quadrilha — corrigiu lady Archer.

— Estive passando muito tempo no campo — disse Phinn, adotando uma expressão abatida. Se tivesse uma esposa como Olivia ele saberia destas coisas. Ou ela as conheceria por ele. — Possivelmente vocês dois poderiam dançar e falar sobre as bodas.

Lorde Rogan, que estava acostumado a juntar-se com as saias leves do submundo e as mulheres de afãs negociáveis, não teve mais remédio que sorrir e pedir à lady Archer que dançasse. Phinn escapou.

Prudence afastou Olivia de Lorde Gerard e seu colete empapado, procurando outra oportunidade para o escândalo. Olivia devia paquerar com patifes, no plural.

— O que acaba de acontecer? — Perguntou Olivia, horrorizada.

Prudence só sorriu e explicou: — O que aconteceu foi que quebrou ao menos sete regras de etiqueta. Falou com um cavalheiro a quem não lhe apresentaram. Pediu algo que queria em lugar de esperar que alguém notasse que talvez estivesse sedenta e precisava se refrescar. E logo tinha suas mãos sobre o abdômen de lorde Gerard! — Prudence fez uma pausa antes de concluir. — De nada.

— Suponho que foi o empurrão misterioso que me fez perder o equilíbrio e derramar minha bebida — comentou Olivia.

Fizeram uma pausa para falar perto de um pilar. Diante deles, dúzias de casais dançavam, Prue ficou sem fôlego, Lady Archer estava dançando a quadrilha com um homem jovem? Não, não podia ser. Mas o era. Melhor não mencionar. Olivia e Prue ficaram perto das portas do terraço enquanto Prudence explicava a situação.

— Foi vista paquerando com um libertino em lugar de simplesmente parar ao lado de um – disse. — Todo mundo falará disso. Possivelmente inclusive o *Barão Louco* tenha visto e pense que não é a criatura dócil e casta que imaginava.

— Obrigada?!? — Disse Olivia, embora à Prue pareceu mais como uma pergunta.

— É claro — disse Prue, sorrindo. — Do que servem as amigas, se não ajudarem a interromper um matrimônio não desejado ao causar numerosos escândalos em uma noite?

Mas Prudence sabia que era mais que isso. Quando sua amiga se casasse indevidamente, seria oficialmente a última graduada da Escola de Maneiras para Jovens Damas, de Lady Penélope, que não se casou. O baile de aniversário estava a pouco mais de um mês e nem sequer tinha um pretendente. Nenhum. Ela necessitaria de Olivia ao seu lado para esse evento e para sempre.

Poderiam alugar uma cabana em Brighton e ser encalhadas junto ao mar...

Se Olivia amasse o *Barão Louco*, então não interferiria com um empurrãozinho ou um empurrão ou um plano louco. Mas sabia que Olivia não queria casar-se com ele e, à diferença dela, não possuía uma mente perversa, por isso era seu nobre dever como amiga ajudá-la.

— Olivia, só tenho seus melhores interesses no coração.

— Sei. E eu faria o mesmo por você — disse Olivia, sorrindo e apertando afetuosamente sua mão. Prue sentiu que ficava sem fôlego. Tinha que recordar este momento em que tudo seguia sendo divertido e encantador. Antes que Olivia indevidamente se casasse com alguém e ela mesma ficasse sozinha. Foi um momento agri-doce, sentindo esta felicidade, mas sabendo que não duraria.

Deixando a um lado esses sentimentos sensatos, Prudence se concentrou na busca da noite. Paquerar com patifes. Plural.

— Recorda isso — disse, sorrindo maliciosamente.

— O quê? Por quê? — Perguntou Olivia, agora parecia nervosa.

— Assim não se zangará quando fizer isto — disse Prue, lhe dando uma suave, mas bem firme cotovelada à sua amiga, que a fez tropeçar para frente e cair nos braços de um libertino.

Olivia gritou enquanto se lançava para os braços de... de quem eram estes braços?

Olhou para cima ao peito de um homem vestido com um colete de seda azul cerúleo.

A risada chegou aos seus ouvidos. Ela parecia ainda mais alta, entre os risonhos olhos marrons de um cavalheiro bastante bonito e de cabelo escuro.

Um homem que ela não reconheceu deu alguma elucidação a respeito: — O que capturou, Beaumont?

Oh, Senhor, este era Lorde Beaumont. Ela não acreditava que ele sequer fosse aos atos apropriados da temporada, preferindo em troca frequentar eventos menos formais com mulheres muito mais relaxadas. Dizia-se, entre sussurros, que tinha se deitado com uma mulher diferente a cada noite desde que fez quinze anos.

Prudence uma vez o tinha comentado, mas Olivia não podia recordar o número escandalosamente alto agora. Ela não podia recordar nada. Este era Beaumont e ela estava em seus braços.

— Sinto-o terrivelmente — disse Olivia, encontrando seus pés e força para parar por si mesma.

— Está bem? — Perguntou-lhe, ainda segurando-a ligeiramente pelos braços como se pudesse cair outra vez. Olhou-a atentamente com seus olhos escuros. Que maldade deve ter visto! Seu olhar pousou em sua boca: a quantas mulheres tinha beijado?

— Sim. Obrigada. Sinto-o muito — Olivia murmurou de novo. Senhor, se sua mãe a visse falar com ele, ficaria encerrada durante semanas. De fato, se alguém visse isto, sem dúvida apareceria na coluna de intrigas.

Quando o *Barão Louco* se inteirasse da companhia imprudente e perigosa que mantinha, nunca quereria casar-se com ela.

Teria que assinalar que lorde Beaumont não lhe tinha dado as costas imediatamente.

— Está muito cheio aqui esta noite — disse. — Lady Jennings certamente se superou.

— Está perigosamente cheio de gente aqui — comentou Olivia.

— De fato, e perigoso para as jovens donzelas em todo o salão de baile — murmurou Beaumont. Olivia o olhou cautelosamente: estava paquerando ou divagando?

— Os perigos acrescentaram certa emoção à noite — respondeu Olivia.

— De fato. — Seu olhar baixou aos seus seios. Sentiu um rubor percorrer suas bochechas. Ela sempre tinha querido que um homem a olhasse com luxúria, não?

— Necessita de uma lufada de ar? Acompanho-te.

As senhoritas não iam ao terraço sem acompanhantes acompanhadas por libertinos.

Especialmente Beaumont!

Exceto ela, que estava tentando quebrar as regras. Ele era bonito. E se ele tinha beijado a tantas mulheres, o que era uma mais? Por que não ela?

Além disso, Prudence certamente a seguiria a uma distância discreta, não? Não importava que Prue parecesse ter desaparecido.

— Isso seria encantador, obrigada — respondeu ela.

E logo, incrivelmente, Lorde Beaumont a escoltou ao terraço. Olivia sentiu que seu coração começava a pulsar rapidamente, vertiginosamente. Sempre foi tão fácil obter os cuidados de um libertino? Se soubesse ! Se Prudence a tivesse empurrado, literalmente a tivesse empurrado aos braços de um homem anos atrás. Poderia estar celebrando seu aniversário de bodas, não sua iminente morte em sua noite de bodas.

Possivelmente aqui é quando seu romance finalmente começaria! Talvez um laçao poderia passear com champanhe e Beaumont pegaria dois copos e lhe daria um. Falariam das estrelas e o baile e de qualquer outra coisa da qual alguém falasse enquanto se apaixonava. Certamente, descobririam que gostavam das mesmas coisas e que eram verdadeiramente espíritos afins apesar de sua reputação enegrecida. Lhe sussurraria quão formosa era. Logo, à luz da lua, a beijaria.

Assim era como se supunha que fosse.

O que realmente aconteceu: Lorde Beaumont viu um amigo dele. Seu braço se afrouxou quando se afastou de Olivia e se dirigiu para seu velho camarada. Esqueceram por completo que ela estava ali, enquanto ele se desenredou por completo e se afastou. Olivia olhou ao seu redor em busca de Prudence, que ainda não se via por nenhum lado. Olivia ficou sozinha no terraço. E foi então quando o *Barão Louco* a encontrou.

O temperamento do Radcliffe tinha sido a ruína de gerações de homens Radcliffe. Eram um grupo tranquilo, capaz de permitir que quase qualquer leve frustração se deslizesse como a água sobre as costas de um pato. Mas então — nunca sabia quando — algo era muito e explodiam em uma violenta fúria. Phinn frequentemente tentava calcular quanta pressão, quanta força, quanta frustração podia receber antes que fosse perigoso para todos, que seu domínio se fizesse escasso. Era uma fórmula que ainda tinha que aperfeiçoar.

Os constantes contratempos da noite: Olivia com aquele homem, sua mãe, Rogan, não eram suficientes para incitar seu temperamento por si só. Mas à medida que avançava a noite, sua resistência estava desfiando.

Logo a viu nos braços de outro homem mais.

Então viu que esse homem olhava lascivamente os seios de Olivia.

Ela não era dele, mas ele se sentia possessivo com ela, como se já fosse sua esposa.

Era bom que tivesse visto a amiga da Olivia empurrá-la. Enquanto isso não implicasse a Olivia rogando à sua amiga que fizesse tal coisa. Phinn não acreditava que gostasse da resposta.

Não importava. Nada importava quando finalmente encontrou Olivia sozinha no terraço. Ela estava formosa. Sua pele era luminosa pela luz da lua, e seus olhos eram grandes e escuros. Ela parecia um pouco perdida. Não queria nada mais que tomá-la, abraçá-la e sussurrar algo devastadoramente romântico.

Mas anos sem paquerar com cada mulher que cruzasse em seu caminho de repente o alcançaram.

Em troca, disse: — Lady Olivia. Boa noite.

Ela se virou lentamente para olhá-lo. Primeiro olhou para a direita, logo para a esquerda e logo atrás dela. Depois de assegurar-se que não havia ninguém mais com quem pudesse conversar, ela se centrou a contragosto nele.

— Boa noite, Lorde Radcliffe — disse com indiferença. Deveria ter sido desagradável. Curiosamente, sentiu-se mais decidido que nunca a ganhá-la.

— Por favor, me chame de Phinn.

— Oh, não poderia... — ela protestou. Aproximou-se dela, precisando estar perto, precisando salvar esta distância entre eles.

— Phinneas é um nome ridículo — disse. Realmente o era, e não pretendia o contrário. — E Radcliffe é muito formal.

— Claro — disse torpemente.

Ela não queria falar com ele, muito menos casar-se com ele. Isso estava claro. Mas era por sua reputação ou por si mesmo? Phinn suspeitou que era por sua reputação, depois de tudo, antes de saber quem era, quase o tinha beijado. Ele queria voltar para essa noite.

Não havia volta atrás neste cortejo: os rumores já se estavam desencadeando, e os dois teriam uma má reputação se as coisas saíssem mal. Ao Phinn não importava nada, mas lhe importava Olivia.

Essa era a questão: lhe importava. Tudo o que queria era uma esposa agradável e tranquila que lhe oferecesse companhia e talvez amor.

Pensou que essa mulher era Olivia.

O que aconteceria se não fosse? A mulher que tinha diante dele, que tinha estado dois passos adiante dele toda a noite, não era a mulher dócil e ansiosa de agradar que tinha esperado. Entretanto, ainda o deixava perplexo e o intrigava. Não podia dizer com certeza que ela não era a indicada para ele.

— Tinha a esperança de te encontrar sozinha esta noite — disse em voz baixa.

— Oh? — Seus olhos aumentaram.

— É claro. Por que não? — Disse, perguntando-se por que ela parecia surpreendida por isso. Ela realmente não pensou que ele a feriria no terraço em um baile com espectadores, ou sim?

— Bom, até agora não parece muito interessado em mim — disse, encontrando sua voz.

— Acabamo-nos de conhecer — respondeu. Literalmente, acabavam de ser apresentados ontem e seu encontro inicial tinha sido muito breve.

— Exatamente — disse Olivia veementemente.

Phinn inclinou a cabeça, olhou-a com curiosidade e tentou dar sentido ao que acabava de dizer. Mulher. MULHER. Desafiam toda lógica e razão. Passou as mãos pelo cabelo e recordou por que tinha esperado tanto para voltar a casar-se e por que a sugestão de lorde Archer de que se casassem rápido e terminassem com isto tinha muito sentido.

Mas então recordou sua primeira olhada a Olivia, de pé em um balcão sobre o salão de baile, via-se tão formosa e tão acima de tudo. Ele tampouco tinha esquecido como a sentia em seus braços.

— Possivelmente possamos começar de novo. Chegar a nos conhecer melhor. Estamos sozinhos e é o suficientemente tranquilo aqui para uma conversa... — disse isto porque Rogan, que aparentemente entendia as mulheres, sugeriu que o fizesse.

Olivia só estremeceu.

— Mas deve ter frio — disse, embora fosse uma tarde cálida. — Se importaria de dar uma volta pelo salão de baile comigo?

— Deveria encontrar as minhas amigas — disse Olivia.

Suas amigas, pensou, as que a tinham empurrado aos braços de despreparados cavalheiros e que o interrogaram sobre o assassinato e as masmorras no meio do salão de

baile. Teria que ganhar as suas amigas se quisesse ganhar a mão de Olivia em matrimônio.

— Me permita te escoltar — disse com firmeza.

Pensou em negar-se, podia vê-lo em seus olhos, mas sorriu levemente e murmurou: — É claro.

Olivia aceitou a contragosto a oferta do *Barão Louco* por uma volta sobre o salão de baile, embora só fosse porque parecia preferível ao terraço escassamente povoado e ao jardim praticamente desolado.

Uniram seus braços, e ela apoiou as gemas de seus dedos ligeiramente em seu antebraço.

Era firme. Musculoso. Podia senti-lo através das luvas e seu casaco. Ela pensava que ele só se relacionava com coisas de ciência. Mas agora se encontrou curiosa...

Também era curioso: todos os outros no salão de baile. Estavam olhando de novo. Todo mundo. Todos os senhores e damas convidados ao baile jogavam uma olhada à impactante visão da *menos provável* pelo braço de um homem tão escandaloso que não tinha estado na cidade durante os últimos seis anos.

Ela o olhou. Phinn. Ele não parecia incomodado minimamente por todas as olhares.

Como conseguia fazer isso? Era tão insensível que não lhe importava o que pensassem dele? Ou como ela, tinha aperfeiçoado o comportamento de alguém a quem não lhe incomodava nada? O que aconteceria se parecessem-se de alguma maneira?

Ele a olhou. Chamou-lhe a atenção. Ela olhou para o outro lado com um rubor envergonhado.

— Ouvi que tem muitos passatempos – disse. — Conte-me sobre eles?

Olivia sentiu uma onda de ira. Ouviu sobre seus passatempos. Contaram-lhe sobre sua reputação de falar interminavelmente sobre os temas mais aborrecidos imagináveis?

Mas outro olhar de soslaio ao *Barão Louco* lhe disse que estava completamente sério.

Ela descobriu a oportunidade de utilizar um método provado e verdadeiro para repelir os homens.

— Oh, desfruto das atividades habituais para as damas — disse Olivia. Em outras palavras, poderia encontrar outra mulher com os mesmos passatempos. — Bordo, toco piano e pinto aquarelas.

Ela o olhou, esperando ver seus olhos frágeis e a vaga expressão de cortês desinteresse.

Mas não.

— O que pinta? — Perguntou.

— Natureza morta, principalmente. Uma combinação interminável de flores, frutas e artigos decorativos para o lar — disse, soando aborrecida. De fato, fazia tempo que se cansara de seus temas de aquarela inanimada. — Entretanto, eu gostaria de pintar retratos de nu masculino.

Ao seu lado, o *Barão Louco* começou a tossir, e Olivia nem sequer tentou conter seu sorriso, sentiu-se bem finalmente em dizer isso em voz alta!

— Sinto muito, milorde. Escandalizei-o? — Perguntou com doçura.

— Pensei que diria paisagens — disse com voz tensa.

— Suponho que vai me dizer que as paisagens em Yorkshire são formosas e perfeitas para pintar.

— Sim — disse simplesmente. — Não tenho habilidade para pintar, mas aprecio o talento em outros.

— Bom, estou segura de que se praticar todas as segundas e quintas-feiras durante duas horas desde a idade de seis anos, também se destacaria nisso — Olivia respondeu secamente.

— Possivelmente é por isso que sou bom nos desenhos mecânicos — disse Phinn, sem incomodar-se por sua resposta seca. — Estive trabalhando neles desde que era jovem e ainda ocupam grande parte do meu tempo.

Olivia recordou uma frase. Aparentemente, o *Barão Louco* passava dias e semanas em um celeiro em sua propriedade construindo estranhas máquinas e instrumentos de tortura.

— Que coisas constrói? — Atreveu-se a dizer, com curiosidade sobre como explicaria a construção de máquinas perigosas e desviadas.

— Atualmente estou ajudando o Duque de Ashbrooke na construção do motor de diferença que ele desenhou. Se tivermos êxito, esta máquina será revolucionária.

— Isso deve mantê-lo muito ocupado. — Honestamente, não podia acreditar que Emma e seu marido tivessem algo a ver com a vinda deste homem perigoso à cidade. Talvez

estaria muito ocupado para cortejá-la e ela de algum jeito poderia encontrar outro homem com quem fugir.

— Sim. Mas tem seus próprios interesses para manter-se ocupada — disse, e Olivia sorriu fracamente enquanto as esperanças de companhia e companheirismo de um homem que amasse se afastavam cada vez mais. Tudo sobre este possível matrimônio era o oposto a tudo o que ela tinha sonhado algum dia.

Phinn se deteve ante uma pequena habitação feita com dois pilares, e um sofá em suas escuras curvas. Era o tipo de lugar escuro, isolado, íntimo e romântico que seria ideal para o interlúdio de um apaixonado. Ou algo mais nefasto.

O batimento do seu coração se acelerou.

Olivia não pôde evitar: levantou o olhar para seus olhos verdes, embora soubesse que a intensidade de seu olhar a fazia sentir coisas que eram muito inconvenientes.

Esteve sozinha por tanto tempo, ninguém nunca a olhou. E então, de um nada, apareceu, aparentemente cativado por ela do outro lado do salão de baile. Por que o bonito desconhecido que se fixava nela devia ser nada menos que o *Barão Louco*?

Seu olhar indevidamente se desviou para aquela ameaçadora cicatriz. O que aconteceu? Ela queria perguntar, mas realmente não queria saber. Era uma lástima que fosse tão perigoso. Ele não a assassinaria no salão de baile, ou sim? Não, havia muitas testemunhas.

— Lady Olivia, não quero assustá-la. Só quero conhecê-la. Quando nos conhecemos, senti-me atraído por você —

disse em voz baixa, o que lhe enviou calafrios pelas costas.

— Eu também — confessou. — Ainda...

Ele se aproximou um passo mais e ela foi muito consciente de quão grande era. Ela se ruborizou, recordando a firmeza de seu peito quando caiu sobre ele e seu beijo em sua mão. E se esta noite se atrevesse a mais? Seu coração pulsava com força ante a perspectiva, mas isso era desejo ou medo?

Se não fosse por seu perigoso passado...

— Realmente deveria voltar às minhas amigas — disse Olivia sem fôlego. Além disso, quanto menos falasse a nobreza sobre ela e o *Barão Louco*, melhores seriam suas possibilidades de escapar deste cortejo antes que fosse muito tarde.

— É claro — Phinn disse amavelmente. Sempre o cavalheiro. Não estava em desacordo com seu passado assassino? Ela se deu conta de que ele era consciente de seus esforços por perdê-lo. E, entretanto, seguiria tentando cortejá-la ou se apartaria?

Tinham dado alguns passos quando outro cavalheiro se interpôs em seu caminho. Era quase tão alto como Phinn, mas não tão em forma. Tinha o cabelo loiro rebelde e deu um sorriso ao vê-los.

— Mas se não é o casal feliz — disse com um sorriso.

— Vá embora, Rogan — disse Phinn, soando exasperado. Olivia se sentiu intrigada. Este jovial esbanjador não parecia ser a companhia de um recluso melancólico e louco.

— Não apresentará a sua dama? — Perguntou Rogan, dando uma cotovelada ao Phinn nas costelas.

— Lady Olivia, posso lhe apresentar ao meu amigo, lorde Rogan? Ignore tudo o que disser.

Lorde Rogan só sorriu maliciosamente e disse: — Phinn esteve falando muito bem de você.

— Exceto isso. Não ignore isso — respondeu Phinn.

— É um prazer conhecê-lo — disse Olivia enquanto este Lorde Rogan se inclinava e beijava sua mão e logo lhe piscava um olho. Finalmente os senhores estavam começando a notá-la! Infelizmente, era o amigo do homem que a cortejava.

— Estamos por devolver lady Olivia às suas amigas — disse Phinn, começando a afastar-se e levando Olivia com ele. — Ela está ansiosa por encontrá-las.

— Me reunirei contigo. Eu adoraria conhecê-las — Rogan disse, caminhando ao lado deles. — Especialmente antes do café da manhã das bodas.

Passearam pelo salão de baile e se abriram passo entre a multidão, caminho de onde Olivia tinha visto Prudence e Emma em seu lugar habitual. Só uns poucos passos mais para a segurança e a liberdade quando...

Ela escorregou em algo. Seus pés delicadamente calçados voaram de debaixo dela.

Os braços de Olivia se agitaram freneticamente em uma desesperada tentativa de endireitar-se. Ela estava consciente de parecer tola e estava consciente de cair para trás... caindo... caindo...

E logo foi apanhada. Fortes braços se fecharam ao seu redor, as mãos se estenderam por seu ventre onde nenhum homem nunca a havia tocado. Ela tinha caído contra um peito forte e firme atrás dela. Este peito e estes braços eram mais musculosos e estava mais segura em seu agarre que nos do Beaumont. Uma risadinha escapou dos lábios de Olivia quando se deu conta do maravilhosamente estranho que era que ela, a *Senhorita Afetada*, conhecesse o abraço de dois homens diferentes em uma noite.

Quando tinha embarcado em sua busca de brincar com homens de duvidosa reputação, não tinha intenção de chegar até ali, levantou-se e tinha caído nos braços do *Barão Louco*. Estranhamente, não foi horrível. Não era horrível, em absoluto.

— Façanhas de força, amigo, o que te disse! — Disse Rogan alegremente enquanto os espectadores os olhavam com curiosidade.

— Façanhas de força? — Repetiu Olivia. Logo ela juntou as peças. — Está dizendo que sou extraordinariamente pesada? — Ela perguntou. Lutou torpemente para desenredar-se e parar sobre seus próprios pés. Se tinham compartilhado um momento, definitivamente tinha terminado. — Não sou uma façanha de força! — Protestou.

— Não! Disse-te que ignorasse tudo o que dissesse Rogan. — Phinn pontuou isto com um olhar duro ao seu amigo, quem tentou parecer aborrecido.

— Phinn me disse que é formosa — disse Rogan. Por um segundo fugaz ela se abrandou. Pensou-a formosa! Mas por

que ninguém mais poderia havê-lo notado?

— Exceto por isso — resmungou Phinn. — Não ignore isso.

Olivia olhou de um ao outro cavalheiro. Estavam loucos, os dois.

Então Phinn se inclinou para recolher a folha de papel em que se deslizou. Encerado, sapatilhas de dança e folhas de papel eram uma combinação perigosa. Por que havia um pedaço de papel no piso do salão de baile? Alguém tinha estado intercambiando notas de amor, planejando um encontro secreto? Então recordou Dudley e seu sorriso zombeteiro quando lhe entregou...

— O BARÃO LOUCO: A HISTÓRIA ESPANTOSA DO AMOR TRÁGICO DE UMA DONZELA INOCENTE E SUA MORTE PREMATURA. UMA HISTÓRIA REAL — leu Rogan em voz alta, olhando por cima do ombro do Phinn.

Phinn se endireitou em toda sua altura. Ombros amplos. Mandíbula apertada. O coração de Olivia começou a pulsar com força. A fúria em seu olhar a fez querer fugir na direção oposta. E, entretanto, curiosamente, também queria lhe arrancar a folha de papel e fazê-la em pedaços. Como se isso pudesse consolá-lo.

Tomou uma pausa profunda. Podia ouvi-lo porque um silêncio tinha caído sobre o salão de baile. Muito bem, definitivamente queria fugir. De algum jeito, parecia mais alto, mais duro e mais malvado. Havia uma distância em seus olhos que a aterrorizava mais que tudo, como se neste

estranho e enfeitado estado ele fosse surdo às vozes ou súplicas.

Abruptamente, Phinn girou sobre seus calcanhares e saiu do salão de baile. Ninguém o deteve.

Capítulo Seis

Mais tarde, naquela noite Clube de Cavalheiros Brooke.

— Sabe, Rogan, penso que ela realmente acredita neste lixo — disse Phinn, sustentando em alto a cópia do “*Barão Louco*”, um horroroso folheto, não daria nem um centavo por esse espantoso folheto. Dado que todo o desastre sórdido se produziu há seis anos, Phinn supôs que a estas alturas o folheto seria usado para envolver peixes e forrar baús. Quem demônios tinha considerado apropriado manter tais tolices?

— Todos o fazem, meu amigo — disse Rogan, felizmente sentado em uma cadeira com um copo cheio de brandy em uma mão e um charuto aceso na outra.

— Bom, isso explica por que Olivia está em constante estado de ansiedade ao meu redor — disse Phinn secamente.

— Isso ou uma donzela tão inocente não pode evitar tremer ante um exemplo de masculinidade como você — zombou Rogan.

— Por mais que eu gostaria de acreditar nisso, este maldito folheto e esses estúpidos rumores são uma explicação

mais provável — respondeu Phinn. Pressionou seu copo de uísque contra a cicatriz.

— Bom, um nome como *O Barão Louco* é difícil de superar.

Phinn olhou cautelosamente ao seu amigo.

— Quando ia dizer-me tudo isto?

— Acreditei que sabia — disse Rogan, fumando o charuto. — Já que todos o fazem.

Phinn escolheu ignorar essa lógica questionável.

— Este folheto explica muito. Como por que tratou de me evitar toda a noite, especialmente quando procurei um momento a sós com ela. Como se alguém lhe tivesse aconselhado.

— Suponho que as mulheres não quereriam estar a sós com um conhecido assassino — refletiu Rogan. Phinn reprimiu um grunhido de frustração, mas Rogan tinha sido alguma vez conhecido por suas faculdades racionais? Não. — Nem sequer em um baile onde centenas de pessoas estão suficientemente perto para escutar seu grito.

— Presumido assassino — corrigiu Phinn. Nunca o tinham acusado ou julgado. O magistrado tinha opinado que não era sua culpa, embora Phinn soubesse que era culpado e que havia uma marca negra em sua alma que nada poderia apagar. — E pelo amor de Deus, não está ajudando.

— Está bem, está bem — Rogan disse, agitando desdenhosamente o charuto e pulverizando cinzas por toda parte. — O que necessita agora é tranquilizá-la lhe dizendo

que não está inclinado à violência contra as mulheres, apesar das numerosas publicações que dizem o contrário.

— Numerosas? Há mais?

— É lendário, Phinn — disse Rogan, levantando seu copo. Phinn acabava de beber e se centrou na queimação do uísque e não nas numerosas publicações que detalhavam suas presumidas façanhas assassinas que circulavam pelo país.

— Deveria lhe dizer que não o fiz?

“Olivia, me chamou a atenção que pense que sou um assassino. Eu gostaria de te assegurar que esse não é o caso. Se case comigo”.

— É possível que queira abrandá-la um pouco primeiro — disse Rogan. — Provavelmente ela esteja muito aterrorizada para te escutar. Lhe faça bonitos elogios.

— Faz soar tão simples. Felicitar à dama, lhe assegurar minha inocência, viver *felizes para sempre*. Entretanto, até agora tudo o que aconteceu com a Olivia foi algo menos fácil.

— Felizmente para você, — começou Rogan — é inclusive mais fácil que isso, já que compilei uma coleção de elogios comprovados e verdadeiros. As damas se apaixonam por eles todo o tempo. Lady Olivia se jogará sobre você.

Olhou com receio a Rogan. Fazia só umas horas que tinha se referido idiotamente à Olivia como uma façanha de força. Mas enquanto Phinn tinha estado descobrindo os mistérios de vários fenômenos científicos e usando o conhecimento para construir novas máquinas, Rogan tinha estado perseguindo mulheres. De acordo, dado o tipo de mulheres que perseguia, seu êxito era questionável. Mas

Phinn não tinha planos próprios para atrair esta intrigante e enlouquecedora beleza.

— Que tão maus poderiam ser alguns elogios?

No dia seguinte

Sala de desenho, Archer House

Embora a construção do motor estivesse atrasada, Phinn retornou à casa dos Archer armado com elogios e decidido a cortejar e casar-se com lady Olivia.

Este seria seu último esforço, e se ela o rejeitasse veementemente, bom, então teria que encontrar uma mulher que fosse uma esposa doce e amável.

É claro, cada vez que considerava abandonar seu noivado, não conseguia tirar-se por completo a imagem de Olivia como a tinha visto pela primeira vez: tão formosa, muito mais que formosa. Também estava a questão de como se sentia em seus braços. Tinha-a sustentado por um momento, considerando a sensação dela contra seu peito e debaixo de suas palmas, quão prazeroso seria tocar sua pele nua?

Se ela realmente não o queria, bem. Mas uma mulher nunca o tinha intrigado como o fazia Olivia, então não estava a ponto de fugir ao Yorkshire no momento.

Que ela não aparecesse com a cara coberta de capas de pintura, era segundo ele, um começo bem-sucedido para o

chá. Que estivessem apanhados no salão com seus pais servindo como acompanhantes, considerava-o um prejuízo para seus esforços.

Durante um quarto de hora discutiram o clima (quente e ensolarado, exceto quando fazia frio e chovia), e lady Archer informou a todos sobre seus planos para as bodas, ignorando por completo o fato de que Phinn não tinha proposto matrimônio a Olivia, que nem tinha mostrado sequer um indício de aceitação.

Ele e Olivia intercambiaram olhares de alarme, o que provocou um sorriso tímido. Ela era tão bonita quando sorria

Lorde Archer bebia seu chá e olhava o relógio com frequência ou do contrário parecia desinteressado.

Quando não pôde suportar mais, Phinn interrompeu lady Archer colocando sua atenção unicamente em Olivia. Ele sorriu. Ela o olhou com curiosidade.

— Lady Olivia, acaso seu pai é um ladrão? — Perguntou Phinn. Imediatamente, seu erro foi claro. Lorde Archer tossiu e balbuciou, cuspiando seu sorvo de chá.

— Rogo-lhe que me desculpe! — Lady Archer ofegou, agarrando um lenço contra seu peito como se tivesse sido ferida.

— Deveria te desafiar por isso! — Lorde Archer gritou. Seu rosto se converteu em um alarmante tom de vermelho, similar ao vinho.

Amaldiçoando interiormente a Rogan, Phinn continuou apressadamente com o resto do elogio. Olhando à Olivia, adicionou:

— Porque deve ter roubado o brilho das estrelas no céu e os colocado em seus olhos.

Logo, prometeu fazer Rogan pagar por lhe falhar com estes estúpidos elogios.

— O quê? — Olivia estava confusa. Mas logo viu o momento em que teve sentido para ela. Ela ofegou. — Oh! — E sorriu fracamente. E logo ela arqueou a sobrancelha e sorriu quando olhou aos seus pais, que possivelmente estavam à beira da apoplexia. Parecia que incomodar Lorde e Lady Archer era um caminho mais rápido para seu coração que a adulação.

— Sim, isso foi um elogio — disse Phinn. — Tem uns olhos muito bonitos, Lady Olivia.

— Ela sabe disso — disse Lady Archer, agora suficientemente recuperada do susto para agitar seus cílios . Phinn sorriu quando viu que Olivia punha os olhos em branco.

Lorde Archer também pareceu dar-se conta. Depois de olhá-lo aborrecido, e logo à sua filha, disse:

— Lady Archer deixemo-los, você e eu, saíamos por um momento.

— Não é incorreto que não esteja acompanhada? — Perguntou Olivia. Seus olhos aumentaram quando viu seu cenho franzido. Definitivamente ia deixar este assunto de seu presumido passado assassino descansar por hoje.

— Não acredito que devamos deixá-los sós — murmurou lady Archer.

Qualquer um se perguntaria por que temia deixá-los sós agora quando estava tão ansiosa de que se casassem? Também devia agradecer a Lorde Archer por pressionar a sua esposa.

— Se estas benditas bodas ocorrerem algum dia, estarão sozinhos e juntos pelo resto de suas vidas — disse bruscamente. — Bem poderia começar agora.

— Bom, deixarei a porta do salão aberta — disse Lady Archer. Olivia não respondeu, porque tinha mordido um bolo, que sua mãe logo lhe reprovava, lhe dizendo que as mulheres restringiam seu apetite. Olivia, pelo contrário, tomou outro bocado grande.

Dado que o elogio de Rogan não era um enguiço completo depois de tudo, Phinn pensou que provaria com outro. Eram linhas ridículas. Se sentia tolo? Com certeza. Mas valeu a pena quando Olivia sorriu? Sim. Mil vezes sim.

— Poderia lhe implorar algumas indicações? — Perguntou à Olivia depois que seus pais saíram da habitação.

— O que quer dizer? — Disse, inclinando a cabeça como se estivesse confusa.

— Para seu coração. Direções para seu coração — disse.

E logo ela riu. Não estava seguro se ela estava rindo da brincadeira ou dele, mas não lhe importava. Ele a tinha feito feliz embora só fosse por um segundo. Nesse segundo, quando tudo parecia estar bem no mundo, sabia que não podia deixá-la ir.

Ainda não. Não sem uma briga.

Com certa relutância, mas sabendo que era o correto, Phinn tirou o tema inevitável.

— Lady Olivia, chamou-me a atenção que alguns ainda persistem em me chamar o *Barão Louco*.

— Todos — disse, tomando outro bocado de bolo.

— Como?

— Disse que são algumas pessoas, mas todos o fazem — respondeu ela, confirmando o que Rogan havia dito. Aparentemente, deveria prestar mais atenção às colunas de intrigas de Londres em lugar de ler revistas científicas.

— Esperava que tivesse passado tempo suficiente para que o apelido fosse esquecido — disse. — Passaram seis anos.

Olivia só encolheu os ombros.

— Chamaram-me de *Senhorita Afetada* durante quatro temporadas e a de menor probabilidade de que cause um escândalo em Londres durante três — respondeu. — Não tenho esperanças de que estas coisas se desvançam.

— Sei. Eu gosto do que dizem de você — disse Phinn.

Mas isso não foi o correto, porque sorriu fracamente. E suspirou. E se serviu de outro bolo.

— Dado que é provável que não seja o caso com meu desafortunado nome, — começou — quero que saiba que não deve me temer. Eu nunca lhe faria mal.

— É essa a parte em que me diz que, de fato, não assassinou a sua esposa? — Olivia perguntou.

Essa era a coisa. Não podia dizer isso e não se sentir como um mentiroso.

— Algo nesse sentido — respondeu. Os olhos de Olivia se alargaram grandemente. — O incorreto é dizer...

— Uma negação terminante poderia ser mais efetiva para aliviar minha angústia e, francamente, não expressar terror ao ser cortejada por um presumido assassino — disse com franqueza.

— Não posso lhe dar isso — disse Phinn em voz baixa, com certa angústia. — Oxalá pudesse, mas não posso com boa consciência.

A única resposta de Olivia foi selecionar outro bolo e tomar um bocado. Ela o olhou na expectativa. Ah, esta era a parte onde ele devia lhe contar toda a história sórdida.

Mas, por onde começar com a dramática e desastrosa Nádia? Não era o tipo de história que se contava durante o chá no salão.

— Não a matei, mas sua morte foi minha culpa. — Toda a confusão com Nádia era um nó tão enredado que ainda não podia desentranhá-lo. Tudo o que tinha perguntado nunca o levou a uma resposta. O maldito relato estava infestado de mentiras, exageros e inexatidões, mas ficava bastante da verdade. Sua esposa, seu temperamento, suas maquinações.

— Foi um acidente? — Ela perguntou.

Ele duvidou. Nem ele nem Nádia tinham planejado sua morte. Segundo todos os relatos, foi um acidente, um pelo qual se responsabilizou. Mas, de novo, Nádia tinha sido uma mulher ardilosa, muito ardilosa. Ela não fez nada por acidente.

Olivia terminou o bolo e se serviu outro. Ela o olhou fixamente, esperando mais da história.

— Não foi exatamente um acidente — admitiu.

— O quê? Agora me diga, o que significa isso?

— Este é um tema difícil para mim. Geralmente trato de evitá-lo. Esperava que não fosse necessário mencioná-lo, mas Lady Olivia, eu gostaria de acalmar suas dúvidas sobre nosso próximo compromisso. Dado seu temperamento, estou seguro de que vamos nos dar bem.

— Meu temperamento? — Olivia parecia alarmada, talvez inclusive zangada, embora só houvesse dito como outro elogio. Mas ela não conhecia o temperamento de Nádía. Ou o seu. — Está dizendo que se eu me comportar bem e evitar lhe incomodar, então não devo temer por minha vida?

Podia ver como ela interpretaria dessa maneira, mas...

— Posso explicar, Lady Olivia. É tão diferente à minha primeira esposa. É a pessoa *menos provável de Londres para causar um escândalo*, e ela foi... — Nenhuma das palavras para descrever Nádía, eram amáveis. Não que Olivia sequer lhe tenha dado a oportunidade de responder.

— E se eu não for a esposa serviçal, dócil e respeitosa que está procurando, então o que? — Perguntou, cruzando os braços sobre o peito, fazendo maravilhas em seus seios.

Custou-lhe um grande esforço apartar seu olhar e imaginação e focar-se na mulher zangada que tinha diante.

— Olivia, só pensei que poderíamos nos satisfazer — disse Phinn, exasperado pelo raciocínio insondável que apresentava.

— Apoiando-se em minha reputação e nas intrigas — disse zangada. — Não me conhece.

— Assim como pensa que não nos convém apoiada em minha reputação e intrigas — desafiou, levantando uma sobrancelha. Fez-lhe franzir o cenho, provavelmente porque era indubitavelmente certo. — Você tampouco me conhece.

— O que fazemos? — Perguntou Olivia.

— Nos conhecermos — disse Phinn.

— E se não nos convirmos, então? — Ela arqueou uma sobrancelha em desafio. Seu coração começou a pulsar com força. Este seria o momento em que a perderia. Ou talvez o momento em que se asseguraria a oportunidade de ganhá-la.

— Seria um destino terrível para nós nos casar se não o fizéssemos — respondeu cautelosamente. Era um destino que já tinha sofrido.

— Estou agradavelmente surpreendida de que esteja de acordo — respondeu Olivia. — Não posso pensar em algo pior.

— Mas um destino ainda pior seria perder nossa oportunidade... — continuou. E logo, baixando a voz porque era o tipo de homem que não dizia essas coisas, adicionou: — de amor.

— Amor? — Seus olhos brilharam, surpreendida de escutá-lo dizer isso.

— Preferiria que mencionasse meus dez mil ao ano e seu dote? — Phinn perguntou secamente. Ele não fez muito cortejo às mulheres, mas sabia que devia pecar do lado do romance e menos do lado das considerações econômicas e práticas. — Isso lhe convenceria?

— Persuadiria o meu pai — comentou com aspereza.

Ao que ele respondeu: — Não estaria casado com seu pai, não é?

— Estaria casado comigo — declarou. — *A Senhorita Afetada. A menos provável de Londres a causar um escândalo.*

— Diz isso como se essas coisas fossem dissuasivas. Mas eu gosto dessas coisas sobre você.

— E se eu causar um escândalo?

Ela levantou sua sobrancelha. Isto foi um desafio. Phinn sustentou seu olhar.

— Acredito que subestima meus talentos para tratar com mulheres selvagens e rebeldes — disse, essencialmente desafiando-a a atos de conduta escandalosa. Ele tinha sobrevivido à Nádia. Nunca, em um milhão de anos, Olivia poderia eclipsá-la. Mas ela não sabia isso.

O que de pior ela faria, de todos os modos?

Frente a ele, Olivia estava vestida com um traje de dia modestamente perfeito. Suas costas estavam erguidas, sua postura perfeita. Ela delicadamente tomou um sorvo de chá.

Não podia imaginá-la causando problemas.

— Acredito que poderia lhe surpreender — disse. — Talvez inclusive assustá-lo.

As palavras estavam fora de sua boca antes que ele pudesse considerar os prós, os contra e as consequências: — Se importaria em apostar sobre isso?

Capítulo Sete

Uma jovem beleza, embora fosse tão bela como Hebe¹, e elegante como a Deusa Afrodite², logo perderia estes encantos por comer, beber e chegar tarde em excesso.

O Espelho da Desenvoltura

No Museu Britânico

Três senhoritas em particular procuraram uma distração na sala de antiguidades do Museu Britânico. Detiveram-se em frente à olaria, especialmente dos que estavam pintados com as cenas mais intrigantes de homens e mulheres nus correndo.

Conversaram em sussurros, como corresponde tanto ao cenário como ao tema de conversação.

— Estou mais convencida que nunca de que o *Barão Louco* assassinou a sua esposa — confiou Olivia à Prudence e Emma. Ela tinha repassado a conversação em sua mente várias vezes. Ele não declarou sua inocência, não, de maneira nenhuma que a fizesse sentir-se suficientemente segura para

fechar os olhos em sua presença, e muito menos casar-se com o homem.

— Estava terrivelmente decidido a levá-la a um lugar afastado no baile na outra noite — disse Prudence. — Presumivelmente com fins nefastos.

— Isso nem sequer é uma parte — Olivia adicionou dramaticamente. — Tivemos uma conversa sobre as acusações de assassinato.

— Não o fez! — Disse Prudence, com os olhos muito abertos.

— Honestidade. Sempre o melhor curso de ação — respondeu Emma.

— Diz a mulher que fingiu seu compromisso — comentou Prudence.

— Casei-me com ele, por isso não significa nada — disse Emma encolhendo os ombros. — E de todos os modos, foi sua ideia fingir o compromisso.

— Foi Olivia quem escreveu a carta — respondeu Prudence.

— Olá! — Disse Olivia, agitando suas mãos em frente às suas amigas que brigavam. — Disse que a morte foi sua culpa — sussurrou freneticamente. Tanto Prudence como Emma responderam com ofegos e exclamações horrorizadas, que atraíram mais que alguns olhares curiosos dos outros visitantes do museu. — E disse que devido ao meu temperamento dócil e serviçal, estava seguro de que nos daríamos bem porque, presumivelmente, não o conduziria a uma fúria assassina.

— Não tem ideia do que tem reservado para ele, não é? — Perguntou Emma, sacudindo a cabeça em sinal de compaixão pelo pobre *Barão Louco*.

— Poderia esperar alguns problemas — confiou Olivia com um sorriso nos lábios.

Quase lhe tinha prometido que não ia se comportar como *a menos provável de Londres para causar um escândalo*. — E ele quase me desafiou a fazê-lo.

— Você e o *Barão Louco* travaram uma batalha de proporções épicas com sua vida na linha — disse Prudence. — Acalme meu coração palpitante.

— Meu coração palpita sempre que ele está perto — confiou Olivia. Ela sentia uma maior consciência de seus olhos verdes sobre ela, quando ele estava perto sentia-se como um animal de caça apossado. Era uma tortura, à espera de que algo acontecesse, algo mau presumivelmente.

— Está segura de que não o acha atraente? — Perguntou Emma, inclinando a cabeça com curiosidade. — Ele é bonito, Olivia. Eu gosto bastante de seus olhos e de seu cabelo alvoroçado. Dá-lhe um ar bastante libertino.

Olivia sabia que poderia achá-lo bonito também, se tudo fosse diferente. Como, digamos, se ele não tivesse confessado essencialmente ter assassinado quando estavam no salão do chá.

— Também tenho problemas para respirar — disse. Realmente, nos últimos dias, manhã, tarde e noite, não conseguia recuperar o fôlego.

— Então está dizendo que te deixa sem fôlego? — Perguntou Emma. — Realmente, Olivia.

— Seu espartilho poderia estar fortemente ajustado. Ou poderia... — Prudence deixou que sua voz se desvanecesse e ela desviou o olhar torpemente. Ela e Emma intercambiaram um olhar nervoso.

— Ou poderia ser o que, Prudence?

— É possível que esteja enchendo mais seus vestidos — disse, fazendo uma careta.

Olivia abriu a boca para protestar. Então ela pensou melhor. Ela jogou uma olhada à sua figura. Estava mais gorda? Todos aqueles bolos que já não se abstinha de comer, e todas aquelas porções extras nas refeições — apesar dos comentários desaprovadores de sua mãe — tiveram que ir a algum lado. Parecia que foram para seus seios e lhe davam uma figura mais redonda.

— É possível, dado que abandonei todos os esforços para me conter. A torta extra e as bolachas no chá foram uma das melhores partes de quebrar as regras — assentiu, alisando suas saias. — Entretanto, realmente acredito que meus sintomas são porque constantemente me deixam sozinha com um homem notoriamente violento. É provável que me estrangule e me deixe morta em algum rincão escuro do salão de baile. Ou talvez em minha própria sala de desenho! Temo por minha vida. Meu coração está acelerado só de pensar.

— Mas por que ia fazer isso antes das bodas? — Perguntou Prudence pensativamente enquanto passeavam pela galeria que albergava a cerâmica e entravam em uma

habitação grande e ventilada, flanqueada por antigas estátuas de mármore.

— Prudence! — Exclamou Emma. — Isso não é útil.

— Mas é lógico. Definitivamente está a salvo com ele, ao menos até que se pronunciem os votos — disse Prudence. — Se ele simplesmente quisesse assassinar mulheres jovens, por que passar primeiro por todo o aborrecimento do noivado?

— Simplesmente não parece tão terrível — disse Emma. — Tive uma agradável conversação com ele no baile. Ele respondeu minhas perguntas sobre o assassinato. Ele confirmou que não tem uma masmorra. Não posso imaginar que Blake trabalharia com ele se fosse culpado de tal crime.

— É bonito — admitiu Prudence. — Mas um assassino.

— Parece um pouco tímido — disse Emma. — Provavelmente porque não passou muito tempo absorto no torvelinho social.

— Você sabe o que dizem deles. Sempre são os mais tranquilos — disse Olivia com gravidade.

— Ouvi isso — Prudence esteve de acordo solenemente.

— Oh, pelo amor de Deus, Prudence! Está angustiando a Olivia. — Os gritos irritados de Emma ressoaram pela habitação. Alguns outros visitantes do museu voltaram para olhá-las.

— Prue não está me angustiando mais do que já estou. Basicamente confessou o crime. E ele me quer só porque sou a dama perfeita que não o incomodará. O tipo de mulher que não vai brigar — disse Olivia com um suspiro. Logo, franzindo

o cenho, adicionou: — E ele e seu amigo fizeram uma brincadeira sobre sua demonstração de força.

— Todo o melhor para te levar, te raptar, e logo... — disse Prudence, deixando que sua voz se apagasse. Ela se mordeu estrangulando a si mesma. Não era bonito, e Olivia estremeceu. Perto dali uma mãe incentivou seu filho a afastar-se.

— Se ele for muito forte, deve ser muito musculoso. Como estes — disse Emma, fazendo um gesto para a série de estátuas em frente a elas.

Nu. Masculino. Estátuas.

As jovens não olham os homens nus.

Olivia sentiu que suas bochechas se avermelhavam e lutou contra o impulso de desviar seu olhar. A maioria dos homens com os quais estava familiarizada não pareciam esconder físicos como estes sob seus casacos, coletes, camisas e lenços. Inclusive os homens em cujos braços tropeçou na outra noite não pareciam insinuar nada a respeito. O *Barão Louco*, por outro lado... pelo que havia sentido, pensou que ele poderia albergar um peito e abdômen muito cinzelados debaixo daquela roupa. Não que ela soubesse algum dia.

— Crê que é assim? — Prudence perguntou em um sussurro.

— Nem sequer o considerarei — disse Olivia, com as bochechas avermelhadas. As jovens não mentiam. Mas as jovens não possuíam tais pensamentos sem sentido.

— Oh, acredito que deve havê-lo feito — disse Emma, sorrindo às ruborizadas bochechas de Olivia.

— Talvez tenha notado quando caiu em seus braços no baile — disse Prudence deliberadamente. — E agora está se perguntando...

— Saberá em sua noite de bodas — disse Emma. Ainda com aquele sorriso travesso.

— Minha noite de bodas. Pensei que sempre a esperaria — Olivia disse sombriamente.

Ela poderia terminar casada com o *Barão Louco* e ele poderia ter músculos como este.

Ela ficaria sozinha, à sua mercê, e de maneira nenhuma um competidor contra esse tipo de força. Ela tomou uma respiração profunda e tranquilizadora.

— Não precisa esperar a noite de bodas — assinalou Emma. Prudence parecia ligeiramente consternada. — Sempre poderia...

— Muito pouco provável, dado que estou decidida a não o encorajar — disse Olivia. — De fato, praticamente me desafiou a demonstrar que não nos daremos bem. Mais ao ponto, apostamos a respeito.

Tinha-a surpreendido com aquele desafio. E aquele sorriso dele, que não o fez parecer um assassino, absolutamente. Não pôde evitar perguntar-se: e se ele se defendeu firmemente de suas acusações? O que teria acontecido se ele tivesse explicado tudo?

O que aconteceria se ele fosse inocente? Mas se o era, haveria dito, e não o fez.

— É assim mesmo? — Prudence perguntou.

— Um giro interessante na trama — comentou Emma.

— Então vejam, devo fazer algo desesperado, e o tempo está acabando — disse Olivia. — Minha mãe espera que sejam lidos os proclamas este domingo. Então, o que devo fazer para demonstrar que sou o último escândalo de Londres?

— Sabe o que tem que fazer — disse Emma. — Atuar escandalosamente. Incorretamente.

— Nudez — afirmou Prudence. — E não me refiro simplesmente a deixar suas luvas em casa ou deixar um cavalheiro dar uma olhada de seu tornozelo vestido com meias.

— Como? — Emma e Olivia olharam com curiosidade à sua amiga depois de sua louca sugestão.

— Lady Clarke uma vez usou um vestido que revelou mais de seus seios e costas do que cobria. A parva, falou-se por semanas dela. Diz-se que lady Thurston umedece os vestidos, e todos os cavalheiros se jogam sobre ela enquanto as mulheres respeitáveis nunca a convidam a tomar o chá.

— Nudez, Prudence? — Olivia fez uma careta, imaginando-se atravessando um salão de baile sem nada.

— Poderíamos seguir o exemplo destas estátuas — disse Prudence, as assinalando.

— Não vou passear nua por um salão de baile com nada mais que um lençol envolto ao redor de mim.

— Mas poderia ser um pouco mais reveladora — disse Prudence com um olhar penetrante ao vestido de dia extremamente correto e modesto de Olivia. — Mostre seus

tornozelos. Baixa seu corpete. De algum jeito terá que conseguir um vestido diáfano e umedecer as saias.

— Poderia causar uma sensação — Emma comentou pensativa. — E talvez atrair um novo noivo.

— Alguém que te leve à Gretna ou te outorgue uma licença especial — assinalou Prudence.

A ideia imediata e inesperada da Olivia desse plano foi imaginar Phinn com aspecto triste. Decepcionado com ela, inclusive. Provavelmente se passaria os dedos pelo cabelo, se despentearia, a olharia com aqueles olhos e lhe perguntaria, tristemente, por que fez algo assim. Ele lamentaria o dia que tinha apostado com ela.

O que lhe importava o que ele sentisse?

Se ia se apaixonar e viver feliz para sempre, teria que deixar de esperar que acontecesse a ela. Teria que começar a fazer suas próprias oportunidades. Se não queria ser *a menos possível de causar um escândalo em Londres*, e manter o noivo que a acompanhava, teria que mostrar um pouco de pele.

— Eu gosto deste plano — disse resolutamente. — Posso assustar o Phinn e atrair um novo pretendente. Mas como saio de casa vestida sem modéstia sem que minha mãe tenha um ataque de histeria?

As três mulheres entraram em um longo silêncio. Seus pensamentos podem ter sido distraídos pela proximidade de todas as estátuas altas e impecavelmente musculosas que se abatiam sobre elas.

— O que estava debaixo dessa folha de figo, de todos os modos?

Finalmente, Prudence falou.

— Aqui é onde finalmente aproveitará sua habilidade com uma agulha e fio.

Mais tarde, nessa noite

Rogan conseguiu arrastar Phinn ao Brook's, onde havia todo tipo de entretenimentos para cavalheiros. Rogan parecia à vontade no clube e familiarizado com mais de uns poucos clientes, fazendo com que Phinn temesse pela herança do homem.

— Apostou com sua prometida que te conviria? — Rogan lamentou-se enquanto passeavam pelo clube.

— Parecia uma boa ideia naquele momento — admitiu Phinn. Tinha sido positivamente elétrico. Não era a primeira vez que sentia uma conexão com ela, como atraído por uma força invisível, como a gravidade.

Sabia tudo sobre a gravidade: era inútil resistir.

— Basicamente lhe deu todos os incentivos para tentar romper contigo — disse Rogan. — Acredito que necessito de um gole.

— Também poderia lhe haver dito que a morte de Nádia foi minha culpa — acrescentou Phinn, voltando-se para

observar a expressão extremamente horrorizada de Rogan. Ele não pôde evitar sorrir.

— Não há nada gracioso em dizer à uma mulher que você gostaria de desposar que é um assassino — disse Rogan. Não, não o era.

— Parecia lógico naquele momento. Tentei explicar que a morte de Nádia foi um acidente e que devido a Olivia ter um temperamento tão diferente, não precisava ter medo. Entretanto, acredito que só consegui ofendê-la e convencê-la de que sou um assassino a sangue frio.

— Definitivamente necessito de um gole — disse Rogan, olhando ao seu redor por um lacaio com uma garrafa de brandy. — Está tentando fazer isto impossível para você? Não quer se casar com ela?

— Quero me casar com ela. Possivelmente inclusive mais que quando a vi pela primeira vez.

Ao princípio, simplesmente a tinha considerado formosa. Havia tanta inocência nela, e em seus vestidos brancos, só irradiava doçura e pureza. Ela era tudo o que Nádia não tinha sido. Olivia era equilibrada, refinada e extremamente educada.

Nádia tinha sido uma vadia de cabelo escuro, que nunca falava quando podia chorar, gritar, implorar ou exigir. Instintivamente, ele desejava a Olivia.

Ou melhor, à Olivia que os seus olhos viram pela primeira vez, a Olivia de quem lhe tinham falado.

— Parece que tenta lhe dar todas as desculpas para fugir — disse Rogan. — Praticamente se atreveu a fazê-la atuar de

maneira escandalosa. Felizmente, não acredito que “A *Senhorita Afetada*” seja capaz de fazê-lo.

Phinn não estava seguro disso. Ele viu a faiscante intensidade em seu olhar. O excitado sorriso de seus lábios. Ela poderia não ter êxito, mas Senhor ajudasse a todos, ela ia tentar.

— É errado estar curioso para ver o que ela fará? — Refletiu.

— Não. Confesso que estou intrigado também. Deverá animar uma temporada que de outro modo seria aborrecida — respondeu Rogan. — Mas tem outros problemas, amigo.

— O que eu ia fazer sobre esse drama com Nádia? Lhe mentir?

— Sim! — Disse Rogan. Phinn franziu o cenho.

— Não quero começar meu matrimônio com premissas falsas — disse. — Estaria condenado ao fracasso. Como construir sobre uma base débil, ou um simples erro matemático que descarta todos os cálculos posteriores.

— Neste ponto, terá sorte se começar seu matrimônio — murmurou Rogan. — Se seguir falando de matemática e outras coisas.

— Não precisa ser tão obscuro a respeito.

“Eu só... seguirei cortejando-a”.

Como, não estava muito seguro. Provavelmente poderia construir uma máquina para fazer o trabalho antes de poder averiguar o que Lady Olivia Archer queria.

— Continuarei te ajudando — disse Rogan com um suspiro. — Vejo que necessita desesperadamente da minha

ajuda.

— Obrigado.

— Para isso são os amigos — disse Rogan. Logo, depois de parecer refletir sobre o tema, sorriu e disse: — Provavelmente batize a limonada do Almack's. Depois de alguns goles, suas defesas estarão baixas e...

— Não termine essa oração. Não o diga, por Deus, nunca faça o que esteve por me sugerir que fizesse.

— Tudo bem. Então quer ganhar uma mulher sem ser um pouco patife?

— O que implicaria isso? — Perguntou Phinn.

Toda sua vida se esforçou por ser tranquilo, estável e confiável. Como uma máquina. Como um cavaleiro. Mais ao ponto: completamente diferente de seu pai, mãe e irmão, todos os que se inclinaram a um comportamento histérico, altamente dramático e irracional.

— Terá que paquerar com todas. Justo em frente da Olivia — disse Rogan, sorrindo, presumivelmente, ao gênio que percebeu em si mesmo. Não que Phinn tivesse uma melhor sugestão.

— Lady Olivia para você — disse Phinn, e seu amigo o ignorou e continuou com seu plano.

— As mulheres adoram quando os homens jogam duro — disse Rogan. — E nada chama mais sua atenção como a concorrência.

— As outras mulheres não se deixarão intimidar por minha reputação, tal como Olivia?

— Não é o que tenho em mente. Sempre e quando estiver bem informado e possa manter uma conversação enquanto insinua mais, lhes darão todas as atenções que quiser.

Capítulo Oito

O desenho não deve mostrar o pé ou o tornozelo, em nenhum caso deve ser muito curto; porque quando se trai a ideia da beleza se perde a atenção do pretendente.

O Espelho da Desenvoltura

Salão de baile do Almack

Não foi difícil para Prudence roubar licor no Almack's. Depois de tudo, quem prestava atenção à Prudence *A Dissimulada*? Ninguém, assim é. Para a maioria das senhoritas teria sido muito difícil encontrar uma garrafa de gin, se é que o obtinham. Mas não ela.

Dado que a cozinheira era dada a beber, Prue facilmente encontrou e roubou um pouco. Ela tinha descoberto que os frascos cabiam facilmente na bolsinha. Que coisa mais conveniente era isso.

E sim, Prudence dançava a valsa no Almack's...

Não, ela nunca dançava a valsa. Ninguém pedia à Prudence, *A Dissimulada* para dançar, e ela estava bem com isso.

Ela entrou, esperando, como sempre, que ninguém a notasse.

Na primeira oportunidade possível, ainda mais cedo do que imaginou essa noite, Prudence a usou.

Mas, por quê? Por que ela faria tal coisa?

Para ajudar a sua querida amiga, é claro. Olivia estava tão angustiada por este assunto com o *Barão Louco*. Enquanto Prudence aplaudia seus esforços por atuar como uma dama, ela também reconhecia sua angústia, em especial se essa a golpeava na cara. Mas logo se desculpava profusamente. Olivia, no fundo, era muito boa. No fundo de seu coração seu instinto era ser cortês, afável e amável. Durante anos tinha visto a Olivia tratando de não atuar mal com lady Katherine, embora tivesse todas as razões para fazê-lo. Tampouco Olivia falava mal de sua mãe, cuja entristecedora atitude era a razão pela qual não podia olhar aos olhos de um cavalheiro.

Da melhor maneira, Prudence carecia de fé em sua amiga.

Enquanto esperava a chegada da dita amiga, Prue adornava os rincões com sua presença. Emma já tinha chegado ao baile, mas estava dançando com seu duque. Logo se envolveria em seu novo e frustrante hábito de tentar forçar as apresentações entre suas amigas e cavalheiros elegíveis. Algo incômodo para todos.

Quando finalmente chegou Olivia, Prue a olhou e se alegrou de ter o gin. Ela ia necessitá-lo.

Olivia usava o vestido mais modesto, mais recatado e menos provocador que alguma vez tinha usado, o que realmente dizia algo. Era musselina branca e seda. Havia um grande babado de renda com o passar da prega. Em lugar de um corpete na moda e sedutoramente baixo, usava um *fichu*³ de renda branco que a cobria até o pescoço.

— Está ótima — disse Prudence, com voz oca. — É a vívida imagem de uma debutante, virginal e modesta. O que aconteceu com os nossos planos?

Logo captou o brilho malvado nos olhos de sua amiga. Sua confiança tinha sido restaurada. Embora ligeiramente.

— Por agora — disse arrastando as palavras. — Para o final desta noite, se não provocar em minha mãe um ataque de nervos, me considerarei um fracasso.

— Sua mãe não será difícil de comover. Espero que essa não seja sua única finalidade para o êxito.

— Certo. Logo espero ler como arruinei minha reputação no próximo número do London semanal.

— O que planejou? — Prue perguntou, emocionada.

— Digamos que os pontos que sustentam este *fichu* e este babado não são os mais resistentes que tenha costurado. Posso ter cortado a prega e baixado o corpete. Durou o suficiente para superar a aprovação da minha mãe e me tirar da casa. Mas a qualquer momento espero que os pontos caiam e perca toda esta espantosa renda. Também devo adicionar que meu penteado não durará muito. Tirei-me a metade das forquilhas que minha criada usou. Serei um desastre antes que a noite termine.

— Tenho muitas esperanças, que assim seja — murmurou Prudence. — Me sinto um pouco sedenta. Vamos pegar um pouco de limonada?

— Espera! — Olivia se deteve de repente e agarrou o braço de Prue para detê-la.

Tinham estado abrindo passo através dos convidados, para a mesa de refrescos.

Seguindo seu olhar, Prue disse: — Ah. Entendi.

O *Barão Louco* estava ali. Phinn. Olivia não queria que a visse assim: a garota recatada, própria e dócil que ele procurava como sua própria recatada e dócil esposa. Não quando ela prometeu ser justamente o contrário.

Tinha imaginado como supunha que ia sair seu plano esta noite: mais tarde, depois de ter perdido o estúpido *fichu* e a espantosa renda na barra, a veria pelo salão de baile, rodeada por uma multidão de pretendentes. Enquanto ria, os homens competiriam para beijar sua mão, ele se daria conta de que ela não era a mulher que procurava e, portanto, não valia o aborrecimento de cortejá-la.

— Esse é um vestido e tanto, Lady Olivia. — Lady Katherine, flanqueada por seu grupo de amigos, lhe deu um olhar depreciativo. Com sua esbelta figura e vestido de seda azul adornado com contas de vidro, fez com que Olivia se sentisse terrivelmente passada de moda, além da forma em que geralmente a fazia sentir: desafortunada, simples e um pouco ridícula. Katherine sorriu cruelmente. — Já está se vestindo para sua vida de solteirice. Nem sequer o *Barão Louco* se interessou por você?

Isso lhe doeu, especialmente dado que achava que era verdade. Mas em lugar de desfrutar-se, Olivia levantou o queixo e finalmente deu uma réplica à Lady Katherine.

— Oh, olhe! — Exclamou, assinalando para o outro lado do salão de baile. — Acredito que vejo alguém que se importa.

Atrás dela, Prudence explodiu em gargalhadas. Podia-se ver os amigos de Lady Katherine reprimindo a risada.

Lady Katherine só a olhou. Olivia olhou para trás. Não estava claro quem estava mais surpreendida pela explosão de Olivia. Mas quando Katherine voltou a zombar enquanto fugia, Olivia se sentiu triunfante.

— Venceu Lady Katherine! — Exclamou Prudence. — Depois de todos estes anos de comentários cruéis, alguém finalmente a enfrentou. Estou muito orgulhosa.

— É curioso o que sai da minha boca quando deixo de ser cortês — respondeu Olivia, um pouco assombrada de si mesma. Honestamente, e se tivesse atuado assim antes?

— E pensar que a noite ainda é uma criança — disse Prudence. — Agora, vamos pegar aquela limonada?

Olivia olhou para ali e se deteve em seco.

— Não, ele ainda está ali.

— Está servindo limonada à lady Ross? — Perguntou Prudence, inclinando a cabeça curiosamente para um lado.

— Parece que assim é — respondeu Olivia, como se não acreditasse no que via.

Supunha-se que era o homem mais temido e aborrecido da sociedade.

Entretanto, não podia negar que Phinn e seu amigo Rogan tinham uma conversação aparentemente encantadora com Lady Ross, uma formosa viúva que se dava bem com todos os cavalheiros. Adorava apostar, fosse em cartas ou em cavalos, e possuía um senso de humor obsceno que atraía os homens.

O que estariam discutindo tão animadamente? Olivia não podia imaginar, graças ao seu conhecimento terrivelmente limitado. Não era a primeira vez que amaldiçoava a educação de *Dama Perfeita*.

— Quem é seu amigo? — Prudence perguntou.

— Lorde Rogan — ela respondeu. — Acredito que é um pouco asno.

— Olivia!

— Sei — respondeu Olivia, sorrindo. — As jovens casadouras não usam essa linguagem.

— Meu coração está a ponto de explodir de orgulho — disse Prudence, simulando desmaiar. O sorriso de Olivia vacilou quando viu uma cena inconcebível.

— Ele está rindo? Por que está sorrindo? — Ela perguntou, horrorizada. — Está paquerando com ela?

A pergunta que não se atreveu a dar voz foi: por que pareço me importar? Mesmo assim teve que admitir que o fazia. Não podia apartar seu olhar da insondável vista do *Barão Louco* tendo uma conversação perfeitamente encantadora com outra mulher.

Ela nunca tinha esperado por isso. Ela acreditava que era um solitário recluso, de quem todas as mulheres corriam,

gritando de terror, e entretanto...

Phinn a surpreendeu olhando-o. Ao princípio foi só um olhar. Logo seu olhar se pousou no dela e a olhou de cima a baixo com uma atitude audaz e quase possessiva.

Faltava dizer que nenhum homem a tinha olhado dessa maneira. O que a surpreendeu foi o muito que gostou. Sentiu que ele avaliava seu vestido, mais modesto que os que estava acostumada a usar. Logo levantou uma sobrancelha inquisitivamente, para perguntar: Isso é o melhor que pode fazer?

Olivia deu o que esperava que fosse um sorriso malvado que prometia que não tinha visto nada ainda.

— Não poderia estar paquerando com ela — disse Prudence. — Não deve ser o que acreditam que é. Vamos nos aproximar e ver se podemos escutar às escondidas.

Enquanto se abriam passo entre a multidão, Olivia se surpreendeu ao ver o que aconteceu a seguir. O *Barão Louco* e Lady Ross uniram seus braços e se afastaram, mas não antes de voltar a olhá-la aos olhos. E lhe piscar um olho!

Olivia ficou sem fôlego. O que significava isto? O que estava acontecendo? A renda em seu corpete começou a picar, e ela queria tirá-lo nesse mesmo momento. Mas Prudence quase a arrastava por volta da mesa das bebidas agora que Phinn e Lady Ross se foram.

Rogan não fez nenhum esforço por seguir a animada conversação entre o Phinn e Lady Ross. Por outra parte, não fazia nenhum esforço para seguir a maioria das conversações. Enquanto conversavam com profundidade sobre matemática,

aproveitou sua distração. Foi atender alguns assuntos que tinha que atender.

Seu amigo Phinn era um tipo importante, especialmente quando não falava de suas dúvidas científicas, algo que sabia que aconteceria mesmo se alguém colocasse sua cabeça em uma privada. Bom, isso não tinha acontecido desde seu primeiro ano em Eton, mas de vez em quando Rogan tinha a metade da mente para fazê-lo. Simplesmente não tinha muita atenção ou apetite para uma conversa séria, especialmente quando estava em uma festa. Calculou que as damas tampouco. Dado que esta noite se tratava de conversar com as damas, pensou que um pouco de algo adicional asseguraria o êxito.

Então, com a melhor das intenções para todos os assistentes ao Almack's nessa noite, e especialmente para Phinn e Olivia, Rogan verteu o conteúdo de seu frasco na licoreira de limonada. Honestamente, alguém deveria ter feito isto antes. Rogan sorriu, imaginando todas as mães casamenteiras um pouco embriagadas.

Olhou ao redor para assegurar-se de que ninguém o visse. Phinn, entretanto, escolheu esse momento para olhá-lo, vendo sua persistência pela limonada, lhe franziu o cenho.

Rogan lhe deu seu melhor sorriso *“daqui não há nada para ver”*. E logo realizou seus planos para com a limonada antes de ir-se à sala de jogo.

— Limonada? — Disse Prudence, oferecendo um copo uma vez que finalmente chegaram à mesa.

— Como? — Perguntou Olivia, ainda tratando de procurar o Phinn entre a multidão.

Ele a tinha surpreendido, isso era certo. Ela pensou que ele imediatamente procuraria seu favor e ela passaria todo o baile evitando-o. Talvez, uma vez que ela fizesse as modificações em seu vestido, quase com segurança passaria o resto da noite dançando com outros cavalheiros. Poderia ter um novo pretendente no final da noite e casar-se com outra pessoa no final da semana.

Como disse Prudence, a noite ainda era uma criança.

Prudence interrompeu seus pensamentos ao lhe dar um copo de limonada, cheio até a borda.

— É claro. Obrigada — disse Olivia. Bebeu-o de um gole, notando que tinha um sabor um pouco mais forte que o habitual esta noite. Possivelmente alguém não tivesse medido o açúcar corretamente.

Prudence sorriu. — Mais?

Olivia estendeu o copo à Prudence para que o preenchesse. O tinha bebido de um só gole, era pouco feminino. Ora. Era hora de lhes mostrar a nova e escandalosa Lady Olivia Archer.

Pouco tempo depois

O sangue de Olivia zumbiu em suas veias enquanto ela e Prudence passeavam pelo salão de baile, à espreita do

escândalo. Ela procurou o *Barão Louco*; não serviria atuar indecentemente se não estivesse olhando-a. Viu-o de pé perto de uma coluna, falando agora com Lady Hatfield e, se não se equivocava, seu olhar não estava em seu rosto, mas sim um pouco mais abaixo. Olivia entrecerrou os olhos. Supunha-se que devia estar cortejando-a.

Bom, ele a tinha desafiado a atuar de maneira escandalosa. E ela queria desfazer-se dele. Logicamente, não estaria ciumenta de que estivesse prodigalizando suas atenções para outras mulheres. E ainda...

Mas ela queria casar-se antes do baile de Lady Penélope. Obviamente, ela precisaria atrair a atenção de outro cavalheiro, dois podiam jogar o jogo do Phinn, mas nenhum lhe estava dando um segundo olhar. O *fichu* excessivamente modesto não lhe estava fazendo nenhum favor. Tinha que ir-se.

Deveria fazer uma viagem à sala de retiro das damas, onde poderia tirá-lo cuidadosamente em privado. Mas esta noite era sobre quebrar as regras. Além disso, sentia-se mais atrevida do que o habitual esta noite.

— Por que está se detendo? — Perguntou Prudence. — E parecendo que está considerando algo perverso.

— Porque estou a ponto de fazer algo assim — disse Olivia. Ela agarrou um punhado de renda e lhe deu um bom puxão. Tudo saiu imediatamente, deixando uma grande parte de suas costas e do seio expostos. Olivia respirou fundo — a liberdade! — ou tão profundamente como pôde, dada a força com que seu espartilho foi apertado esta noite.

Logo jogou o laço ao ar.

Um silêncio caiu sobre as pessoas próximas quando viram a parte de tecido branco levantar-se por cima de suas cabeças. Os sussurros, murmúrios e segundos olhares começaram imediatamente.

— Ela o fez...?

— A *Senhorita Afetada*, fez o quê?

Estava acontecendo. A *menos provável de Londres que provocará um escândalo*.

Oficialmente estava causando um. As jovens não tiravam à força as partes ofensivas de suas roupas de vestir em público. Se alguém soubesse que não devia desfazer-se de suas roupas em um salão de baile, esse alguém era ela.

— Seus olhos não lhe enganam — Olivia declarou -, a *Senhorita Afetada* acaba de arrancar uma parte do vestido, era em conjunto muito restritivo.

As matronas mostraram sua desaprovação. As jovens damas mostravam expressões de choque, evidentemente. Estavam com inveja? Olivia se perguntou. E os homens... eles a olharam fixamente. E não de uma maneira horrorizada. Olivia sentiu que os batimentos do seu coração se aceleraram e sua temperatura se elevou quando os olhares dos homens se voltaram, avaliadores.

Ela nunca tinha sido considerada antes, e era estranhamente desconcertante.

— Sente-se liberada agora, Lady Olivia? — Perguntou Prudence.

— Sim, senhorita Payton — respondeu Olivia. — Seguimos? Quem sabe quais problemas poderei encontrar antes que termine a noite.

Prudence e Olivia uniram seus braços e se afastaram. A intriga viajou muito rápido.

As pessoas se voltavam para olhar, criticar e sussurrar aos seus companheiros. Inclusive o Sr. Middleton olhou atentamente enquanto ela passava.

— Sinto-me bastante estranha, Prudence.

— Isso poderia ser ao gin que verti na limonada — respondeu Prudence.

— Isso explicaria — disse Olivia, sentindo os efeitos da malvada limonada.

— Estou bastante segura de que estão questionando minha prudência — Olivia comentou em voz baixa.

— O importante é o *Barão Louco* — Prudence respondeu.

Olivia olhou o salão, procurando ao seu redor. Tinha presenciado sua estranha exibição?

Seus olhares se encontraram. O dele ardia.

Não havia forma de negar, especialmente quando seu olhar se pousou em seus seios, que agora se inchavam ligeiramente por cima do corpete de seu vestido. Havia uma tormenta de emoção em sua expressão, podia ver isso. Mas, estava zangado? A lenda dizia que tinha um grande temperamento. Ou era desejo?

Seu coração, curiosamente, começou a retumbar ante a perspectiva de que fosse desejo.

Embora se supunha que ela tratava de scandalizá-lo.

— Está bem, Olivia?

— Sim, estou bem.

Olivia respirou fundo. Ela estava bem. Ela acabava de causar uma pequena cena, o que talvez servisse para eliminar seu horrível apelido de *Senhorita Afetada*. Mas temia que o substituíssem por *Dama Louca*. Enquanto, possivelmente, inadvertidamente, tornou-se desejável para o homem que estava tentando repelir.

Ela jogou uma olhada ao relógio. Não passaria muito tempo antes que sua mãe se inteirasse disto, tivesse um ataque, desmaiasse, fosse trazida e a empurrasse à sua casa.

Logo olhou ao redor do salão de baile até que seus olhos se pousaram no Phinn.

Ainda estava com Lorde Rogan, só que agora estava falando com outra mulher: Lady Elliot, uma viúva mais velha que não quebrava nenhuma regra de comportamento feminino, além de ter adquirido uma reputação de ser uma jogadora com um interesse particular nas ciências, o que significava que ela e Phinn teriam muito do que falar.

Bom. Agora ela poderia ter estado franzindo o cenho. Embora as damas não franzissem o cenho.

— Olivia? — Prudence interrompeu seus pensamentos.

— O que é isso? — Murmurou. De verdade, Lady Elliot? por que ele não estava olhando para ela?

— Está o olhando — disse Prudence veementemente.

Não, o que estava fazendo era esperar que ele levantasse a vista e notasse que estava atuando escandalosamente. Então, fazer com que Lady Elliot parecesse um par ainda

mais perfeito para ele que ela. Mas ele não estava olhando. Não a ela. Agora, não.

Olivia estava sob a agonia de uma mescla muito perigosa: gin e ciúmes. Se alguém tivesse tentado lhe explicar isto, riria. Como poderia estar ciumenta de Lady Elliot pelas atenções do *Barão Louco*?

Ela já não era suficiente para ele. Não era a correta para ele. Se ele não recuperasse o sentido e se desse conta disso, não sabia o que faria quando se fosse com ele ao seu remoto e desolado imóvel. Sua determinação foi renovada, Olivia jogou uma olhada ao redor, procurando travessuras.

Não acostumada aos efeitos da limonada batizada, Olivia achou o salão de baile e todo mundo um pouco imprecisos. E parecia que o piso se tornara desigual, o que era bastante estranho.

Chamou a atenção de Lorde Harvey, um jovem que provavelmente se viu obrigado a ir por insistência de sua mãe com tendência para lhe buscar esposa, e que presumivelmente preferia passar a noite enredado com cantoras de ópera e jogando jogos de cartas. Era precisamente o tipo de homem que seus pais desdenhavam.

Lhe ocorreu uma ideia malvada.

Inclinando-se ante Lorde Harvey e só tropeçando levemente sobre seus pés, ela perguntou: — Milord, se importaria de dançar comigo?

As damas nunca falavam com cavalheiros que não lhes tivessem sido apresentados, e nunca pediam aos cavalheiros

que dançassem com ela. Mas esta noite Olivia pensou que era uma boa ideia e se sentiu mais livre, atrevida e valente.

Ao seu lado, Prudence gemeu e murmurou: — Meu Deus.

Olivia estendeu sua mão. Realmente, Lorde Harvey não teve mais remédio que sorrir cortesmente e escoltá-la à pista de dança, lançando um olhar confuso.

Uma valsa estava começando, convenientemente.

Os lábios de Olivia se curvaram em um sorriso. Esta era sua oportunidade de demonstrar à alta sociedade que era uma bailarina talentosa e elegante. Depois de tudo, ela tinha tido aulas privadas de dança três vezes por semana desde que cumpriu os doze anos. E nunca ninguém lhe pediu que dançasse.

Ela provavelmente poderia dançar cada passo com sincronização perfeita enquanto navegava. Pelo mar. Durante uma tormenta com ondas de cem pés. O que ela não podia controlar era dançar sob o efeito de uma limonada com gin. O piso se tornou estranhamente desigual.

O agarre em sua mão era leve, como o era a pressão da palma no meio de suas costas. Havia uma grande diferença de altura entre eles, o que fez com que fosse mais possível para eles realizar os passos da valsa em um tempo ligeiramente diferente.

Dadas as circunstâncias incômodas do início desta dança, e o fato de que não se apresentaram, Olivia não sabia para onde olhar. Diretamente ao seu lenço?

Não, isso era aborrecido. Ela levantou a vista para seu rosto e viu sua mandíbula firme.

Também parecia olhá-la de vez em quando, mas não ao seu rosto.

Sentiu que seu rosto começava a refletir sua mortificação.

O rubor se fez mais intenso quando pôde ver ao redor do salão de baile. Ela viu rostos olhando-a. Viu que os homens murmuravam comentários discretos e obviamente inapropriados, a julgar pelos sorrisos em suas caras. Olivia se deu conta da grande quantidade de pele que tinha exposto.

A atenção coletiva da alta sociedade se centrou no espetáculo que era Olivia, bastante desalinhada, dançando desastrosamente. Ela levantou sua cabeça e se comportou tão orgulhosamente quanto pôde. As mulheres abriram seus leques, tampando suas bocas enquanto sussurravam o que Olivia supôs que eram os comentários mais cruéis que lhes ocorriam. Começou a arder em uma horrível combinação de vergonha e remorso, logo se conteve. A alta sociedade sempre tinha feito comentários sarcásticos sobre ela, quando se davam ao trabalho de pensar nela.

Como ela e Lorde Harvey estavam dançando a valsa enquanto tratavam de não se conhecer mutuamente, perdiam cada sinal para girar aqui ou girar lá. Mais de uma vez se chocaram com outro casal: Lorde e Lady Farnsworth, que pareciam particularmente desconcertados. Ambas as versões deles mesmos.

Olivia estava agora sentindo-se estranhamente esquisita, vendo tudo em dobro. Todos os giros e voltas a estavam enjoando e, para falar a verdade, lhe causando náuseas.

As jovens não pensavam essas coisas durante uma valsa. Não em um salão de baile.

Ela captou um olhar do Phinn, com Rogan e outra mulher mais ao seu lado. Olivia a reconheceu como Lady Bellande, uma notória viúva alegre. Ela caçava sem piedade todos os homens disponíveis e inclusive não disponíveis. E agora ela estava atrás do Phinn!

Sua expressão era inescrutável. Enquanto olhava ao redor. Nesse momento Lorde Harvey os fez girar. Phinn estava zangado? Ciumento? Desconcertado?

Voltas e voltas e voltas deram. Ou não sentia nada porque era um monstro e a assassinaría em sua noite de bodas ou pouco depois?

Com esse pensamento, tropeçou, caindo de bruços sobre o lenço de Lorde Harvey.

Cheirava a linho e bergamota. Por que ela sabia isso? Ela realmente não desejava saber isso.

— Desculpe — interrompeu uma voz masculina. Olivia olhou ao duque de Ashbrooke, o marido da Emma. Bom, dois deles. Ela estava tendo tantos problemas para ver claramente. E alguém deveria fazer algo sobre o piso desigual no Almack's.

Ashbrooke era alto, devastadoramente bonito e incrivelmente imponente. O sol nasceu e ficou ao seu dispor. E Lorde Harvey fugiu.

Ashbrooke tomou Olivia entre seus braços.

— Se tenta provocar um escândalo, está fazendo um grande trabalho — comentou. Mas sorriu enquanto o dizia.

— Hurra — disse Olivia veementemente, o que só fez com que seu sorriso se alargasse.

À diferença de Lorde Harvey, Ashbrooke era um professor da valsa. Seu agarre era firme e o suficientemente possessivo. Com o duque como seu companheiro, Olivia poderia ter tido três mais daquelas malvadas limonadas e ter dançado a valsa em um navio, no mar, durante uma tormenta com ondas de centenas de pés sem parar, sem perder um só passo.

Moveram-se nos tempos perfeitos do compasso.

O coração de Olivia explodiu em felicidade de que Emma podia ter o amor constante e eterno deste homem. E estava muito contente de que ele fosse tão bom para estender sua bondade para suas amigas. E para sua consternação, estava ciumenta. Oh, ela não cobiçava o Ashbrooke, mas cobiçava o tipo de amor que possuíam.

Isso era o que ela queria. Isso era o que nunca teria com o *Barão Louco*. Não quando passaria todo o tempo trabalhando em suas estranhas máquinas, deixando-a para que dirigisse os serventes e bordasse. Quer dizer, antes de que a assassinasse.

Ela viu o *Barão Louco* entre a multidão. Não havia nenhuma mulher com ele agora. Ele estava sozinho, pensativo. Olhando-a. Com aquele gesto sombrio e com sua cicatriz, parecia muito perigoso.

Enquanto dançavam, sem muitos giros, porque era Ashbrooke e provavelmente era um perito em dançar com mulheres ligeiramente intoxicadas, Olivia alternava entre olhar fixamente seu lenço e a todos no salão de baile.

A maioria das pessoas haviam tornado a ocupar-se de seus próprios assuntos. O *Barão Louco* ainda meditava, apesar de Olivia já não estar dando um espetáculo. Todo mundo sabia que Ashbrooke se casou com sua melhor amiga e, portanto, a associação não tinha nada de inconveniente. Era completamente e seguiria sendo completamente sem importância.

A orquestra encerrou a dança com um floreio.

— Obrigada — disse Olivia, não muito embriagada para reconhecer um verdadeiro cavalheiro.

— É um prazer. — E logo, inclinando-se mais perto, Blake murmurou: — Não é tão mau, sabe?

O *Barão Louco* a estava esperando no terraço, exibindo uma figura devastadoramente formosa enquanto se apoiava na balaustrada. Ombros largos.

Extremidades largas. Características fortes. Olhos que a viram quando ninguém o fez. E uma cicatriz que nunca poderia lhe permitir esquecer do que lhe tinham acusado e que nunca tinha negado.

Ashbrooke a entregou a ele e logo se foi em busca de sua esposa, deixando a Olivia sozinha com o homem que tinha estado tentando evitar...

...e o homem com o qual ela não podia deixar de obcecar-se.

Uma vez mais sentiu aquela conexão entre eles, como naquela primeira noite. Ela sentiu seu olhar sobre ela, toda ela. Suaves mechas de seu cabelo se derrubaram e roçavam contra seus ombros. Ela devia estar ridícula. Lhe olhando aos

olhos obscurecidos, sentiu-se aterrorizada. Nervosamente, ela esperou que ele falasse. Causar problemas, e a dor posterior em seu estômago, era uma sensação desconhecida. Nunca se colocou em problemas, ou esqueceu de preparar-se para as lições, ou realmente fazer algo mau.

Tudo o que ela queria era ser diferente; ela não se deteve a considerar as consequências.

— Não precisa fazer tudo isso, sabe — disse em voz baixa, surpreendendo-a. Ela esperava que estivesse zangado. Uma pequena parte dela temia que ele pudesse ridicularizá-la diante de todos.

— Mas o fiz — disse em voz baixa. — Para mim.

Logo ela cambaleou sobre seus pés. Parecia que os paralelepípedos do terraço eram tão desiguais quanto o piso do salão de baile.

— Olivia, está bem? — Perguntou Phinn. Ele a olhou com preocupação. Ou a limonada intoxicada seguia afetando sua visão? Realmente estava um pouco impreciso.

— Estou bem — respondeu ela. Porque as damas sempre estavam bem.

Mas ela não estava. Ele não estava zangado com ela, absolutamente, embora ela se comportara de maneira abominável. Fazia um grande espetáculo de si mesma, rasgando partes de seu vestido e pedindo a um completo desconhecido que a acompanhasse a dançar a valsa, que eram coisas que simplesmente não tinham terminado bem.

Supunha-se que devia estar furioso porque ela não era o que ele queria, ela o tinha envergonhado ao envergonhar a si

mesma. Supunha-se que devia afastar-se e zangar-se com ela ou, pior ainda, porque ele era o *Barão Louco* e isso é o que fazia, segundo os mexericos e as intrigas.

Phinn fez o mais surpreendente: ele estendeu a mão para apartar uma mecha de cabelo rebelde de seu rosto. Deveria ter sido um gesto terno e romântico.

Se ela não tivesse retrocedido.

— Oh, Olivia – murmurou. — Sinto muito.

Ela não sabia exatamente por que estava se desculpando.

— Não pensei que Rogan em realidade jogasse licor à limonada — disse Phinn com gravidade. — Lhe disse que não em termos incertos. E devido a isso, conseguiu que todos falem de você.

Novamente se balançou sobre seus pés. Prudence e Rogan? Isso explicava por que o mundo estava terrivelmente fora de si. Ela poderia haver se sentido encorajada antes, mas agora se sentia débil. Justo quando cambaleava para a balaustrada em busca de apoio, Phinn gritou seu nome e se lançou para frente para apanhá-la.

Quando ela se deixou cair em seus braços, ele pisou em seu babado frouxo. A franja de renda mal unida a tecidos tão delicados como a seda e a musselina não podiam competir com a força do passo de um homem. Tudo arrebentou, atolado sob a bota do Phinn, deixando os tornozelos e as pernas nuas da Olivia bastante expostos.

Horroroso. Verdadeiramente, horroroso.

Phinn se desculpou profusamente e caiu de joelhos, aparentemente com a vaga noção de voltar a colocar o babado no vestido, como uma costureira, embora ele não o fosse.

E logo algo aconteceu.

Olivia baixou o olhar e captou a forma em que ele olhava seus tornozelos. Logo, lentamente, começava a levantar seu olhar para ela. Seus olhos se obscureceram grandemente. E a forma em que a olhava... ela o sentiu. A calidez de seu olhar, como uma carícia. O calor começou a arder em seu ventre e irradiar através de suas extremidades, indo direto à sua cabeça. Deu-se conta de quão apertado estava seu vestido, queria tirar o resto. Também se deu conta do quão enjoada se sentia e pensou em desmaiar. Em seus braços.

Neste momento, seu medo não podia competir com um sentimento como o desejo.

Esta era a razão pela qual as jovens não deviam beber em excesso.

Nesse momento — o momento mais incômodo, inconveniente e inapropriado que podia imaginar —, Phinn só podia pensar no muito que queria tocar Olivia. Queria estender sua mão, juntar suas mãos ao redor de seus tornozelos e roçar mais e mais até que pudesse lhe mostrar o verdadeiro prazer. Mas se ela tinha tanto medo de estar a sós com ele e se estremecia quando só queria acariciá-la, não confiaria o suficiente nele para render-se ante o prazer de seu contato.

Mas realmente. Agora não era o momento de ter tais pensamentos.

Não estava seguro de quem tinha causado uma cena maior esta noite. Olivia, impulsionada pela ideia idiota de Rogan de pôr licor à limonada, ou ele, de joelhos ante uma mulher com um vestido rasgado.

E logo seus olhares se encontraram. Seus olhos nos seus demonstraram ser um poderoso afrodisíaco. Odiava que lhe temesse. Odiava que seu noivado tivesse sido um desastre atrás de outro. Mas ele não sentiu esse ódio tão fortemente como sentiu um cru desejo de tocá-la, possui-la e amá-la.

No momento, neste absurdo e estranhamente maravilhoso momento, pensou que ela poderia ter sentido o mesmo.

Mas logo os gritos angustiados de uma mulher penetraram.

— Olivia! Querido Senhor levante-se, Olivia, o que te aconteceu?

Era Lady Archer, em toda sua buliçosa e agitada glória.

Por um segundo perfeito e fugaz, Phinn jurou que ele e Olivia compartilhavam o mesmo pensamento: Corre! Estava ali, em seus olhos. Mas o que fosse que Rogan verteu na limonada se apoderou dela e ela cambaleou de novo.

— Oh, meu Senhor — Lady Archer ofegou.

— Lady Archer, boa noite — disse Phinn.

— Boa noite. Olivia, devemos te levar para casa imediatamente antes que alguém te veja.

Phinn intercambiou um olhar incômodo com Olivia. A verdade era que todos já tinham sido testemunhas da possibilidade de seu escandaloso comportamento, desde

arrancar pedacinhos de seu vestido até pedir a um cavalheiro que dançasse com ela.

— A ajudarei — ofereceu. Porque, embora não estivesse muito familiarizado com as mulheres ébrias, suspeitava que alguém poderia necessitar de ajuda para chegar do terraço à carruagem de sua família. Pelo menos, queria que todos vissem que o *Barão Louco* estava junto à sua futura esposa, apesar de suas escandalosas ações dessa noite. Era o mínimo que ele podia fazer, dado que a tinha induzido a um comportamento tão escandaloso.

Pode ser que não lhe importasse sua reputação esta noite. Mas provavelmente lhe importaria pela manhã.

Capítulo Nove

A menos provável de Londres para causar um escândalo surpreendeu a todos.

Foi seu comportamento impactante simplesmente pela limonada adulterada no Almack's, ou seu apelido de Senhorita Afetada não serve para nada? Esta autora confessa sua fascinação pela encalhada que ficou louca. O que vai fazer depois?

Inteligente e na moda, por uma senhora de distinção –

O Semanal de Londres.

Phinn sentiu uma pontada de simpatia pelo sermão que Olivia teve que suportar na manhã seguinte e a forte dor de cabeça que também devia ter sofrido.

Recordou a época em que ele e seu irmão George se embebedaram com o contrabando de brandy francês de seu pai. Houve um sermão, e logo o cinturão. Mas tinham suportado juntos, como irmãos.

Isso foi há muito tempo. Antes que Nádia os destroçasse.

Tinha ido à oficina na rua Devonshire, onde tudo estava governado pela lógica, onde conhecia e entendia tudo e não

era o *Barão Louco*, e sim o experiente engenheiro. Mas teve problemas para concentrar-se em seus planos para o motor de diferenças; seus pensamentos seguiam desviando-se para a Olivia. Possivelmente deveria deixá-la ir. Embora soubesse que seu comportamento na noite anterior tinha piorado por sua estúpida aposta, também sabia que ela queria que a deixasse.

Como Nádia.

Mas esses pensamentos foram desterrados uma vez que Ashbrooke atirou os periódicos da manhã sobre sua escrivaninha. Phinn leu uma das colunas de intrigas que os asquerosos fofoqueiros devoravam.

“Pela primeira vez na história de Londres, Almack's não era o lugar apropriado para estar. Algum patife intoxicou a limonada, resultando em um tipo de comportamento divertido e inapropriado, nada mais que no de Lady Olivia Archer. A Senhorita Afetada tomou à alta sociedade por surpresa quando se destroçou o vestido, deixando muitos questionando sua inteligência. Mas ninguém estava mais surpreso que Lorde Harvey, que aceitou o convite da jovem para dançar a valsa.

Os cavalheiros do White estão considerando uma revisão em seu famoso livro de apostas. Lady Olivia perderá seu título de a Menos provável a causar um escândalo em Londres ou mudará seu nome à Tolerância mais baixa de Londres para Limonada com licor ou a Mais divertida de Londres quando está sob os efeitos do licor?

As matronas do Almack's anunciaram que todas as bebidas serão servidas por lacaios para evitar que voltem a

ocorrer "as atividades deploráveis da noite anterior". Nós os editores, lhes pedimos que reconsiderem sua decisão, especialmente se quiserem atrair uma multidão de jovens elegíveis que consideraria assistir por sua própria vontade..."

Phinn poderia não ser tão bem versado nas regras da sociedade como nas leis da física, mas mesmo ele sabia que não era um bom augúrio para as perspectivas matrimoniais de nenhuma senhorita ser questionada em uma coluna de intrigas. Era sua culpa. Ele deveria desculpar-se.

Assim como com Nádia, ele poderia ter evitado um maior desastre. Ele poderia consertar tudo com uma proposta de matrimônio.

Só havia um problema: Olivia certamente rechaçaria sua oferta, especialmente se estivesse motivada por suas intenções de salvar a si mesma. Até que descobrisse como desculpar-se e lhe propor de uma maneira remotamente romântica, não se atrevia a arriscar-se à sua ira.

Tentou concentrar-se em seu trabalho e finalmente se perdeu na elaboração de um desenho para uma peça crucial do motor quando o duque se aproximou.

— Como vão as coisas?

— Excelente. Estou trabalhando para garantir que todos os parafusos sejam cortados de forma idêntica — respondeu. Foram as pequenas coisas, como a falta de parafusos padrão, o que os levaram à construção.

— Tudo certo e melhor. Agora temos umas milhares de peças mais para desenhar e construir.

Esse era o problema com a construção de uma máquina intrincada que mediria oito pés de altura, sete pés de comprimento e três pés de profundidade. Requereria tanto como vinte e cinco mil partes separadas, muitas delas idênticas. O motor seria maior e mais complicado que qualquer máquina que se fabricou anteriormente.

— O bom é que assegurou tantos recursos como pôde — brincou Phinn.

— Não acreditaria no que tive que fazer para consegui-lo — disse Ashbrooke, suspirando dramaticamente. Phinn tinha escutado a história e a achou bastante notável.

Digna de um livro.

— Entretanto, tudo por uma boa causa — respondeu Phinn.

— Mudou completamente tudo, da contabilidade até a navegação — continuou Ashbrooke. — Só por ser preciso. É tão trágico quantas vistas se perderam devido a erros de cálculos preparados pelos calculadores.

Phinn desviou o olhar, não querendo que ele visse como suas palavras o afetavam.

Podia sentir sua mandíbula apertada e a pressão familiar em seu peito quando pensava em Nádia e em como tinha morrido. Suas máquinas, seus erros, tinham-na matado. Era culpado, porque era frio e calculava como uma máquina, até que seu temperamento ganhou.

Ele e Nádia estavam condenados desde o começo. Do momento em que deslizou o anel em seu dedo, soube então, com a mesma certeza profunda de que sabia como calcular a

força da gravidade. Simplesmente não tinha previsto quão tragicamente terminaria.

“*Sinto muito, Nádia*”. Ele pensava nessas palavras frequentemente.

— O motor de diferenças é só o começo — continuou Ashbrooke. — Ao eliminar o risco de erro humano, sempre podemos estar seguros de que nossos cálculos são corretos. E uma vez que terminemos isto, e se a estreia na Grande Exposição for um terminante êxito, tenho uma ideia para um motor analítico que realizará cálculos cada vez mais complexos.

— Uma coisa de cada vez, Sua Graça — disse Phinn com um sorriso antes de pegar sua pluma e voltar para o trabalho. Tinha desenhado só uma linha cuidadosamente executada quando Ashbrooke o interrompeu de novo.

— Então, como vão as coisas em seu cortejo à Lady Olivia?

— Horivelmente — Phinn respondeu com gravidade. Houve momentos aqui e lá, mas a este ritmo demorariam sete anos em passar um dia civilizado juntos. E sim, poderia haver-se dedicado a realizar esses cálculos. — Devo te agradecer por dançar a valsa com ela e salvá-la de mais problemas.

Phinn não dançou porque passou muitas horas trabalhando em seus experimentos científicos, em lugar de aprender os passos de várias danças. Seu irmão George tinha sido quem conhecia todos os passos e todas as formas de encantar uma mulher.

Além disso, não havia nada como uma amostra pública de aprovação do Duque de Ashbrooke, querido pela alta sociedade, para aliviar qualquer dano causado pelas travessuras da bebedeira de Olivia.

— Foi um prazer — respondeu o duque. — Além disso, Emma pediria minha cabeça se não o tivesse feito. Em qualquer caso, Lady Olivia é uma garota encantadora.

— É? — Phinn teve que perguntar. — Quando a vi pela primeira vez, acreditava-a adorável, bonita, amável, moderada e doce. Mas agora...

O duque sorriu e disse: — Quando ela não está tentando deliberadamente provocar um escândalo que te assuste, sim, ela é todas essas coisas.

— Poderia havê-la animado a fazer isso — murmurou Phinn.

— Por que faria algo que frustraria deliberadamente seus próprios objetivos?

— Está decidida a demonstrar que não nos convimos. E eu estou decidido a lhe demonstrar que o faremos.

— Isso é absurdo. É óbvio que farão um casal esplêndido. Ela te dará uma excelente razão para não trabalhar tanto, e você lhe responderá com todos os momentos românticos que as mulheres adoram. Em qualquer caso, terão que adaptar-se. Dado o que dizem as intrigas nos periódicos.

— Sei — disse Phinn, lamentando profundamente como a tinha desafiado. Nenhuma só vez pensou que teria o efeito oposto: que estariam obrigados a casar-se.

— Entretanto, está aqui. Fazendo um desenho para o parafuso perfeito — comentou Ashbrooke.

— Ainda não estou seguro de como proceder com Lady Olivia — disse Phinn.

— Há mais nessas encalhadas do que parece à simples vista — comentou Ashbrooke. — Em um momento crê que porque são as *menos prováveis de Londres* estarão contentes pelas atenções. E no seguinte fica louco de amor tentando ganhá-las.

— O que posso dizer — murmurou Phinn. A beleza distante que tinha visto primeiro estava se convertendo em uma criatura encantadoramente sedutora e enlouquecedora.

Ela era exatamente o que não queria em uma esposa, entretanto, ele ainda a desejava.

O que era algo muito bom, já que terminariam necessitando um do outro.

— Então, o que vai fazer? — Perguntou Ashbrooke, caminhando para um aparador onde guardava o conhaque e copos para essas conversações que faziam com que um homem ansiasse um gole.

— Me casar com ela. De algum jeito, de algum jeito ela verá que é o correto para nós. E logo tirar o melhor disto.

— Sim, mas como vai cortejá-la para que lhe diga sim?

Phinn encolheu os ombros.

— Rogan esteve me aconselhando. Lhe fazer elogios, pô-la ciumenta, esse tipo de coisas.

— E está funcionando? — Perguntou Ashbrooke, enquanto dava ao Phinn um copo de brandy.

Phinn tomou um sorvo e pensou no baile. Realmente tinha desfrutado falar com Lady Ross, Lady Elliot e as outras. Ele simplesmente não havia sentido a mesma atração que ele sentia com a Olivia.

Ainda mais, tinha desfrutado com a sensação dos olhos de Olivia sobre ele. Cada vez que olhava ao redor procurando-a, ela o estava olhando, o que era um forte contraste com seu primeiro baile, quando ela fazia todo o possível para evitá-lo. Ainda estava fazendo um espetáculo de si mesma tentando repeli-lo, mas isto era um progresso.

Mas o resto dos conselhos de Rogan não tinham funcionado. De fato, foram um fracasso.

— Digamos que estou aberto a outras sugestões — Phinn encolheu os ombros e sorveu sua bebida.

— Veio ao lugar correto, Radcliffe — disse o duque, sorrindo amplamente. — Além de ser um talentoso matemático e inventor, também sou um reconhecido libertino. Ao menos o era antes de me casar.

— O que sugere?

— O que acontece com as mulheres é que gostam que as levem quase voando — disse Ashbrooke com naturalidade.

— Façanhas de força — disse Phinn, assentindo. — Isso foi o que Rogan me aconselhou.

O duque pareceu horrorizado.

— Nunca se refira a levantar uma mulher como uma façanha de força.

— Bem — disse Phinn. Logo tomou um longo gole de seu brandy. Que outro conselho estúpido lhe tinha dado Rogan,

que tinha seguido? Não era a primeira vez que lamentava todas as horas que tinha dedicado à ciência. Deveria haver-se dedicado a estudar a sedução para as mulheres.

— Jamais. Nunca — adicionou o duque.

— Nunca — repetiu Phinn.

— Gostam dos homens seguros de si mesmos — declarou Ashbrooke. — Dominantes, se quiser. Um homem que determina decisivamente um curso de ação e sempre cuida de uma mulher para que não tenha nada a fazer além de se apaixonar por você.

— Foi isto o que fez?

A julgar por sua expressão, Ashbrooke parecia estar pensando com carinho em seu noivado com sua encalhada. Phinn sorveu sua bebida; não querendo pensar que ele algum dia poderia fazer o mesmo.

— Emma estava decidida a resistir aos meus encantadores esforços em seduzi-la. Mas sabia que ela era a única, e finalmente se deu conta de que eu era o indicado para ela.

— Isso está muito bem, Ashbrooke, mas estou procurando detalhes.

— Antes que tudo, deve afastá-la dos olhos indiscretos da sociedade e da sua mãe dominante. Estas encalhadas são dolorosamente conscientes do que pensam delas. As deixa muito intimidadas, o que nunca acontecerá quando tentar ser romântico.

— As menos prováveis de Londres — comentou Phinn. Então elas internalizaram isso. Considerou a si mesmo como

o *Barão Louco* e atuou em consequência?

Era uma profecia autorrealizável? O que aconteceria se Olivia estivesse misturando as percepções de todos sobre ela, e não contra ele?

— Exatamente — assentiu Ashbrooke. Tomou um sorvo de sua bebida e continuou: — Isto é o que deve fazer: planejar uma saída romântica. E planejar até o último detalhe: o almoço, o vinho, etc, para que não tenha que pensar em nada mais que em apaixonar-se por você. Não quer que pense sobre como se esqueceu das taças de vinho ou os guardanapos.

— Entendi — murmurou Phinn. Se ele pudesse deixá-la em paz com o romance, poderia esquecer seu medo, e não estar tão decidida a demonstrar que não era a *Senhorita Afetada*.

— Quando começam a pensar, empregam uma lógica que é tão estranha e complexa que nenhum homem poderá seguir cada giro e chegar à surpreendente conclusão. Tentar resolvê-la é como ficar apanhado em areias movediças.

O duque terminou seu discurso acabando seu brandy e deixando o copo sobre a mesa.

Phinn empurrou os desenhos para um lado.

— Possivelmente poderia levar Olivia a um piquenique — sugeriu.

— Uma excelente ideia — assentiu Ashbrooke com entusiasmo. — Conheço o lugar perfeito. No canto mais afastado do Hyde Park, encontram-se as ruínas de um antigo coreto. Leva-a ali.

— Isto poderia funcionar — disse Phinn. — Tivemos alguns momentos que me levam a acreditar que ainda há esperança. Possivelmente se tivermos uma tarde agradável teremos a oportunidade de sermos felizes.

Dada sua reputação, e a dela, poderiam ser a única oportunidade de felicidade do outro.

— Um conselho mais — disse Ashbrooke, baixando a voz. — Se deve ter uma acompanhante, insista em uma criada e suborna-a para que olhe para o outro lado. Deve assegurar-se de que Lady Archer não os acompanhe. Por razões nas quais confio, não preciso dizer em voz alta.

Capítulo Dez

***Usar ou não usar o chapéu. Essa é a pergunta.
As deliberações de Lady Olivia***

Preparando-se para uma saída com o Phinn, Olivia tinha passado a maior parte de uma hora preocupada com seu chapéu. De acordo com seu volume muito usado (mas não amado) do Espelho da Desenvoltura:

Nenhuma dama deve realizar qualquer atividade, festa de equitação, aventuras ou passeios, sem pôr em sua cabeça algo capaz de proporcionar refúgio e calidez.

O chapéu em questão era capaz de proporcionar refúgio e calor. Estava decorado com uma fita brilhante de cor canário e cenário com uma grande variedade de flores de sedas amarelas e brancas. Para um pouco mais de estilo, havia grandes plumas brancas que se sobressaíam junto com partes de renda. A coisa era monstruosa.

Geralmente ela evitava usá-los devido a ditas decorações monstruosas. Hoje ela reconsiderou pela aba excepcionalmente grande que evitaria qualquer intento de beijá-la, se o *Barão Louco* estivesse inclinado a tentar.

Ela não queria beijá-lo.

Olivia se levou as gemas dos dedos aos lábios, que, tragicamente, nunca tinham sido beijados.

Ou ela queria beijá-lo? Se ela não estivesse tão assustada, talvez.

Involuntariamente, ela considerou sua boca firme e sensual. E a forma em que a olhava com tanta intensidade e como seu olhar tinha uma maneira de lhe fazer sentir coisas.

Calor. Desejo... ou era terror?

O chapéu. Ela deveria focar no chapéu. Talvez ela não o usasse, absolutamente, o que seria escandaloso, como poderiam ser as sardas e as queimaduras de sol subsequentes. Por uma vez, seria bom aventurar-se ao ar livre sem um objeto capaz de proporcionar refúgio e calor à sua cabeça.

Também estava a questão das fitas de cetim, que agora se arrastavam até sua cintura, eram muito largas e longas. Porque, se ele definitivamente desejasse, o *Barão Louco* poderia estrangulá-la com estas fitas. Inclusive poderia pendurá-la em uma árvore!

Olivia ofegou e empalideceu ante tão horripilantes pensamentos. Seu coração começou a pulsar com força e as palmas de suas mãos umedeceram. A violaria primeiro e logo a assassinar? Ou se desataria um ataque de ira, insensível à decência e à razão, e puxaria as fitas tão forte que não a deixaria respirar? Ela sempre seria conhecida como a garota que conheceu a morte prematura graças às fitas de cetim.

Por outra parte, se tivesse que fugir a pé através do traiçoeiro deserto do Hyde Park em um dia do verão, seria

capaz de agitar as fitas amarelas brilhantes para chamar a atenção enquanto gritava pedindo ajuda. De fato, agora que o considerava, este chapéu poderia possivelmente funcionar como uma arma.

Uma criada entrou discretamente na habitação, e Olivia quase gritou, depois de ter sido tomada por surpresa enquanto tinha pensamentos terríveis.

— Lady Olivia, Lorde Radcliffe insiste em que desça agora.

— Obrigada, Nancy.

Ele insiste, não é? Olivia franziu o cenho. Supunha-se que ela devia fazer sua vontade, não é? Não lhe tinha demonstrado que não era a criatura dócil que todos acreditavam que era?

Falando de armamento, deveria encher sua bolsa com pedras? Mas não tinha tempo para aventurar-se no jardim. Tudo o que tinha eram tesouras de bordar. Olivia as meteu em sua bolsa. No último momento ela aplicou um pouco de pintura nos lábios.

E logo colocou o chapéu e se aventurou a cumprir com seu destino.

Segundo a sugestão do duque de Ashbrooke, Phinn planejou até o último detalhe para um piquenique romântico. No parque, explorou a localização do antigo coreto.

De fato, estava em um rincão longínquo, e tinha feito o diabo para encontrá-lo. Mas era privado, formoso e perfeito.

Consultou o chef de Rogan pelo menu e pessoalmente determinou que lacaio os acompanharia. Levava um de seus

casacos novos, que o alfaiate acabara de terminar.

Conseguiu uma carruagem com cavalos adequados.

Agora tudo o que precisava era da sua prometida.

— Estou segura de que Olivia só se atrasará um momento, Lorde Radcliffe — disse a aterradora Lady Archer, novamente. Estavam sentados no salão, discutindo o clima, e o tinham estado fazendo durante o último quarto de hora.

Ele não estava seguro disso. De fato, estava seguro de que Olivia usaria todas as desculpas para atrasar-se. Se ela repentinamente fosse atacada por uma enfermidade grave, estranha e altamente contagiosa, ele não se surpreenderia minimamente.

Phinn se recostou contra o sofá, permitindo colocar-se o mais comodamente possível.

Curiosamente, cada um de seus desafios só o fazia sentir-se mais intrigado e mais decidido a ganhá-la. Em outras circunstâncias, quer dizer, sem a presença de Lady Archer, poderia haver sentido prazer em fantasiar sobre quando finalmente se renderia e o prazer que encontrariam juntos.

Mas primeiro tinha este maldito piquenique. Felizmente, tinha o conselho do Ashbrooke para seguir. O homem era uma lenda. Como poderia sair algo mal?

Ele só seria decidido e seguro. Ele estaria no comando. O Senhor do castelo. Ele se asseguraria de que tudo fosse perfeito. Olivia não teria que fazer outra coisa além de ser cortejada.

Se a obstinada teimosa alguma vez se dignasse a fazer ato de presença.

Phinn se dirigiu a um dos criados.

— Diga à Lady Olivia que é hora de partir. Por favor.

— Sim, é claro — disse a criada mansamente antes de desaparecer.

Um momento depois apareceu Olivia, com um vestido de dia perfeitamente respeitável, de listras azuis e brancas. Pensou com carinho no vestido grosseiramente inapropriado que tinha usado no baile da outra noite. Também usava um chapéu enorme que dissipou todos os pensamentos de beijá-la, assim como a pintura de lábios que fez um desafortunado reaparecimento. Meu Deus, voltariam para isso outra vez?

Mas ainda... ele queria beijá-la. Esfregar aquela coisa diretamente de seus lábios com a gema do dedo polegar e logo reivindicar sua boca para o tipo de beijo que a deixaria completamente sem sentido.

Lady Archer se formava redemoinhos, brincando com as enormes cordas do chapéu como se Olivia ainda fosse uma criança, conseguindo incomodar tanto a sua filha como a ele mesmo. Não sabia ela que Olivia era muito mulher?

— Se assegure de ter suas luvas, Olivia. E talvez uma sombrinha, não quer sardas para as bodas.

Olivia fez uma careta que revelava como se sentia a respeito, mas, mesmo assim, aceitou a sombrinha que sua mãe lhe estendeu e a apertou contra seu peito.

— Vamos — disse.

— Vou procurar meu chapéu — Lady Archer disse alegremente. Seu coração se afundou.

Lady Olivia o olhou com uma expressão torturada.

Seja decidido e no comando.

Não envolva Lady Archer.

— Em realidade, Lady Archer, Lady Olivia e eu gostaríamos de passar um tempo a sós para nos conhecer. Talvez todos possamos fazer um piquenique em outro momento, mas hoje será só Lady Olivia e eu.

— Mas não é apropriado — disse Lady Archer. — Os fofoqueiros já dizem as piores coisas. — Phinn estava bastante seguro de que poderia ter ferido seus sentimentos.

Mas a sério. Um homem não poderia cortejar uma garota com seus pais rondando. E ela já tinha se intrometido o suficiente.

— Talvez uma criada pudesse nos acompanhar. Mas eu gostaria de conhecer Lady Olivia. A sós.

Escutou um grito afogado por debaixo do chapéu. Era consciente de que ela se virou para olhá-lo. Ainda tinha medo de que ele a assassinasse? Ou se surpreendeu ao ouvir que se manteve firme com sua mãe?

— Bom dia, Lady Archer — disse Phinn, assentindo com a cabeça. — Voltaremos à tarde.

Phinn estendeu sua mão para ajudar Olivia a subir ao faetón. Não havia forma de que alguma vez conseguisse abordá-lo por sua conta. Por um segundo pensou em correr. Não que houvesse algum lugar onde pudesse ir, e não que chegasse muito longe com as saias enredando-se ao redor de

seus tornozelos e em especial com este gigante chapéu que obscurecia sua visão.

A contragosto, estendeu a mão e a pousou na sua. Seu agarre era firme, mas não o agarre mortal que ela temia. Por um momento, não era mais que um bonito cavalheiro que ajudava uma dama a subir à sua carruagem. Deveria ter sido um momento encantador.

Por que não poderia ser simplesmente um momento encantador?

Logo recordou que estava usado seu chapéu mais atroz e se aplicara pintura labial de novo. Era gracioso, que o único que fez foi planejar formas de repeli-lo tão completamente que romperia o contrato matrimonial, entretanto, só se sentia uma parva ao fazê-lo. E se ser malvada não lhe assentasse bem? E se ela, a *Senhorita Afetada*, só se rebelasse contra um destino inevitável?

Suspirou, seus sonhos de um cortejo encantador e um torvelinho romântico se afastavam...

Phinn conduziu a carruagem, e não passou muito tempo antes que alcançassem o perímetro do parque. Seu coração começou a pulsar com força. Guiou a carruagem pelo Rotten Row e Olivia se encolheu em seu assento, mortificada de que a alta sociedade a visse com aquele ridículo chapéu e com pintura labial aplicada deliberadamente. Justo quando pensava que não podia haver nada pior que ser vista em um estado tão ridículo com o *Barão Louco* por companhia, a carruagem dobrou por um caminho remoto que não reconheceu.

— Aonde vamos? — Sua voz tremeu enquanto perguntava.

— Planejei um piquenique para nós no parque — respondeu Phinn, mantendo seus olhos focados na estrada.

— É uma boa coisa que trouxesse a sombrinha, — respondeu Olivia — saem-me manchas terríveis sob o sol.

Isso também poderia funcionar como uma arma, só pelas dúvidas...

Se tivesse uma sombrinha com uma navalha secreta que surgisse apertando um botão discreto, em lugar desta que era tão refinada, delicada e puramente ornamental. Não a protegeria contra a chuva, muito menos dos violentos avanços de um louco assassino.

— Não precisa preocupar-se. Determinei um lugar sombrio e isolado para nós — disse Phinn, lhe dedicando um olhar enquanto sorria. Foi esse um sorriso enigmático? Um amável ou um malicioso?

— Me sentiria mais cômoda se estivéssemos em um lugar mais concorrido — disse. Ele não se atreveria a machucá-la em público.

Talvez não o faria, absolutamente, argumentou sua consciência. No baile, na outra noite, ela tinha feito um espetáculo completo de ambos. Tinha todas as razões para estar furioso com ela, tinha-os envergonhado com seu traje inapropriado, suas travessuras de bêbada, e praticamente se jogou nos braços de Lorde Harvey (cuja lembrança ainda a fazia estremecer-se). Quando Phinn estendeu a mão para

tocar uma mecha de seu cabelo, ela estremeceu, esperando ser golpeada.

Mas só tinha sido um toque terno, colocando a um lado uma mecha extraviada.

Foi um gesto íntimo de amantes. Olivia o olhou e se atreveu a imaginar, pela primeira vez, se Phinn e ela fizessem amor. Sentado ao seu lado no espaço fechado do faetón, sua musculosa coxa estava pressionada contra a sua e ela podia sentir seu forte braço. Armas que poderiam abraçá-la ou machucá-la? Levantou a vista para sua boca, uma boca cheia e sensual, e fechou os olhos, imaginando seus lábios apertados contra os dela.

A carruagem seguiu uma rota no caminho e ela foi sacudida por seus pensamentos. Uns pensamentos atroz, desenfreados, pouco femininos, que a faziam sentir o mesmo que sentiu quando se rasgou o vestido e Phinn, de joelhos ante ela, tinha-lhe dado aquele olhar.

O que queria dizer, um estranho calor se expandiu através de suas extremidades. Ela se surpreendeu inalando bruscamente, uma vez mais consciente de que seu espartilho era muito apertado. Desejou poder tirar-lhe junto com o chapéu, porque as fitas lhe estavam roçando o pescoço. Se se casassem, tiraria o vestido, junto com aquele casaco dele e todo o resto. Ela estaria sozinha, indefesa e completamente à sua mercê.

— Você gostará, estou seguro disso — disse Phinn.

— Como? — Perguntou Olivia, alarmada de que ele tivesse lido sua mente de algum jeito.

— O piquenique. Estou seguro de que você gostará dele — disse Phinn. Logo, voltando-se para olhá-la com curiosidade, perguntou: — Por quê? No que estava pensando?

— Nada significativo — disse Olivia, encolhendo-se contra o assento. Perguntou-se se notou que estava ruborizada, e se era assim, poderia acreditar que era pelo calor? Não com aquele horrível chapéu e a estúpida pintura labial. Ela suspirou.

— Se for pelo passeio, não precisa preocupar-se — disse Phinn. — Me encarreguei de tudo. Não precisa preocupar-se em pensar em nada.

Ela supôs que tentava tranquilizá-la. Já que isto foi acompanhado por um amável sorriso. Mas só lhe recordou que ele simplesmente queria uma esposa.

Uma criatura aborrecida e dócil que não precisaria usar seu cérebro para outra coisa que não fosse seguir suas ordens. Faltava lhe dizer que embora ela não soubesse exatamente o que queria, sabia que não desejava isso. Ela não era uma menina, nem um pequeno soldado ou um criado. Ela era uma mulher que queria amor.

Então a carruagem saiu da estrada completamente. Ela tampouco queria isto, pensou, agarrando o corrimão com força com uma mão e agarrando desesperadamente a sombrinha na outra. Os cavalos trotaram ao longo, puxando o faetón sobre a erva, e logo depois voltar a outro atalho completamente desolado.

— Aonde vamos? — Ela perguntou.

— Ashbrooke me falou das ruínas de um antigo coreto — disse Phinn. — Pensei que poderíamos ir ali.

Olivia sabia. O duque o tinha construído, ilegalmente e abrangendo grandes gastos, como testemunho de seu amor por Emma. Olivia estava feliz por sua amiga.

Verdadeiramente. Se alguém merecia tanto amor e felicidade, era Emma.

Mas, e eu? Não mereço o verdadeiro amor também?

Phinn amaldiçoou baixo.

— Está seguro de que conhece o caminho? — Olivia perguntou, embora as jovens nunca questionassem um cavalheiro. — Porque parece perdido.

Phinn se virou para olhá-la. Fixando aqueles olhos verdes em seu rosto. Levantou uma sobrancelha.

Emitindo seu desafio.

— Sabe o caminho?

Ela se sentiu bastante surpreendida ante isso.

— Não — admitiu em um sussurro. Neste ponto, ela nem sequer sabia o caminho de volta ao Rotten Row.

— Ah, aí está — disse Phinn com um suspiro de alívio.

De fato, aí estava. O estranho edifício construído de pedra, que tinha sido feito para parecer velho. Grossos galhos de glicinas se enroscavam ao redor dos pilares.

Um teto abobadado proporcionava refúgio do sol. Ela não necessitaria de sombrinha nem chapéu.

Um laçao tinha vindo de antemão para instalar uma mesa e cadeiras. Depois de ajudá-la a desembarcar da

carruagem, Phinn levou a cesta de piquenique que tinha sido assegurada à parte traseira da carruagem.

— Isso não é muito? Parece pesado — disse Olivia. O cesto era enorme. Deve ter preparado um festim, o que era maravilhoso já que ela estava um pouco faminta. E como parte de sua busca por quebrar todas as regras do comportamento de uma dama, ela tinha desfrutado agradando o seu apetite. Especialmente quando era provável que fosse sua última refeição.

— Sim. É muito pesado — disse Phinn. Mas o levava sem esforço. Olivia tentou, em um momento de caridade, impressionar-se com sua força e não, por exemplo, considerar como facilmente poderia apartá-la e fazer o que quisesse com ela.

Esse pensamento a fez ruborizar. Por uma vez ela não estava pensando no assassinato.

A mesa tinha sido posta com pratos, talheres e taças de vinho. Não havia muito espaço para o festim que Phinn tirou do cesto. Além de uma enorme quantidade de comida, havia garrafas de vinho branco frio e jarras de água fria.

— É um grande festim — disse, examinando toda a comida que tinha diante.

— Não estava seguro do que você gostava — disse Phinn.

Seu coração se suavizou a contragosto ante sua consideração.

— Ou para como estava seu humor.

— Isso é muito considerado de sua parte. Obrigada — disse, lhe brindando com uma amostra das perfeitas

maneiras de dama pelas quais era famosa. Ou pelas quais tinha sido. Tinha vislumbrado as colunas de intrigas dizendo: *No Almack's, Lady Olivia Archer não pôde mostrar a graça, o refinamento e as maneiras que esperávamos da Senhorita Afetada.*

Depois disso, sua mãe se recostou com um vidro de sais aromáticos durante toda uma tarde. Olivia leu todas as colunas de intrigas que caíram em suas mãos e logo considerou recostar-se em sua cama também.

— Também notei que tem muito apetite — disse.

De repente se viu acossada por um ataque de tosse. Para ser justa, ela tinha tentado comer uma quantidade ímpia de comida em sua presença, tudo para assustá-lo. Mas, mesmo assim, isso era realmente algo que um cavalheiro nunca deveria mencionar.

— Sinto-o terrivelmente — disse, parecendo seriamente doído pelo que havia dito. — Acredito que não devia mencionar isso.

— Sim.

— Só quis dizer que...

— Está bem, Lorde Radcliffe — Olivia suspirou. Ela tinha esperado que o piquenique fosse um desastre. Pelo menos, era só seu orgulho que estava ferido e não sua pessoa.

— Phinn. Por favor, me chame de Phinn. — Sorriu. E seu coração revoou. Ele era tão bonito quando sorria... se tão somente aquela cicatriz não lhe recordasse seu passado.

Sentados na mesa, Olivia observou a extensão em frente a eles. Uma suave brisa para ranger os ramos entre as

árvores. Além do leve canto dos pássaros, não havia outro som. Ela era muito consciente de que estavam muito isolados em um lugar muito remoto.

Em antecipação à refeição, ela se tirou as luvas. O *Barão Louco* fez o mesmo.

Ela viu que suas mãos estavam cheias de cicatrizes, como se lhe advertisse sobre suas atividades violentas.

— O que aconteceu com suas mãos? — Ela perguntou.

— Oh, pequenos acidentes quando se trabalha. Alguns são queimaduras ao tratar com metais quentes enquanto forjo ferramentas, outros se devem a cortes de maquinaria afiada.

— Isso não é tão nefasto como o tinha imaginado — ela respondeu.

— Lamento muito te decepcionar — murmurou. — Você gostaria de um pouco de vinho?

— Por favor — ela disse. Possivelmente um copo acalmaria seus nervos. Ela devia tomar cuidado para não beber mais que isso.

Phinn serviu uma generosa quantidade de vinho branco gelado em duas taças.

— Saúde — disse, levantando seu copo para o dela. Compartilharam um sorriso, um vacilante, e o seu ligeiramente petrificado. Seus olhares se apanharam.

Seus olhos eram realmente atraentes. Eram verdes e sombreados por cílios escuros.

E eles sabiam coisas, aqueles olhos. Eram ao mesmo tempo intrigantes e aterrorizantes.

Ela tomou um sorvo de vinho. Ele era bonito. Emma tinha razão sobre isso. Ele estava tentando conquistá-la. Ela também podia ver isso. Os homens não planejavam piqueniques elaborados em lugares românticos se não estivessem decididos a casar-se com a dama em questão.

E, entretanto, basicamente tinha confessado ter assassinado a sua esposa anterior. E agora ela estava sozinha com ele. Em um lugar afastado. Onde ninguém a ouviria gritar.

Phinn propôs um brinde. “— *Vejamos como fica*”.

As damas tomam sorvos pequenos e delicados. Ela tomou um comprido gole de vinho.

Logo outro, até que seu copo esteve quase vazio.

Phinn a olhou com curiosidade.

— Você gostaria de um pouco mais? — Perguntou, ofereceu aproximando a garrafa.

— Minha mãe desaprova o beber vinho — disse Olivia, tomando outro sorvo. — Ela diz que faz com que uma dama esqueça a si mesma.

— Beba o suficiente e se esquecerá de tudo — brincou, o que fez com que Olivia sorrisse nervosa.

O que queria ele que ela esquecesse? Seu coração começou a tamborilar em seu peito.

— Vamos, se for beber assim, deveria comer — disse Phinn.

— É claro — murmurou, servindo-se da comida que tinha diante, com o garfo e a faca em suas mãos, que podiam servir de armamento caso precisasse. Entre os talheres, as tesouras

de bordado em sua bolsa, a sombrinha e o chapéu com suas fitas, era uma verdadeira artilharia com que uma dama podia contar.

Portanto, sentiu-se capaz de experimentar uma medida de relaxamento. O vinho a tranquilizou. A comida era deliciosa. A paisagem era encantadora.

— Olivia, devo-te uma desculpa — disse Phinn, surpreendendo-a.

— Sobre o que?

— Nunca devia ter sugerido nossa aposta — disse. — Parece ter tido algumas consequências involuntárias que não previ.

— A que se refere? — Ela bebeu um sorvo de vinho perguntando-se sobre estas consequências involuntárias.

— Suponho que leu as colunas de intrigas.

— É óbvio — ela respondeu.

— Sua reputação sofreu devido às travessuras que provoquei no Almack's. Além disso, a limonada, graças a Rogan.

Espera, Prudence também não tinha acrescentado gin? Não era de estranhar que houvesse se sentido tão estranha.

— Cometi um erro de julgamento — prosseguiu Phinn. — Por isso, desculpo-me.

Olivia engoliu um sorriso. Este era o momento! Ele se equivocou ao acreditá-la uma garota dócil; ela tinha provado o contrário. Agora já não desejava casar-se com ela pelas notícias nas colunas de intrigas. Seu brilhante plano era um êxito.

Cuidando para não parecer muito feliz, respondeu em um tom cuidadosamente modulado:

— Entendo que já não deseje me cortejar ou casar-se comigo por minha reputação manchada.

— Pelo contrário, Lady Olivia — disse Phinn, seu olhar fixo nela. — Minha honra me impulsiona a te respaldar.

— Mas... mas... mas... — Gaguejou Olivia. Esta não era a forma em que se supunha que devia sair! — Mas não nos convém!

Phinn tomou um sorvo de vinho. Ele a olhou com aqueles olhos inteligentes.

— Me diga, Olivia, o que não nos convém.

Falava a sério? Olivia o olhou fixamente. Aquilo era uma insinuação de diversão nas comissuras de sua boca, ou estava imaginando coisas? Ela se sentia como se a estivesse golpeando, mas se não estava, não podia deixar passar a oportunidade de lhe assinalar que seria a pior esposa possível. Especialmente desde que ele tinha declarado sua intenção de estar ao seu lado, presumivelmente no altar.

— Bom, sou bastante coquete com os cavalheiros — disse, pensando em todos os libertinos que lhe tinham apresentado: Lorde Gerard, Beaumont, Harvey. — Certamente deseja uma esposa mais dedicada a você. E só a você.

— Isso seria preferível. — Phinn esteve de acordo. — Não me importaria compartilhar a atenção da minha esposa com outros homens.

— Também bebo em excesso — disse Olivia. Para acentuar isto tomou outro sorvo muito pouco feminino.

Quando deixou o copo, sentiu-se maravilhosamente cálida e bastante enjoada. Ela desejava recostar-se. Mas ela tinha que assinalar todas as formas em que não lhe convinha. — Se deseja uma esposa respeitável, não deve se comprometer com uma bêbada que paquera com libertinos.

Nunca tinha imaginado dizer tais coisas sobre si mesma. Tampouco tinha imaginado que estaria tão desesperada por demonstrar a um homem que não era adequada e que definitivamente não deveria casar-se com ela.

Entretanto, não lhe escapou a atenção de que havia algo de verdade no que disse: os periódicos tinham sido cruéis e possivelmente espantariam todos os outros pretendentes. Se Phinn não se casasse com ela, ela seria uma enalhada. Ela seria a única enguiço na história da Escola de Maneiras para Jovens Damas, de Lady Penélope. Mas um verdadeiro romance parecia mais importante.

— Como sabe, provoço escândalos — continuou. — Provavelmente ficaria louco com todas as cenas que eu causaria. Suponho que sua esposa anterior também te deixou louco.

— Às vezes — admitiu Phinn. — Mas eu tinha feito um voto. *Até que a morte nos separe*. Levei isso muito a sério. Então fiz o meu melhor esforço para cumprir esse voto.

Olivia empalideceu. E pegou sua bolsa para assegurar-se de que as tesouras de bordado seguiam ali no caso de as necessitar. Assegurada, ela tomou outro sorvo de vinho. Não estava fazendo com que esquecesse a si mesma, mas estava relaxando sua língua tremendamente.

— Assassinou-a porque te deixou louco? — Perguntou em um sussurro.

Phinn suspirou. Ele suspirou! O que isso significava?

— Ainda está preocupada por isso? O *Barão Louco* assassinou a sua escandalosa esposa?

— Sim! Sim, estou. Qualquer mulher estaria. Foi por isso que falou com meus pais sobre o compromisso mesmo antes de me conhecer? Por que sabia que eu me negaria?

— De que diabos está falando? — Perguntou Phinn, passando os dedos pelo cabelo. — Ashbrooke me advertiu...

— Esteve falando com o Ashbrooke sobre mim?

— Obviamente. De que outro modo poderia ter sabido sobre este lugar?

— Enquanto explora lugares apartados onde pudesse violar e se desfazer de uma mulher. Obviamente.

Phinn zombou.

— Aficionada às novelas góticas, não é? Se quer saber, o duque ofereceu um conselho a respeito de cortejar mulheres relutantes. Disse que Emma disse...

— Emma disse! — Olivia exclamou incrédula. — Não posso te acreditar! — Murmurou.

Ela tomou outro sorvo de sua taça de vinho. Encontrou-a vazia. Agarrou a garrafa, mas Phinn a deteve.

— Acredito que deveria tomar um pouco de água — disse.

— Não, obrigada — ela respondeu. — Sou uma mulher licenciosa que bebe em excesso, lembra?

Lhe dedicou um sorriso. Ignorando completamente seus desejos, encheu sua taça de vinho até a borda com água.

— Parece-me interessante, Lady Olivia, de que em todas suas razões não posso deixar de notar que não mencionou nada sobre minha pessoa.

— Se...

— Crê que minha aparência é objetável? Sei que a cicatriz é um pouco aterradora. Foi só o resultado de uma desafortunada colisão com um prato quebrado.

Olivia o olhou, realmente o olhou. A cicatriz não era absolutamente aterradora, só uma linha branca que deslizava desde sua têmpora até seu olho. Sua pele era perfeita. Seu cabelo escuro e penteado. Ele empurrava seus dedos através dele quando estava frustrado, ela se tinha dado conta. Dado o estado de seu cabelo agora, ela o tinha estado incomodando bastante no dia de hoje.

— Não — disse em voz baixa. Ela não achava sua aparência objetável.

— Acha-me aborrecido?

Ela considerou suas interações. Ele a tinha aterrorizado. A fez rir. Chateou-a.

Mas ele não a aborreceu.

— Não — admitiu.

— Está apaixonada por outro?

— Não.

Phinn se passou os dedos pelo cabelo. Deu uma breve exalação. Ele estava se impacientando com ela. Ela podia ver isso, mesmo com o ridículo chapéu que obscurecia sua visão.

— De verdade teme que eu te machuque? — Perguntou. Como ele perguntava sinceramente interessado, ela também

poderia lhe dar uma resposta honesta.

— Trouxe minhas tesouras de bordado em minha bolsa. No caso de precisar.

Phinn a olhou. Logo explodiu em gargalhadas.

— Realmente acha divertido? — Demandou Olivia.

Uma vez que deixou de rir, respondeu.

— Não é gracioso, absolutamente. Mas a alternativa à risada... — Phinn se inclinou para frente. — Me sinto atraído por você, Olivia. Deve se casar com alguém. Eu gostaria de me casar, e eu gostaria de um matrimônio diferente ao anterior. Apesar de todas as formas em que você afirma que não nos convém, acredito que o fazemos. Por exemplo, alegrei-me de saber de você, por seus pais e todos, realmente, que tinha tantos passatempos que desfrutava. Pianoforte, pintura, arranjos florais. Não me necessitará para te manter entretida todo o dia, assim poderei focar em meu trabalho.

— E de noite? — Deu-se conta de que devia estar bêbada para poder fazer esse tipo de perguntas.

— Também quero uma esposa de noite — disse Phinn em voz baixa. Sua resposta lhe enviou um calafrio pela coluna. Um calor repentino a percorreu por dentro. Um curioso desejo. E medo. Ela não poderia ser isso para ele. Ela estava muito assustada para estar à sua mercê assim. Nua, debaixo dele...

Ficou furiosamente vermelha, logo tomou outro sorvo de sua bebida. Então ela desejou desesperadamente estar em outro lugar.

Não era justo que tivesse feito todo o possível para manchar sua reputação, sem obtê-lo. E ele era o único homem que não estava aborrecido até as lágrimas por seus passatempos femininos. A injustiça de tudo era muita.

— Odeio o bordado – explodiu. — Se nunca tivesse que costurar de novo em minha vida, morreria feliz, acho o pianoforte aborrecido. Passei horas praticando as mesmas escalas uma e outra vez e só toquei as mesmas canções, já que minha mãe acredita que são as adequadas para uma senhorita. Às vezes penso em tocar canções obscenas, mas nunca me pedem que toque porque não sou tão popular como as outras garotas. Se tiver que pintar outro conjunto de frutas ou flores, ficarei louca.

— Do que você gosta? — Perguntou, como se fosse assim tão fácil. Como se não estivesse nada irritado por seu arrebatamento.

— Não sei. Nunca tive a oportunidade de averiguá-lo. E nunca saberei se estiver encerrada em sua remota propriedade em Yorkshire enquanto constrói todos os seus artefatos perigosos! Enquanto isso, viverei com medo de que chegue o dia em que encontre o mesmo violento destino que sua primeira esposa!

Olivia se tampou a boca com a mão.

As damas não têm arrebatamentos emocionais.

Phinn uma vez realizou um experimento que não produziu o resultado esperado. Pensou que era um fracasso até um ano depois, o conhecimento que tinha adquirido demonstrou ser essencial para resolver um problema muito

maior. Este piquenique era similar. Tinha esperado conhecê-la melhor. Parecia que o fazia agora, embora não saiu como o esperava.

Ela ainda lhe tinha medo. O medo impulsionava as pessoas a fazer coisas que nunca se imaginariam capazes de realizar. Possivelmente ela não era a *Senhorita Afetada*. Talvez não fosse, no fundo, uma mulher coquete e sem sentido propensa a beber, apesar da personalidade que se esforçou por projetar. Em algum lugar entre esses dois extremos estava a verdadeira Olivia, pela qual se sentiu atraído. Mas ela estava assustada.

Ele poderia, talvez, mitigar suas preocupações lhe dizendo a verdade sobre Nádia, o acidente, o final. Estava a ponto de fazer isso.

E logo tudo se foi ao inferno.

A atenção do Phinn foi arrancada de Olivia pelo som dos intrusos. Viu Rogan conduzindo uma carruagem aberta, cheia de senhores e damas que se submetiam a testes para ver até que ponto podiam espiar para fora do veículo sem cair ao chão.

Suspeitava que não estavam levando em conta cálculos sobre o peso, gravidade e outros assuntos físicos, como ele o teria feito, sem deixar tudo ao azar.

— Olá, jovens amantes! — Rogan gritou, interrompendo tudo, Phinn considerou o assassinato.

Rogan jogou as rédeas ao seu companheiro, saltou da carruagem e subiu os degraus do coreto. Como se tivesse sido convidado. O que definitivamente não tinha sido.

— Olivia, recorda de Lorde Rogan, um homem ao qual eu estava acostumado a chamar de meu amigo? — Phinn disse bruscamente.

— Associar-se no crime é uma descrição mais adequada para os gostos de um libertino como eu — disse Rogan, o que foi exatamente o incorreto. Os olhos de Olivia aumentaram enquanto olhava de um homem a outro. Logo se levou a garrafa de vinho aos lábios e bebeu um longo sorvo. Rogan a olhou com curiosidade, e quando falou, seu tom foi mais moderado. — Só pensei em ver como ia seu piquenique romântico.

— Estamos bem. Vá embora.

Olivia deixou a garrafa de vinho vazia sobre a mesa com um ruído surdo que sacudiu os talheres e a porcelana. Phinn olhou cautelosamente a carruagem de pessoas que olhavam avidamente à *Senhorita Afetada* bebendo vinho diretamente da garrafa.

— Alguém necessita de mais vinho? Posso procurar mais na carruagem — Rogan comentou.

Phinn não queria saber por que conduzia ao meio dia com garrafas de vinho escondidas.

— Em realidade, eu gostaria de voltar para a carruagem — disse Olivia, já de pé e segurando sua cadeira. — Me sinto um pouco fora de mim. Minhas pálpebras estão pesadas. E meu cérebro está... impreciso.

— Beber vinho em uma tarde ensolarada faria com que qualquer um se sentisse sonolento e indisposto — disse Phinn enquanto ela se levantava e cambaleava sobre seus pés. Ele

se levantou com um salto e uniu seus braços com a intenção de escoltá-la de volta à carruagem ou talvez a um curto passeio enquanto os intrusos iam embora.

Ela o olhou com seus olhos azuis cheios de perguntas. Uma vez que se desfizesse de Rogan, lhe daria as respostas que procurava.

Olivia se encontrou apoiada contra Phinn. Estava muito sonolenta e um pouco instável sobre seus pés, e ele era muito forte, sólido e alto, era um muro no qual podia apoiar-se.

Beber o último gole daquele vinho tinha sido uma ideia terrível; ela não tinha querido mais, mas sentia que era necessário provar seu ponto.

Qual era seu ponto? Tudo o que sabia era que estava acontecendo de novo: o desejo lutando com o medo. Seu olhar era tão cálido e afetuoso agora, mas tinha visto a fria distância em seus olhos quando se zangava.

Por um momento, foi fácil esquecer-se dos intrusos e centrar-se nos lábios do Phinn.

Ele baixou a cabeça. A beijaria? O coração de Olivia começou a pulsar com força. As pessoas estavam olhando! E se não o fizesse?

— Pôs algo em sua bebida, não é? — Rogan perguntou com um sorriso. — Inteligente.

Olivia olhou de um homem a outro.

— Envenenou-me? — Olivia ficou sem fôlego. Ela se sentia terrivelmente sonolenta e fraca. — Oh, Deus, estou morrendo — murmurou.

— Olivia, está tudo bem. Nunca faria algo assim — disse Phinn com insistência. — Nunca te faria mal. Rogan não sabe do que está falando.

— Mas me sinto tão mal — murmurou. Ela bocejou e apoiou a cabeça em seu ombro, inadvertidamente o golpeou no rosto com seu atroz chapéu. Estava muito cansada para preocupar-se.

— É só o efeito do vinho — explicou Phinn.

— Quanto lhe deu? — Perguntou Rogan. Desviando seu preocupado olhar de Olivia a um olhar muito mais crítico para o Phinn. — Parece estar sofrendo intoxicação pela ingestão de álcool.

— Uma eleição incorreta das palavras, Rogan — disse Phinn bruscamente.

Olivia o sentiu tenso. Seu agarre em seu braço se apertou. Ao olhar para ele, viu sua mandíbula apertada. Suas respirações eram curtas e superficiais. Rogan o estava zangando. Se Rogan tivesse sentido comum, se deteria. Mas estava muito cansada para dizer isso. Além disso, e se Rogan tivesse razão?

Rogan a olhou com curiosidade. Ela o olhou inexpressivamente.

— E o que continuas fazendo aqui? — Phinn conseguiu fazer a pergunta através de uma mandíbula ferozmente apertada.

— Parece ruim, Phinn. Definitivamente intoxicação alcoólica.

— Envenenada? Fui envenenada? — Olivia ficou sem fôlego. Lutando por manter os olhos abertos. O que ela ia fazer? Rogan não seria de nenhuma ajuda; ela teria que salvar a si mesma. Tentou separar-se do Phinn para procurar suas tesouras de bordar.

Phinn a segurou firme.

— Não lhe envenenaram — disse com firmeza. E logo se voltou para Rogan.

— E você, que diabos crê que está fazendo aqui?

— Só estou tentando ajudar — disse Rogan, retrocedendo com cuidado. Phinn a agarrou com força. Isto era o que lhe temia.

— Conhece meu temperamento, Rogan. Tem exatamente dez segundos para salvar a si mesmo, e aos seus amigos, do contrário...

— Irei, então — disse Rogan, tentando soar jovial. Logo se dirigiu à sua carruagem enquanto Olivia desmaiava.

Entre seu espartilho, o vestido, o vinho e o sol da tarde, ficou simplesmente oprimida.

Vagamente foi consciente de que seus joelhos cediam.

Phinn a apanhou.

Ela era consciente de que ele a levantava, segurando-a como a uma preciosa jovem em apuros enquanto a levava à sua carruagem. Sua cabeça descansava contra seu peito. O ritmo constante de seu coração a arrulhava. Ela se moveu um pouco quando se deu conta de que ele a estava levando e todos os olhavam...

— Façanhas de força! — Rogan gritou atrás dele. Se tivesse mais força teria golpeado Rogan com sua sombrinha, pensou por um momento. E logo ela dormiu.

— Nunca deve se referir a uma mulher como uma façanha de força, parvo — disse Phinn com os dentes apertados.

Jogou uma olhada ao rosto tranquilamente adormecido de Olivia. A tensão em seu peito se aliviou. Respirou profundamente. Seu pulso começou a diminuir. Ela o tranquilizava. Um pouco aliviado, Phinn pôde ver que Rogan tinha a intenção de ajudar, mas que só tinha a habilidade especial para piorar as coisas.

Por exemplo: os passageiros ruidosos e fofoqueiros de sua carruagem agora eram testemunhas de como o *Barão Louco* levava uma mulher inconsciente de um lugar afastado até sua carruagem.

Esperava rumores sobre a morte causada por sua mão em aproximadamente uma hora, o que indevidamente confirmariam todos os que o viram tentar conduzir a carruagem de volta à casa dos Archers com uma só mão, enquanto usava a outra para manter Olivia em seu lugar. Seu corpo frouxo. Seus olhos fechados. Ele sabia como se via isto. E amaldiçoou sua sorte, ou não?

Capítulo Onze

Lorde Radcliffe, mais conhecido entre a alta sociedade como o Barão Louco, não fez nada para dissipar os rumores de que ele assassinou a sua falecida esposa quando foi visto levando a forma inconsciente de Lady Olivia Archer de um coreto no Hyde Park, onde tinham desfrutado de um piquenique. A palavra veneno foi escutada. Agora é impossível que Lady Archer não se case com ele, dado que se viu tão comprometida.

Quem pensou que seria a menos provável de Londres a sobreviver à noite de bodas?

Inteligente e na moda, por uma senhora distinta
O Semanal de Londres.

— Isto não é bom — disse Prudence, baixando o periódico depois de ler a última entrega de *"Inteligente e na moda"* que não falava de outra coisa. Prudence e Olivia se encontraram com a Emma logo que tinham lido os periódicos.

Olivia gemeu e afundou seu rosto em suas mãos. Ninguém teve que lhe dizer o *"não tão bom"* que era.

— De fato, inclusive não iria tão longe para dizer que isto é mau — Emma disse sombriamente. Olivia se deixou cair de novo no sofá.

— Tampouco é bom — disse. — Minha mãe desmaiou quando Phinn me levou para casa, sem forças e quase sem vida em seus braços depois do nosso piquenique desastroso. Pior ainda: meu pai teve uma palavra com ele. Dado que não ouvi nada sobre um duelo, estou segura de que chamaram o arcebispo. Não está bem. É mau. Terrível.

— Olivia, o que aconteceu exatamente? — Emma perguntou.

— Além da parte que me envenenaram? — Olivia respondeu.

— Com o que? — Prudence perguntou, muito intrigada.

— Vinho — disse Olivia. — Possivelmente algo mais.

— Estava simplesmente bêbada — Prudence zombou. — Por que estava bêbada em um piquenique? Uma coisa é estar ébria no Almack's quando a gente adulterou a limonada. Mas pela tarde?

— Estava nervosa, temendo que fosse me violar e me assassinar no bosque — Olivia confessou. — O vinho pareceu me acalmar.

— Pensaria que quereria manter sua consciência — Prudence comentou.

— Obrigada, Prudence, por me dizer isso agora.

— Obviamente não fez tal coisa — assinalou Emma. — Nem envenenamento, violação ou assassinato.

— Não. Simplesmente conversamos — Olivia respondeu.
— A pedido dele, enumerei todas as formas em que não seríamos adequados.

— E estive de acordo com sua avaliação e ofereceu romper o cortejo? — Emma perguntou.

— Não — Olivia disse sombriamente. — Assinalou que devido a nossa pequena aposta, era sua culpa que me tivesse provocado a manchar minha reputação, portanto, estava obrigado a me apoiar.

— Muito nobre de sua parte — Emma disse. — Se for tremendamente inconveniente para você.

— Não o vi vir — Prudence disse em voz baixa. — Quem sabia que o *Barão Louco* era um homem de honra? Faz com que alguém se pergunte o que mais poderíamos ter subestimado sobre ele.

— É pior — Olivia murmurou. Ela lhes contou tudo, desde sua agonia sobre se usava o chapéu até o momento em que Lorde Rogan apareceu para estragar tudo. Se não fosse por ele, e seus amigos enganadores, ela e Phinn poderiam ter tido a oportunidade de retornar à sua casa sem serem descobertos. Todos os viram. Todos falaram.

Ninguém a quereria agora. Possivelmente o filho de um advogado de algum comerciante o faria, mas então ela seria separada da sociedade tanto quanto se a tivessem levado a uma masmorra em Yorkshire.

— Receio que terei que me casar com ele — disse com um suspiro tão melancólico que ficou ainda mais triste. — Apesar de todos os nossos esforços.

Nunca conheceria o primeiro rubor do verdadeiro amor, a deliciosa antecipação de esperar que um pretendente a visitasse, ou o doce prazer de dançar a valsa com um galã que não a aterrorizava. Era muito tarde para que ela conhecesse a si mesma, tinha perdido tanto tempo sendo a dama perfeita quando poderia ter sido a perfeitamente encantadora Olivia. Como a *Baronesa Louca*, sozinha em Yorkshire, com uma família para cuidar enquanto bordava, nunca saberia, nunca compartilharia uma união de corações e mentes com um homem que fizesse com que seu coração pulsasse mais rápido por amor, sem medo.

— Realmente não deseja se casar com ele, não é? — Emma perguntou em voz baixa, com expressão preocupada.

Olivia negou com a cabeça. A visão de sua vida como sua esposa a entristeceu. O próprio homem a assustava, porque, tudo parecia ir terrivelmente mal quando estavam juntos. Oh, houve momentos nos quais ela estava intrigada por seu trabalho ou seu passado, inclusive tentada por um beijo ou seu toque. Mas aqueles momentos eram suficientes para apoiar toda sua vida?

— Mesmo se isso significar que estaria casada para o baile de Lady Penélope? — Prudence perguntou.

— Preferiria ir ao baile de Lady Penélope como uma encalhada em ruínas — declarou Olivia, soando mais convencida do que se sentia.

Sua futura felicidade estava em jogo, e não podia ver uma maneira para que ela e Phinn fossem felizes juntos. Eles

seriam infelizes e o que aconteceu com sua primeira esposa aconteceria a ela. A loucura. O desespero. O fim.

— Então tem muito pouco tempo para causar um escândalo tão grande que nunca se recupere — disse Prudence.

— E uma noite para conhecer outro homem, apaixonar-se, e fugir-se à Gretna Green — adicionou Emma.

— Dado que não consegui fazer isso em quatro temporadas, que aconteça em uma noite seria um milagre — Olivia assinalou. — Por mais que eu queira que o plano funcione.

— Terá que se arriscar, não? — Perguntou Emma, inclinando a cabeça com um ligeiro desafio. — Especialmente se ele for tão horrível.

— Pensei que você e o Blake gostassem dele — Olivia respondeu.

— Eu gosto dele — disse Emma. — Mas te amo e odiaria ver-te triste.

— Além disso, não quero ter que ir até Yorkshire para te visitar — adicionou Prudence. — Preferiríamos que estivesse aqui em Londres.

Olivia também preferia ficar em Londres.

— Mesmo se não conhecer um homem com quem fugir, só quero uma noite em que possa ser livre — disse Olivia. — Não quero ser a *Senhorita Afetada*, a *menos provável de Londres* ou a futura *Baronesa Louca*. Por uma noite, só quero ser eu.

A tensão em seu peito diminuiu ante a perspectiva de fazer algo drástico e atrevido só para ela.

— Então temos uma noite para arruinar bem e completamente a *Senhorita Afetada* — disse Emma. — Só há um problema com esse plano. Possivelmente vários.

— Algum dia encontrarei a felicidade? — Olivia lamentou-se. — Quais são os problemas? Não posso usar um vestido escandaloso e conseguir me encontrar em uma posição comprometida com um libertino conhecido?

— É claro. Mas o que acontece depois? Estará arruinada. Basicamente está arruinada depois desse incidente no parque. Casar-se com alguém mais será...improvável.

Por um momento Olivia vacilou. Deveria casar-se com ele e esperar o melhor? Não poderia assassinar duas esposas. Quais eram as probabilidades?

— Viverá comigo — disse Prudence, apertando a mão de Olivia. — Podemos viver nossa solteirice em uma bonita cabana junto ao mar.

— E a sua tia? — Emma perguntou com cepticismo. A tia de Prudence era um pouco...

— É minha tia louca ou o *Barão Louco* — disse Prudence. — Faça sua opção.

— Meu pai provavelmente já tenha obtido uma licença especial — Olivia disse veementemente, já que a verdade era cada vez mais difícil de evitar. Nunca tinha tido a oportunidade de fazer algo mais, desde o momento em que Phinn pediu permissão ao seu pai para cortejá-la. Agora que a haviam visto inconsciente e possivelmente morta nos braços

do Phinn, realmente não havia esperança de nenhuma alternativa.

Encantada como estava por viver ao lado do mar em uma casinha de campo ordenada com Prudence, Olivia não podia obstaculizar as possibilidades de sua amiga de um amor verdadeiro. Prue merecia algo mais que estar presa com sua amiga caída como uma encalhada em ruínas, não seria recebida por ninguém.

O *Barão Louco* era sua opção mais provável e possivelmente única para o matrimônio.

A menos que por algum giro mágico do destino conhecesse outra pessoa, apaixonasse-se e fugisse com ele em uma noite. As probabilidades de que isso ocorresse eram muito baixas.

Sentiu um soluço na garganta. O que significa...

— Só tenho uma noite mais de liberdade – disse. — Uma noite para atrever-me a tentar ser alguém mais. Uma noite em que possa dançar a valsa com libertinos, roubar beijos ou paquerar escandalosamente.

— Tenho uma ideia — Emma disse, sorrindo. — É perfeito ou desastroso.

— Ou perfeitamente desastroso — refletiu Prudence.

— Há um baile de máscaras amanhã à noite — disse Emma, o que era novo para as demais.

— Não recebi um convite para isso — disse Olivia, abatida. — Já estou sendo desterrada por minha associação com o *Barão Louco*.

— Eu tampouco — murmurou Prudence. — E não tenho tal desculpa.

— Isso é porque só vão mulheres mundanas — Emma explicou com um sorriso travesso. — Blake foi convidado através de seus amigos cientistas. Escutei que tais festas são sempre eventos muito mais animados que os outros.

— Crê que o *Barão Louco* estará lá? — Olivia perguntou. — Não funcionaria se ele estivesse ali em minha noite de liberdade e possível fuga.

— É possível, suponho — Emma respondeu. — Mas ao ser tão sombrio e contemplativo, não parece ser do tipo de ir a festas tão ruidosas. Ao menos, fazem-me acreditar que são ruidosas.

— Só para estarmos seguras, — disse Prudence — podemos nos assegurar que estará irreconhecível em seu vestido e máscara. Dessa forma, será livre para relaxar com todo tipo de senhores de má reputação. Ninguém saberá que esteve ali até que retorne de Gretna com um anel em seu dedo e um homem em seu braço.

— O que direi a minha mãe? — Perguntou Olivia. Por um segundo imaginou que lhe informaria que iria a um baile de máscaras sem um acompanhante. Sua mãe chiaria, desmaiaria e iria para o seu quarto com uma pilha de sais aromáticos, deixando-a livre para ir.

— Diga a sua mãe que virá ficar comigo — disse Emma. — E logo nos disfarçaremos e iremos ao baile de máscaras. Terá uma noite em que poderá ser quem quiser, Olivia.

— Uma noite de liberdade — disse Olivia com um suspiro. — Minha primeira e última noite de liberdade.

Residência de Lorde Rogan

— Sinto muito — disse Rogan, possivelmente pela milésima vez.

Phinn o ignorou. Se o motor de diferença não estivesse atrasado tanto devido às distrações e atrasos em seu noivado, já estaria terminado. Então poderia usá-lo para somar todas as desculpas de Rogan. O mais digno de fazer seria aceitar ao menos uma delas.

Mas o motor de diferença ainda não fora construído. Parecia que se casaria com a Olivia nas piores circunstâncias. Tinha tido uma conversa com seu pai sobre isso. Não tinham outra opção no assunto agora, depois de seu comportamento impactante no baile, seu piquenique desastroso e o escândalo posterior.

Tinha vindo a Londres com duas intenções: tomar uma esposa e construir o motor. Não tinha falhado de tudo, mas tampouco podia evitar a sensação de que deveria haver ficado em Yorkshire.

— Sinto profundamente, profundamente — continuou Rogan.

Phinn o olhou pela extremidade do olho. O homem realmente parecia se arrepender do dano que tinha feito ao

convidar uma dúzia de fofoqueiros para presenciar outro fracasso romântico. Logo teve que ir e mencionar o envenenamento. Rogan não só aterrorizou Olivia depois que ele tinha conseguido acalmar seus temores, mas sim pôs-se a falar em voz baixa. O *Barão Louco* eliminava outra noiva.

O envenenamento era uma maneira tão estranha de matar gente, pensou Phinn. Insulto à ferida. Não que tenha machucado alguém, nunca. Isso era o mais ridículo de tudo: tinha mau gênio, mas nunca tinha levantado a mão a ninguém.

— Só tinha as melhores intenções.

Rogan estava, inexplicavelmente, ainda falando. Phinn só estava tentando esfriar seu sangue fervendo e acalmar seu coração palpitante. Tinha perdido as estribeiras antes e não havia tornado a recuperá-las.

Se tivesse algum veneno neste momento...

Em troca, centrou-se em inalar e exalar. E permanecer sentado naquela cadeira. Olhou para baixo, às suas mãos: os nódulos se tornaram brancos, estava agarrando os braços com muita força. Ou era isso ou golpeava o seu amigo.

Não era exatamente o que sua reputação necessitava neste momento.

Não era a primeira vez que Phinn amaldiçoava o temperamento Radcliffe.

— Foi ideia do Ralph dar a volta e ver como estavam vocês dois — explicou Rogan.

Phinn não tinha ideia de quem era Ralph, e pensou que era provavelmente melhor que ele nunca soubesse. Por seu

temperamento.

Tinha-o perdido na noite em que Nádia morreu. Ela tinha estado insistindo com ele, brigando incessantemente. Distraiu-se, porque seu trabalho não ia bem. Para piorar as coisas, tinha estado um pouco bêbado e necessitava de uma boa refeição. E ela seguiu falando com ele sobre deixá-la só no jantar, envergonhando-a diante dos serventes, aborrecendo-a...

Sua paciência acabou por romper-se. Foi o temperamento Radcliffe. Ele não tinha posto um dedo sobre ela. Mas tinha rugido “*que se fosse*”, o caso é que Nádia também tinha mau gênio. E ela correu à sua oficina com a intenção de vingar-se. Ou de ter atenção. Ele não estava seguro.

Não tinha mencionado nada disto a Olivia. Poderia havê-lo feito se algumas pessoas não os tivessem interrompido. Ele poderia lhe haver mostrado seu passado e lhe haver mostrado seu remorso. Em troca, revelou quão rápido podia passar de um cavalheiro a uma besta.

— Não pensei que Ralph quisesse danificar seu piquenique — adicionou Rogan.

Phinn finalmente fixou um olhar de aço em seu amigo, que retrocedeu.

— E como ele sabia que tinha levando Olivia a um piquenique?

— Poderia havê-lo deixado escapar — disse Rogan, movendo-se incômodo em sua cadeira. — Mas não disse que era um segredo.

— Eu gosto de manter meus assuntos pessoais em privado — disse Phinn. — Sempre. Como uma regra.

Uma regra que ninguém seguiu. Testemunha: O *Barão Louco*: a espantosa história do amor trágico de uma donzela inocente e sua morte prematura. Uma verdadeira história.

Testemunhas: as colunas de intrigas desde que chegou à cidade.

— Olhe, estou seguro de que não é tão mau como crê — Rogan disse em tom conciliador.

— De verdade? Está seguro disso? — Phinn desafiou. Pegou os periódicos que jaziam pulverizados aos seus pés. — O “*homem da cidade*” escreve: “O *Barão Louco* não podia esperar a noite de bodas. Sua nova noiva sofreu o mesmo destino que a primeira, sem sequer uma viagem pelo primeiro corredor.”

— Coisas terríveis — Rogan confirmou, secando a testa com um lenço.

— É difamação e calúnia, e deveria desafiá-los por isso — Phinn disse com voz incisiva.

— Serei seu padrinho — ofereceu Rogan com entusiasmo, como se lhe apresentasse a oportunidade de ganhar o perdão do Phinn.

Os duelos não ajudariam a ninguém. Phinn o ignorou e pegou outro papel das dúzias que jaziam enrugados sob suas botas. Um papel era uma coisa. Mas só para confirmar, tinha comprado uma seleção. Todos eles revelando variações sobre o mesmo tema horrível.

— E este diz que Olivia agora é conhecida como a *menos provável de sobreviver à noite de bodas em Londres* — disse secamente.

— Terá que lançar um desafio a esse autor também — disse Rogan. — Impugnando assim a honra de Lady Olivia.

— Essa autora é uma mulher — Phinn disse veementemente. — Não acredito que melhore minha reputação desafiar uma mulher a um duelo

— Não, melhor não — Rogan esteve de acordo.

O silêncio lhes sobreveio.

— Brandy? — Rogan ofereceu.

— Não — disse Phinn. — Quão último preciso são os efeitos perversos e nocivos do álcool em meu temperamento já ardente.

— Poderia tomar uma bebida — Rogan murmurou. Dirigiu-se para o aparador e se serviu um copo. — Tenho uma ideia. — Aventurou-se.

— Não quero escutar suas ideias — disse Phinn. — De fato, estou começando a pensar que todas as suas ideias carecem por completo de mérito.

Quando Rogan não respondeu, Phinn o olhou. Parecia realmente ferido enquanto tomava uma taça de brandy.

— Só estava tentando ajudar — Rogan disse em voz baixa. — Só quero o melhor para você. Não esqueça que também conheci Nádia.

Isto era verdade, Rogan tinha ido visitá-lo uma ou duas vezes. Todos tinham viajado a Londres, ele, Rogan, seu irmão e Nádia, e tinham se maravilhado com seu petulante e

exigente comportamento. Seu irmão vivia para servi-la. Phinn tinha visto através dela. Rogan também o tinha feito. Só George tinha sido cego por seus encantos; ele não conseguia ver seus defeitos.

Rogan inclusive tinha tentado convencê-lo de que não se casasse com ela. Mais de uma vez, como desejou ter escutado.

— Não foi fácil, Phinn. Fez o melhor que pôde. E Olivia tampouco te facilitou as coisas. Como alguém ia saber que uma solteirona teria uma aversão tão grande a casar-se?

A fúria do Phinn começou a retroceder, deixando atrás a culpa. Tinha falado cruelmente, com ira, e não deveria havê-lo feito, mesmo se Rogan merecesse.

— Esta noite há um baile — disse Rogan.

Phinn gemeu. Já tinha tido suficientes bailes e jantares cheios de convidados insossos com seus olhares acusatórios e suas intrigas sussurradas.

— Não é um assunto tedioso — Rogan corrigiu. Logo, com um sorriso, adicionou: — Uma festa do Cipriano. Um baile de máscaras. Sabe o que isso significa?

— Todos tropeçam, estão muito embriagados e com visão limitada devido às máscaras?

— Além disso. Significa que pode sair disfarçado. Uma noite onde ninguém sussurre que é o *Barão Louco*. — Tinham passado anos desde que tinha saído sem que o conhecessem. Como se sentisse que Phinn estava tentado, Rogan aproveitou sua vantagem. — A mãe da Olivia definitivamente não estará ali, te apresentando as suas aborrecidas amigas. Demônios,

não há forma de que Olivia esteja ali. Terá o resto de sua vida para cortejá-la. Esta é a sua última noite de liberdade! Depois disto, será um homem casado, sério e respeitável.

— Mas quero isso — Phinn protestou.

— Mas não quer primeiro um pouco de diversão? Talvez desafogar-se um pouco?

Phinn sabia o que acontecia quando a pressão continuava crescendo sem nenhuma liberação. Explosão. Portanto, decidiu ir à festa.

Capítulo Doze

Estes beijos bondosos amiúde têm efeitos muito ruins, e nunca podem ser permitidos sem danificar o fino brilho de requintada modéstia que é a roupa mais bonita da beleza virgem.

O Espelho da Desenvoltura

Mediante um alinhamento mágico das estrelas, Olivia conseguiu convencer seus pais a lhe permitirem passar a noite com a Emma, quem milagrosamente tinha convencido Blake a escoltar as encalhadas à festa de máscaras.

— Se as notícias saírem disso, estarei arruinado — Blake grunhiu enquanto todos subiam em sua formosa carruagem adornada com a insígnia ducal.

— Todos estaremos arruinados — Emma disse alegremente. — Mas teremos o melhor momento até então.

— Só, por favor, mantenham-se fora de problemas. Eu imploro — disse Blake, dirigindo-se às três mulheres jovens frente a ele na carruagem.

As jovens lhe deram sua palavra.

Murmuraram promessas vagas e intercambiaram olhares cheios de travessuras. Mas Olivia sentiu um endurecimento em seu peito. De repente, sentiu-se realmente feliz porque amava as suas amigas. Ali era onde ela pertencia, não em um imóvel apartado em Yorkshire. Entretanto, a felicidade era agri-doce, quem saberia se compartilhariam momentos como este outra vez? Embarcadas em uma carruagem, vestidas com seus melhores ornamentos, de caminho a uma festa escandalosa... certamente, ela não teria momentos como este como a esposa do *Barão Louco* em Yorkshire.

Entretanto, estava resolvido. Obteve-se uma licença. A não ser que...

Por isso era tão importante que vivesse cada momento ao máximo esta noite, e porque não podia prometer realmente que estaria em seu melhor comportamento. Depois de tudo, ela tinha estado em seu melhor comportamento toda sua vida e onde a tinha levado? Esta noite estava decidida a ser seu verdadeiro eu.

Longe do olhar autoritário de sua mãe, ela já se via diferente.

Usava o cabelo parcialmente recolhido, deixando longas mechas de suaves cachos loiros que lhe percorriam as costas. O vestido que tinha conseguido no último momento não se parecia com nada que tivesse usado alguma vez. Era uma seda azul-celeste com detalhes em tule preto. O corpete era escandalosamente baixo, revelando o inchaço de seus seios. À diferença de seus velhos vestidos, este se ajustava perfeitamente às suas curvas. Pela primeira vez, sentiu-se

sensual. Sedutora. Não como uma boneca vestida com renda branca, frisada e engomada a cada polegada de sua vida.

Com a máscara de cetim azul escuro que usava também se sentia como uma mulher misteriosa.

O ar na carruagem estava chispando de emoção.

— Digo-o a sério, senhoras — disse Blake. — Por favor, não me deem motivos para lamentar isto.

— Ou colocá-lo em problemas — disse Emma, repreendendo seu marido. — Como se nunca tivesse tido os irados pais de senhoritas apropriadas pedindo sua cabeça.

— Isso está no passado, e prefiro mantê-lo assim — respondeu.

Emma e seu duque só tinham olhos um para o outro. A forma em que olhava à Emma fez com que Olivia ficasse sem fôlego cada vez que o via. Seus olhos brilhavam positivamente com amor por ela. Prudence disse que ardiam. Faísca ou ardência, o duque a amava e não podia ocultá-lo. Nem sequer o tentou. Por isso estava aqui esta noite, para encontrar um homem que a olhasse assim.

— Talvez devessem conseguir outra carruagem — Prudence murmurou.

— Ou uma habitação — Olivia acrescentou amavelmente.

As duas riram brandamente. Blake e Emma exigiram saber o que era tão gracioso.

Então, finalmente, chegaram.

Olivia não tinha tido claro quem era o anfitrião desta festa, talvez Lorde Richmond, recém retornado da Índia com sua escandalosa amante da Índia, Shilpa.

Fosse quem fosse, desde o momento em que desceu da carruagem, compreendeu que já não estava em Mayfair.

As jovens não ficam boquiabertas. Mas foi impossível não o fazer.

Uma multidão de carruagens e cavalos bloqueavam o pátio. Lacaios e condutores vadiavam, fumando, bebendo, esperando e desfrutando da música orquestral que flutuava da casa. A mansão de pedra se elevava sobre eles, com quatro pisos de altura. Cada janela estava iluminada. O som de homens e mulheres rindo choveu de todas as janelas abertas. Os homens fumavam nos balcões e mulheres vestidas com pouco pano se inclinavam sedutoras contra a balaustrada.

— Já não estamos em Mayfair — Prudence murmurou.

— Vamos — Olivia disse com uma onda de excitação incontrolável. Agarrou a mão de Prue e a conduziu através das carruagens até a entrada principal da casa.

No interior, a cena que as saudou foi impressionante.

O vestíbulo era uma cena vasta e decadente. Aberto aos quatro pontos, o grande espaço estava dominado por uma enorme escada de mármore que subia cada vez mais.

Havia balcões abertos onde os homens gritavam ou se cruzavam entre si e as mulheres lançavam beijos. Olivia inclusive espiava um casal beijando-se abertamente.

Agarradas pelas mãos, ela e Prudence seguiram Blake e Emma pelo vestíbulo até o salão de baile. A orquestra tocou em som alto canções animadas. Eram seus nervos, ou tocaram cada canção mais rápido? Teria jurado que podia

sentir o baixo profundo e o violoncelo tocando ao ritmo dos batimentos do seu coração.

E logo os vestidos! E joias! Por toda parte olhava que passava outra mulher, vestida com ricas sedas em cores e cetins envoltos para fazer toda classe de sugestões indecentes. Sob a luz das velas, as joias brilhavam, fazendo gestos.

Olivia aceitou uma taça de champanhe de um servente que passava.

— Beba isso lentamente — Ashbrooke advertiu. — E não terá outro.

— É claro — murmurou. Em sua cabeça, escutou a sua mãe dar uma conferência.

As jovens não bebem. As faz esquecer delas mesmas.

Ela tomou um pequeno sorvo, saboreando a explosão de pequenas borbulhas em sua língua. Como estrelas. Como magia. Tomou outro pequeno sorvo e deixou que seu olhar vagasse pelo salão de baile, notando os homens. Eram jovens e musculosos, vestidos com uniformes de oficiais ou roupa de gala menos formal. Ninguém era muito velho, nem muito respeitável, nem sequer com suas melhores maneiras. Todos os libertinos e patifes que nunca mostrariam suas caras nos eventos da nobreza estavam ali, divagando com o tipo de mulheres que nunca ganhariam um ingresso para o Almack's.

Houve um certo calafrio no ar. Um cenário de perigo e prazer perverso.

Homens envoltos em mulheres, mulheres envoltas em homens. Os vestidos eram mais baixos. Os lenços perderam

rapidamente seu amido e as camisas dos homens se abriram na gola. Todos eles dançando grosseiramente, muito juntos. Oh... Se tivesse vindo a uma festa como esta antes.

Mas então, sabia que não poderia havê-lo desfrutado. Ela teria golpeado seu pé debaixo de suas saias. Ou olharia com desejo, pensando que nunca poderia dançar com tal abandono, ou tão perto de um homem com o qual não estava familiarizada, ou mostrar tanta intimidade em público. Depois de tudo, o que pensariam? E se não pensassem bem dela...

Ela tinha uma boa reputação. Ela tinha tratado de manchar com êxito essa reputação. Ambos resultariam em matrimônio com o *Barão Louco*, portanto, esta noite ela atuaria como desejava e não se preocuparia com o que pensassem. Esta noite era só por ela.

As portas francesas se abriram para um terraço onde os convidados se mesclavam e os homens fumavam. Além disso, pôde distinguir um jardim com tochas iluminando os atalhos. Perigo. Problema. Prazer. Aventuras.

— Se sua mãe descobrir que participei disto, — Ashbrooke grunhiu — temerei por minha vida.

— Já estou endividada para sempre — disse Olivia, totalmente impressionada pela cena que tinha diante. — E posso lhe assegurar que, se se inteirar de sua participação, não será por mim.

— Não se metam em problemas — repreendeu-a dando um olhar penetrante para ela e Prudence. Logo levou Emma para dançar.

— Já veremos sobre isso — respondeu Olivia, talvez sorrindo perversamente.

Pela primeira vez em sua vida, os homens a notaram e não apartaram a vista. Sentiu que sua temperatura se elevava de seus olhares escuros e curiosos. Mais de um sorriso libertino foi dirigido a ela. Pela terceira ou quarta vez deixou de olhar por cima do ombro para ver que formosa dama atrás dela tinha sido objeto de seu afeto. Embora todas os olhares a agradaram, nenhum a afetou tão profundamente como aquela primeira conexão com o Phinn. Mas esta noite não era por ele.

— Vamos dar uma volta pelo salão de baile, Prudence? — Disse.

Prue sorriu enquanto enlaçavam seus braços e caminhavam através do corpo a corpo.

— Isto é uma loucura — disse Prue, assombrada.

— Acredito que é maravilhoso — exclamou Olivia. — Esta é a melhor festa a que provavelmente iremos algum dia. Sente algo positivamente elétrico no ar, Prue? Acredito que me apaixonarei esta noite. De fato, estou bastante segura disso.

— O champanhe deve haver-se ido à sua cabeça — Prue comentou, rindo.

— Então, é assim que acontece? — Olivia refletiu. — Esta noite me divertirei. A fundo.

— Só tome cuidado, Olivia — sua amiga advertiu. — Estes não são cavalheiros.

Um dos não cavalheiros, um jovem bonito de cabelo escuro e penteado, chamou sua atenção. Ele sorriu quando a viu. Havia um brilho em seus olhos, especialmente depois que

seu olhar pousou em seu corpete e logo voltou lentamente para seu rosto. Sentiu-se quente e chocada, como se realmente a houvesse tocado.

— Não, certamente não o são — murmurou. Ela bebeu um pouco de champanhe e o olhou de novo. Usava uma jaqueta vermelha. Um soldado.

Seu coração começou a pulsar com força enquanto o homem serpenteava para ela entre a multidão, seu olhar sempre fixo no dela.

As jovens não se associam com homens a quem não foram apresentadas.

Quando esteve a uns metros de distância, ele se inclinou, logo tomou sua mão, dedicou-lhe um sorriso perverso e perguntou: — Me permite esta dança, Anjo?

Olivia simplesmente entregou seu copo de champanhe meio vazio à Prue e seguiu o seu soldado ao redemoinho de casais dançando.

Ela se jogou nele com uma vingança, dançando com seu soldado, logo outro e outro, um regimento inteiro, talvez. Dançou com os filhos de pares mais jovens, os homens que ganhavam a vida, ou todo tipo de cavalheiros não famosos cuja atenção a faziam sentir bela e encantadora.

Suas bochechas estavam rosadas e doídas por sorrir muito. Isto nunca aconteceu em todas aquelas festas tolas, onde quase nunca lhe pediram para dançar. Era uma lástima que horas e horas de prática de dança se desperdiçassem. Lhe deu um bom uso agora.

Isto era o que ela queria. Cada momento feliz, perverso e maravilhoso foi sublinhado com a consciência de que este era o último. Ela acabava de começar e já era o final.

Certamente, não havia nada como isto em Yorkshire, pensou Phinn enquanto se abria passo entre a multidão. Mulheres às quais não conhecia lhe fizeram gestos com os olhos ao dormitório e sopraram beijos com os lábios pintados. Se isso não fosse suficientemente avançado, mais de uma mulher permitiu que suas mãos se desviassem pela extensão de seu peito ou acariciassem a longitude de seu braço.

Poucos minutos depois de chegar, tinha perdido Rogan com uma destas formosas e vivazes sereias. Quanto a ele mesmo, honestamente não podia dizer que não desfrutava da atenção. Se alguma destas mulheres o reconhecia como o *Barão Louco*, não parecia lhes incomodar. Ali, ele era só outro libertino, só outro patife. Era uma possível cópula, uma diversão rápida.

Para falar a verdade, não podia dizer que não estava tentado. "*Uma máquina*", tinha-o chamado Nádia. Mas ele era um homem, de sangue vermelho e desejoso como qualquer outro. Mas a mulher que queria era Olivia. Assim, embora uma loira pequena e ágil pôde ter chamado sua atenção, ou uma morena roliça ronronou: — Olá — ele não se deteve. Ele se apartou.

Phinn aceitou um drink de um lacaio que passava. Desfrutava da orquestra, tocando com muito mais vigor que em qualquer das festas às que foi. Finalmente, encontrou um lugar junto a um pilar onde podia ver o tipo de folguedo que

nunca tinha imaginado. Os homens fizeram as mulheres girarem, para seu deleite, só para as aproximar. Era um baile que daria às matronas do Almack os vapores. E no meio de tudo, uma mulher com um vestido azul e uma máscara chamou sua atenção.

Phinn sorveu sua bebida e a observou dançar. Movia-se com uma graça pouco comum e uma vivacidade sem igual. Ela sorriu, suas bochechas ruborizadas. Seu cabelo caía por suas costas em cachos de ouro pálido. Ela parecia um anjo, mas...

Seu olhar se deslizou até seus seios, inchando-se sobre o corpete de seu vestido.

Ela respirou pesadamente por toda sua dança. Ele não foi o único em notar a ascensão e queda de seus seios. Phinn não gostava que todos estes homens a olhassem fixamente.

Obrigando a sua atenção a ir ao seu rosto, encontrou seu olhar atraído por sua boca. Ela sorriu, com um amplo sorriso de bochechas rosadas, e não pôde apartar o olhar.

Não, sentiu-se involuntariamente atraído pelo sorriso de uma mulher bela e feliz. De repente estava loucamente ciumento do soldado com o qual dançava. Queria que Olivia sorrisse assim para ele, como se estivesse passando o melhor momento de sua vida com ele.

Como um anjo.

O bastardo afortunado com o qual dançava deslizou sua mão ao redor de sua cintura.

Algo atou as vísceras do Phinn.

Tinha imaginado aqueles cachos loiros que Olivia mantinha tão estreitamente restringidos. Tinha imaginado seus seios, que sempre estavam cobertos com respeitáveis vestidos brancos. E a tinha imaginado tropeçando adoravelmente em seus braços...

Embora fosse escandaloso supor que Olivia estava ali, em uma festa ruidosa como esta, de repente soube que era ela.

O temperamento Radcliffe se acendeu, como se todo o champanhe nesta festa tivesse sido jogado ao fogo.

Obrigou-se a afastar-se.

Perto dali, deu-se conta de que havia outras mulheres que pareciam familiares e que tampouco pertenciam ali. Tinha uma surpreendente parecida com a amiga da Olivia, a senhorita Payton. Assim como ele, ela estava vendo a estrondosa libertinagem do lado de fora. Chamou-lhe a atenção, mas ela olhou para outro lado, decidida a ver os casais, ou uma em particular, dançando. A garota de azul e o soldado de vermelho.

As jovens não bebem em excesso.

Enquanto Olivia bebia sua segunda taça de champanhe, perguntou-se quantas lhe custaria afogar a voz de sua mãe em sua cabeça, recitando todas as regras do que uma dama fazia ou deixava de fazer. Com cada sorvo, com cada giro ao redor da pista de dança, com cada tentador sorriso daquele soldado, a voz se fez um pouco mais débil. E ela se divertiu muito mais. Era muito possível que algum dia tivesse sido tão feliz como era neste momento, com o Brendon (ou era

Brandon?), que a tinha em seus braços e a olhava como se estivesse pensando todo tipo de pensamentos pecaminosos.

— Não sei você, querida, mas poderia necessitar de um pouco de ar — disse Brendon (Brandon?).

— Sim, por favor — disse, respirando pesadamente. Ela tinha estado dançando durante a última hora, ou duas? Seu soldado uniu seus braços e a levou ao terraço.

As jovens não passeiam no terraço com cavalheiros.

O terraço estava cheio de gente. Os cavalheiros paravam em grupos, fumando cigarros e charutos. As mulheres se demoraram, afastando os homens para reuniões privadas. Havia tanta gente por uma lufada de ar que se derramaram pelas escadas, para os jardins.

Brendon (Brandon?) sorriu-lhe da maneira sedutora em que sempre tinha querido que um homem sorrisse para ela. Havia um brilho em seus olhos. Lhe devolveu o sorriso, completamente feliz, mas muito consciente de não saber o que lhe dizer. Já estavam mais íntimos fisicamente que ela com qualquer outro homem: suas mãos se desviaram durante a dança, não que lhe importasse. Mas realmente não tinham falado. Talvez romperia o gelo com uma brincadeira.

— Seu pai foi um ladrão? — Inquiriu, inclinando a cabeça com curiosidade como tinha visto outras mulheres coquetes.

— O que? — Parecia perplexo. Uma parte dela morreu quando não pareceu entender imediatamente. Logo sentiu uma intensa pontada de empatia pelo Phinn, que tinha tido a mesma reação. Também tinha temido morrer de vergonha?

— O brilho das estrelas — disse, tropeçando com as palavras. — Em seus olhos.

O libertino sorriu, logo pôs-se a rir. Zombava dela ou ria de sua astúcia? Bom, a astúcia do Phinn. Se abririam amavelmente estas tábuas e a tragariam? Agora? Por favor?

— Te mostrarei as estrelas, querida — disse, lhe estendendo a mão.

— Muito bem. — Ela pôs sua mão na sua.

Olivia não estava muito segura de como o tinha obtido, mas uma coisa levou a outra: multidões, luz em seus olhos, evitando uma pessoa e tentando saudar outra, encontrando um lugar para descansar, procurando uma melhor vista das estrelas, e ela se encontrou a sós com ele.

Qual era seu nome? Bom Deus, ela não sabia seu nome. Mas, ela o necessitava?

Para o caso de precisar, ele sequer conhecia o dela? O melhor era que não o fizesse.

As jovens não perambulam pelos jardins de noite. Especialmente sem um acompanhante. Uma dama não deve fazer nada, nunca, sem um acompanhante.

Estava sozinha com o Brendon (Brandon?). As estrelas brilhavam. As borbulhas do champagne foram diretamente à sua cabeça. Ela deveria estar lá dentro. Ela deveria estar em casa, metida em sua cama. Mas estava cansada do que deveria ser: um modelo de virtude virtuoso e recatado.

Esta noite ela queria paixão. Selvagem, insensível, que a deixasse sem fôlego.

E estrelas. Brilhantes, para recordar este momento.

E um beijo, do tipo dos que sempre tinha sido advertida. Do tipo que a debilitaria nos joelhos, esquecia seu próprio nome e com o prazer e a paixão suficientes para durar toda a vida.

— Querida — murmurou, puxando-a em seus braços. Definitivamente não sabia seu nome. Entretanto, o coração de Olivia começou a pulsar de forma agradável porque seu primeiro beijo estava tão perto que quase pôde saboreá-lo.

— Querido — repetiu, porque não estava muito segura de seu nome. Isto foi terrivelmente cruel. Mas não lhe importava. Ela tinha terminado sendo uma boa garota, uma dama perfeita. Muito bem feito.

E logo pressionou seus lábios contra os dela.

Finalmente, finalmente, finalmente, Oh, Deus, finalmente, uma das *Menos Prováveis de Londres* teve seu primeiro beijo. Seus lábios eram firmes e insistentes contra os dela.

Olivia cedeu, ansiosa por seguir seu exemplo, porque, o que sabia de beijos?

E logo teve mais do que esperava.

As jovens não se encontram à mercê de um patife.

Ele puxou-a para seus braços. Ela cambaleou para frente, rindo. Seu peito era firme e suas mãos eram cálidas e decididas enquanto a exploravam em lugares que ninguém jamais se atreveu a tocá-la. Foi emocionante, emocionante e maravilhoso.

Até que não foi.

Seu toque se fez insistente, abaixo. Saias, acima. Pensou que era uma saia leve, e obviamente não tinha ideia de que era uma das garotas mais inocentes que alguma vez fez sua estreia. Não a chamavam de *Senhorita Afetada* por nada. Não podia despir-se para um estranho, em um jardim, sem importar quantas taças de champanhe tinha bebido. Ela simplesmente não pôde.

Ela não queria. Ela queria dançar, beijar e paquerar, e logo agora se deu conta de que isso era tudo o que queria. O resto a assustava. Isto a assustava. Se ela ia fazer algo tão íntimo e atemorizante, deveria ser com um homem cujo nome conhecia.

— Não — disse, afastando-o. Porque esta noite foi por seu prazer, e isto não era assim.

— Não? — O patife riu. E logo a aproximou mais, abraçou-a com mais força e a beijou com mais força.

— Pare com isso agora — disse Olivia, invocando a voz que sua mãe usava quando tratava com serventes rebeldes e crianças problemáticas.

Brendon (Brandon?) riu brandamente em sua orelha. Ela sentiu seu fôlego quente em sua pele. Quente. Perigoso.

— Não — ela insistiu, agora lutando em seus braços. Seu coração pulsava com força, e não no bom sentido. Não. Isto era medo. — Pare. — Isto era tudo o que lhe tinham advertido. Esta era a razão pela qual as garotas não bebiam em excesso nem vagabundeavam pelos jardins com cavalheiros estranhos. Era por isso que vestiam recatados vestidos e não falavam com homens a quem não tinham sido apresentadas.

Era por isso que tinham acompanhantes. Esta era a razão pela qual seguiam as regras.

— Pare. Por favor.

Mas não o fez. As lágrimas cravaram os olhos de Olivia. Onde estavam um par de tesouras de bordar quando as necessitava?

— A senhora disse que não.

A voz áspera de um homem cortou o ar da noite. Era mais forte que seus estúpidos protestos de menina, e o descarado que a agarrava com força se deteve só por um momento para dizer: — Consegue a tua, amigo.

Olivia fez uma careta quando o rangido do punho do estranho se conectou firmemente com a mandíbula do Brendon (Brandon?). Ela fez uma careta de novo quando o soldado cambaleou pronunciando más palavras que nunca tinha imaginado. E ela ficou sem fôlego quando, depois de esfregar a mandíbula por um momento, Brendon (Brandon?) equilibrou-se, lançando-se sobre seu salvador.

Estava escuro, mas podia ouvir os grunhidos, os golpes e o rangido dos punhos ao encontrar-se carne e osso. Um ninho de patinhos parecia ter sido incomodado na briga; a mãe e os pintinhos correram em busca de um lugar mais seguro para aninhar, lhe dando um terrível susto até que se deu conta do que eram. Mas primeiro ela gritou.

Finalmente, os sons da briga cessaram e houve silêncio, salvo os leves e longínquos sons de festa na casa. Uma brisa fresca fazia ranger as folhas das árvores. Uma nuvem passou

da lua, revelando um homem que era alto, mas não muito alto.

Musculoso, mas não muito. Vestia roupa de gala, e uma máscara de dominó preta obscurecia seu rosto. Mas ela podia ver que era bonito. Uma boca firme e sensual, uma mandíbula apertada. Estava zangado com ela? Ele nem sequer a conhecia.

— Está bem? — Perguntou.

— Acredito que sim — disse em voz baixa. Ela era uma parva, cortejando um perigo assim. Ela sabia bem. Ela foi muito afortunada de que este homem tivesse aparecido quando o fez. Embora agora estivesse à sua mercê, e ela sentisse que, embora sua irritação estivesse retrocedendo, não era de tudo um anjo virtuoso da bondade e da luz. — Obrigada.

Ele não disse "*por nada*" nem fez uma brincadeira a respeito de salvar a uma donzela em apuros nem lhe deu uma conferência sobre suas decisões excessivamente parvas dessa noite. Merecia todas as conferências possíveis ou ser arrastada sem cerimônias ao salão de baile ou algo pior.

Exalou lentamente, como frustrado e tentando controlar seu temperamento. Quando falou, as palavras foram chiadas.

— Só queria se divertir — disse.

Sim. Sim, foi exatamente isso. Este homem entendeu que só queria divertir-se antes de nunca voltar a divertir-se. Quem era ele?

Ela o olhou.

Ele a olhou.

As jovens não se apaixonam por misteriosos estranhos
heróis na noite anterior de suas bodas...

Capítulo Treze

*É o cúmulo da loucura que uma jovem se encontre sozinha
em um jardim às escuras com um cavalheiro.*

Conhecimento comum entre jovens.

Ali, nas profundidades do jardim, só havia silêncio e o som de um homem respirando profundamente e exalando lentamente.

Seus olhos, ajustando-se à luz, viram aquele misterioso salvador com a forma inconsciente do Brendon (Brandon?). Ele poderia estar morto. No momento, só lhe importava que tivesse sobrevivido. Ela manteve sua inocência, sua virtude e seu ser.

Graças àquele homem.

Uma figura deslumbrante, de ombros largos, alta e misteriosa. Ele obscureceu a maior parte de seu rosto, mas ela viu sua firme mandíbula, sua boca.

Olivia o olhou.

Ele a olhou.

— Você gostaria que te acompanhasse ao salão de baile?

— Perguntou. Certamente, não a deixaria sozinha.

Este homem a intrigava. Estranhamente, ela se sentia segura com ele, talvez porque ele tinha saído em sua defesa embora fossem perfeitos estranhos. Não que confiasse em seu julgamento nesse momento. Por isso ela disse:

— Sim, mas acredito que necessito de um momento.

Logo deu uns passos e se sentou em um banco de pedra próximo. Joelhos débeis. Assim como ele, respirou profundamente. O que ela teria feito se ele não tivesse vindo?

Ela não queria pensar nisso.

Ele, quem quer que fosse, tomou a liberdade de sentar-se ao seu lado. Pela extremidade do olho, viu como com cuidado flexionava os dedos. Houve um assobio agudo e uma respiração entrecortada. Ele tinha se machucado. Por ela.

Quem quer que fosse, tinha sofrido devido a sua despreocupação sem sentido pelas regras, o sentido comum e a decência. Devido ao seu comportamento egoísta e estúpido, ele tinha sido machucado. O primeiro soluço veio, espontaneamente. E logo, outro e outro, quando se deu conta de que tinha escapado de um destino realmente horrível. Ela era uma parva. Mas teve sorte. Tinha ido cortejar a magia, a aventura e o romance. E quase se quebrou.

E mesmo assim, ela não conhecia este homem! Ele poderia ser ainda pior. Entretanto, ela se virou, fechou sua jaqueta de lã e enterrou seu rosto nela. Vagamente, notou que cheirava a lã limpa e algo que não podia identificar, mas que gostava.

Logo ele envolveu seu braço ao redor de seus ombros e a atraiu para seu abraço. Ela se aconchegou contra seu peito.

Nunca tinha tido um momento tão íntimo com um homem. Nem sequer com o Brendon (Brandon?). Nunca lhe tinham abraçado desta maneira antes. Assim não. E se sentia bem.

E ela estava comprometida com outro.

Soluçou ainda mais forte.

— Tudo ficará bem — ele disse.

— Não é verdade — ela respondeu. Não que a tivesse escutado, dado que seu rosto estava enterrado em seu lenço enquanto chorava.

— Está perdida?

— Estou-o — disse, levantando a cabeça para olhá-lo. — Estou perdida, confusa e infeliz.

Ele franziu o cenho.

— Porque é muito estranho ver um anjo tão longe do céu — disse.

Então foi sua vez de franzir o cenho.

— Oh, não sou nenhum anjo — lhe disse. — Me comportei miseravelmente, tudo está arruinado, estou arruinada. Toda minha vida está arruinada.

— Me conte sobre isso. — Olivia sentiu que seu coração suspirava, e se deu conta de que definitivamente tomou muito champanhe, porque os corações não suspiravam. Mas ela sentiu como se tivesse feito isso porque este homem queria saber sobre ela, sua vida e seus sentimentos. Ninguém, nem sua mãe, nem seu pai, nem o *Barão Louco*, tinham-lhe perguntado alguma vez sobre essas coisas.

— Oh, por onde começo? — Suspirou.

— O começo? — Aventurou-se. Ela sorriu levemente.

— Meus pais me obrigam a me casar com um homem que não amo — disse com tristeza.

Era um destino terrível. Quase tão mau como o que ela acabava de evitar. Mas quando o *Barão Louco* comesse a lhe fazer aquelas coisas, não lhe permitiria dizer que não.

— Poderia amá-lo? — O homem perguntou.

— Nunca — disse com veemência. Sentiu que seu agarre se apertava ao redor de seus ombros. Estava ele destroçado por esta trágica mudança de estrela, também?

— Algum dia?

— Nunca — disse ela com firmeza.

— Possivelmente...

— Não, desprezo-o. Não me convém — disse ela. Ele era aterrador e estava aterrorizada, por um lado. E ele nunca perguntou o que sentia ou pensava, como este homem.

— O que é tão terrível a respeito dele?

— É autoritário, ele só decide que vamos a um piquenique. Ele nem sequer pergunta se o desejo. Ele só decide e se supõe que me digam o que fazer, como se eu fosse uma menina.

— Esse bastardo — disse o homem. Ela não teria usado uma linguagem tão forte. Mas, uma vez mais, no fundo de seus ossos ela era uma dama, apesar de todo seu contrário comportamento.

— E planeja me levar ao seu desolado imóvel na zona rural de Yorkshire onde viveremos em completa solidão, estou segura de que ficarei louca, especialmente por falta de

companhia enquanto ele se consome com seu trabalho e me deixa bordar e administrar os serventes.

— Estou seguro de que estará bem – ele disse, consolando. Então, para sua surpresa, perguntou: — Preferiria ficar em Londres?

Ela apoiou a cabeça em seu ombro e sorriu, apesar da trágica situação que tinha relatado. Este homem lhe perguntava a respeito de suas preferências. À diferença de seus pais ou o *Barão Louco*, que decidiam por ela. Por que não poderia havê-lo conhecido antes?

— Sim, ao menos teria as minhas amigas – respondeu Olivia. O matrimônio era uma grande mudança; ela desejava suavizar a transição. Baixando sua voz, adicionou: — E ao menos teria gente ao redor, caso precisasse...

— No caso do que?

— Acredito que poderia ser perigoso e violento – disse em um sussurro grave. — De fato, estou segura disso.

— Isso é terrível – disse. E logo, protetoramente, perguntou: — Alguma vez te machucou?

— Não – admitiu. — Mas as intrigas...

— Perdeu as estribeiras ante você? – O homem perguntou em voz baixa.

— Não – disse ela. — Mas o que dizem...

— Ameaçou-te?

— Não, qual é o seu ponto?

— Possivelmente não tenha que lhe ter medo – disse seu *misterioso salvador de meia-noite*.

Ela tinha decidido chamá-lo *misterioso salvador de meia-noite* em sua cabeça até que descobrisse seu verdadeiro nome. Este homem que ela poderia amar. Ela sabia, no fundo de sua alma.

— Mas todos dizem... — ela protestou.

— Todos diziam que o mundo era plano, quando é redondo.

— O que tem isso a ver? — Olivia perguntou.

— Diziam que o sol gira ao redor da Terra, quando o oposto é verdade — explicou.

— Muito bem, entendo seu ponto — disse. — Não deveria escutar intrigas. Só deveria confiar nas verdades que descubro.

— Sim — disse bruscamente. — Confie em você mesma e em suas próprias experiências.

— Minha mãe diz que as mulheres fofocam.

— Receio que sua mãe esteja equivocada — respondeu. — Ninguém disse que questionar os pais era mau.

— Tem razão — disse Olivia, surpreendendo a si mesma ao aceitar. — Disse que se eu me comportasse bem e fosse uma dama adequada, um bom homem queria casar-se comigo. E agora estou comprometida com o *Barão Louco*.

— Vê, ela está equivocada.

— Suponho que provou essa tua teoria — disse.

— Não é uma teoria, é a vida.

— O que quer dizer?

— Tentou atuar de maneira menos feminina? Tentou quebrar as regras? — Ela teve que rir disso. Se ele soubesse!

— Sim — admitiu, um pequeno sorriso brincando em seus lábios. — Tentei quebrar o maior número possível delas. Brinquei com libertinos, estive bêbada, e usei quantidades absurdas de pintura para o rosto.

— E quais foram os resultados?

— Além desta conversação anormalmente franca e íntima com um estranho em um jardim? — Era possivelmente a conversação mais longa que tinha tido com um homem. Sem dúvida a mais honesta. Olivia suspirou. — Estive bêbada, fiz o ridículo e quase fui violada por um canalha de cujo nome não estou segura.

— Seguir todas as regras e ser uma dama adequada não tem te feito feliz. Quebrar as regras, suponho, não a fez feliz. Talvez devesse fazer suas próprias regras, Anjo.

Olivia apoiou a cabeça em seu ombro. Fazer suas próprias regras. As regras sempre foram criadas por outra pessoa: sua mãe, a alta sociedade, os livros de conduta que lhe deram a cada ano em seu aniversário.

— Fazer minhas próprias regras — refletiu, o pensamento lhe ocorreu pela primeira vez. Quais seriam suas próprias regras?

— Faça só o que te agradar, Anjo

— E se eu não souber? Nunca tive a oportunidade de sabê-lo. Agora temo que nunca o farei. O *Barão Louco* me obrigará a seguir suas regras. Ele quer uma esposa correta.

— Os homens dizem que querem uma esposa correta, — disse — mas logo se dão conta de que querem uma mulher que os fascine, que se preocupe com eles, querem que uma

mulher os ame, então lhe prometo isso, será capaz de estabelecer suas próprias regras e seu marido não tentará te deter.

— Como sabe?

— Só sei — disse, dando outro apertão em seus ombros.

— Em nome dos cavalheiros decentes, dê uma oportunidade ao seu prometido, possivelmente ele não é horrível, e então, se for muito ruim, fuja.

— É bastante amável — disse ela, voltando-se para olhá-lo. Ambos usavam suas máscaras. Como se nenhum quisesse ser ele mesmo neste momento.

— Nem todos são patifes — respondeu.

— Se tivesse te conhecido antes... — Olivia disse com um suave suspiro.

Ele se virou e ela trocou seu olhar aos seus lábios.

Ela pensou em lhe beijar apesar de toda a lógica e a razão. Queria beijar este homem.

Embora acabasse de descobrir quão perigosos podiam ser os cavalheiros. Se sentia atraída por este homem de uma maneira que nunca havia acontecido, e de algum jeito os poetas falavam dela. Querer beijá-lo simplesmente a fazia se sentir bem.

E, além disso, ainda queria saber do que os poetas (e outras garotas) tinham estado falando quando se estava em êxtase por um beijo.

Foi um momento incômodo; não acreditava que ele pretendesse beijá-la. Mas seus lábios se chocaram e então não havia forma de que ela pudesse deter-se.

Este beijo foi gentil, a pressão de sua boca contra a dela era tão leve que se encontrou inclinando-se para mais perto dele para aprofundar este beijo. Foi lento, seus lábios roçaram ligeiramente os dela, com tanta leveza que não deveria havê-lo sentido, mas o fez, tudo, como se todos os seus nervos estivessem em sintonia com o mais leve toque.

E logo o beijo se aprofundou, ele brincou com seus lábios e ela se abriu para ele, pronta para seguir seu exemplo. Pronta para experimentar o prazer daquele beijo, já sabia que seria diferente. Este foi o primeiro beijo que ela tinha sonhado e devia ter tido e ela confiava nele, quem quer que fosse.

Como agora estava fazendo suas próprias regras, fez o que queria fazer, que era enredar seus dedos em seu cabelo. Era suave, como a seda, entre seus dedos. Como se fosse a permissão que necessitava, seu *misterioso salvador de meia-noite* aprofundou o beijo. Suas línguas se tocaram e brincaram enquanto se provavam. Estava começando a conhecer este homem de uma maneira que não conhecia ninguém mais.

Brandamente, ele apertou seu rosto com suas mãos. Se tivesse sido Brendon (Brandon?) poderia haver-se sentido apanhada. Com este homem, ela se sentia querida, a maioria dos homens nem sequer quiseram falar com ela, mas este não queria deixá-la ir. Isto é o que ela queria. Por isso arriscava sua reputação e virtude. E agora que o encontrou, como poderia soltá-lo?

Olivia se separou do beijo para perguntar a este perfeito desconhecido, este par perfeito, uma pergunta completamente

louca. Lhe acariciando a bochecha com a palma de sua mão, seu olhar se pousou em sua boca e logo se elevou até seus olhos.

Seu coração pulsava com força, mas ela teve que perguntar:

— Se casaria comigo?

Na escuridão, ela viu seus olhos escuros e seu sorriso ligeiro e melancólico quando disse: — Não essa noite.

Capítulo Quatorze

O único que se pode dizer cortesmente sobre as bodas de Lady Olivia Archer e Lorde Radcliffe é que aconteceu. Foi bastante incerto por um momento.

Miss Harlow em Matrimônio da alta sociedade.

O Semanal de Londres.

Às onze da manhã era oficial, ela agora era Lady Radcliffe, o destino que ela tinha temido e tinha protestado tão veementemente agora era o seu.

Durante a pequena e íntima cerimônia no salão, ela tinha tropeçado com as palavras "*submeter-se*" e "*obedecer*". Ao vigário não pareceu importar. Tampouco aos seus pais. E Phinn? Sua expressão era inescrutável. Só aparecia aquela cicatriz, que era tão ameaçadora. E a linha firme de sua boca. E aqueles olhos verdes que os seus não podiam olhar.

Faça suas próprias regras, havia dito seu *salvador de meia-noite*, possivelmente ela tentasse amanhã. Este dia, ela sentia muita tristeza de que este era o dia de suas bodas em lugar da alegre ocasião que sempre tinha sonhado. Lamentou

que não tivesse conhecido aquele homem do jardim antes, porque parecia entendê-la; e tinha medo pelo futuro.

Por que, o que esta noite traria? E cada noite depois desta? Cada vez que pensava sentia seu espartilho muito apertado. Ela não conseguia respirar. Seriam os beijos rudes e inflexíveis, como com o Brendon (Brandon?)? Ou seria a dança lenta e perfeita, como com seu *misterioso salvador de meia-noite*? O *Barão Louco* a beijaria?

Esperava ser levada à Yorkshire imediatamente depois do banquete das bodas.

Portanto, estava confusa quando a carruagem se deteve, uns minutos mais tarde em frente ao Hotel Mivart na Brook Street, em Mayfair.

— Estamos aqui — disse Phinn.

— Um hotel? — Perguntou-lhe, levantando seu olhar para ele, surpreendida. — Pensei que viajaríamos à sua propriedade e viveríamos ali.

— Poderíamos fazer isso algum dia — disse. — Mas tenho negócios em Londres e pensei que preferiria estar perto de suas amigas enquanto ainda nos conhecemos, não queria alugar uma casa sem consultá-la primeiro.

Ante este inesperado indulto, Olivia sentiu que a tensão em seu peito se acalmava. Sua louca locomoção à sua remota propriedade esperaria. Teria a comodidade de suas amigas nestes primeiros dias de seu matrimônio.

Possivelmente...

Phinn tinha mais a dizer:

— Quero que seja sincera e me diga se há algo que prefira, por favor.

Possivelmente ele não seria tão horrível e insensível como ela tinha temido.

Pela primeira vez em todo o dia, conseguiu respirar por completo, possivelmente não estaria tão só depois de tudo, possivelmente ele não fosse autoritário e dominante, possivelmente ele consideraria seus desejos. Neste caso, de algum jeito tinha conseguido saber o que ela queria.

Como o homem no jardim a tinha entendido, se ela o tivesse encontrado antes, se ela não o tivesse perdido.

Não tinha nem ideia de como encontrá-lo, embora Deus soubesse que depois ficou louca pelo assunto, sua mãe não lhe tinha dado um momento no qual pudesse encontrá-lo, se soubesse onde olhar.

Portanto, ela estava ali agora, no lobby decorado com ostentação do Hotel Mivart, no braço de seu marido. Homens e mulheres bem vestidos descansavam nos sofás, muitos conversando em idiomas estrangeiros.

Foram conduzidos a um formoso conjunto de habitações, com duas habitações contíguas a um grande salão decorado em suaves tons azul pálido e verde. As janelas grandes davam à rua Brooke.

Olivia passeou pela habitação observando todos os móveis e pinturas. Phinn estava mendigando cada noite que passavam nesta suíte, ou era realmente rico. Nunca tinha se detido a considerar isso. Discretamente jogou olhares para

ele, notando a maneira tranquila e eficiente com que tratava com os serventes. O que mais ela não sabia dele?

— O que acha? — Perguntou Phinn, parando junto a ela, referindo-se à suíte.

Ele apertou suas mãos atrás de suas costas. De repente se deu conta do alto e forte que era. Por uma vez, não pensou em como poderia dominá-la, mas como poderia aconchegar-se em seus braços em busca de consolo.

— É encantador — disse, lhe oferecendo um sorriso tímido. — Viu que seu amigo, Lorde Rogan, nos deixou uma garrafa de champanhe? — Tinha-a visto quando olhava a habitação. — Isso é amável de sua parte.

Não que ela estivesse com humor para champanhe depois do baile do Cipriano. Ou aquela noite no Almack's. Agora que estava fazendo suas próprias regras, preferia pensar que não beberia em excesso.

— Intrometido, diria eu — Phinn respondeu secamente. Olhou ao redor da habitação com os olhos entreabertos, como se procurasse mais "*presentes*".

— Não estou muito segura de poder dar sentido à nota que deixou — disse Olivia, arrancando o pequeno cartão.

— O que diz? — Perguntou Phinn, parando atrás dela e lendo sobre seu ombro. Com ele tão perto, não podia concentrar-se em decifrar a letra de Rogan. Em troca, surpreendeu-se pela necessidade de recostar-se contra seu peito e em seu abraço.

Tinha sido tão encantador e reconfortante quando o bom homem do jardim a tinha abraçado. Seria o mesmo com o

Phinn?

— Oh, esse bastardo — jurou Phinn.

— O que é isso? — Perguntou Olivia, volteando-se para ele, e agora ainda mais intrigada.

— Nada — disse, metendo o cartão no bolso. — Me deixe te mostrar suas habitações. — Estreitou a mão e a conduziu através de um par de portas duplas.

Seu dormitório era formoso, a espaçosa habitação também tinha janelas grandes, paredes de cor amarela pálido, um pequeno conjunto de móveis diante da lareira e uma formosa cama com dossel, sobre a qual se pulverizavam uma variedade de livros e publicações periódicas. Enquanto Phinn dava instruções à criada sobre sua bagagem, Olivia recolheu com curiosidade um dos periódicos.

O primeiro que notou foram as imagens. Eram periódicos de moda? Sim, assim era, eram um presente encantador, com prazer passaria seu primeiro dia de matrimônio nesta cama, examinando as últimas modas, decidindo o que comprar agora que não necessitava da aprovação de sua mãe.

Mas ao olhar mais de perto, Olivia se deu conta de que as mulheres das fotos não estavam usando roupa. De fato, tampouco os cavalheiros. Que demônios era isso? Ela olhou mais perto ainda. Em que estranhas atividades se envolviam?

Os homens e as mulheres estavam estendidos na cama com as extremidades enredadas... e dobrados sobre escrivaninhas... e dobrados sobre os sofás. Veio à mente de Olivia que estas eram representações *do ato*.

Ela inclinou a cabeça e passou a página. Então isso é o que estava debaixo da folha de parreira nas estátuas no Museu Britânico.

Olhou ao Phinn. Queria ele que fizessem todas estas coisas? Sua mente imediatamente evocou uma imagem deles em tais posições. Um homem ajoelhado ante uma mulher que estava sentada em uma cadeira com as pernas estendidas a um grau pouco feminino.

Uma mulher escarranchada sobre um homem nu deitado em um colchão. A boca de uma mulher sobre um homem em... Fechou rapidamente a publicação, com as bochechas ardendo.

Sentiu uma sensação inquietante no ventre e uma onda de calor se estendeu por suas extremidades. Não era diferente à sensação que tinha experimentado quando beijou o seu *misterioso salvador de meia-noite*. Foram as imagens mesmo ou sua imaginação que representou ela e o Phinn em tais estados?

— O que é isto? — Perguntou ela, assinalando o conjunto de publicações. Sua voz soava estranha aos seus ouvidos. Deus, se daria conta?

— Me deixe ver — disse, soando tão curioso quanto ela. Olivia lhe entregou o que tinha estado olhando e pegou outro.

Ela ofegou quando Phinn imediatamente o arrebatou de suas mãos.

Em troca, ela pegou outro.

— Estas são as coisas que deseja que façamos? São instrutivos? — Inquiriu. Lhe preocupava que ela não soubesse

nada? Supunha-se que devia ser inocente, não? Era essa uma nova arte para as damas, depois de uma cuidadosa investigação e prática diária? Sua mãe lhe acabava de dizer: *“As mulheres ficam quietas e deixam que seus maridos façam o que quiserem”*.

Olivia tinha perguntas. Phinn não tinha respostas.

— Não, simplesmente não importa — disse em um apuro, ficando vermelho. — Não deveria ver isto.

— Por quê? Se isto representar o que acredito que é... — disse Olivia, franzindo o cenho, insegura de como terminar o pensamento. — Minha mãe disse que eu tinha que ficar muito quieta, mas não mencionou nada sobre uma escrivanhinha...

Não estava muito segura do que fazer com as estranhas sensações que lhe proporcionavam as imagens ou como interpretar a mandíbula apertada do Phinn e seus olhos obscurecidos.

— Não diga mais, lhe rogo — disse. Soou, estranhamente, como se o estivessem estrangulando. Logo se apressou a reunir todas as publicações, mas algumas seguiram escorregando-se e caindo. Enquanto tentava as apanhar, mais caíram ao chão. Olivia se inclinou para ajudar a recuperá-las, suas cabeças colidiram no processo.

— Oh! — Ofegou, esfregando sua bochecha justo debaixo de seu olho, onde se tinha conectado solidamente com sua testa.

— Está bem? — Perguntou Phinn, jogando-as ao chão para alcançá-la, preocupado, tocou meigamente o lugar onde se golpeou, ela fez uma careta, mas não por seu toque.

— Estou bem e você?

— Sim — disse, esfregando a testa. Foi então que notou os hematomas em seus nódulos inchados. — O que aconteceu com suas mãos?

— Nada — disse, embora algo obviamente tivesse acontecido. Apressou-se a recolher todo o material escandaloso. Um livro se abriu em uma página de ilustrações, depois de uma inspeção mais próxima, sua boca se abriu em estado de choque quando viu fotos de mulheres com suas saias recolhidas, expondo tudo. Cavalheiros, também em estado de despir-se, abraçando e acariciando as mulheres.

— São teus? — Aventurou-se.

— Definitivamente não são meus — disse com veemência.
— Pertencem a alguém que conheço.

— Alguém que conhece? — Perguntou, alarmada. — Quem?

Já tinha uma amante? O que importava a ela, de todos os modos? Ao menos poderia ser discreto a respeito em sua noite de bodas.

— Rogan. Isto é o que Rogan faz — disse Phinn com força. — E será a última vez que se intromete... — Sua voz era tensa. Sua mandíbula estava apertada. Havia um olhar distante em seus olhos que a assustava.

— Phinn — disse em voz baixa.

— Desculpe-me — disse com rigidez, então ele fixou seu olhar em seu rosto e respirou profundamente, como se tratasse de conter seu temperamento. — Talvez você gostaria de se deitar. — Quando ela abriu os olhos com alarme,

rapidamente acrescentou. — Para descansar. Só para descansar, tenho que sair por um momento.

— Aonde? E quando voltará?

— Fique aqui — disse bruscamente, tão bruscamente que se surpreendeu nesse momento, deu-se conta de que, até esse momento, Phinn nunca lhe tinha falado com dureza.

“Fique aqui, esposa, espera”. — Tinha estado casada menos de um dia e já era tudo o que temia.

Phinn não foi muito longe porque, ao que parecia, Lorde Rogan não podia ir-se longe. Ela foi alertada de sua chegada pelo enfurecido rugido do Phinn.

— Que demônios está fazendo aqui?

Olivia levantou a vista do único livro que se deslizou para debaixo da cama e que Phinn não tinha podido recolher, colocou-o debaixo do travesseiro, abriu a porta, apenas uma fresta e apareceu.

— Estou a caminho do meu clube — disse Rogan jovialmente, como se estivesse alheio à fúria do Phinn. — Pensei que deveria ver como foram as coisas.

— Alguma vez te ocorreu deixar um homem e a sua noiva a sós em sua noite de bodas?

— Encontrou o champanhe, não é? — Perguntou Rogan. Logo, baixando a voz. — E as outras coisas...

Phinn fez uma pausa furiosa para gritar:

— Que demônios estava pensando, Rogan?

— Pensei que seria útil — disse Rogan, soando notavelmente impermeável ao temperamento do Phinn. Ela não era o objetivo, mas seu coração se acelerava enquanto

permanecia escondida atrás de uma porta com fechadura. Como o homem podia permanecer ali imune à fúria do Phinn? Era desconcertante, ele era incrivelmente valente ou muito tolo, sabia que Phinn era todo latido e sem dentadas, embora os hematomas em seu punho sugerissem o contrário.

— Pensou que ajudaria aterrorizando-a?

— Supõe-se que é inspirador, estimulante, se quiser — disse Rogan, balançando-se sobre seus calcanhares.

— Não para as virgens. — Phinn mordeu as palavras.

— Mas sim para seus maridos. — A brincadeira de Rogan se desinflou.

— Oh, isso não é verdade — rugiu Phinn, o que Olivia achou imensamente intrigante. É óbvio que tinha estado com outras mulheres, tinha estado casado.

Faziam as coisas das fotos? Não estava muito segura de como se sentia a respeito.

— O que é certo é que ultrapassou, foi muito longe desta vez, Rogan. Não sei o que é pior: que deixe materiais tão ofensivos na habitação da minha esposa ou que tenha voltado para ver como foi.

— É esse o agradecimento que recebo por todos os conselhos que te dei? — Rogan replicou, ferido. — O conselho, que poderia assinalar, ajudou-te a conseguir a garota.

— Há tantas coisas erradas com essa afirmação que nem sequer sei por onde começar. — Olivia olhou através de uma greta na porta quando Phinn se passou os dedos pelo cabelo, frustrado. — Seu conselho foi terrível.

— Qual, lhe mostrando quão forte é? — Rogan perguntou.

— Não é exatamente a ideia mais brilhante quando acredita que sou um assassino — disse Phinn. E Olivia recordou aquele estranho comentário a respeito de "*façanhas de força*". — Não estou seguro do que é pior: isso ou sua sugestão de que lhe dissesse quão grande e remota é minha propriedade.

— Como ia saber que todas as jovens ainda estavam mexericando sobre isso? — Rogan desafiou.

— E todas aquelas linhas estúpidas! — Prosseguiu Phinn. — Seu pai é um ladrão? Estrelas em seus olhos? Meu Deus, que diabos está mal contigo!

Os lábios de Olivia se separaram quando as peças começaram a juntar-se, tinha estado seguindo o conselho de Rogan todo o tempo. O terrível e horrível conselho de Rogan. Mas por quê?

— Funcionaram para mim — desafiou Rogan, o que só pareceu enfurecer mais o Phinn. Em um tom mais conciliatório, adicionou: — E de todos os modos, só estava tentando te ajudar.

— Não quero mais sua ajuda, não posso acreditar no que fez — disse Phinn. E logo, grunhindo. — E que esteja aqui.

— Olhe, só pensei que se as coisas não fossem bem — Rogan disse, de repente soou incômodo.

— O quê? — Phinn cuspiu a palavra. — O que pensou?

— Que quisesse companhia — disse Rogan brandamente, Olivia sofria pelos dois. Só tinha estado tentando ajudar, mas

por que acreditava que Phinn necessitava tanto?

Provavelmente porque ela tinha reagido tão horrivelmente a todos os seus esforços prévios para ganhar seu afeto. Ela tocou seus lábios. Só tinha estado tentando cortejá-la com o conselho de seu bem intencionado, mas travesso amigo, e ela o tinha feito impossível.

— Não tem nenhum pouco de confiança em mim — murmurou Phinn com gravidade, seu coração se quebrou um pouco então. — Só... vai embora.

— Mas...

— É minha noite de bodas, não quero passá-la contigo.

A porta da suíte se fechou de repente, tão firmemente que a porta golpeou as dobradiças. Olivia fechou brandamente a porta de sua habitação, tinha respostas a perguntas que não tinha pensado fazer.

Tinha arruinado tudo desde o momento em que aplicou um pouco de pintura para os lábios? E mesmo assim, ele tinha retornado. Nunca lhe tinha gritado como o tinha feito com seu amigo. Nunca lhe tinha levantado a mão.

Olivia se ajoelhou junto à porta.

Mas ao mesmo tempo... esse seu temperamento lhe tirou a respiração ao recordar o brilho de fúria em seus olhos e a fúria mal contida enquanto passeava pela habitação. Para demonstrar seu ponto, a porta se fechou de novo. Foi-se?

Correu para a janela e olhou para fora. Depois de um momento, viu os rápidos e decididos passos do Phinn pela Brook Street.

Ela sabia que seu matrimônio seria um desastre.

Ela simplesmente não tinha esperado o impulso de arrumá-lo.

Mais tarde, nessa noite, Olivia estava sentada no sofá, esperando o Phinn. Muitas perguntas sobre ele e seu desastroso cortejo lhe impediam de dormir. Tinha tentado distrair-se com uma leitura dos livros perversos que lhe tinham escapado, mas só a expuseram a mais perguntas. O sentido comum lhe impedia de aventurar-se nas ruas de Londres para procurá-lo.

Portanto, esperou ansiosamente o seu marido em sua noite de bodas. Ele estava com outra mulher? Ela, de algum jeito, duvidava disso. Estava em seu clube? Ou vagando pelas ruas?

Era passada a meia-noite quando finalmente retornou.

— Ainda está acordada — disse Phinn quando a viu.

— É nossa noite de bodas — Olivia disse em voz baixa.

— Sim, uma noite de bodas que não queria — disse. Não tinha sentido protestar. Mas agora que estavam ali, ela via as coisas de maneira diferente.

— Tinha medo — explicou. — E não me dava conta...

— Olivia, é tarde — disse Phinn, com sua voz esgotada. — Nenhum dos dois está bem esta noite.

Não foi a noite de bodas perfeita, romântica ou encantadora que tinha esperado.

Tinha estado tão obcecada querendo o cortejo perfeito que tinha arruinado o que poderia ter sido uma boa eleição. Entender tanto lhe permitiu compreender que talvez Phinn tivesse suas próprias ideias de romance e que as continuou

frustrando. Ela o tinha empurrado longe; portanto, tinha que aproximá-lo mais se quisesse o matrimônio amoroso com o qual ainda sonhava.

Capítulo Quinze

"Faça suas próprias regras."

Resultado da noite misteriosa.

Uns dias mais tarde

Às onze da manhã, Olivia se encontrou revolvendo seus pertences em busca de sua cesta de bordar, embora odiasse o bordado, mas isso era o que fazia às onze da manhã com sua mãe, costurar e planejar suas visitas do dia.

Olivia encontrou sua cesta de bordar, sentou-se com ela e começou a costurar.

Foi calmante.

Não, foi aborrecido.

Ela olhou ao redor do salão, estava sozinha. Phinn se tinha ido com a primeira luz, a alguma parte, para construir o motor, supôs. Retornava tarde na noite. Esta tinha sido sua rotina nos últimos dias. Ele se ia, e ela se apegou ao cronograma com o qual tinha sido criada porque não sabia o que mais fazer. Tampouco podia sair com aquele hematoma

na bochecha. Já tinha dado suficiente alimento aos fofoqueiros.

Mas hoje em dia não podia ganhar o entusiasmo pelo bordado ou ficar ali.

Tampouco acreditava que tivesse que fazê-lo.

Phinn não saberia se ela não fizesse seu bordado. Provavelmente não lhe importaria. Porque se ele se preocupasse com ela, provavelmente não teria desaparecido, em essência.

Sua mãe não saberia se se desviou do horário que tinham seguido toda sua vida. Entretanto, Olivia olhou ao seu redor furtivamente antes de pegar a maior parte de sua costura e colocá-la debaixo do sofá.

“Faça suas próprias regras”, havia dito seu *misterioso salvador de meia-noite*. Seguir as regras não tinha funcionado. Quebrar as regras não tinha funcionado. Talvez houvesse um pouco de mérito no que lhe havia dito.

Possivelmente ela pudesse ir buscá-lo.

Ela jogou uma olhada ao relógio. Eram cinco e onze. Ela estava sozinha. Muito sozinha.

Pensando nas possibilidades que isso lhe permitia, lhe escapou uma risadinha. Podia abordar um navio e zarpar para a América se desejasse! Certamente não tinha que passar uma hora com suas aquarelas, e não havia nenhum piano para praticar, embora quisesse.

Dadas as escandalosas circunstâncias prévias às suas bodas, o fato de que se casou com o *Barão Louco* e sua residência era um hotel, não esperava muita companhia.

E se viesse alguém, simplesmente mandaria dizer que não estava nesse momento.

Possivelmente diria que estava indisposta.

Olivia pensava enquanto estava recostada no sofá, que poderia fazer o que quisesse.

Obviamente, Phinn não estava preocupado por como passava o tempo, porque se lhe importasse, poderia havê-lo passado com ela. Ou ao menos faria perguntas. Evitou pensar na estranha sensação similar à tristeza que experimentou com este pensamento.

Quase como se tivesse desejado passar o dia com ele. Havia tantas perguntas que desejava lhe fazer. O que aconteceu com suas mãos? Por que tinha seguido o conselho de Rogan? O que exatamente aquelas pessoas estavam fazendo naqueles livros? Por que não desejava passar o dia com ela? Por que não podiam falar, ou fazer outro piquenique, ou fazer uma das coisas daquele livro?

Tinha querido que Phinn a deixasse, antes de casar-se, quando poderia encontrar outro par. Por que lutou tão duro para casar-se com ela se só ia ignorá-la?

Olivia decidiu que poderia chamar Emma e Prudence para uma viagem à costureira em lugar de descansar na suíte de seu hotel por um dia mais.

Ela fez isso. Viajaram juntas na carruagem de Emma até Madame Auteuil's, na Bond Street.

— Pensamos que demoraria mais em sair da habitação — Emma disse imediatamente, dissipando as esperanças de Olivia de não falar disso. — Com seu novo marido.

— Atrave-se a sequer perguntar como vão as coisas? — Prudence perguntou nervosamente.

— O que realmente quero dizer é que conte de sua noite de bodas — Emma disse com um sorriso travesso que ordinariamente a teria feito rir. Exceto que sua noite de bodas tinha sido outro desastre.

Olivia vacilou, recordando o que tinha escutado durante a conversação do Phinn com Rogan. E por conversa se referia a troca argumentativa de orações entregues em volume superior. Estranhamente, sentia como uma traição revelar o que tinha escutado, supunha-se que não devia saber quanto a tinha cortejado.

Mesmo agora se sentia envergonhada de seu comportamento e do desejo de compensá-lo.

— E então? — Prudence estava impaciente.

— Deixou-te sem palavras? É um bom sinal — disse Emma.

— Não aconteceu nada — disse Olivia. Não podia explicar que quão único aconteceu foi uma briga que tinha escutado às escondidas. O que ela tinha aprendido a punha muito triste.

— Nada? — Emma ecoou.

— Visitamos nossa suíte. Logo saiu — respondeu Olivia.

— Chegou em algum momento a uma porta? — Inquiriu Prudence.

Perplexa, Olivia respondeu:

— Não, por quê?

— Há um hematoma em sua bochecha — disse.

— Oh, isso — disse Olivia, tocando ligeiramente o leve hematoma, que estava grandemente desvanecido. Sorriu por como tinha chegado a isso. — Chocamos nossas cabeças juntas.

Tanto Emma como Prudence eram obviamente imensamente céticas. Depois de tudo, estava casada com o notoriamente perigoso *Barão Louco*. Mas foi um acidente tolo durante um encontro ridículo.

— Está tudo bem, Olivia? — Perguntou Emma, ao mesmo tempo que a olhava com um olhar severo e inquisitivo.

— Estou bem. Suponho — disse Olivia, suspirando. Graças a Deus, a carruagem se deteve em frente à loja de madame Auteuil nesse momento. — Agora vejamos como conseguir um novo guarda-roupa.

Agora que estava casada, embora só fosse no papel e não na verdade, já não usaria o branco, o marfim e a casca de ovo que a faziam parecer um anjo descolorido ou um fantasma virginal. Selecionou os vestidos que sempre quis.

Emma e Prudence foram excelentes companheiras. Debateram seriamente os méritos entre uma seda azul marinho e um cetim azul cerúleo. Juntas, consideraram seriamente se um tom de melão amadurecido era adequado para a noite, quando ninguém poderia ver o que Olivia fazia.

— Possivelmente possa necessitar de roupa interior, Olivia — disse Emma, discretamente.

— Por quê? — Olivia perguntou, mas sua mente vagou para aquelas imagens que tinha visto. As mulheres, se

usavam algo, usavam delicadas roupas de renda, como nunca tinha visto, na realidade.

— Porque estou segura de que as que estão em seu enxoval... não estão de tudo bem — Emma disse, baixando a voz. — A minha não estava.

— Quer dizer singelo, virginal, e não o tipo de restos de tecido que despertam o lado desenfreado de um homem — explicou Prudence, o que supôs a pergunta de como ela sabia tais coisas. Por outra parte, Olivia suspeitava que ninguém levava a vida tão protegida que ela teve.

— Os homens têm lados desenfreados? — Ela perguntou.
— Ou só as mulheres?

— Está evitando a pergunta, Olivia?

— Que pergunta?

Emma pediu desculpas as costureiras e as três mulheres se acomodaram no pequeno vestiário. Prudence fechou firmemente as cortinas de veludo.

— Tem...? — Começou Emma.

— Conhece seu marido no sentido bíblico? — Concluiu Prudence.

— Fez-lhe amor? — Perguntou Emma.

— Cumpriu a lei? — Adicionou Prudence.

— Teve relações matrimoniais? — Inquiriu Emma, levantando uma sobrancelha.

— Não, está bem!? — Exclamou Olivia. Ela não tinha feito o Ato Bíblico de Fazer Amor ou qualquer outra variação. Tinha passado a noite de bodas sozinha, embora não estivesse disposta a fazer o contrário. Mas tendo em conta o

que tinha escutado, quão único chegou à casa foi que, em seu intento de encontrar o amor, poderia ter afugentado sua única possibilidade de fazê-lo. — Brigou com Rogan, quem aparentemente lhe tinha estado dando maus conselhos para me cortejar. E logo Phinn saiu para caminhar. Levantou-se com a primeira luz e se foi a construir o Motor de Defesa...

— Motor de diferença — corrigiu Emma.

— Não faz nenhuma diferença para mim — disse Olivia desdenhosamente. — O ponto é que ele prefere as máquinas a mim.

— É essa a parte em que assinalamos que nem sequer estiveram casados uma semana? — Perguntou Prudence.

Emma negou com a cabeça e, com um sorriso travesso nos lábios, perguntou:

— Ou é esta a parte em que lhe dizemos que o seduza?

— Depois de tentar mandá-lo embora da cidade? — Prudence perguntou com cepticismo.

Logo, com um suspiro, adicionou: — O que faremos?

Isso fez Olivia sorrir. Phinn tinha se assegurado de que pudessem ficar em Londres por um tempo e ela estava tremendamente agradecida. Como o teria sabido, se ele não fora sensível com ela? Quanto tinha acontecido em sua determinação de causar um escândalo?

— Bom, o que vamos fazer? — Olivia perguntou. Ela queria o mesmo que sempre tinha desejado: uma oportunidade de amor e parecia que Phinn era sua única oportunidade agora. Dado o que ela tinha aprendido

recentemente, talvez ele não fosse tão horrível como tinha temido.

Depois de tudo, não era como se pudesse encontrar o seu *misterioso salvador de meia-noite* e convencê-lo de viver uma vida de pecado com ela. Os votos matrimoniais não eram regras que ela considerasse violar.

Emma foi a única em responder.

— Não vamos permitir que nos passem as oportunidades de romance quando se apresentam.

Por nós, ela claramente se referia a Olivia.

Capítulo Dezesseis

Um toque, uma pressão de mãos, são os únicos sinais externos que uma mulher pode dar para indicar um particular respeito por certas pessoas.

O Espelho da Desenvoltura

Phinn não podia evitar a sua esposa para sempre, em realidade, poderia fazê-lo se tentasse o suficiente. Porque podia deixá-la no Hotel Mivart e assegurar-se de que se pagassem os recibos, enquanto ele retornava à Yorkshire. Era possível. Absurdo, covarde e ridículo, sim. Mas era possível.

Entretanto, não queria deixar Olivia. Ele simplesmente não sabia como enfrentá-la depois de sua desastrosa noite de bodas.

Tinha perdido as estribeiras em frente a ela e teve que ir-se porque não podia suportar ver o medo indevidamente em seus olhos. Ela tinha visto suas mãos machucadas e inchadas. Ela sabia quão perigoso poderia ser. Que parvo maldito.

Todas as noites, quando voltava, tarde, pensava em chamar à sua porta. Os hematomas em seus punhos, que só

tinham começado a desvanecer-se, detiveram-no. Não podia tocar aquela encantadora inocência com tanta violência em suas mãos. Todas as manhãs considerava atrasar-se para vê-la. Em troca, ia com a primeira luz, temendo todas as perguntas que ela faria.

Em seu lugar, perdeu-se no trabalho vagamente consciente de que isto era como seu primeiro matrimônio. Mas tinha se casado com o oposto a Nádia, não? Embora Olivia causara escândalos e teve arrebatamentos, ainda tinha uma beleza que desejava e que Nádia nunca havia possuído. Não era necessário um gênio para determinar que ele era o denominador comum em seus desastrosos matrimônios.

Então, quando Ashbrooke perguntou:

— Como vai a vida de casado? — Phinn resmungou algo evasivo e em seu lugar abordou o tema das partes da máquina que ainda precisavam ser construídas. O duque se apaixonou pela distração e debateu com o Phinn sobre diferentes partes e estratégias durante ao menos meia hora.

— Então se decidiu — concluiu Phinn.

O duque assentiu.

— Além disso, a duquesa e eu lamentaríamos se você e sua mulher não se unirem a nós à ópera esta noite.

Ashbrooke disse isto em uma espécie de ordem ducal impecável que não deixava lugar a desacordos. Quando Phinn abordou o tema com Olivia, mais tarde esse dia, se ocupou de evitar precisamente aquele tom.

— Ashbrooke nos convidou a ir à ópera com ele e Lady Emma esta noite — lhe disse. — Você gostaria de ir?

— De verdade? — Respondeu Olivia, seus lábios se curvando em um sorriso. Fez com que seu coração se acelerasse.

— Sim — disse, contendo a respiração enquanto perguntava. — Você gostaria de ir?

— Sim. Muito — disse em voz baixa, surpreendendo-o. Não poderia havê-lo perdoado pela série de desastres que ocorreram em sua noite de bodas. O que tinha acontecido para que ela se abrandasse com ele?

Na ópera

Em algum lugar entre o obscurecimento das luzes e o levantamento das cortinas, tudo mudou. Começou com um simples roce da mão do Phinn contra a dela. O instinto de Olivia foi apartar a mão, mas ela o anulou e convidou a sua mão a permanecer perto da sua.

Aproveite as oportunidades para o romance.

E isto, uma carícia afetuosa na escuridão, parecia ser uma forma bastante preferível de dizer que sentia muito e desejava tentar de novo. Não podia entender as palavras que lhe dirigia, mas podia dirigir este afetuoso gesto.

Só estavam se tocando as mãos. No camarote do teatro. Tinham luvas postas. Não foi nada. Mas parecia tudo.

Havia prazer nisso, sem dúvida. Mas estava atenuado pelo conhecimento agri-doce de que ela tinha feito impossível

que acontecesse antes. Seu coração seguia sendo um desastre emaranhado de desejo rebelde por aquele homem no jardim e o lento e crescente interesse em seu marido, que estava se convertendo no homem que originalmente não tinha pensado.

Seus esforços por cortejá-la tinham sido equivocados, mas genuínos. Com um brilho de vergonha, reconheceu que não lhe tinha feito as coisas fáceis. E ainda... ele ainda estava ali. Com ternura e tentando acariciar sua mão. Não estava segura do que lhe tinha deixado sem fôlego: sua dedicação ou seu toque.

Sua mão roçou a dela outra vez, uma carícia que suspeitava que fosse deliberada. Tão leve, tão fugaz, tão delicado. Olivia lentamente exalou. Não devia ser tola. Mãos.

Só mãos.

E então só eram dedos que possivelmente se entrelaçavam e logo soltavam vacilantes. A permanência do gesto era enlouquecedora, mas não tanto como o estranho prazer que lhe proporcionava seu toque e a expectativa.

Pegará a mão? Ou não o fará?

O que ela queria, de todos os modos?

Olivia descobriu que ele não pegaria sua mão. Em troca, ficou sem fôlego quando Phinn riscou delicados círculos ao redor de sua palma. Brandamente, muito brandamente, ele riscou ao longo das gemas de seus dedos, aventurando-se mais acima, ao seu pulso, mais alto ainda à pele insanamente sensível do interior de seu cotovelo.

Isto... o que seja que tenha sido isto... seguiu e seguiu. A respiração de Olivia ficou curta e superficial e se perguntou se

requintado ou agonia eram um melhor termo para o que lhe estava fazendo e como a fazia sentir.

Não era nada, nada, nada. Estavam em público, não que alguém pudesse ver o que faziam. As luzes estavam escuras, a atenção do público se centrou no cantor de ópera. Ela e Phinn eram discretos. Mas havia algo ligeiramente perverso em ter estes sentimentos, estes sentimentos latentes, faiscantes e acalorados, em público.

E, entretanto, só estavam de mãos dadas. Além disso, ela tinha luvas postas.

Se tivessem feito isto antes das bodas, não teria sido motivo para o matrimônio.

As luvas, elas tinham que ir-se. Phinn começou a abrir os botões de suas luvas, um por um, com uma magistral manobra com uma só mão. Como ele sabia fazer isso? Era mais libertino do que ela tinha pensado? Ela nunca pensou que ele fosse um inocente, mas ela realmente não tinha considerado o que ele sabia ou o que ele podia lhe fazer sentir.

Logo puxou firmemente cada ponta do dedo, esclarecendo suas intenções. Ele queria sua pele nua. Olivia lhe lançou um olhar e viu seu olhar fixo. Ninguém saberia. Este era seu segredo.

Sua luva caiu silenciosamente ao piso, seguida rapidamente pela dele.

A deliciosa agonia começou de novo, desta vez com a pele nua sobre a pele nua. Nunca tinha experimentado realmente

a pele nua de um homem contra a sua. Isto era novo, e algo que compartilhava só com o Phinn.

Uma vez mais, lenta e brandamente brincou com a suave pele de sua palma com círculos lentos e deliberados das gemas de seus dedos. Como seu toque era muito leve, ela se esforçou por ser mais consciente de si mesma. Todos os seus nervos estavam em sintonia com a leve e fugaz conexão de sua pele com a dela.

De novo, sua respiração se viu afetada. Uma vez mais, riscou ao longo das gemas de seus dedos, seu toque tão leve que conteve a respiração para senti-lo completamente.

E logo se atreveu a seguir a ponta de seus dedos ao longo da pele sensível e exposta com o passar do interior de seu braço, do pulso até as curtas mangas de tule.

Foi um braço. Uma mão. Um simples toque. Não era nada que levaria a uma licença especial, por exemplo. Estas eram mentiras, disse-se Olivia. Mas cada golpe enviou calafrios por sua coluna. Ela se encontrou forçando suas pernas juntas. Pelo calor e o desejo.

Seu olhar estava fixo no cenário; ela não viu nada. Seu novo espartilho estava muito ajustado. Essa tinha que ser a razão pela qual estava quase aflita pela necessidade de rasgá-lo. Fazia muito calor.

Phinn a tentou com outra longa e lenta carícia. Permitiu outra exalação lenta, como se pudesse controlar seu pulso acelerado. Em um instante, converteu-se em um agudo ofego.

Se ele pudesse fazê-la sentir isto só pegando sua mão, como ela sobreviveria a algo mais? Ela tinha visto as fotos.

Ela tinha visto suas expressões de êxtase. Ela sabia que havia mais que isto. Verdadeiramente, ela temia e ansiava em partes iguais.

Olivia inclinou sua cabeça, cachos roçando seus ombros nus. Jogou uma olhada ao homem que estava ao seu lado. Marido. Desconhecido. Ele era bonito.

Phinn se virou e a apanhou olhando-o. Olhava-o fixamente. A canção se desvaneceu. Ele ofereceu um sorriso vacilante. O batimento do seu coração se acelerou. Olivia fez com que as comissuras de seus lábios se voltassem para cima e descobriu que em realidade não lhe custava muito esforço sorrir ao seu marido. De quem ela não sabia quase nada. Exceto que só com as pontas de seus dedos podia deixá-la sem fôlego. E se ele fosse tão terno e sedutor, poderia realmente ser tão violento?

Ela não conhecia este homem. Mas agora ela queria fazê-lo.

Capítulo Dezesete

As jovens devem manter uma distância adequada entre elas e os cavalheiros, especialmente quando estão em uma carruagem.

Uma das muitas regras de Lady Archer

Na noite anterior, Phinn tinha aproveitado a escuridão oferecida na ópera para segurar a mão de Olivia. Embora isso não descrevesse de tudo as horas que a havia tocado e ela não se apartou. Durante horas, tinha imaginado mais. As imagens daqueles periódicos ilícitos lhe aproximaram, espontaneamente, e não pôde evitar imaginar-se enredado com Olivia. Querer não era uma palavra suficientemente forte. Aquele puxão magnético que sentiu por ela só aumentou em força quanto mais se aproximava dela.

Tinha passado essas horas em um estado torturado de excitação, ainda mais realçada por sua boa vontade. Por algum milagre, conteve-se para não a levar a um rincão escuro do teatro e enterrar-se no mais profundo de seu ser. Não na primeira vez, ao menos.

Queria ver seu cabelo desatado, caindo ao redor de seu rosto, roçando seus seios.

Queria afundar seus dedos e aproximá-la para um beijo longo, profundo e lento. Tampouco queria deter-se ali. Não queria deter-se até que ela gritasse seu nome enquanto a penetrava e a sentia contrair-se ao seu redor. Então, talvez, ele se detivesse.

Mas Phinn se conteve, não confiando em sua capacidade para conter-se de seguir todo o caminho, imediatamente. Além disso, beijá-la e intimar com ela era revelar segredos que não sabia como compartilhar e não estava seguro de querer fazê-lo.

Esta manhã despertou ainda mais frustrado.

Tinha muita vontade de passar um longo dia imerso na construção do motor de diferenças. Absorveu sua atenção por completo. Havia deixado Nádia louca com suas longas horas dedicadas ao seu trabalho. Importaria à Olivia? Ele não acreditava.

Tinha pensado que Nádia estaria satisfeita com as atenções que lhe dava no dormitório, já que, durante todo o dia, não se davam bem, havia só um lugar onde eram compatíveis. Combustível, mais parecido. Recordou as noites e as manhãs, completamente esgotado. Ela tinha estado muito cansada para fazer algo mais que dormir pacificamente.

Estava pensando muito na cama. Mas Olivia estava perto e ele era muito consciente do muito que a desejava e de que ela não tinha querido casar-se com ele.

Ele não iria muito rápido. Ele não a assustaria.

Ele tinha que evitar a tentação.

Phinn abriu a porta de sua habitação esperando escapar à primeira luz, antes que sua encantadora esposa despertasse. Em troca, encontrou-a vestida e esperando.

— Bom dia – disse, vacilante. Lhe ofereceu um sorriso tímido. Fez-lhe coisas, esse sorriso.

— Bom dia – respondeu. Usava um vestido amarelo pálido, e umas mechas de seu cabelo loiro emolduravam seu rosto. Angelical, isso é o que era. *Anjo*, quase a chamou.

— Pensei que poderíamos tomar a carruagem juntos – disse Olivia.

— Vai comigo ao trabalho no motor? – Perguntou.

— Poderia ir antes de visitar a Emma – ofereceu. Phinn recordou uma das visitas de Nádia ao seu lugar de trabalho. Ela o achou incrivelmente aborrecido, e a ele por extensão. Mas não era tão obtuso para dar-se conta de que Olivia estava fazendo um esforço.

Era só um passeio em carruagem. Poderia suportar um passeio em carruagem sem deslumbrá-la.

Especialmente a esta hora. Porque os cavalheiros não violavam as suas esposas inocentes em carruagens a horas ímpias da manhã. Especialmente cavalheiros com passados perigosos que aterrorizavam as suas esposas virgens.

Mas Deus, ele queria...

Deus tornou tão difícil não o fazer.

Uma vez na carruagem, Phinn era muito consciente de Olivia. O aroma a rosas de sua mulher o atraíram. Seu rosto estava nu, embora suas bochechas estivessem levemente

rosadas pelo calor ou pelo rubor. Seus olhos eram azuis e não podia apartar o olhar.

Seus lábios eram rosados e queria deixá-los vermelhos por seu beijo.

E parecia que havia mais do que ela deixava ver. Algo diferente.

Ele estava acostumado a vê-la em branco. Este vestido era como um raio de sol, ou uma chama, ou ouro fundido. Aferrava-se às curvas de seus seios. Ele queria tocá-los. Prová-los. Amá-los. Tinha-a admirado antes e certamente não a tinha encontrado desejosa. Mas algo estava diferente.

— É um vestido novo? — Perguntou.

— Sim. Tomei a liberdade de ordenar um novo guarda-roupa — respondeu Olivia, olhando-o nervosamente por sua reação. É claro, ela sabia que temperamento diabólico tinha e não sabia o que o desataria.

— Espero vê-lo — disse, pensando que realmente queria ver todos seus vestidos novos no chão.

— Não vai questionar o gasto?

— É exorbitante?

— Possivelmente. Não sei — respondeu, novamente olhando-o. Estava-o provando? Não tinham discutido sobre seu dinheiro, não é? Não tinham discutido muito, e estavam unidos por toda a vida.

Phinn só encolheu os ombros e sorriu.

— Estou seguro de que está bem.

Essa era a questão de ter inventado previamente algumas das máquinas mais úteis do dia. Provavelmente não

poderia mendigar mesmo se tentasse. Ela e o resto de Londres tampouco pareciam saber isso dele. Não era como se registrasse as patentes sob o nome *Barão Louco*.

Coisas que não estavam bem: o que aconteceu depois?

Como o tráfico a esta hora não era o habitual desastre de paralisação de mais adiante no dia, os cavalos avançavam a passo firme. Dada sua velocidade, tomaria mais tempo deter-se em caso de que outro veículo, que também progredisse a passo rápido, saísse diante deles.

Quando aconteceu, o condutor manobrou com esperteza, puxando com força as rédeas e esporeando os cavalos para dar um rápido giro à esquerda. Como resultado, o carro se inclinou sobre suas rodas. Como resultado, tanto Phinn como Olivia se encontraram caindo juntos e aterrissando em uma posição... muito sugestiva, inapropriada e excitante.

Phinn tinha conseguido agarrá-la em seus braços e girar, por isso foi ele quem aterrissou no piso da carruagem. Ali estavam: um matagal de membros, saias e botas.

— Está bem? — Disse com voz áspera. Golpeou-se a cabeça com força, mas em quão único podia pensar era na proximidade de sua deliciosa boca rosada e no muito que desejava beijá-la.

— Sim — ficou sem fôlego. — E você?

Ela podia sentir o muito que a desejava? Olivia moveu seus quadris, roçando sua excitação e tirando um gemido de seus lábios.

— Sinto muito — se desculpou.

— Está tudo bem – ele disse. Mas realmente, ele estava morrendo. Fechou os olhos. Se voltassem para o hotel. Em sua suíte. Preferivelmente em uma cama, pois ele não a tomaria no piso da sala de estar ou sobre o piso da carruagem.

No processo de tentar desenredar-se, Olivia conseguiu-lhe recordar exatamente o que desejava. Não pôde resistir a roubar uma carícia aqui e lá. Como se isso o satisfizesse.

Como se isso não fizesse com que ele a quisesse mais. Talvez o piso da carruagem não fosse o pior lugar.

Ela também teve êxito em lhe revelar suas pernas. Pernas longas, esbeltas e bem formadas, vestidas com delicadas meias de seda. E as ligas e o resto? Voltou para os assentos estofados e finalmente se arrastou ao seu lado.

— Phinn, está seguro de que está bem?

Ela estendeu a mão e cavou sua bochecha com sua mão. Havia tanta preocupação em seu olhar, como se realmente não tivesse ideia de que não era uma ferida o que o tinha deixado sem palavras. Era desejo. E se não se equivocava, também poderia ter detectado algum desejo em seu olhar.

Não, as coisas não estavam bem. Mas então as coisas estavam a ponto de ser.

Olivia não pôde evitar. Ela estendeu a mão e cavou sua bochecha em sua palma. Ela sentiu a linha firme de sua mandíbula e suas maçãs do rosto inclinados. Ela havia tocado o seu *misterioso salvador de meia-noite* desta maneira. E como naquela noite, seu olhar pousou em sua boca. Só sua boca. Firme e sensual. Hoje pensava em beijar Phinn.

Mas logo seus pensamentos tomaram um giro estranho. Ele parecia tão familiar neste momento. A sensação dele sob sua palma. Sua boca. Era a boca de um homem. Eram todos iguais, ou não? Ela nunca tinha pensado muito sobre o assunto. Não, obcecava-se com lembrança distorcida da boca de seu *misterioso salvador de meia-noite* justo depois de havê-la beijado e antes de beijá-la de novo. Estava escuro. Ela tinha estado intoxicada.

Ela deixou cair sua mão e olhou para o outro lado. Tudo era muito familiar, isso era tudo.

Possivelmente todos os homens sentem o mesmo.

Não se atreveu a considerar que Phinn e o *misterioso da meia-noite* fossem um e o mesmo. Que absurdo! Ela o teria reconhecido. Uma pequena risada escapou dela.

— O que é tão gracioso? — Perguntou Phinn.

— Oh, nada — disse desdenhosamente. — Só um parvo pensamento feminino.

— Fitas para o cabelo — adivinhou Phinn.

— Não — disse Olivia, sorrindo.

— Bordado?

— Definitivamente não — respondeu ela.

— O que colocar no baile de Lady Penélope?

— Não. E como soube disso?

— A senhorita Payton me falou — disse isso, o que lhe pareceu estranho.

— Quando falou disso com Prudence? — Ela perguntou.

— Aqui ou lá — disse, aparentemente incômodo. Mas supôs que poderiam ter falado em qualquer dos eventos aos

quais todos foram. — Em que estava pensando?

— Beijar — disse em voz baixa. Porque as jovens não pensam em beijar-se. Especialmente não comparam as bocas e os beijos de dois cavalheiros diferentes, especialmente quando a pessoa não era seu marido.

— Beijar-se não é um parvo pensamento feminino — disse Phinn em voz baixa.

— Não?

— Deveria fazê-lo mais frequentemente — disse, sua voz grave. — Inclusive melhor que pensar nisso...

— Beijar de verdade? — Disse sem fôlego. Seu olhar baixou à sua boca. Não se tinham beijado.

Ainda não.

— Exatamente — murmurou, antes de baixar sua boca à dela para uma leve carícia de seus lábios contra os dela. Ela sentiu uma faísca. Logo se retirou. Uma jovem se ruborizaria modestamente e o deixaria assim. Mas Olivia estava fazendo suas próprias regras agora, e queria conhecer este homem com o qual se casou. Depois de provar um maldito beijo, queria saber se algum dia voltaria a ter um beijo assim. Ela queria saber agora.

Ela ligeiramente riscou um dedo ao longo de seu casaco antes de agarrar-se a um punhado e aproximá-lo mais. Ele não resistiu. Suas bocas se encontraram de novo.

Tentativamente, ela separou seus lábios, sem lhe importar se a achava libertina ou direta. Ela queria beijá-lo profundamente. Isto, — a delicada carícia dos lábios, uma dentada aqui, riscando a comissura de seus lábios ali —

estava deixando-a louca de uma maneira maravilhosa. Esta brincadeira de um beijo fez com que aquela faísca inicial se convertesse em uma brasa. Quem sabe o que poderia ter começado se a carruagem não se detivesse ante a residência da Emma nesse momento?

Olivia olhou ao Phinn, aturdida. Ele a olhou com olhos escuros.

As palavras não foram necessárias. Isto não tinha terminado.

Capítulo Dezoito

Certos livros não são adequados para as mulheres, já que podem ofender as delicadas sensibilidades destas.

Olivia considerou informar ao seu interlocutor que não estava em casa. Quando lhe alertou sobre o fato de que sua mãe a estava esperando, suspirou e fechou a contragosto um dos livros travessos que Rogan tinha deixado, e que pôde ter chutado para debaixo da cama quando Phinn os estava recolhendo, o qual tinha estado examinando atentamente, e distraidamente o deixou a um lado. Logo ordenou que se instalasse uma bandeja de chá e se preparou para a investida.

Sua mãe entrou apressada, uma pequena rajada de babados e rendas, um chapéu grande e uma bolsa que sem dúvida estava cheia de lenços bordados e uma garrafa do Smythson's Smelling Salts. Só então Olivia se deu conta de quão acalmada estava sua casa com o Phinn e o muito que gostava. Nunca houve bulício ou alvoroço.

Com a exceção de sua explosão com Rogan, tampouco havia vozes altas.

— Querida! Vim ver como está indo em seu matrimônio — sua mãe disse efusivamente, abraçando-a como se nunca tivesse obrigado a sua filha a casar-se com um homem que toda Londres conhecia como o *Barão Louco*.

— Só passaram uns dias, mãe — remarcou Olivia. Era muito cedo para declarar o matrimônio como um desastre? Ou aqueles pequenos beijos e carícias delicadas indicavam um brilho de esperança?

— E já é um escândalo — disse Lady Archer, e Olivia pensou, as jovens não deveriam sentir um calafrio de emoção ante a ideia de ser um escândalo. Mas assim o fez. — Viver em um hotel! Quem faria algo assim?

— Eu gosto bastante, na realidade — Olivia disse com sinceridade. — Não tenho criados para administrar, ou menus para coordenar. Não tenho que me incomodar com os lençóis nem me assegurar de que os abajures estejam limpos.

Estas coisas eram magicamente feitas por uma frota de empregadas sob a direção do gerente do hotel. Justo agora, por exemplo. Uma das criadas trouxe discretamente uma bandeja de chá, pô-la sobre a mesa e se foi em silêncio.

Ela casualmente colocou a bandeja ao lado do livro. Olivia rapidamente desviou o olhar.

— Mas isso é para o que lhe criamos! — Exclamou sua mãe. Olivia tomou assento também e serviu o chá. O comportamento de uma anfitriã adequada estava enraizado nela. Mesmo se o material de leitura mais inadequado estivesse ali, junto à bandeja de chá. Felizmente, sua mãe estava muito envolvida no que estava dizendo para lhe prestar

atenção. — Está se privando de sua posição natural na vida e do propósito para o qual te criei.

— Bem, acho que viver neste hotel é preferível a me refugiar em um imóvel remoto e enfeitado, temendo por minha vida.

Olivia se perguntou se ela haveria dito o mesmo se tivesse chegado antes que o hematoma debaixo de seus olhos se desvanecesse ou se tivesse visto os estranhos hematomas nos nódulos do Phinn, que se tinham desbotado em uma horrível cor amarela, mas que agora mal eram visíveis. Pareceu-lhe tremendamente injusto que sua mãe passeasse com queixa sobre como estava dirigindo o matrimônio no qual se viu obrigada a entrar.

Olivia tomou um sorvo de chá. Quanto tempo tinha antes que sua mãe notasse o livro? Deveria eliminá-lo e preservar sua modéstia, ou deveria descaradamente deixá-lo para talvez dar um choque em sua mãe?

Ela o considerou enquanto sua mãe estava ocupada com uma revisão crítica de seu traje.

— Vejo que esteve na costureira — disse. A desaprovação de suas escolhas foi devidamente cotada e descartada. Estava fazendo suas próprias regras.

Olivia se aferrou a isso agora, e à gravidade da misteriosa voz do *Salvador de Meia-noite* quando o disse. Mas se sentiu debilitada, só um pouco, sob o olhar de sua mãe. Foi aquela desilusão? Sua mãe nunca tinha estado realmente decepcionada com ela.

— Sim, Emma, Prudence e eu fizemos uma visita à Madame Auteuil's — disse. Ela e sua mãe sempre tinham frequentado uma costureira menos na moda. — Pensei em atualizar meu guarda-roupa agora que estou casada.

— Bom, espero que tenha comprado algumas luvas novas. Correm rumores de que você e seu marido deixaram suas luvas no camarote do duque na ópera. Uma de cada um! Como diabos aconteceu isso?

— Estou segura de que não recordo — murmurou Olivia. Para falar a verdade, ela não recordava essa parte da noite. Mas o sacrifício de uma luva solitária valia por completo o prazer que tinha experimentado.

— Enquanto seu pai dispôs que tenha um subsídio generoso, em caso de que seu marido gaste todo seu dinheiro nesse artefato que está construindo, não quererá gastá-lo tudo em substituir as luvas que deixa pela cidade. Depois de tudo, uma dama sempre deve manter sua modéstia.

Olivia tomou um sorvo de chá e pensou no vislumbre de suas pernas, que sem dar-se conta, tinha dado ao Phinn depois de sua pequena confusão na carruagem. Tinha estado contente de que Emma a convencesse com as meias de seda! O que diria sua mãe se soubesse o que comprou?

— É muito amável por parte de papai — disse. Seus pais podiam tê-la consultado ou lhe informado de tanta amabilidade. Sentiu uma labareda de ira ao ser excluída, uma vez mais, de assuntos cruciais sobre sua própria vida.

Ela era uma dama. Não uma menina.

— Suponho que é muito cedo para falar sobre os netos — disse sua mãe, e Olivia quase cuspiu seu chá.

Phinn tinha estado esperando encontrar Olivia sozinha. Não foi necessário dizer que não estava tão emocionado de encontrá-la com sua mãe. Pior ainda, Lady Archer parecia estar em meio a uma conferência. Escutou por um momento; era algo sobre seu dever como esposa, sofrer por uma nobre causa e servir ao seu marido e ao legado da herança acima de todo o resto.

O pior de tudo foi que viu imediatamente que, enquanto sua mãe lhe dava uma conferência, Olivia não era exatamente Olivia. Sua coluna vertebral estava rígida. A xícara de chá estava congelada em suas mãos. Um meio sorriso cortês estava congelado em seus lábios. E seus olhos...

Seus olhos seguiam procurando ansiosamente algo sobre a mesa.

A bandeja do chá? Isso não tinha sentido. Deu um passo mais e viu o livro. O livro incrivelmente ilícito, possivelmente ilegal.

Foi sua tosse aterrada o que chamou a atenção.

— Lorde Radcliffe! — Exclamou lady Archer. Ela ficou de pé para saudá-lo. Olivia aproveitou para tirar o livro da mesa... onde se abriu uma página com uma mulher que dava prazer a um homem muito excitado com a boca e as mãos.

Obrigou-se a olhar para o outro lado.

— Bom dia, Lady Archer. Olivia. Não sabia que tínhamos uma visita.

Lady Archer se virou para olhar à sua filha. E aquele livro. Aberto. Observou enquanto Olivia discretamente tentava empurrá-lo para debaixo da mesa com sua sapatilha. Podia ver seu suspiro de alívio quando desapareceu da vista.

— Mamãe veio ver como estamos indo — respondeu Olivia. Rígida, adequada e distante Olivia. Ela não era a garota vibrante que ele tinha chegado a conhecer: a que se pintava a cara em excesso ou dançava grosseiramente nos bailes ou agarrava um punhado de seu casaco e o atraía para um beijo. Estava presenciando a Olivia que tinha acreditado querer ao princípio.

— Não sei o que pretende tendo a minha Olivia em um hotel — disse Lady Archer. — É um escândalo. Todos estão falando disso. E é um desperdício de seus talentos. Criei-a para administrar um lar e ser a esposa perfeita, este arranjo não lhe faz justiça.

— Pensei que estes arranjos temporários poderiam ser adequados até que encontrássemos uma residência em Londres que achássemos agradável — Phinn disse com calma. — Mas perguntemos à senhora interessada. Olivia, o que opina a respeito?

O sorriso que lhe deu... Deus, o sorriso que lhe deu foi outra coisa. Foi genuíno e feliz. Como se a tivesse salvado justo antes que se afogasse.

— Eu gosto bastante de estar aqui — respondeu Olivia. Mas não perdeu o olhar nervoso que dirigiu à sua mãe, como procurando aprovação ou temendo sua resposta.

— Olivia — disse Lady Archer com uma voz paciente. — Não se trata do que você gosta, mas sim do que é correto.

— Mas isso é mais ou menos correto que estar em desacordo com os desejos do meu marido?

Lady Archer entrecerrou os olhos e tomou um sorvo de chá. Era um ponto válido e ela sabia. O que estava muito bem, mas as palavras "*meu marido*" em seus lábios lhe davam uma profunda sensação de orgulho. "*Diga-o outra vez*".

— Estão falando — disse Lady Archer.

Olivia abriu a boca e pensou melhor no que estava a ponto de dizer. Ele queria saber desesperadamente. Em troca, ela se voltou para ele.

— Phinn, você gostaria de um pouco de chá?

— Sim, obrigado.

Seus olhos se encontraram. Seus olhares se fecharam enquanto ela servia o chá. Um pequeno sorriso se curvou em seus lábios. Ela também estava recordando a primeira vez que se conheceram? Ela tinha usado aquela pintura horrível e tinha tomado cada instância para fazer alarde das regras. Ele entendeu agora. Ela se gabava de haver-se rebelado só contra seus pais, e não contra ele. Mas todos tinham conspirado para que ela cumprisse suas ordens, não foi assim?

Desta vez, quando ela derramou o chá, foi porque estiveram olhando um ao outro.

— Olivia! — Gritou sua mãe

— Oh! — Olivia ficou sem fôlego. Surpreendida, deixou cair a xícara de chá, que caiu sobre a mesa e logo para o piso.

Lady Archer se inclinou para recuperá-la. Ela estava mais perto. Mas algo mais chamou sua atenção.

— O que é isto? — Perguntou, enquanto procurava o livro que Olivia tinha metido debaixo da mesa. Desta vez, quando o olhar de Olivia se encontrou com o do Phinn, sentiu pânico.

Tudo o que podia pensar era na Olivia, sozinha com o livro, examinando aquelas fotos... As achava horripilantes? Ou excitante?

— Devo ter uma resposta — demandou Lady Archer. — O que é este lixo?

— É algo que um amigo deixou — respondeu Phinn.

— Seu amigo? — Ela perguntou, consternada. — Se supõe que isso me tranquiliza?

— Sim, mas posso ver que não é assim — admitiu Phinn, reprimindo a risada. — Absolutamente.

— Não posso acreditar que tenha poluído a terna sensibilidade de Olivia com isto... — As palavras de Lady Archer falharam.

— Uma senhorita deve ser amável com seu marido — disse Olivia recatadamente, o que fez ele e a sua mãe tossir. Lady Archer procurou em sua bolsa antes de tirar uma garrafa de sais aromáticos. Ela os levou ao nariz e inalou profundamente. A mente do Phinn pensou em fazê-lo também.

Olivia era... às vezes a dama perfeita. Às vezes a menos perfeita, e ocasionalmente o próprio diabo. Ele a queria todas as vezes. Sempre.

— Olivia. — Sua mãe começou pacientemente enquanto segurava o livro entre seus dedos indicadores e polegar. — As damas não fazem isto.

Phinn inclinou a cabeça para ver exatamente o que as damas não faziam. Parecia que não levantavam a saia enquanto se inclinavam sobre um sofá enquanto um cavalheiro a tomava por trás enquanto a agradava com suas mãos. Deus, esperava que Olivia não fosse uma dama.

Phinn decidiu que esta cena tinha ido suficientemente longe. Quanto menos considerasse aquela imagem em frente a sua sogra, melhor. Quanto antes a tentasse com a Olivia, melhor.

— Lamento muito havê-la incomodado, Lady Archer.

— Estou extremamente aborrecida – disse. — Criei a Olivia para que seja melhor que esta guarida de pecado a que fugiu.

— Mivart's Hotel é um estabelecimento perfeitamente respeitável – disse Phinn, detendo-se ao ver que Lady Archer tinha algo para lhe dar e nada impediria que ela o entregasse.

— E você Olivia – continuou com um olhar forte em sua filha. — Sempre foi a menina perfeita, não sei o que te aconteceu ultimamente, e me angustia muitíssimo. Nunca pensei que estaria decepcionada com você. Pode encontrar tudo isto humorístico e divertido, mas me mortifico cada vez que mostro minha cara na sociedade e tenho que responder as perguntas sobre seu matrimônio, um que é para sempre e que se converteu em tema de escândalo. Tem um dever, e isso é ser uma boa esposa e proporcionar herdeiros. Isso é tudo.

Espero que recorde a si mesma, recorde a mulher que criei. Bom dia.

Olivia se sentou muito quieta enquanto considerava o que era mais humilhante: o mau trato de sua mãe ou o fato de que o entregasse frente a Phinn.

Em um momento ela tinha desfrutado afirmando sua nova independência. Os vestidos, as luvas perdidas... realmente, esse era o menor dos problemas que tinha tido ultimamente, o que fazia com que fosse ainda mais frustrante que a castigassem por isso.

E o pior de tudo foi...

Ela já não queria ser a dama perfeita. Mas tampouco desejava a desaprovação de sua mãe; era uma sensação terrível. E ela não sabia exatamente que regras seguir e quais quebrar. Sentiu-se dividida entre agradar a sua mãe, agradar o seu marido e possivelmente sentir prazer consigo mesma.

— Não é uma decepção — Phinn disse em voz baixa. Ele a entendia. Ela não tinha que lhe explicar nada. Por isso, quando a envolveu com seu braço, ela se apoiou nele. Como seu *misterioso salvador de meia-noite*. Como era reconfortante e familiar, ela não se afastou. — Não é uma decepção para mim. E não acredito que tenha feito nada para decepcioná-la.

— Mas o fiz — confessou Olivia. — E o fiz a propósito.

— Por quê?

Estava zangada porque se viu obrigada àquele matrimônio. Agora que estava começando a encontrar um pouco de esperança nisso, sua mãe chegou e lhe informou que o estava fazendo mau. Não estava medindo os padrões

exatos nos quais tinha sido educada, com suas luvas rebeldes e suas escandalosas adaptações. Ela sempre tinha sido perfeita. Ela nunca tinha sido uma decepção.

Ela só tinha estado tentando encontrar a felicidade, e agora...

— Estava louca, verá, sempre pensei que se me comportasse perfeitamente seria recompensada... não sei... verdadeiro amor, romance e felicidade. — Seu agarre se apertou. — E logo me tratam constantemente como uma criança a quem sempre se diz onde ficar, com quem conversar, o que dizer, como atuar, como ser. As decisões se tomam sem me consultar.

— Isso é muito desagradável para você — disse. Sentiu-se tão cômoda e segura em seu abraço, como com seu *misterioso salvador de meia-noite*. E como naquela noite, ela simplesmente não pôde conter-se. Sentiu-se bem ao expressar o que estava pesando em sua mente em lugar de dizer "*estou bem*" enquanto estava fervendo por dentro. Como o faria uma dama.

— Acho tremendamente irritante — disse, levantando a voz. — Receio que poderia explodir com a irritação de que não posso ganhar, não posso agradar a todos e ainda agradar a mim mesma, se puder, não sei como.

O que Phinn disse logo a surpreendeu.

— Você gostaria de golpear algo? — Perguntou. — Acho que isso alivia meu temperamento.

Olivia olhou para baixo, à descoloração que ainda permanecia em seus nódulos machucados e logo para ele, não

um pouco alarmada. Honestamente, justo quando começou a pensar que Phinn poderia compartilhar alguns traços muito importantes com seu *salvador misterioso de meia-noite*, como a capacidade de consolá-la e compreendê-la, foi e disse coisas como essas.

— Alguns conselhos não solicitados: não deve dizer tais coisas quando é conhecido como o *Barão Louco*. — Aventurou-se.

— Isso saiu ruim — disse apressadamente. — Só quis dizer que às vezes se sente bem ao liberar a pressão em lugar de tentar mantê-la.

— Não acredito que queira bater em algo — disse, considerando o assunto. — Isso parece doloroso e não quero as mãos machucadas como as tuas. Mas acredito que eu gostaria de quebrar algo.

Ela necessitava de um alívio. A pressão de ser a Dama Perfeita, a Filha Perfeita, a Esposa Perfeita e tentar ser ela mesma era muito.

E Phinn... ele só sorriu e assinalou o salão em geral.

— Faça sua escolha, Anjo, quebre o que quiser.

— Não pode falar a sério — disse Olivia. Quem quebrava coisas deliberadamente?

— Digo-o a sério — disse Phinn com gravidade.

— E o gasto disso?

— Posso me permitir isso — lhe disse. Olivia considerou isto. Provavelmente não causaria muito dano. Só uma xícara de chá ou duas quebradas. Mas logo pensou em outro problema.

— O gerente ou o dono do hotel se zangarão?

— Se for assim, responderão a mim — jurou Phinn. Pela primeira vez, Olivia se deu conta de que poderia haver benefícios de ter o *Barão Louco* em seu rincão. — Continua, Olivia.

Phinn lhe estendeu um prato de porcelana. Quando a incentivou em voz baixa e lhe sorriu assim, não deveria recordar por quê deveria resistir ao impulso de fazer o que quisesse.

Ela pegou o prato e o segurou no alto.

— Está dizendo que se eu quebrar este pires de porcelana me sentirei melhor? — Não acreditou de tudo.

— Sim — disse isto resolutamente, como se tivesse experiência quebrando os pires das xícaras. Ela queria saber sobre isso? Possivelmente mais tarde.

— Está me incentivando a ser malvada — disse. Recordava as admoestações quando era jovem, quando ainda era torpe. “*Tome cuidado. Essa é a boa porcelana! Olivia, cuidado!*” Ela recordou o terror de quebrar algo. E agora Phinn a animava a fazer isso. — Estou bastante segura de que as mulheres não quebram intencionalmente a porcelana.

Phinn só sorriu e disse:

— Faça o que quiser.

— Fecha os olhos, então — disse. Ela mesma fechou os olhos com força antes de jogar o pires ao chão de parquet. Ela fez uma careta quando se fez pedacinhos, e abriu os olhos para ver fragmentos de porcelana pulverizados pelo chão.

— Isso fez eu me sentir bem — ela disse, em voz maravilhada. O som foi extraordinário.

Melhor ainda: fazia algo que sempre tinha temido, só para levantar a vista e ver o Phinn sorrindo-lhe enquanto dizia:

— Disse-lhe isso.

Phinn fez um gesto para a bandeja de chá, onde várias peças de porcelana a esperava.

Esperava que não lhe perguntasse como sabia que destroçar as coisas em pedaços, em particular os jogos de chá de porcelana, tinha um maravilhoso efeito tranquilizador sobre o temperamento de uma mulher. Nádia o tinha feito consciente disso.

Nádia. Alguma vez estaria livre dela?

— Esse? — Perguntou educadamente Olivia, depois de selecionar o prato grande que, em um dado momento, continha vários bolos.

— Pode ser — disse. Nádia nunca tinha perguntado. Ela só olharia freneticamente pela habitação e agarraria a coisa mais próxima à sua mão antes de lançá-la na direção de sua cabeça. Ela tinha um objetivo notavelmente bom. Ele tinha as cicatrizes para provar.

— Mesmo que minha mãe fique muito decepcionada comigo? — Perguntou Olivia, com voz tremente. Por isso, apesar da cena que fez eco em sua cabeça e não queria reviver, nunca mais, disse:

— Inclusive então.

Quão único importava era a felicidade de Olivia. Pensou que poderia ter entendido seu desgosto. Seu pai tinha querido que fosse como seu irmão mais velho, George, que preferia o esporte em lugar da ciência, ou uma noite barulhenta na estalagem com cerveja e mulheres relaxadas a uma noite tranquila com companhia amável, conversação inteligente e bom vinho. Nádia também queria que ele fosse como George. Mas o único que tinha em comum com seu pai e seu irmão era o temperamento Radcliffe. O fez em todo momento.

Nádia não foi quão única expressou sua frustração sobre a porcelana.

— O que acontece se for isto? — Perguntou Olivia, selecionando uma xícara de chá vazia.

— Por favor, proceda — disse. Ela a levantou por cima de sua cabeça antes de lançá-la ao piso. Ele fez uma careta quando se fez pedacinhos, ela não o fez. Olivia ficou ali, com as bochechas ruborizadas, o peito cansado e o cabelo avançando para um estado de desordem. Ela estava linda.

— Isto está muito ruim — disse com uma expressão de desculpa que supôs era o que o fazia suportável.

— Completamente malvado — esteve de acordo.

— Simplesmente desmesurado — acrescentou, e se dirigiu a uma pastora de porcelana no suporte da lareira.

— Aterrador — murmurou, com os olhos fixos em Olivia. Ela era fascinante.

Mas enquanto Nádia ficava de tão mau gênio que se esgotava em uma rajada de lágrimas e palavras ofensivas, Olivia parecia estar divertindo-se. Phinn deixou escapar uma

respiração profunda que não se deu conta de que tinha estado contendo.

— Me arruinaria se alguém soubesse disto — Olivia disse seriamente. Mas havia um brilho travesso em seus olhos. — Ninguém me receberia.

— Ao diabo com eles — declarou.

Ela riu e disse:

— Exatamente.

Então ela esmagou a pastora. Ele nunca tinha sido muito aficionado aos adornos, embora agora via seu propósito.

— Quebrar as regras não foi suficiente — comentou Olivia de ânimo leve. — Agora recorri a quebrar os jogos de chá e os enfeites de porcelana.

Seu humor estava melhorando. Felizmente, ela passeou pela habitação, procurando coisas para quebrar. Havia um sorriso em seus lábios e um brilho em seus olhos. Esta era uma versão de Olivia que nunca imaginou, mas pela qual possivelmente poderia apaixonar-se.

Teria que comprar mais jogos de chá em caso de que alguma vez voltasse a sentir-se aborrecida.

— Faça suas próprias regras, Anjo — murmurou.

Olivia o olhou de repente. Em um instante, algo mudou. O que, ele não sabia. Mas se tivesse estado medindo a temperatura e a pressão na habitação, estava seguro de que haveria uma queda repentina.

— O que disse? — Perguntou lentamente, brandamente.

Seu coração começou a pulsar com força. O que havia dito? Merda.

— Faça suas próprias regras, Anjo — disse as palavras condenatórias brandamente. Não era assim que ele queria que ela o descobrisse. Ele nunca quis que ela soubesse.

Olivia começou a avançar para ele, olhando através de todos os remanescentes dos jogos de chá de porcelana e as figurinhas de porcelana.

— Como machucou as mãos, Phinn? — Desta vez, quando ela perguntou, estava claro que já sabia a resposta.

Ele não podia lhe dizer. Quão último queria era segredos entre eles, só queria amá-la.

Mas porque ele queria que ela o amasse, ele não podia lhe dizer.

— Não posso dizer-lhe isso. — Ela se aproximava agora. Seus olhos estavam escuros. Podia ver que ela estava pensando e juntando dois e dois e descobrindo o que não queria que ela soubesse. No momento em que ela soube foi o momento em que a perdeu.

Estendeu suas mãos, alisando o que ficava dos hematomas e cortes. Doía como o diabo, aquele bastardo tinha ossos duros. Mas a dor não era nada comparado com o que teria sofrido se a senhorita Payton, sempre atenta ao bem estar de sua amiga, não o tivesse alertado de que Olivia se aventurava aos jardins com aquele estranho.

A dor de suas mãos empalideceria em comparação a perdê-la.

Como aconteceu isto? Uns momentos antes tinham sido felizes.

Olivia se aproximou lentamente de seu rosto. Ele estremeceu. Pai. Nádia. Phinn conteve a respiração. Deu-se conta de que ela não estava disposta a golpeá-lo quando sua mão se suavizou, abraçando-o brandamente. Ela estava olhando sua boca.

A qualquer momento Olivia ia descobrir que a tinha enganado. Que era propenso a atos de violência. Que não o chamaram o *Barão Louco* por nada.

Phinn não podia mover-se. Queria desfrutar destes últimos segundos com seu toque antes que descobrisse tudo e tudo tivesse terminado. Sentiu que seu peito se esticava quando esteve tão perto dele que seus corpos quase se tocavam.

Estava dolorosamente consciente de querer tocá-la e dolorosamente consciente de que poderia não ser assim. Nunca. Deveria saber desde o começo que ela era muito boa para alguém como ele. Ele deveria detê-la, de verdade.

Mas não o fez. Porque Olivia ficou nas pontas dos pés e pressionou sua boca contra a dele.

No momento em que a beijasse, realmente a beijasse, saberia. Então Phinn manteve seus lábios firmemente fechados enquanto pressionava sua boca contra a dele.

Ela não foi dissuadida. Como uma tentadora, ela lambeu a comissura de seus lábios, incentivando-o a abrir-se para ela. Pegou tudo, tudo, nele para resistir. Embora quisesse abraçá-la, manteve suas mãos apertadas em punhos aos

flancos. Embora ele quisesse render-se... endureceu-se ao sentir os seios de Olivia roçar seu peito. Ela o envolveu com seus braços, tentando lhe arrancar aquele beijo, aquela confissão, de seus lábios. Não queria que ela soubesse como a tinha seguido essa noite, ou como lhe tinha mentido, ou lhe tinha ocultado segredos.

— É você — sussurrou Olivia. Ele sentiu seu suave fôlego, e logo sua respiração. — Foi você quem me salvou no baile do Cipriano.

Era inevitável, não é? Tudo o que sobe tem que descer. Phinn lhe disse que sim enquanto a envolvia em seu abraço. Lhe disse que sim com seu beijo. Ela o derrubou, não tomou muito, e ele a beijou. Por um momento se beijaram profundamente, saboreando um ao outro.

Logo se voltou frenético, apaixonado. Ela suspirou. Ele não podia respirar.

Por um momento teve uma ideia do que poderiam ter. Então ela rompeu o beijo.

— Quando ia me dizer? — Perguntou, olhando-o aos olhos. Phinn olhou profundamente seus encantadores olhos azuis e reprimiu a palavra *nunca*.

Ele se afastou dela, então, perdido na lembrança daquela noite.

Phinn recordou a dor aguda em seus punhos, que empalideceu em comparação com as implacáveis dores de seu coração. Olivia tinha estado em grave perigo. Se não fosse pela senhorita Payton vigiando tão de perto a sua amiga e o alertando...

Ele recordou ter exalado. Ela estava a salvo. Estavam sozinhos.

E ela não tinha ideia de quem era ele. Ele sabia, porque ela não corria nem o olhava com medo. Ela se sentou ao seu lado e chorou contra seu peito. Quando ela começou a confiar nele, seu temperamento não disparou, mas seu coração se quebrou. Mas sua formação científica não lhe falhou: deixou de lado suas emoções e escutou. Observando. Tentando aprender.

Quando já não lhe tivesse medo, podia abrir-se.

Quando já não estava ocupado tentando fazê-la confiar nele, ele podia escutar.

O beijo, então, era inevitável.

Meigamente, tinha-a beijado. Estava preparado para que ela o afastasse. Docemente, ela seguiu seu exemplo. Provou o champanhe que tinha bebido antes naquela noite, e recordou aqueles primeiros sabores da liberdade e o prazer que tinha sido. Ela suspirou brandamente.

Quase o desfez.

Phinn se atreveu a segurar seu rosto entre suas mãos, como se não pudesse deixá-la ir.

Mas precisava sentir a suavidade de sua pele e cabelo. Ele necessitava de sua inocência depois de sua violência. Então ele perdeu a si mesmo... isto era tudo o que sempre quis. Seu doce beijo, seu toque tenro...

De repente, ela tinha detido o beijo. Agarrando seu rosto entre suas mãos, olhou-o aos olhos e lhe pedindo que se casasse com ela. Ele lutou com um sorriso irônico e lhe disse:

"Não essa noite". Mas à manhã a faria sua esposa. Ela simplesmente não sabia.

— Phinn. — A voz insistente de Olivia o atravessou. — Quando ia dizer-me?

Ele a olhou, assimilando tudo: seus olhos azuis se encheram de perguntas que não queria responder; mechas de seu cabelo loiro caindo. Ele não podia lhe mentir agora. Então lhe disse a verdade:

— Não lhe ia dizer isso.

Capítulo Dezenove

Toda Londres espera ansiosamente o começo da Grande Exposição, que exhibirá o maior talento e inovação da Inglaterra.

Muitos trabalham 24 horas ao dia para assegurar-se de que seus inventos estejam prontos.

O Semanal de Londres

Olivia viu o Phinn ir-se. Desculpou-se e murmurou algo sobre a necessidade de clarear sua mente. Sempre atencioso, disse que enviaria um servente para limpar o desastre que tinha feito. Havia-se sentido gloriosa durante aquele maravilhoso arrebatamento que tinha animado. Agora se sentia ridícula enquanto uma criada varria o piso ao seu redor.

— Sinto-o terrivelmente — disse Olivia. — Por favor, me deixe ajudar.

— Não senhora, não poderia — disse a criada. Depois de tudo, as jovens tinham criadas para este tipo de coisas.

Havia coisas que Olivia sabia, como servir o chá, como emparelhar os convidados ao jantar com a posição apropriada, como costurar um botão. Nunca tinha aprendido

o que fazer quando o marido guardava segredos. Segredos grandes. Ela se apaixonou acidentalmente por ele, acreditando ser alguém diferente!

Ela paralisou no sofá e arrastou as lembranças do que havia dito naquela noite.

Nunca poderia amá-lo. Ela se encolheu. Que coisa mais horrível de dizer.

“Meus pais me obrigam a me casar com um homem que não amo”. Seu estômago começou a doer.

Era verdade, mas agora via que tudo tinha sido muito mais complicado que isso.

“Desprezo-o”. Como deve ter se sentido quando lhe disse isso? Seu coração começou a pulsar, como se lhe doesse pulsar em uma mulher tão cruel. Quebrar as regras rígidas e estúpidas da sociedade era uma coisa, ser má era outra. Também sabia como se sentia ser o destinatário de palavras agudas, graças à Lady Katherine e a todos os que a chamavam de *Senhorita Afetada* ou a *menos provável de Londres*.

“Ele é autoritário”. Lhe havia dito isso. Talvez explicasse por que ficou tão solícito com sua opinião? Alojarse em Londres, o hotel, lhe pedindo sua opinião hoje. Ela tinha feito saber seus desejos, mas ela devia havê-lo machucado no processo. E ela disse as piores coisas. Ela tinha estado sofrendo pela estupidez de provar uma dessas frases e fazer que se desmoronasse com o Brendon (Brandon?).

Oh! Deus. Phinn a tinha visto com ele. Phinn a tinha salvado dele. Mas sabia que ela tinha sido tocada, manchada,

quase completamente arruinada, e se tinha casado com ela de todos os modos. Porque, ele poderia havê-la deixado e ninguém o teria culpado.

Totalmente envergonhada de si mesma, Olivia abraçou um travesseiro contra seu peito, como se isso pudesse consolá-la. Mas não se podia comparar com os braços de seu *salvador de meia-noite*, ou melhor, com os do Phinn. Havia-se sentido tão bem ao dizer o que pensava. Mas agora se sentia tão miserável de saber a quem o tinha dito. Embora se sentisse parva por ter sido enganada, poderia lhe culpar sinceramente? Se as posições tivessem sido ao reverso, ela também poderia ter guardado silêncio.

Quando a luz da tarde começou a desvanecer-se, Olivia percorreu a cena uma e outra vez em sua mente, o melhor que pôde, sentindo-se terrível todas e cada uma das vezes.

Vergonha. Lamento. Vergonha.

Muito longe da euforia agri-doce que tinha sentido depois daquele primeiro beijo mágico. Ela tinha se apaixonado.

Lhe pediu que se casasse com ela.

Ele havia dito: *Não essa noite*.

Mas no dia seguinte... Ela não merecia sentir esta excitação e antecipação borbulhantes. Phinn não era o que parecia. Era o homem pelo qual se apaixonara.

E logo se foi, sem explicação sobre seu paradeiro.

Qual era a etiqueta adequada para tal situação? Teria que esperar pacientemente em casa, jogando com os polegares, enquanto esfriava a cabeça? Se atreveria a vagar sozinha pelas ruas de Londres em busca dele? Pertencia a

algum clube? Não deveria saber se seu marido pertencia a algum clube?

Ela também não deveria também saber se ele tinha o costume de beijar às jovens assim? Ela deveria. Ela realmente, realmente deveria.

Com isso em mente, Olivia determinou seu curso de ação. Ela tinha pensado que sabia onde poderia estar. E embora viajar sozinha e entrar sem ter sido convidada não se fazia, decidiu fazê-lo de todos os modos.

“Faça suas próprias regras, Anjo”.

A criada tinha terminado de varrer os restos de um jogo de chá muito fino e adoráveis enfeites.

— Há algo mais que possa lhe trazer, senhora?

— Uma carruagem por favor — respondeu Olivia.

Devonshire Street

Olivia ordenou uma carruagem para levá-la ao armazém onde se estava construindo o motor. Supôs que era muito provável que ele tivesse ido para lá.

Enquanto a carruagem rodava pelas ruas, perguntou-se por que não tinha ido ver seu lugar de trabalho antes. Havia tanto sobre ele que ela não sabia. Qual era a fonte da cicatriz que lhe atravessava a bochecha? O que aconteceu à sua falecida esposa? Por que a tinha enganado no baile do Cipriano?

As jovens não se intrometiam nos assuntos delicados dos outros. Mas agora Olivia estava fazendo suas próprias regras e queria conhecer, íntima e completamente, o homem com quem se casou.

Ao chegar ante um edifício anódino, deu ordens ao seu condutor para que esperasse.

Logo ela caminhou para a porta.

— Sou Lady Radcliffe — disse aos trabalhadores que estavam saindo quando ela chegou. Era a primeira vez que se apresentava como tal. Encolheram os ombros, permitiram sua entrada e foram para casa terminar o dia.

Em lugar de um paraíso refinado e exclusivo com serventes sempre em movimento, seu marido passava suas horas em uma habitação grande e escassamente mobiliada. Havia algumas janelas altas e mesas grandes com folhas de papel estendidas sobre elas.

Olhando mais de perto, discerniu que deviam ser planos e desenhos para o motor.

Foram minuciosamente detalhados e diagramados, e embora fascinantes, não podiam comparar-se com a própria máquina.

O motor não era o que ela tinha imaginado. Muito bem, ela não tinha pensado muito nele. Mas agora que o tinha visto, olhar para outro lado era impossível.

Dominava a habitação. Tinha ao menos oito pés de altura e parecia ser quase tão largo e três pés de profundidade. Era um labirinto de tubos dourados brilhantes unidos a cilindros gravados com números.

Ela rodeou o motor, fascinada por sua magnificência.

Como funcionava? Como fizeram todas estas peças de metal para realizar cálculos matemáticos? Ela não podia entendê-lo. Entretanto, não só entenderam Phinn e Ashbrooke, mas sim o inventaram e o construíram. Olivia se surpreendeu.

Ela queria entender como funcionava e vê-lo em ação. Como lhe dá uma equação para calcular?

Ela rodeou a máquina uma vez mais. Lá fora, a luz do dia se desvanecia e a escuridão se assentava, os sons da rua diminuía. Então ela viu a alavanca. É claro! Só precisaria puxá-la para que a máquina desse voltas e lhe dissesse tudo o que sempre quis saber 16 vezes 327, ou 11.000 dividido por 34.

A alavanca não se moveu. Puxou com mais força, logo baixou com todo seu peso agarrando-se por ela e levantando os pés do chão. Que ridícula devia parecer! Mas não podia afastar-se dele sem vê-lo funcionar.

Foi então que compreendeu por que Phinn se foi tanto tempo todos os dias. Ela tinha pensado que a tinha estado evitando, mas agora parecia mais provável que estivesse tão apaixonadamente motivado para ver esta máquina em ação que não podia manter-se afastado dela... e talvez ela fosse a única coisa que o cativava mais.

Finalmente, movimento! A alavanca se afundou lentamente para o chão, chutando a máquina à vida.

Começou a fazer uma quantidade ímpia de ruído, repico, um alvoroço de despertar os mortos. O som era tão

insondável que se cobriu instintivamente as orelhas.

Então, oh!, um dos cilindros saiu voando. Apressou-se a recuperá-lo, e um momento depois outro se caiu contra o chão. Ela recolheu esse também. Eram bastante pesados, ela descobriu. Especialmente quando havia três, logo quatro, logo cinco... junto com os cilindros havia tubos que também tinha se quebrado.

A máquina não deixava de agitar tão forte que sua voz se teria perdido se gritasse, o que poderia ter feito de todos os modos. Um dos cilindros se inclinou para ela, como se quisesse unir todas as peças que tinha recolhido em seus braços. Olivia os colocou brandamente e utilizou todo seu peso para tentar voltar a colocar o cilindro em seu lugar.

As damas se asseguravam de que tudo estivesse em seu lugar.

Não estava muito segura de quando deixou de tentar arrumar a máquina. Depois que o cilindro caiu, talvez, nos preciosos segundos entre isso e o colapso de um após o outro. Logo a máquina se reduziu a uma pilha de peças de metal no piso.

Com ela debaixo deles.

Capítulo Vinte

*Nada importava mais que completar com êxito o Motor de
Diferença a tempo para a Grande Exposição.*

Os pensamentos do Phinn antes...

Phinn deixou Olivia em suas habitações e saiu para caminhar. Não sabia aonde ia, só que tinha que ir-se. Tinha revelado o pior de si mesmo e o segredo que tinha jurado manter. Sabendo como lhe tinha temido, como podia estar disposto a lhe contar sobre a violência da que era capaz? E ele se aproveitou de sua confiança; em sua mente, ele não era diferente do soldado com o qual a tinha encontrado.

É claro, não tinha a intenção de lhe dizer.

É claro, ela se zangaria quando soubesse de seu engano e violência. Permanecer ali e vê-la perder todo o afeto que ela pudesse ter tido por ele era uma tortura que não podia suportar. A dor que havia sentido o levou a uma só conclusão: devia ter se apaixonado por ela.

O amor agora fez com que tudo parecesse pior.

Então ele se foi.

Procurou refúgio nas ruas de Londres, perdendo-se entre a multidão de pedestres, os gritos dos vendedores ambulantes e os gritos de advertência dos condutores de carruagens. Reproduziu a cena da tarde em sua cabeça uma e outra vez, tentando encontrar o momento preciso no qual tudo tinha saído mal. Foi antes que ela esmagasse a pastora ou depois?

Tinha esperado evitar isto. Ele e Nádía discutiam. As coisas voavam e se quebravam. Ele se retirava ao seu espaço de trabalho e ela se encerrava em um dormitório em um aborrecimento inconsolável que podia durar dias. Phinn se encontrou caminhando em ruas familiares a caminho do Motor de Diferenças. Isso é o que faria: ir trabalhar no motor, perder-se na maquinaria, onde tudo era o que era e tudo tinha sentido lógico todo o tempo.

Como Nádía, Olivia faria...

Não, não eram nada iguais. Uma era sombria e ardente, a outra justa e faiscante. Alguém tinha aborrecido sua sorte na vida, embora ela houvesse trazido tudo sobre si mesma com uma série de decisões tolas. A outra só estava tentando encontrar seu caminho. Nádía lhe jogou pratos de porcelana à cabeça. Olivia enrugou adoravelmente o rosto e os jogou no chão depois de pedir permissão e lhe dizer que fechasse os olhos.

Ele tinha querido algo diferente. Desejava-o. Com a Olivia, ele tinha encontrado o que queria.

Por que, então, estava caindo em hábitos familiares? Nádía tinha razão sobre uma coisa: foi e se perdeu no trabalho em lugar de resolver os problemas com ela. Phinn

levantou a vista, consciente de que estava no caminho de cometer o mesmo engano que sempre cometeu. O armazém estava a só uma quadra de distância.

Se ele quisesse que as coisas fossem diferentes neste matrimônio, não poderia escolher uma garota diferente e esperar o melhor. Tinha que ser diferente a si mesmo, e isso significava enfrentar as coisas em lugar de fugir e perder-se em seu trabalho.

Ele conteve o fôlego. Deveria retornar ao hotel, desculpar-se e prometer que seria melhor. A tensão em seu peito se aliviou; seu coração se sentiu mais leve.

Até que ouviu o motor.

Phinn se deteve. Convencido. Inclinou a cabeça. Sim, esse era o som da máquina enquanto tentava um cálculo. O único problema era que não deveria estar executando-se; não estava pronto ainda. Os assistentes que ele e Ashbrooke tinham contratado sabiam que era melhor não tentar começá-lo.

Phinn acelerou o passo para o armazém. Provavelmente foi uma pessoa sem abrigo que procurou refúgio durante a noite e, ao ver a máquina, não pôde evitar prová-la. A máquina tinha uma forma de hipnotizar as pessoas, impulsionando-a a tocá-la.

Logo escutou o choque e pôs-se a correr. Ele conhecia esse choque: a maldita coisa caiu e desmontou uma vez mais.

Quando viu uma carruagem fora, seu coração pareceu deter-se.

— Olivia! — Phinn gritou seu nome, mas não houve resposta. Gritou de novo. — Olivia! — E ainda ninguém respondeu. Arruinou um silêncio horripilante quando irrompeu pela porta. A força o lançou contra a parede.

Ele podia vê-la jazendo entre os escombros.

Não. Havia-o dito ou simplesmente o tinha pensado ou simplesmente o havia sentido?

Não.

Não desta vez. Não outra vez. Não ela.

Mas não havia dúvida de que Olivia, sua esposa, estava caída no chão, com um montão de partes do motor cobrindo suas pernas. Seus braços estavam estendidos e seu cabelo desordenado. Parecia tão equivocado ver suas formosas mechas loiras estendidas no chão poeirento.

— Olivia — disse, com voz áspera, enquanto se aproximava lentamente. — Olivia — disse de novo, caindo de joelhos junto a ela.

Tinha os olhos fechados e sua expressão era estranhamente pacífica, como se acabasse de decidir descansar um pouco pela tarde. Debaixo de um montão de tubos pesados e cilindros no piso, em um edifício desolado em uma parte remota da cidade.

Sentiu o pulso de seu pescoço e soltou um suspiro de alívio quando sentiu o batimento do coração débil, mas constante de seu coração.

Ela estava viva. Esta não era Nádía, uma vez mais.

Isto não poderia voltar a lhe acontecer.

Isto não poderia acontecer a ela.

Phinn começou a limpar os escombros, levantando um cilindro de cada vez e puxando-o a um lado.

— Sinto muito — lhe disse. Uma por uma, de maneira constante e metódica, eliminou cada peça do maldito motor entre ele e Olivia. — Isto foi minha culpa, o sinto.

As peças eram pesadas. Depois de um tempo, seus músculos queimaram pelo esforço. Mas, como se sentia, presa debaixo de tudo?

Demonstrações de força.

Em outra ocasião, em outro lugar, poderia haver rido. Talvez se vivesse ele poderia impressioná-la com os detalhes deste heroico resgate.

Se ela vivesse. Se lhe evitava ser o homem que não perdeu uma esposa e sim a duas.

Mas ele não era heroico. Era um homem inquieto e intrometido que seguia levando as mulheres à sua própria destruição. Amava-a e tinha tido tanto medo de amá-la que fugiu, como um covarde. Agora ela estava pagando o preço por isso.

Ele não podia respirar. Seu coração parecia haver-se agasalhado em sua garganta. E havia algo em seu olho. Algo quente e úmido, que uma pessoa mais sensível poderia ter chamado de lágrimas. Phinn as apartou com o dorso de sua mão. Agora não era o momento. Ele puxou outro cilindro à distância. Caiu contra uma mesa. Ele empurrou outro. Caiu contra uma cadeira, que paralisou sob o peso e a força.

Horas e horas de trabalho: cálculos cuidadosos, rascunhos intrincadamente detalhados, horas dedicadas a

desenhar as peças, forjar o metal, terminar cada peça à mão até que fossem idênticas. Jogou tudo a um lado sem pensar duas vezes.

Finalmente, ela era livre.

Phinn viu então que um de seus tornozelos estava gravemente prejudicado, definitivamente quebrado.

— Sinto muito — murmurou, em caso de que ela pudesse escutá-lo. Poderia dizer algo mais? Ele tentou. E se ela pudesse escutar e pensar o pior, ele adicionou: — Vou levantar-te e te levar para casa.

Ela não respondeu.

— Chamaremos um doutor. Ficará bem. — Essa era outra mentira. Seu tornozelo se via terrível.

Ela se moveu e murmurou enquanto ele a levantava. Um gemido de dor escapou de seus lábios. Realmente, deveria haver ficado na habitação do hotel e beijá-la uma e outra vez. Ela poderia havê-lo deixado de todos os modos, mas não teria sido machucada assim.

De algum jeito conseguiu subir à carruagem com ela, agradecido de ter tido a sensatez de dizer ao condutor que esperasse. Partiram ao meio galope. Phinn a sustentou fortemente em seus braços até que chegaram ao hotel.

— Chama um médico — bramou ao entrar no vestíbulo, ocupado com a forma inconsciente de sua esposa em seus braços, as pessoas olhando. No mais recôndito de sua mente, ele era consciente de como se veria isto. Podia ver as manchetes dos periódicos: *O Barão Louco ataca novamente*.

Ele merecia. Olivia não. Se ela vivesse.

Nem sequer queria contemplar como seguiria se não o fizesse.

— Imediatamente — exigiu. Um lacaios saiu correndo.

De algum jeito, conseguiu levá-la à sua habitação, onde a colocou brandamente sobre sua cama. O médico veio e realizou seu exame, enquanto Phinn fiscalizou (ou obstruiu o processo com suas incessantes perguntas e dúvidas, segundo o médico) e passeou freneticamente pela habitação.

— É seu tornozelo — disse o Dr. Barkley. — Quebrado. O fixarei. Ela deverá voltar a caminhar, mas receio que seus dias de valsar podem ter terminado.

Phinn pensou em Olivia no baile do Cipriano, dançando com tanta graça e felicidade.

Seu estômago virou e começou a arder.

— Sua cabeça também sofreu um golpe — continuou o doutor. — Estou seguro de que despertará. Oxalá conserve sua memória! — Disse com um sorriso amistoso.

Phinn não estava seguro se esse resultado seria bom ou mau. Ela recordaria como lhe tinha mentido? Ela recordaria como havia entrado naquele matrimônio? O que aconteceria se ela não o fizesse?

— Nada mais a fazer, agora é só esperar — disse o Dr. Barkley. Deixou instruções adicionais com as criadas antes de ir-se.

Phinn pegou a mão de Olivia enquanto ele se ajoelhava junto a sua cama. E esperou.

Ao princípio Olivia só escutou as vozes. Tudo parecia estar filtrado através da névoa e o algodão, por isso não

conseguia entender as palavras. Mas, oh, ela podia reconhecer o tom angustiado de sua mãe, realmente, e seu pai estava gritando, embora não conseguisse ver, Olivia pensou que seu rosto devia ser um tom de vinho tinto, a julgar pela fanfarronada de sua voz.

Tudo o que implicou à pergunta: Onde ela estava? Por que seus pais estavam em um ataque de histeria?

Seus débeis esforços de movimento se encontraram com uma dor aguda. Ela pensou duas vezes antes de tentar isso de novo. Quando recuperou a consciência (agora ouviu as palavras, embora estivessem distorcidas e não tentou as seguir), deu-se conta de que sua mão se sentia cálida e segura, como se Phinn a estivesse segurando.

Era isso ou simplesmente uma ilusão? Estava pensando ou sonhando? Que demônios lhe tinha acontecido? A curiosidade a impulsionou a fazer um esforço para abrir os olhos.

Lentamente, pouco a pouco, tudo se enfocou. Ela estava deitada em sua cama no hotel.

A hora era tarde. A única luz provinha do crepúsculo e as velas se dispersavam pela habitação. Seus pais estavam tendo uma espécie de discussão no canto.

Phinn. Ele estava ali. Lhe segurando a mão.

— Olivia — sussurrou seu nome. — Sinto muito.

Ela piscou. Ele estava horrível. Angustiado, sério. Sua boca estava em uma linha sombria. Quanto tempo tinha passado desde que se estavam beijando? Seus olhos estavam avermelhados e seu cabelo completamente desordenado.

Sabia que isso significava que havia se sentido frustrado ou irritado por algo e o penteou com os dedos.

O que aconteceu?

Olivia voltou a fechar os olhos. E escutou. Só tinha forças para isso.

— Despertou? — Essa era sua mãe, ansiosa. Olivia só podia imaginá-la apertando um lenço ao seu peito.

— Só por um segundo. — Esse foi Phinn.

— Se ela morrer. — Esse era seu pai, no tom de advertência com que estava acostumado a ameaçá-la. “*Se não parar de deixar suas bonecas na escada...*” Mas logo sua voz vacilou. — Lhe entreguei a minha filha apesar de todos esses malditos rumores sobre você e resulta que é justo o que dizem.

— Pior! — Exclamou sua mãe.

— Deu-me sua palavra como um cavalheiro — disse seu pai. Sua voz se elevou agora. — É um assassino e um mentiroso.

Se ela tivesse força, Olivia teria ficado sem fôlego ante a acusação. Como homem de honra, Phinn não teria mais remédio que desafiar seu pai por lançar mentiras incendiárias. Eram mentiras, não é?

— Foi um acidente — ouviu Phinn dizer. Ele soava desesperado. — Eu juro, nunca quis lhe machucar.

— Rogo que desperte, a levaremos para casa — declarou seu pai. Ela pensou que seu rosto devia haver-se voltado um pouco da cor da pintura labial que tinha usado durante seu primeiro encontro desastroso com o Phinn.

— Onde ela estará a salvo — sua mãe soprou. E logo se afogou em um soluço e chorou: — Haverá um divórcio. Oh, o que dirão?

Divórcio? Olivia considerou convocar sua força para exigir respostas. Mas sempre falavam de sua vida como se seus desejos não importassem, de modo que sentido tinha despertar deste estranho estado de vigília, mas não despertar?

— Dirão que nossa filha está a salvo das mãos de um descarado malvado — seu pai disse com dureza. Olivia imaginou que seu rosto estava com uma cor de sorvete de framboesa. Então ela preferia um sorvete de framboesa. Mas isso requeria despertar, uma atividade pela qual atualmente carecia de força e a inclinação. — Fui um parvo ao confiar em você com algo tão precioso como a vida da minha filha.

Por um momento seu coração se deteve. Eles se preocupavam. Agora lhes importava.

— Foi um acidente — disse Phinn, levantando a voz. Estavam-no provocando com as acusações mais cruéis. E se perdesse as estribeiras como o tinha feito com Rogan ou Brendon (Brandon?)? Ela o escutou inalar, — deve estar perto! — e exalar lentamente.

Quando ele falou a seguir, sua voz era profunda e áspera.

— Ambos. Acidente.

— Espera que acreditemos? — Bramou seu pai. — Espera que alguém acredite?

— Não será recebido — sua mãe disse friamente. Como se Phinn se importasse com isso.

Pensou que já poderia ter aprendido o suficiente sobre ele para saber que isso não lhe importava. E logo se deu conta de que sua mãe se apressava para ela e se afundava no colchão junto a ela.

— Como não despertou ainda? — Gritou.

— Chamou um doutor? — Esse era seu pai.

— É óbvio que malditamente chamei um médico — respondeu Phinn.

— Acredito que deveria nos deixar, ela necessita de sua mãe.

— Escutou Lady Archer, deixe-a conosco, deveria ir. — Escarlata. Seu rosto tinha que ser de um tom escarlata. Olivia abriu um olho para ver se tinha razão. Ela tinha.

Também viu que Phinn estava virando para ir-se. Sua mão estava no pomo da porta. Sua mãe chorava junto a sua cama. Era o momento de convocar sua força. Ele não podia deixá-la. E, sobretudo, não podia deixá-la nas garras histéricas de seus pais.

Agora não. Gostava do hotel e queria estar com o Phinn.

— Fica — disse ela. Foi um sussurro. Ela tentou de novo. — Permaneça.

— Olivia! — Phinn se virou rapidamente e correu para seu lado da cama. Caiu de joelhos junto a ela e ela pegou sua mão.

— Está acordada! Archer, está acordada! — Grasnou sua mãe. Seu pai empurrou Phinn a um lado, agarrou-a pela mão

e a apertou.

— Está tudo bem, querida, a levaremos para casa — disse sua mãe efusivamente. — Não precisa ficar aqui nem um momento mais.

— Sinto muito, filha, acreditei que era um homem honrado, apesar dos rumores. Do contrário, nunca teria contraído seu compromisso. Deveria ter deixado tempo para um noivado, como ele queria...

Isto era muito para que Olivia assimilasse agora. Mas ela entendeu o suficiente.

Ela tinha estado castigando o Phinn por pecados que não eram inteiramente dele.

Tudo o que pôde fazer foi deixar escapar um suspiro de cansaço.

— Silêncio, marido — disse sua mãe. — Não pode ver que está exausta?

— Todos podemos vê-lo, esposa — seu pai respondeu com frieza.

Phinn estava atrás deles. Olivia encontrou força em seu olhar.

— Sei exatamente do que precisa — disse sua mãe, procurando em sua bolsa. Ela nunca poderia encontrar nada em sua bolsa em menos de cinco minutos. Agora não foi a exceção. — Agora espera... está aqui em alguma parte.

Finalmente, estava triunfante. Ela sustentou em alto uma garrafa do Smythson's Smelling, sais aromáticos. Logo ela tirou a tampa e sustentou a garrafa sob o nariz de Olivia.

Oh, Deus, isso foi revitalizante! Olivia inspirou profundamente, logo tossiu, logo convocou todas as suas forças para ignorar a dor que se requeria para apartar a cabeça daquele aroma curiosamente forte.

— Funciona! Sempre! — Sua mãe gritou. — Se tivesse comprado as ações como te disse, seríamos ricos e não teríamos que depender dos recursos do Radcliffe.

Olivia olhou de sua mãe ao seu pai e ao Phinn. Seu olhar se pousou nele.

— Olivia.

— Por favor, fica — disse. Não foi uma ordem ou uma pergunta, mas uma súplica.

De algum jeito, apesar de todos os seus protestos e acusações, Phinn conseguiu tirar seus pais da habitação. O silêncio, oh, Deus, o silêncio foi celestial. Fechou os olhos para saboreá-lo, mas Phinn lhe suplicou que despertasse.

— O que aconteceu? — Perguntou uma vez que finalmente o obteve.

— O motor não estava pronto — disse, e recordou a brilhante máquina que tinha quebrado. Oh, ele deve estar zangado com ela! — Mas não sei porque não lhe disse isso. Ficava até tarde todos os dias e só retornava depois que tinha se deitado porque ... É difícil de explicar.

Não tinha nenhum sentido, mas compreendeu que não estava zangado com ela. Em todo caso, estava zangado consigo mesmo. Estava claro pela angústia em sua voz e pela maneira grosseira com que se passou os dedos pelo cabelo.

— Cometi um erro, Olivia. Caiu. Parece que quebrou o tornozelo. O médico acredita que voltará a caminhar.

Oh. Bom, isso explicava a dor perversa que sentia cada vez que tentava mover-se.

— Olivia. — Pegou sua mão outra vez. Ela recordou sua noite no teatro. Ela queria isso de novo. Mas um olhar em seus olhos e ela viu que ele não estava pensando em doces e pequenos afetos que tinham lugar na escuridão. Não, ele estava mortalmente sério. — Não consumamos nosso matrimônio, sei que não teve mais opção que se casar comigo, não foi como o planejei, e meus intentos por melhorar as coisas só as pioraram. Pensei que era o melhor para nossa reputação seguir adiante com isso, mas pode ir agora, o anularemos, irei embora. Levarei a culpa de tudo, merece algo melhor que isto e melhor que eu. E farei qualquer coisa para que seja a mais feliz das mulheres.

Olivia compreendeu vagamente que um desses discursos devastadoramente românticos que sempre tinha sonhado escutar foi finalmente, gloriosamente, entregue a ela. Ela desejava que ele o repetisse uma e outra vez para poder memorizá-lo. Não serviria o parafraseio quando contasse esta cena à Prudence e Emma. Ela tinha que consegui-lo exatamente.

Phinn lhe apertou a mão. Havia mais.

— Mas, Anjo, me fará o homem mais feliz se ficar.

— Oh. — Foi um suspiro sincero. Era tudo o que podia dirigir. Só era consciente do lento batimento do seu coração, sua mão aquecida pela dele, e o genuíno afeto em seus olhos.

Ela tinha perguntas sobre este seu marido. A única forma de obter respostas era ficar.

Houve um golpe na porta. Não sabiam como lhe doía a cabeça? Seus pais irromperam. Houve mais conversações de sua partida, da anulação do matrimônio, de não voltar a ver o Phinn nunca mais. Mas ela não podia perdê-lo agora. Havia muitas perguntas sem responder, muitas coisas que queria saber e muitos beijos que não tinham compartilhado.

— Somos seus pais e deveríamos decidir por nossa filha.

Isso acabou, não? Eles sempre decidiram por ela. Todos sempre decidiram por ela.

Ninguém alguma vez lhe perguntou o que queria. Se ela tivesse sido capaz, o teria falado.

Em lugar disso, suspirou e esperou que Phinn respondesse que ela era sua esposa, e que ele tomaria as decisões com respeito ao seu cuidado.

Em troca, lhe deu todos os motivos para ficar quando disse:

— A escolha é da Olivia.

Capítulo Vinte e Um

O Barão Louco ataca novamente.

O notório Lorde Radcliffe foi visto levando a forma inconsciente de sua nova esposa através do vestíbulo do Hotel Mivart, onde estão residindo. Tememos o pior.

O Semanal de Londres

O dormitório de Olivia

Especificamente, sua cama

Depois do giro dramático dos acontecimentos que deixou Olivia prostrada na cama, encontrou a si mesma... bem, prostrada na cama. E depois da rajada inicial de visitas do médico (que declarou que tinha quebrado o tornozelo) e de seus pais (que se queixavam excessivamente), e das enalhadas (que a divertiam com as intrigas da sociedade), deixaram-na sozinha para descansar.

Esta manhã, Phinn tinha retornado ao seu lugar de trabalho para fiscalizar a reconstrução do motor de diferenças, sabia que o faria. Era um trabalho importante que tinha vindo fazer em Londres. Mas também vinha por uma

esposa, que jazia na cama sozinha. Quem tinha quebrado o motor.

Olivia suspirou. Quando se foi antes, ela não tinha protestado, enquanto os visitantes rodeavam seu lado da cama. Mas já tinham ido fazia muito tempo e ele não tinha retornado. A luz de suas janelas se desvaneceu do amarelo brilhante do meio-dia à violeta do crepúsculo.

Estava tão aborrecida e inquieta que recolheu o bordado que sua mãe tinha deixado ao seu alcance. Por um momento ela olhou fixamente a peça em sua mão. O tecido em branco, a agulha e o fio eram tudo o que ela tinha desprezado: a mulher que se sentava de braços cruzados e esperava, ocupada costurando versos bíblicos e imagens decorativas em um pedaço de tecido que algum dia poderia ser um travesseiro colocado sobre a cama onde poderia ou não ser violada por seu marido.

O bordado foi um trabalho inútil. À diferença do trabalho possivelmente revolucionário do Phinn.

Senhoritas bordando em casa.

Os homens saindo e procurando aventuras e fazendo grandes coisas.

Regras, regras, regras! Ela as conhecia muito bem. Tomaram muito espaço em seu cérebro. Mantiveram-na atada, contida e apertada no molde da Dama Correta até que não pôde respirar. Graças ao seu *misterioso salvador de meia-noite*, Phinn!, só havia uma regra que ela respeitava nestes dias.

Faça suas próprias regras.

Com um sorriso nos lábios, Olivia recolheu sua agulha e selecionou um fio rosa vibrante. Começou a costurar e se manteve até que chegou Phinn.

— Justo onde te deixei — remarcou, apoiando-se contra o marco da porta antes de entrar na habitação.

— Olá — disse, sorrindo timidamente. Ela estava contente de vê-lo, mas muito consciente de que, enquanto estava vestida adequadamente, estava deitada sobre os lençóis de sua cama e, devido ao seu tornozelo, estava presa ali.

— Minhas desculpas por tomar tanto tempo para retornar a você — disse. — O motor necessitará de reparações importantes.

Seu sorriso se desvaneceu.

— Sinto muito — disse Olivia. Verdadeiramente, sentia-se mal cada vez que pensava no que tinha feito. Todo seu trabalho. — Não quis quebrá-lo. Só queria ver se funcionava.

Ela só queria vê-lo e conhecê-lo. Mas essas eram palavras que ainda não se atrevia a dizer.

— Não, eu sinto muito, Olivia — disse Phinn, sentando-se em uma cadeira ao lado da cama e juntando sua mão. Ele a olhou com seriedade. Desculpando-se. — Nunca deveria ter saído.

— Por que o fez?

Phinn passou os dedos pelo cabelo.

— Estava tão assustada comigo, Olivia, viu a violência da que sou capaz. Pensei que se soubesse que era eu, ficaria

ainda mais assustada e não me deixaria te tocar, então não podia te beijar, porque então saberia.

Olivia o olhou seriamente. Ela viu seus olhos verdes, olhando-a com tristeza e um pouco de esperança. Então sua atenção se desviou para aquela cicatriz, lhe recordando seu passado perigoso, temperamento violento, e todas as coisas que ela não sabia sobre ele.

Ela jogou seu cabelo para trás, alisando-o com seu toque.

— Para sermos justos, veio em minha defesa – disse. — Estavam me atacando. Phinn, se não tivesse estado ali, estremeço-me ao pensar o que teria sofrido.

Enquanto falava daquela noite, ela viu suas mãos apertadas em punhos. Sua mandíbula se apertou. Seus olhos se obscureceram de verde a quase negro. Por um momento Olivia sentiu um tremor de medo. O semblante do Phinn se transformou de um marido atencioso a um homem que não estava de tudo ali, mas se tinha encetado em sua irritação.

Prostrada na cama e incapaz de caminhar, ela estava completamente à sua mercê.

Embora não acreditasse que a atacaria, era bastante inquietante ver a forma em que a ira o invadiu. Ela não esqueceu aquela noite, tampouco. Seus golpes tinham sido rápidos, seguros e implacáveis, até que ela chorou para que se detivesse e Brendon (Brandon?) jazia inconsciente no chão.

Não querendo perder Phinn naquele estado de ânimo sombrio agora, ela apoiou suas mãos sobre seus punhos

fechados e o olhou aos olhos. Pouco a pouco, sentiu que seu agarre se suavizava e seus dedos se relaxavam.

— Tenho um temperamento — admitiu.

— De verdade? Não tinha me dado conta — Olivia respondeu com doçura.

Phinn pensou que ela devia ser tola. Então se deu conta de que estava brincando; para sua surpresa, jogou a cabeça para trás e riu. E assim, toda a ira quente e tormentosa se acalmou. Por isso necessitava de Olivia. Ninguém mais tinha a capacidade de acalmar seu temperamento ou distrai-lo da ira.

— No que está trabalhando? — Perguntou-lhe, assinalando com a cabeça o tecido em suas mãos.

— Bordado, em realidade — disse com um pequeno sorriso, olhando para baixo.

— Pensei que odiasse o bordado. Justo quando pensava que te conhecia...

— O faço, mas era quão único podia fazer agora — disse com um sorriso envergonhado. Seu peito se apertou. Ela estava presa na cama com bordados, tudo por sua culpa, Deus, seria um animal se estivesse preso em sua posição.

— Sinto muito, Olivia.

— Sei — ela respondeu. — Além disso, encontrei a maneira de fazê-lo menos tedioso.

Ela girou a amostra em que tinha estado trabalhando para lhe mostrar. Sorriu enquanto lia as palavras costuradas em letras grossas e retas com um ou outro enfeite dourado: *faça suas próprias regras*.

— O que sua mãe dirá quando vir isso? — Phinn perguntou levantando uma sobrancelha.

— Ela dirá: “*Olivia, as damas não*”. Mas eu digo que as damas sim.

— Isso espero — murmurou Phinn. Seus olhares se encontraram. Bloqueado. Uma vez mais sentiu aquela força, atraindo-o para a Olivia. Como a gravidade. Como o magnetismo. Como se fosse uma lei e não houvesse uma ruptura. Não é que não quisesse; ele queria estar tão perto... ele queria estar dentro dela.

Seu olhar baixou aos seus lábios, separaram-se ligeiramente. Ele queria beijá-la. Logo seu olhar baixou mais, ao inchaço de seus seios puxando seu corpete. Ele queria tocar, provar, adorar. Queria a sua esposa com uma intensidade geralmente reservada para um de seus temperamentos.

Ela compartilhava seu desejo? O obscurecimento de seus olhos azuis poderia sugerir que o fazia.

— E quais são as regras segundo Olivia? — Perguntou Phinn com voz áspera.

— Uma jovem dama deve expressar seus pensamentos e opiniões — disse. — Não fui muito boa nisso.

— Está fazendo tudo bem agora — respondeu ele, animando-a a lhe dizer o que pensava. Se a conhecesse, poderia agradá-la. Se ela fosse feliz, ele seria feliz. — Quais são algumas outras regras tuas?

— Só seguir as regras que tenham sentido — disse Olivia, e seu coração quase explodiu de amor por ela. Lhe devolveu o

sorriso. — Por exemplo, é ridículo que uma dama deva ter um apetite similar a um pássaro e mal coma a sua refeição e morra de fome a maior parte do tempo. Ninguém deve pôr sua felicidade nas mãos de ninguém mais. Alguns o tratarão sem respeito — adicionou, e pôde dizer que ambos estavam pensando no soldado. — Ou muito provavelmente, ninguém se preocupará tanto por sua felicidade como ela.

Phinn suspeitava que estava falando de seus pais agora. Tinham boas intenções, mas se realmente lhes importasse, teriam escutado a sua filha e lhe teriam dado uma opção em assuntos relacionados com sua vida.

— Alguma outra regra?

— Uma mulher deve descobrir o que lhe agrada — Olivia respondeu em voz baixa.

— Eu gosto dessa regra — murmurou sugestivamente.

— Não estava pensando o que está pensando claramente — ela respondeu.

— Lástima — comentou. — Verdadeiramente.

— Não tenho muita experiência nesse sentido — confessou. Ele sabia. Gostou.

O coração do Phinn começou a palpitar mais forte e mais rápido.

— Há um remédio fácil para isso.

— Mas... mas... — Ela gaguejou.

Phinn arqueou uma sobrancelha, incentivando-a a continuar, mas não queria parecer tão ansioso e assustá-la. Estavam cada vez mais perto. Ela suspirou.

— Minha perna e vi as imagens, e embora as ache intrigantes, não estou muito segura... todas aquelas coisas. Confesso-o, tenho curiosidade, entretanto...

— Olivia.

— Sim?

— Uma mulher deve descobrir o que lhe agrada — disse Phinn. — E deveria expressar sua opinião e deixar claro seus desejos, seja “*Sim, eu gosto e quero mais*” ou “*Pare imediatamente*”.

— Um cavalheiro deve obedecer aos desejos de uma dama — ela respondeu, com uma leve mudança nas comissuras dos lábios.

— De acordo — disse, com a voz áspera, o coração palpitando.

Olivia deixou cair seus bordados ao chão.

Phinn apartou um cacho de seu rosto. Ia beijá-la agora. Ela sabia que era ele e que estaria bem. Ela poderia estar nervosa ou assustada, mas lhe demonstraria que podia confiar nele para mantê-la a salvo e feliz. Ele a ajudaria a descobrir o que lhe agradava.

Embora não carecesse de experiência, sentia-se nervoso. Gracioso, isso. Depois deste beijo não haveria volta atrás.

Phinn baixou a boca à dela, decidido a agradar a sua dama. Tomou toda sua moderação, mas manteve seu beijo leve e gentil ao princípio. Parecia que gostava disso antes. Mas então, como bêbado por seu sabor, não pôde conter-se. Incentivou seus lábios a separar-se para que realmente pudesse saboreá-la.

Olivia também pareceu gostar disso. Quando se uniu a ela na cama, deitado ao seu lado, sentiu-a esticar-se e logo relaxar-se. Ela era inocente. Ele não podia esquecer isso.

Tampouco podia esquecer o que ela acreditava que sabia de seu temperamento e seu passado. Se conseguisse separar-se de seu beijo, poderia explicar.

Ou poderia lhe mostrar que não havia nada do que temer. Ele só a beijou como se fosse a única coisa no mundo.

Tentativamente ao princípio, ela respondeu. E logo ela se rendeu um pouco mais.

Levemente, ela apartou uma mecha de seu cabelo. Enquanto o fazia, seus dedos roçaram a cicatriz.

Ele a sentiu esticar-se. Ficou sem fôlego.

Logo ela passou seus dedos por seu cabelo, trazendo-o para mais perto. Sentiu seus seios pressionando contra seu peito. Sua dura excitação se esticou contra suas calças. Tudo o que queria era enterrar-se dentro dela e empurrar duro até que chegasse ao clímax e gritasse seu nome. Em troca, obrigou-se a ir devagar e descobri-la.

Quando ele pressionou beijos quentes, com a boca aberta ao longo de seu pescoço, Olivia se congelou como se não estivesse muito segura disso. Logo suspirou e jogou a cabeça para trás para lhe dar mais acesso. Com os olhos fechados, não viu seu sorriso triunfante.

Sabia como cortejar uma mulher até que ela ficasse dócil e desejosa em seus braços. Ficou sem fôlego, desejando e desejando tocar sua pele nua.

Phinn deslizou suas mãos abertas ao longo de seu flanco e acariciou o delicado espaço entre seu quadril e sua cintura, e a pressionou mais perto dele. Ele não se deteve ali, nem sequer quando sua mão se fechou ao redor de um seio. Um ajuste perfeito. Olivia o olhou aos olhos. Logo, sorrindo languidamente, ela os fechou novamente. Pressionou sua boca com o leve sorriso em seus lábios enquanto começava a puxar seu corpete, primeiro expondo um ombro belamente pálido e redondo. Teve que pressionar um leve beijo ali.

Quando ele apartou todo o tecido entre eles, ela não protestou. Quando ele baixou a cabeça e sua boca se fechou ao redor de um dos centros escuros de seu seio, suspirou levemente. Enquanto sua língua brincava com o pico sensível, seus suspiros se converteram em gemidos.

Quando se moveu contra ela, como se estivesse dentro dela, ela se esticou de novo.

Não gostou ou não sabia o que fazer.

— Se mova comigo — disse bruscamente. — Ou me diga que pare.

As senhoritas deixam que o cavalheiro se saia bem...

As regras ainda infestavam Olivia. Ela achou mais e mais difícil conter-se. Por que estava tão decidida a resistir a ele? Ela não conseguia recordar. Por que ela não conseguia mover-se com ele? Instintivamente, queria fazê-lo. Mas lhe haviam dito que as mulheres ficam quietas, permitindo que o homem o desfrute, e agora lhe ordenava que se movesse ou que lhe dissesse que se detivesse. Dado o calor constante e em espiral e sua sensação de profundo desejo e insatisfação neste

momento, deter-se não era uma opção. Então baixou suas defesas e permitiu que seus quadris se movessem com os seus. Ela sentiu a dura longitude de sua excitação pressionando a vértice de suas coxas. Ela só queria sentir mais dele.

Ela tinha jurado fazer qualquer coisa para evitar o matrimônio com este homem, e agora estava ofegando por seu toque. De algum jeito, Phinn conseguiu afastar os temíveis pensamentos com o prazer que lhe deu com suas mãos e boca. Tinha pressionado beijos ao longo de seu pescoço, estimulando a pele sensível ali e fazendo-a esquecer quão vulnerável se sentia.

Suas mãos, que poderiam ter machucado outra mulher, vagaram sobre ela.

Aprendendo-a. Agradando-a Empurrando suas pernas separadas. As gemas de seus dedos riscaram linhas claras em suas coxas internas onde a pele era tão sensível.

— Me diga que pare — disse, com voz áspera.

— Não — sussurrou.

Suas mãos se moveram mais alto e começou a acariciar o casulo de seu sexo com a ponta de seus dedos. Ela se mordeu o lábio, sufocando os gemidos.

As damas devem ser vistas e não escutadas.

— Quero te escutar — sussurrou.

Então suspirou e não se conteve enquanto ele riscava delicados círculos ao redor de seu lugar mais sensível. A pressão aumentou, tirando um gemido de seus lábios. Ela não conseguia ficar quieta. E ofegou quando ele deslizou um

dedo dentro dela. Ela nunca havia sentido algo assim. Os delicados e zombadores golpes continuaram até que ela se sentiu zangada. Não era suficiente. Ele não sabia que não era suficiente?

— Phinn — ela disse com voz rouca.

Ele a beijou e deslizou outro dedo dentro dela, enquanto pressionava o botão de seu sexo com seu polegar. Isto foi muito para processar. Sentia-se acalorada, por que diabos ainda tinha este vestido? Mesmo assim, moveu seus dedos em um ritmo perverso que a estava deixando louca. A opressão em seus pulmões dificultava a respiração. De fato, sentia-se tensa e esticada por todos lados, como se pudesse quebrar-se a qualquer momento.

E logo o fez. O clímax foi duro e rápido. Olivia gritou quando sentiu onda atrás de onda de um prazer que nunca tinha imaginado.

— Olivia — murmurou Phinn, pressionando mais beijos contra seu pescoço.

— Mmm — murmurou enquanto o envolvia com seus braços.

— Há mais — sussurrou. Ou queria dizer menos? Seu vestido foi jogado ao piso. Seu traje o seguiu rapidamente.

Os olhos de Olivia se abriram quando viu os largos ombros do Phinn, seu musculoso peito. Seu olhar se deteve em sua grande excitação, sobressaindo-se. Logo ela apartou a vista, voltando seus olhos obscurecidos.

— Olivia? — Era uma pergunta. Só havia uma resposta. Ela sorriu timidamente e esticou suas palmas sobre seu peito,

sentindo a calidez de sua pele. Ficou sem fôlego quando as gemas de seus dedos roçaram seus mamilos.

— Sim — sussurrou. Ela queria sentir aquilo outra vez. Ela também queria conhecê-lo. Inclinou-se sobre ela, e por um segundo ela se esticou, sentindo-se presa. Logo a beijou e ela recordou o prazer por vir. Seu abraço foi quente. Ela descobriu que não queria estar em nenhum outro lugar.

Reivindicou sua boca para outro beijo profundo e apaixonado, do tipo que fez com que seu engenho fugisse e a fez querer mais. Ela era consciente de sua excitação apertando contra ela. E enquanto separava suas pernas, era consciente do muito que o desejava.

Lentamente, Phinn entrou nela. Ela estava cálida e úmida para ele. Apesar de tudo o que ela tinha feito para desfazer-se dele, não podia negar que o desejava agora.

Ele empurrou dentro; ela ofegou. Começou a mover-se com impulsos profundos e lentos.

Ela envolveu seus braços ao redor dele. Mais dentro. Mais. Ela apanhou sua boca por um beijo. Mais forte. Seus quadris se moveram com os seus. Então não havia nada mais que ele e ela, movendo-se como um só. Então não houve nada mais que prazer quando golpeou seu clímax com um grito. Então não houve nada mais que o ruído surdo de seu coração e Olivia em seus braços. Foi tudo.

Capítulo Vinte e Dois

Há esperança para Lorde e Lady Radcliffe depois de tudo! Lady Olivia simplesmente resultou ferida e certamente viverá, embora pode ser que não veja seu marido por um tempo. O Barão Louco estará ocupado tentando reconstruir o Motor de diferenças antes da Grande Exposição, que se aproxima cada dia mais.

O Semanal de Londres

***O dormitório de Olivia
Especificamente, sua cama
Ainda...***

Quando Olivia despertou à manhã seguinte, tudo tinha mudado profundamente.

Agora estavam casados de verdade e não havia escapatória, salvo por um ato do Parlamento, que era tão estranho como os atos de Deus. Se quisesse amor, romance e felicidade, teria que fazer com que acontecesse, e fazê-lo realidade com o Phinn.

Ela despertou ao seu lado. Segura. Adorada. Alguns de seus temores tinham sido acalmados.

Depois do café da manhã, perguntou:

— O que você gostaria de fazer hoje?

— Eu gostaria de passear pelo parque, visitar as lojas da Bond Street, dançar uma quadrilha ou correr pelo campo enquanto canto — disse Olivia. Logo, com um suspiro, adicionou: — Mas suponho que neste caso vou ficar aqui.

— Sinto muito, Olivia — disse, fazendo uma careta. Sentia-se culpado por sua perna, como se fosse sua culpa, quando realmente era dela. Ela não deveria ter tentado operar uma maquinaria que não entendia.

Ela sorriu e disse:

— Deve deixar de se desculpar e em troca me compensar.

— Devo trazer seu bordado?

— Não, terminei minha peça — disse Olivia. — E esse poderia ser todo o bordado que preciso fazer pelo resto da minha vida.

— Talvez você gostaria de pintar?

Ou talvez não, pensou Olivia. Tinha renunciado a retratos de arranjos florais e artigos decorativos para o lar. Mas logo seu olhar pousou no Phinn.

Ele se sentou em uma cadeira ao lado de sua cama, vestindo suas calças e uma camisa que estava desabotoada, deixando ao descoberto a ampla extensão de seu musculoso peito. Seu cabelo era um desastre, não porque tivesse estado empurrando seus dedos em um estado de frustração, mas sim porque o tinha bagunçado enquanto passava os dedos

por ele enquanto faziam amor. Olivia sorriu, querendo capturar esta imagem dele para sempre e sabendo que poderia.

— Pintar, Olivia?

Ela sorriu maliciosamente.

— Sim. Embora possa necessitar de sua ajuda com o tema da minha pintura.

— Qualquer coisa — disse, obviamente sem ter ideia do que estava a ponto de lhe perguntar.

Lhe tinha prometido qualquer coisa, que é como chegou a ser o tema de seu retrato. Não importava que só tivessem uns poucos dias para reconstruir o motor antes da Grande Exposição. Ia sentar-se nesta cadeira sem nada mais que calças e uma camisa aberta e deixar que sua esposa o pintasse.

Embora não fosse um homem religioso, também ia rezar para que esta aquarela nunca se fizesse pública. Seria só para ela.

— Sinto-me ridículo — comentou enquanto ela olhava feliz dele à sua pintura, de vez em quando brincava com o pincel em suas pinturas e a jarra de água.

— Mas verá... — Olivia o olhou de uma maneira que ele achou incrivelmente excitante. — Não parece ridículo. — Tinha um sorriso tímido e um leve rubor. Não podia dizê-lo, mas gostava do que via.

Phinn se surpreendeu tamborilando com os dedos sobre o braço da cadeira, e ela franziu o cenho. Pensou no motor... todas aquelas partes idênticas que tiveram que voltar a

ensamblar com precisão e encaixar perfeitamente. Ele exalou bruscamente.

Os trabalhadores o haviam ensablado uma vez; podiam conseguir trabalhar sem sua supervisão autoritária durante uma ou duas horas. Além disso, estava ocupado. Sentado em uma cadeira. Pouco vestido.

Para distrair-se de preocupar-se com seu trabalho, concentrou-se em olhar Olivia enquanto pintava. Ela se mordeu o lábio inferior rosado. Ela franziu o cenho enquanto o olhava, logo olhou sua pintura. Admirou seu cabelo, compridos e suaves cachos de ouro que lhe caíam ao redor do rosto, e logo os apartou com os dedos manchados de tinta. Ele sorriu quando notou uma mancha de vermelho em seu cabelo e um toque de branco em sua bochecha.

Mantendo seu olhar fixo na pintura em frente a ela, perguntou-lhe:

— Como conseguiu sua cicatriz, Phinn?

— Por que pergunta? — Ele resistiu ao impulso de tocar a maldita marca. Era um claro aviso de uma das piores noites de sua vida: havia duas, e nunca conseguiu decidir qual era pior, embora uma levava à outra.

— Porque tenho curiosidade sobre isso enquanto a pinto — respondeu ela. Lhe lançou um olhar rápido e vacilante.

— Poderia deixá-la.

— Sim, mas quero te fazer um retrato. — Ficou tenso. Sim, ele era o homem com a misteriosa cicatriz e o homem conhecido como o *Barão Louco*. Não gostava dessas coisas. Mas ele era o que era, e queria que Olivia o amasse.

— Estava em uma briga — disse finalmente.

— Com quem?

Phinn vacilou. Não podia dizer "*minha esposa*" porque agora Olivia era sua esposa. Não queria dizer "*minha falecida esposa*", já que isso não iniciaria exatamente as conversações mais românticas. Ele poderia dizer seu nome, Nádia. Mas algo o deteve, como se no momento que dissesse seu nome em voz alta se convertesse na terceira pessoa neste matrimônio.

Moveu-se ligeiramente na cadeira antes de responder.

— Uma mulher.

— Sobre o que?

— Honestamente, não consigo recordar mais.

Olivia o olhou e chamou sua atenção. Ele sabia todas as perguntas que passavam por sua cabeça. Qual mulher? Sua primeira esposa?

Não queria pensar em Nádia agora. Tampouco queria pensar em seu irmão, na briga, e como tudo tinha ido mal, não quando finalmente começava a ir bem.

— Quanto tempo mais?

— Deve ficar quieto — ela admoestou.

— Acredito que deveria ver o que fez até agora. — Realmente, entretanto, queria fazer amor outra vez. Se ia atrasar-se em chegar ao motor esta manhã, então também poderia fazer com que valesse a pena.

— Não até que eu tenha terminado — disse de uma maneira amável, mas firme que lhe deu uma ideia de como seria como mãe. Ele esperava ansiosamente o dia. — Por quê?
— Ela perguntou. — Tem um lugar onde estar?

Phinn pensou no motor, nos trabalhadores, no tempo requerido para reconstruir a máquina antes da Grande Exposição, no que aconteceria logo. Não havia lugar para erros agora. Ele deveria estar ali, fiscalizando e ajudando.

Por isso queria uma esposa agradável e dócil que não lhe exigisse nada. Mas logo olhou à Olivia, reclinada na cama, com tinta na bochecha e o cabelo revolto. Ela era formosa e a desejava mais que tudo. Usava uma bata de seda azul pálido e uma regata, ambos os artigos podiam tirar facilmente se ele desejasse.

Ele estava tão inclinado.

— Não — disse com um sorriso. — Não há nenhum outro lugar para mim. Entretanto, acredito que não deveria ser o único despido.

— Não é — corrigiu Olivia. — Estou em minha bata, isso dificilmente se qualifica como vestido.

Phinn se tirou a camisa e a deixou cair ao chão.

— Não terminei! — Ela protestou.

Ele sorriu de novo.

— Tem razão, tem mais roupa para tirar.

Ela sorriu timidamente, puxando o cinturão de sua bata.

Logo aquelas lindas roupas de seda eram só uma pilha no piso. Phinn se tomou um momento para olhá-la à suave luz da manhã. Seus seios eram redondos e cheios, com grandes picos rosados que pareciam suplicar atenção. Os suaves cachos de Olivia caíram sobre seus ombros; queria apartá-los para poder admirar o delicado arco de seu pescoço e a curva de seus ombros. Logo quis beijá-la, descendo pela

suave curva de seu ventre. Queria lhe mostrar outra maneira de lhe dar prazer. E logo ele queria perder-se dentro dela.

Logo fez todas aquelas coisas, acompanhado pelos delicados suspiros e gemidos de sua esposa. E logo o fizeram de novo.

No dormitório de Olivia

Ainda em sua cama!

Naquela tarde

Olivia teve o tempo justo entre quando Phinn se foi e suas amigas chegaram para tomar um banho e colocar um vestido novo. Estava a ponto de ler os periódicos quando Emma e Prudence irromperam e imediatamente se sentiram em casa chamando o serviço de chá e aproximando as cadeiras à cama.

— Chegamos antes, mas nos disseram que estava indisposta — Prudence disse com um sorriso malvado.

— Suponho que não precisamos perguntar por que estava indisposta — adicionou Emma.

— As damas não falam das relações matrimoniais — disse Olivia, tentando soar afetada.

— Não me diga que tornamos a seguir todas as regras de decoro — Prudence disse, abatida.

— Claro que não — disse Olivia, sorrindo. — Tudo o que direi é que finalmente me familiarizei melhor com o Phinn. —

O calor de suas bochechas ruborizadas deveria ter sido tudo o que suas amigas necessitavam para sabê-lo.

— Phinn? — Emma perguntou com curiosidade. — Não é o *Barão Louco*?

— Melhor conhecido? — Prudence ecoou. — Não se refere intimamente conhecido? — Prudence perguntou.

— Ou familiarizado no sentido bíblico? — Emma adicionou.

— Acredito que poderia significar exatamente isso — disse Prudence, recolhendo o livro de pintura da Olivia e segurando a pintura que tinha feito do Phinn, escancarado comodamente na cadeira sem nada mais que calças justas e uma camisa descuidadamente aberta. Olivia tinha passado um momento olhando a ampla extensão de seu peito, considerando a melhor forma de retratar os contornos de seus músculos.

Ela também tinha trabalhado sobre sua expressão, querendo capturar o desejo em seus olhos verdes.

Estava mais orgulhosa desta pintura que da natureza morta de uma cesta de gatinhos que ganhou seu primeiro prêmio na escola de Lady Penélope.

— Olhe, disse-te que estaria felizmente casada antes do baile de Lady Penélope — disse Emma, sorrindo amplamente.

Olivia e Prudence intercambiaram um olhar e devolveram um sorriso incômodo.

Havia um mês antes do baile de aniversário e Prudence ainda não tinha nenhum pretendente. E enquanto Olivia estava casada e se apaixonava por seu marido, ainda havia

muito que ela não sabia sobre ele. Tinha sido vago quando perguntou pela cicatriz, o que era terrível, porque imaginava o pior. Então, não tinham abordado como começaram os rumores do *Barão Louco*. Ou o fato de que se casou antes. Quando ele a tocou, ela quase esqueceu. E quando a seguiu tocando, expulsou todos os pensamentos de sua cabeça. Mas as perguntas sempre retornavam.

— Ainda não sei o que aconteceu em seu passado — disse. — Sinto que ainda não o conheço.

— Bom, perguntou-lhe? — Prudence perguntou.

— Eu tentei, acredito que estava a ponto de me dizer naquele dia no coreto — respondeu Olivia. — Antes de eu sucumbir aos efeitos do veneno ou vinho. Seja qual for.

— Só pergunte — disse Emma. — O que poderia estar te freando neste momento?

Certamente não era a noção de guardar silêncio ou respeitar os assuntos privados dos outros.

— O que acontece se eu não gostar da resposta? — Olivia disse, angustiada. — Estou unida a ele para sempre agora. O que acontece se me entreguei a um assassino?

— Então não pergunte — disse Prudence encolhendo os ombros.

— Em seu lugar, leia “*O Barão Louco: A horrível história do amor trágico de uma donzela inocente e sua morte prematura. Uma história real*” — disse Emma. — Trouxe uma cópia junto com estes outros livros da biblioteca.

— Se realmente for um assassino, provavelmente possa obter o divórcio — assinalou Prudence.

Não era realista, isso. Olivia também o notou imediatamente. Não, seu coração emitia.

— Ou venha viver com o Blake e comigo — Emma ofereceu.

Ela poderia fazer isso, pensou. Ou poderia viver com Prudence em uma cabana junto ao mar.

Exceto por um enlouquecedor e confuso detalhe. Suspirou e pensou no Phinn fazendo amor com ela e deixando-a pintá-lo em um estado de nudez e perguntou:

— Mas e se eu não quiser?

Emma e Prudence intercambiaram olhares.

— Apaixonou-se pelo *Barão Louco*? — Emma perguntou.

— Poderia havê-lo feito — Olivia murmurou. De que outra forma explicar que ela se sentia indevidamente atraída por ele, apesar de que não o conhecer de tudo? Estava começando a confiar nele, embora ainda existisse a possibilidade de que não o fizesse.

— Oooh, Olivia! Estou tão feliz por você — Emma exclamou, sorrindo amplamente.

— Possivelmente logo terá outro membro de pleno direito no nauseabundo clube de recém casados — respondeu Olivia.

— Ainda não estou lá.

— Onde ele está agora? — Prudence perguntou.

— Trabalhando no motor — Olivia explicou com um suspiro. — Ele faz muito isso. Às vezes o vejo preso em lugar nenhum e está pensando no motor.

— Terminarão logo — Emma explicou. — Estão programando sua estreia na Grande Exposição no dia depois

do baile de Lady Penélope, como uma questão de fato.

Olivia franziu os lábios. Estava mal estar aborrecida porque ela estava recebendo esta informação crítica de sua amiga em vez de seu marido? Vejamos, lhe ocultava coisas, fosse sobre o seu futuro ou seu passado.

— Enquanto ele chegue à festa — disse Olivia com um pouco de ressentimento.

Depois de tudo, a metade da razão pela qual necessitava desesperadamente de um marido era para apoiar sua mão nesse tortuoso evento.

— Vou à Bath — declarou Prudence, a propósito de nada.

— Isso soa adorável — disse a prostrada Olivia. — Quando vai?

— Amanhã — declarou Prudence. Tanto Olivia como Emma ficaram boquiabertas.

— O que? — Olivia perguntou, surpreendida.

— Por quê? — Emma perguntou, igualmente chocada.

— Esta temporada terminou para mim — Prudence disse dramaticamente. — Ambas estão casadas agora. Conheci ou conheço todos os homens elegíveis em Londres. Olham-me e veem a Prudence e nada mais. Não tenho perspectivas aqui.

— Mas... Bath? — Olivia perguntou.

— Lady Dare gostaria de tomar as águas termais — disse Prudence, falando de sua tia e tutora, que frequentemente atuavam segundo todos os seus caprichos. — A acompanharei. Talvez possa conhecer alguém em Bath.

— O que aconteceria se tivesse que se mudar para lá depois de seu matrimônio? — Perguntou Emma, franzindo o

cenho ao enfrentar a possibilidade de que suas duas amigas pudessem ser levadas para longe, aos condados.

— Está mais perto que Yorkshire — disse Olivia. Ainda não desejava habitar em um vasto e remoto imóvel em Yorkshire.

— De fato — esteve de acordo Emma. — Mas...

— Retornará a tempo para o baile de Lady Penelope, não é? — Perguntou Olivia.

Prudence vacilou e logo disse:

— Farei o melhor que puder.

— Prue, deve ir! — Exclamou Emma. — Todas devemos ir juntas.

Prudence só sorriu tristemente.

— Ambas estão apaixonadas e estou realmente feliz por vocês duas — disse Prudence com seriedade enquanto agarrava com força o tecido de suas saias. — Verdadeiramente o sou. Mas deveria desfrutar deste tempo de lua de mel sem preocupar-se por sua amiga encalhada.

Capítulo Vinte e Três

Olivia engoliu em seco, recordando a forma em que tinha exposto o pescoço ao Phinn para ele acariciá-lo com os dedos e pressioná-lo com beijos.

No fundo, um celeiro ardia e as chamas chegavam ao céu. A vela em sua mesa piscou, como se soprasse uma brisa. Olivia olhou ao redor, nervosa. Ela estava sozinha.

A cena da capa mostrava grossas nuvens negras e uma lasca de lua.

Certamente prometia uma história aterradora que não deveria ler. Seu coração pulsou com força só olhando a imagem ominosa.

Não podia reconciliar-se com o Phinn que estava começando a conhecer. Ele não tinha sido mais que devoto e afetuoso. Seu toque tinha sido terno e gentil. Prostrada na cama como estava, teria todas as oportunidades para lhe machucar. Quando fizeram amor, ela se abriu completa e intimamente. Ele não se aproveitou. Adormeceu ao seu lado e despertou a cada manhã.

Mas havia tanto sobre seu passado que ela não sabia e ele não estava ali para perguntar.

Talvez reler isto jogaria luz sobre todos os segredos que ainda permaneciam entre eles.

Ela realmente não deveria lê-lo, entretanto. Sentiu como uma traição. Sim, ela tinha lido a história anos atrás, na escola de Lady Penélope, mas só tinha vagas lembranças. Ela só o leria para refrescar sua memória.

Ela abriu o livro, mas se sentiu mal em lê-lo. Ela conhecia o Phinn agora. Embora ela não soubesse o que tinha acontecido, não acreditava que ele fosse um assassino. Depois de tudo, ela tinha passado a noite com ele sozinha e indefesa. Se ele ia assassiná-la, tinha muitas oportunidades de fazê-lo, e que parecesse um acidente. Em troca, a fez gritar de prazer e dormiu pacificamente junto a ela.

Mas, o que mais ela faria se não o lesse?

Neste momento poderia haver-se movido, sacudindo acidentalmente todos os outros livros da mesinha de noite. As páginas rangeram quando caíram ao chão, onde aterrissaram em uma série de golpes surdos.

— Oops — disse a ninguém.

Mesmo se quisesse recolher os livros caídos ou, por exemplo, bordar, não poderia porque suas coisas estavam no piso ou na outra habitação. Olivia tentou mover seu tornozelo, que estava fortemente apertado. Faíscas de dor lhe informaram que, de fato, seguiria as indicações do médico e permaneceria na cama.

Por sua saúde, Olivia passou à primeira página e começou a ler.

“O Barão Louco conheceu sua noiva sob circunstâncias secretas, escandalosas e altamente questionáveis. A senhorita Nadine Prescott se comprometeu com o irmão do Barão Louco, George”.

— Seu irmão! — Olivia ficou sem fôlego. Olhou ao redor da habitação para que alguém compartilhasse sua surpresa. Não havia ninguém.

“George deveria ter sido o barão Radcliffe se não fosse por seu prematuro desaparecimento às mãos de seu irmão”.

— Meu Deus — Olivia murmurou, o coração pulsando com força. Phinn também tinha assassinado o seu irmão. Ela não podia acreditar. Um assassinato poderia ser um acidente. Mas dois?

Logo ela continuou lendo.

“Ele gostou de Nadine à primeira vista, na High Street, numa tarde em Westlake Village quando George a viu pela primeira vez. Ela era famosa por sua beleza. Seus olhos eram perfeitamente amendoados e da cor do chocolate. Sua boca era um casulo de rosa perfeito. Seu cabelo era negro azeviche e caía em fios sedosos até sua cintura. Sua figura era perfeitamente magra, à exceção de onde era perfeitamente voluptuosa. Não havia nenhuma mulher em posse de mais beleza e encanto em toda Yorkshire”.

Olivia levantou o olhar da página com o cenho franzido. Era incorreto sentir-se inadequada em comparação com uma mulher fictícia, mas morta? E logo, como ia compará-la com ela na mente do Phinn?

“George era um esportista consumado e era popular entre todos os nobres locais. Não houve esporte, façanha nem esforço desalentador nos quais não teve êxito. Seu pai, o barão, estava orgulhoso de seu herdeiro”.

Olivia revisou uma página completa que enumerava todas as atividades esportivas, as façanhas de ousadia e os enormes esforços nos quais George se destacava.

Estava esgotada só em ler sobre suas lutas, boxe, esgrima, caça às raposas, percorrendo distâncias longas e curtas, subindo árvores altas e logo descendo com uma mão (na outra sustentava uma ninhada de gatinhos retorcendo-se). Não se mencionava seu irmão mais novo, Phinn, e era sobre ele que Olivia tinha curiosidade.

Esta Nadine e George tiveram um cortejo apaixonado. Olivia sabia isto porque o livro dizia: *“O seu foi um cortejo apaixonado”*. Ela mal passou roçando ante seu perfeito cortejo. Ela queria chegar à parte sobre o Phinn.

“Seu romance otimista chegou ao seu fim com a chegada do irmão mais novo do George, recém chegado da universidade, onde tinha estudado Ciências estranhas e perigosas.

Quando não estava instalado em uma oficina improvisada no celeiro da propriedade de seu irmão, estava cometendo seu primeiro pecado grave: cobiçar à prometida de seu único irmão, que não tinha mostrado mais que bondade com seu incomum irmão.

Pior ainda, ele planejou ganhar a si mesmo inventando horrendas mentiras sobre ela, que disse ao seu irmão embrutecido. Ficções, estas foram! Não havia ninguém mais formoso, encantador e perfeito que Nadine. Como se ATREVIA a jogar calúnias sobre a prometida de seu irmão, com o único propósito de ele mesmo seduzi-la?

— Como se atreve! — George acusou seu irmão em uma noite escura e tormentosa.

Seu irmão, já louco e malvado, mas ainda não um barão, disse:”

— Olivia.

Ela respondeu com um grito horripilante.

*Quando os batimentos do seu coração voltaram para a normalidade e sua inteligência retornou, viu que Phinn tinha retornado. Estava sozinha com o *Barão Louco*!*

*Olivia exalou lentamente. Não, estava sozinha com seu marido, que não lhe tinha mostrado mais que devoção e terna atenção. Além disso, lhe dava beijos que a faziam sentir todas as faíscas, as maravilhas e o romance que sempre tinha desejado. Quem também era conhecido por todos os outros como o *Barão Louco* que cobiçava a prometida de seu irmão e possivelmente assassinou aos dois.*

Ela o olhou nervosamente.

— Sinto terrivelmente — disse ela, recuperando-se. — Estava lendo essa horrível peça de literatura. Tinha consumido minha imaginação e tinha estado bastante imersa na história. Deu-me um susto.

Timidamente, ela levantou a horrível peça de literatura.

Olivia viu o Phinn ficar tenso. Sua mandíbula se apertou e sua boca pressionou em uma linha firme. Como ela o conhecia agora, ela detectou os sinais de que seu humor estava se obscurecendo e seu temperamento estava à beira da explosão.

Não poderia suportar se lhe gritasse como o fez a Rogan. Ou se ele a golpeasse, não, não o faria. Ela sabia. Para evitar uma discussão, Olivia chamou sua atenção, sustentou seu olhar e sorriu.

— Realmente, é horrível — disse.

Mas a verdade era que ela tinha perguntas. Ele tinha segredos.

Phinn entrecerrou os olhos. Tomou uma respiração profunda e a exalou lentamente, como o fazia quando tratava de não perder as estribeiras. Ela não tinha tido a intenção de zangá-lo. Ela só queria conhecê-lo, e ele não estava aqui. E quando esteve aqui, não estavam conversando, exatamente.

— Phinn, me olhe.

Ele a olhou. Por um rápido segundo ela se surpreendeu pela escuridão em seu olhar.

Oh, estava zangado. O que era ridículo, de verdade. Felizmente, ela teve o suficiente sentido comum para não lhe

dizer isso. Ela só sustentou seu olhar e viu como ele lutava pelo controle sobre qualquer demônio que o havia possuído.

Phinn manteve seu olhar fixo no encantador rosto de Olivia. O azul de seus olhos o acalmava, especialmente quando ela o olhava com tanta preocupação. Não podia perder as estribeiras agora. Não queria perder as estribeiras, porque se o fizesse não poderia passar a tarde e a noite com ela, que é o que realmente queria fazer.

Phinn desejou que a ira diminuísse. Odiava aquele livro. Tinha-lhe feito mais dano que Nádia, e isso significava algo. Nádia o torturava, mas isso foi no passado. Esse maldito livro quase lhe havia tirado sua felicidade futura. Odiava que Olivia o estivesse lendo, mas mesmo através das ardentes chamas da ira, podia ver que não lhe tinha deixado outra opção quando não lhe havia dito a verdade.

Então, Phinn deu uma breve exalação e perguntou:

— Quão mau é?

— É terrível — Olivia explicou com veemência. — Escuta isto: *“Era uma noite escura e tormentosa, enluarada e perversa quando o destino da senhorita Nadine Prescott foi alterado para sempre”*. Te pergunto, como pode ser escura e tormentosa e há luz da lua? E o que é uma noite perversa?

Tinha sido uma noite malvada. Pelo que ele recordou. A chuva tinha açoitado as janelas. As velas estavam diminuindo. A garrafa quase vazia. Era o momento equivocado para que George lhe perguntasse o que pensava de sua futura noiva e o momento equivocado para dizer a

verdade ao seu irmão. Ele tinha tido boas intenções, que era a parte mais horrenda de todas.

— Seu nome não era Nadine — Phinn disse finalmente. Olivia se mordeu o lábio inferior, esperando a verdade. — Era Nádia.

— Era realmente a mulher mais bela e encantadora de Yorkshire, com olhos amendoados da cor do chocolate e uma figura esbelta e voluptuosa?

— Nádia era formosa — admitiu Phinn. Ainda recordava sua primeira olhada nela depois que ele tinha retornado à casa da universidade. Ela ria, tomava o chá e se apresentava como a mulher mais bela e encantada de Yorkshire. Ainda não tinha apanhado seu irmão e, portanto, não tinha revelado sua verdadeira natureza. — Ela também era um pesadelo altivo, exigente, mimada e invejosa.

— Não é o modelo de virtude que este livro diz que é — Olivia murmurou. Phinn se separou da ombreira da porta em que ele tinha estado apoiado e se moveu à cadeira junto a sua cama. — Seu irmão foi o esportista mais consumado e o membro mais querido da comunidade local? Porque senão, este autor é bastante mentiroso. Porque ele continua enumerando todos os esportes nos quais seu irmão se destacou.

— Sim, todos adoravam o George — disse Phinn. — Especialmente eu. Especialmente nosso pai, já que George era tudo o que eu não era, e tudo o que nosso pai queria em um filho. O que foi bom, deixaram-me estudar ciências enquanto se divertiam. As equações matemáticas e as leis da física não

provam meu temperamento como minha família tinha a habilidade de fazer. E três temperamentos Radcliffe, mais o instinto de histeria da minha mãe, somam-se a uma coisa: o desastre.

Olivia assentiu, bebendo cada palavra. Ela continuou lendo a história.

“— *Todos adoravam o George*”. — Pensou no esporte, Nádia e a cerveja. Isso era tudo. — Este livro diz que cobiçou Nadine-Nádia para si mesmo e tentou dissuadir o seu irmão de que se casasse com ela — Olivia disse em voz baixa. Deu uma olhada ao livro aberto em seu regaço. Era só uma história de ficção absurda para muita gente.

Para o Phinn, era uma mão que chegava do passado e o arrastava de volta a cenas e lembranças que preferia esquecer.

— Nádia não se fixou em mim — explicou Phinn. — Eu era o filho mais novo e tranquilo com interesses peculiares na ciência. Nádia queria o George. Não se incomodou em tentar me convencer e nunca me importou. Esquecia suas maneiras bonitas, pensando que ninguém que importasse estava olhando. Vi-a golpear uma criada por esquecer suas luvas. E a vi atrás da sala da Assembleia com o John Huntford.

— Suponho que estas são as mentiras “*horríveis*” que disse ao seu irmão?

— George não queria as escutar. Disse que mesmo se fosse verdade, era muito tarde.

— Já tinha proposto? — Olivia perguntou.

Phinn fez uma pausa, considerando como responder a isso.

— Já a tinha feito sua — disse, esperando que isso fosse suficiente.

— Oh — pareceu entender. — Foi realmente uma noite escura e tormentosa com violência no ar quando isto ocorreu?

— Meu irmão e eu lutamos como só dois Radcliffes podem. Ele não escutaria uma palavra contra ela — disse Phinn. Ele tomou outra respiração profunda. Odiava essa noite, odiava a lembrança disso, odiava ter que revivê-la. Mas também odiava o medo que tinha visto nos olhos de Olivia e os segredos que os separavam e a machucavam. — Tenho um temperamento, Olivia. Não posso evitá-lo. Não gosto dele.

— Posso ver-te contar até dez e exalar lentamente — disse com um meio sorriso.

— Supõe-se que deve ajudar — disse, encolhendo os ombros.

— O faz?

Phinn levantou seus olhos aos dela.

— Não tanto quanto te olhar.

Olivia estendeu a mão em um gesto consolador. Mas logo se fez a um lado na cama, fazendo espaço, e lhe fez gestos com os olhos e um meio sorriso. Phinn se uniu a ela na cama. Um ao lado do outro jaziam, recostando-se sobre os travesseiros.

O maldito livro estava aberto em seu regaço. Jogou uma olhada a todas as palavras ali, preto sobre branco, alheio ao dano que tinha causado.

“Temendo seu irmão estranho e ciumento, George se precipitou de cabeça na noite escura e tormentosa com PERIGO no ar. Só esse TERROR poderia levar um homem a aventurar-se em um aguaceiro. Encontrou-se com o Huntford na cidade”.

— George foi à sua casa — disse Phinn, assinalando as mentiras impressas na página. — George não queria acreditar em mim, mas sabia que não lhe mentiria. Não foi uma reunião acidental, absolutamente.

Olivia pegou o livro e o leu em voz alta.

“depois de lançar acusações básicas, Huntford não teve mais remédio que defender sua honra. Entre estes dois homens esportivos choveram golpes violentos sobre cada um, cada um lutando pela honra e a dignidade. Mas logo cada homem só lutava por sua vida. Por amor”.

— Em resumo, Huntford matou o meu irmão — disse Phinn. — Não teve mais remédio que fugir do país.

— Então, quando diz que aproveitou o estado de dor trágica e de aflição tremendamente angustiante e a dor insuportável de Nadine para obrigá-la a casar-se, suponho que não aconteceu assim — disse Olivia. — Um amante estava morto e o outro bem poderia havê-lo sido. Ela teria estado arruinada. O matrimônio foi sua única salvação.

— Nádia me suplicou que me casasse com ela — disse Phinn, recordando como em troca ela suplicava e enrolava. Houve lágrimas. Mostrando os seios. Uma donzela em apuros ajoelhada em frente a ele, prometendo qualquer coisa se ele a

salvasse. Ele foi tentado; Nádia era formosa. Ela tinha a habilidade de dobrar um homem segundo sua vontade. Mas ele não a amava. — Ela disse que era possível que estar esperando — disse.

— Havia um bebê? — Olivia perguntou, com os olhos muito abertos. — Há um bebê?

— Não — disse Phinn. Nunca esteve seguro se estava triste pelo fato ou feliz pela liberdade que lhe proporcionava. Frequentemente se perguntava como teriam sido as coisas se tivessem esperado para ver se ela estava esperando. Ou lhe tinha mentido todo o tempo, ansiosa por reivindicar o título de baronesa e o amparo que suportaria?

Parecia imperativo que se casasse com ela antes que explodisse o escândalo.

— Por que se casou com ela? — Olivia perguntou. — Honra?

— Ela teria sido arruinada de outra maneira. E não podia permitir que o filho do meu irmão, se é que houvesse um, se criasse em uma miséria marginalizada — disse Phinn. — E ela era formosa e tinha uma forma de manipular um homem com uma aterradora combinação de lágrimas e sorrisos sedutores.

— Nada disso se aprende na Escola de Lady Penélope — Olivia comentou com ironia.

— Graças a Deus por isso — disse Phinn. Quão último queria era outra esposa comovedora e tempestuosa.

Olivia rodou de lado para olhá-lo. Percebeu que seu longo cabelo loiro caía em ondas ao redor de seu rosto e se

estendia sobre o travesseiro. Queria afundar seus dedos nele, aproximá-la e beijá-la até ficar sem sentido. Ele nunca quis voltar a falar de seu passado.

— Amava-a? — Olivia perguntou em voz baixa.

— Preocupava-me com ela — disse Phinn. E ao mesmo tempo teve um afeto por Nádia. Eram um mau casal. Não lhe prestou a atenção que ela desejava, o que a levou a atuar de maneira mais escandalosa, o que o afastou ainda mais. Mas ela ainda era sua esposa. Ele devia cuidá-la. — Mas não a amava.

— Como ela morreu, Phinn? — A voz de Olivia era suave. Ela deslizou sua mão na sua. — Suponho que não a estrangulou em um ataque de ira. Ou, para citar o livro... — Ela jogou uma olhada à página. — *“Encerrou seus enormes punhos ao redor da coluna pálida e esbelta de seu pescoço inocente enquanto te suplicava que não lhe tirasse a vida”*.

— Estabelecemo-nos em uma rotina em que nos evitamos muito, exceto para as brigas no jantar e... — Aqui Phinn fez uma pausa, recordando como seus arrebatamentos apaixonados se converteram em algo completamente diferente no dormitório. Também recordou o desventurado e desonroso que se sentiu depois de cada vez. Enquanto Olivia estava presente, não queria pensar na forma em que atuavam depois das brigas, e muito menos mencioná-lo a ela, sua encantadora nova noiva. — E logo nos reconciliávamos depois — disse finalmente. — Mas ela queria mais e mais da minha atenção. Ela recorreu a todo tipo de dramas histéricos para consegui-lo. Isto só me zangou, e com meu temperamento,

pensei que seria melhor se ficasse em minha oficina e me concentrasse em meu trabalho.

— O que só a zangou mais — Olivia terminou com um leve sorriso. — Posso entender.

— Excluí-a — disse Phinn, passando os dedos pelo cabelo. — Ela o odiava.

— Qualquer mulher o faria — disse Olivia. Ela puxou sua mão. Voltou-se para ela.

Desta vez, quando seus olhos se encontraram, os dela não estavam cheios de medo. Phinn era consciente da suave ascensão e queda de seu peito. Seus lábios... justo aqui. Mas não poderia deter esse beijo uma vez que começasse. Queria terminar esta história, deixá-la no passado e render-se por completo ao seu futuro com a Olivia, já não obcecado pelos segredos.

A contragosto seguiu falando.

— Uma noite ela saiu à minha oficina, em um ataque de ira, é claro. Ela nunca se interessou em meu trabalho. Ela se sentiu competitiva, suponho. Essa noite, colocou fogo à oficina. Acredito que estava tentando chamar minha atenção — disse Phinn. E essa era a razão pela qual se culpava. Se tivesse sido melhor, tivesse tentado mais, então ela não teria recorrido a tais medidas tolas e drásticas. É por isso que Olivia nunca poderia havê-lo assustado com suas travessuras. Estava muito decidido a ser devoto.

— Um incêndio é uma forma de chamar sua atenção — Olivia comentou.

— Ela simplesmente não conseguiu sair a tempo... — disse Phinn, sua voz era áspera. Em sua mente, ele estava de volta ali... o aroma de fumaça o perturbou enquanto se sentava para jantar.

Ainda podia sentir a forma em que seu coração se engasgou em sua garganta quando olhou pela janela e viu as chamas, e logo olhou seu espaço vazio situado no outro extremo da mesa.

Correu para salvá-la. Mas tinha chegado muito tarde.

— Algo no que estava trabalhando tinha caído. Ela tinha ficado presa. E não cheguei a ela a tempo. Então, realmente não a matei. Não com minhas próprias mãos. Mas sua morte foi minha culpa de todos os modos.

Phinn conteve o fôlego, esperando que Olivia lhe ordenasse que se fosse. Depois de lhe confessar toda sua sórdida saga familiar, não a culparia se não quisesse saber nada mais dele.

Mas logo ela o surpreendeu. Sempre, sempre, ela o surpreendeu.

— Sinto muito, Phinn — sussurrou. E logo, de algum jeito, acalmou o profundo temor que não podia expressar com palavras, mas que pesava sobre ele. — E sinto por quebrar o motor de diferenças. Não estava tentando quebrá-lo ou te zangar. Pensei que poderia estar ali, e por isso fui. Uma vez que vi o motor, não pude apartar a vista.

Havia muitas similitudes entre o dia em que Olivia se lesou e essa horrível noite há anos. Mas desta vez ela tinha

estado indo a ele, não fugindo dele. Desta vez, tinha-a salvo.

— Mas realmente não deveria se encerrar com o motor — disse. — Ao menos não enquanto estou prostrada na cama e desesperada por me divertir.

Phinn sentiu que ficava sem fôlego.

— Diversão?

— Só algo para limpar minha mente da dor — Olivia disse em voz baixa.

— Quer láudano?

— Não, só você — disse com o sorriso mais doce.

Com seu toque, Phinn distraiu Olivia da dor. Tirou-a, até que não houve nada mais que prazer.

Capítulo Vinte e Quatro

Depois de uma temporada de escândalos e um dos cortejos mais difíceis que a nobreza tenha observado alguma vez, Lorde e Lady Radcliffe parecem estar muito apaixonados.

É muito cedo para celebrar sua felicidade para sempre?

O Semanal de Londres.

Umaz poucas semanas depois

Estabeleceram-se em uma rotina cômoda. Ela e Phinn faziam amor pelas manhãs e tomavam o café da manhã juntos antes que ele fosse trabalhar no motor, e ela passava o dia coxeando com a Emma. Beberam chá, leram periódicos, compraram o vestido perfeito para usar no baile de Lady Penélope e escreveram cartas à Prudence, que permaneceram sem resposta. Então, ela e Phinn podiam ir a um baile, à ópera, ou simplesmente ficar sozinhos. Uma vez que caía a escuridão, faziam amor e adormeciam um ao lado do outro.

Olivia começou a conhecê-lo de uma maneira que nunca tinha imaginado. Conhecia seu corpo tão bem que podia pintá-lo de cor, embora ocasionalmente ainda o fizesse posar

para ela só porque gostava de olhá-lo com apreço. Podia ver quando estava distraído pelos pensamentos do motor pelo olhar longínquo em seus olhos, que era diferente de como seus olhos se obscureciam e seu corpo se esticava quando algo desatava seu temperamento.

Tornou-se perita em dissipar sua ira antes que se convertesse em uma ardente explosão de fúria devastadora e violenta. Mas seu temperamento não tinha sido muito provocado. As coisas estavam bem.

Eles eram felizes.

Ela estava apaixonada.

Ela não conseguia deixar de pensar nele, perdida em seu beijo, contando os minutos até que voltassem a encontrar-se. Apesar das expectativas de todos, incluída a sua, encontrou-se felizmente casada a tempo para o baile de aniversário de Lady Penélope.

Ela inclusive tinha o vestido perfeito.

Houve só um problema.

Phinn chegou em casa mais tarde que o esperado. A construção do motor tinha tido alguns inconvenientes. Algumas peças se danificaram durante o colapso e tiveram que ser reconstruídas, o que diminuiu grandemente seu avanço. A Grande Exposição estava a só uns dias de distância. Ele e Ashbrooke tinham planejado debutar o motor ali, e com sorte chamar a atenção do dono de uma fábrica interessado em produzir mais motores ou uma impressora interessada em associar-se para publicar um novo conjunto de contadores.

Se nada resultasse desse evento, então todo o seu trabalho teria sido em vão. Sua máquina era muito boa, muito poderosa, muito revolucionária para acumular pó em um armazém.

Quando entrou na suíte de seu hotel, estava infestado de preocupação, faminto e esgotado, e sabia que provavelmente teria que retornar ao trabalho esta tarde.

Deu um leve sorriso para a Olivia.

— Está em casa! — Disse, coxeando do sofá aos seus braços. Lhe deu um rápido beijo nos lábios. Seu tornozelo tinha curado maravilhosamente; o doutor o atribuiu a todo o tempo que ela tinha passado na cama, o que os levou a compartilhar um sorriso malvado pensando no fato de que não descansaram ali.

— Pediu o jantar?

— Como foi o seu dia? — Inquiriu, pegando seu casaco.

— Muito comprido. Cansado. — Phinn se aproximou do aparador e se serviu um uísque. Foi um desses dias, e enfrentaria outro amanhã e no dia seguinte. Provavelmente não dormiria pelo resto da semana. — O jantar, Olivia? Pediu?

— Farei isso agora — murmurou. Ele captou o olhar aborrecido que lhe deu. Phinn só sorveu seu uísque e jurou que a compensaria mais tarde. Ela retornou um momento depois.

— Notou algo diferente? — Ela perguntou, olhando-o com impaciência.

Phinn a estudou e tentou, honestamente, discernir o que era. Viu seu cabelo loiro e a cor lhe recordou as peças do

motor a serem refeitas. Seus olhos azuis lhe recordaram a tinta com a qual desenhava os planos, e os frenéticos cálculos que passou o dia examinando atentamente. Estas não eram as coisas corretas para dizer.

Qualquer parvo sabia.

— Me diga — disse, obtendo um leve sorriso, embora ela franziu o cenho. Maldita seja.

— Meu vestido. É novo. Encomendei-o para o baile de Lady Penélope. — Olivia deu um pequeno giro para ele poder admirar o vestido.

— É encantador — disse, apreciando a forma em que o tecido azul adulou seus quadris e o volume de seus seios. Possivelmente ele não estivesse tão cansado depois de tudo... podia perder-se em suas curvas, sua pele suave e o ritmo sem sentido de fazer amor. Deixou o copo e foi abraçar a sua esposa.

Olivia se afastou dele.

— Não deve enrugá-lo! — Disse, alegremente afastando suas mãos. Mas logo sorriu timidamente e disse: — Embora o baile não seja até a sexta-feira. Suponho que poderia ser enrugado.

— Sexta-feira?

— Sim — respondeu Olivia. — Lhe disse isso faz umas semanas.

Vagamente, recordou algo nesse sentido.

— Esta sexta-feira? — Phinn perguntou, só para estar seguro.

— A própria.

Maldição. Ele se passou os dedos pelo cabelo. Bebeu seu uísque. Logo ele deu as más notícias.

— Receio que não serei capaz de ir, Anjo — disse com pesar. É óbvio, ele queria estar ao seu lado constantemente. Mas tinha que ter o motor terminado a tempo.

Só haveria um dia de abertura da Grande Exposição e só uma oportunidade para dar uma primeira impressão espetacular. Tudo pelo que alguma vez tinha trabalhado estava dirigido a debutar o Motor de diferenças ante o mundo.

— Mas não posso perdê-lo — protestou.

Phinn sacudiu seu cérebro em busca de uma solução.

— Pode ir por sua conta?

— Isso seria um destino pior que a morte — declarou dramaticamente. Lutou para evitar que suas sobrancelhas se disparassem ceticamente.

— Agora está exagerando — respondeu.

Isso foi claramente o incorreto a dizer, a julgar pelo vívido brilho de seus olhos e sua expressão feroz.

— Por que não pode ir? — Ela perguntou, e seu coração começou a pulsar irregularmente.

— A Grande Exposição abre à amanhã seguinte. Estarei muito ocupado terminando a montagem do motor.

Olivia cruzou os braços sobre o peito e entrecerrou os olhos.

— Entendi — disse com frieza.

— Olivia.

— Ninguém mais pode fazê-lo?

— Receio que não. É muito importante. Deve ser bem feito — explicou Phinn. Não só tinha que construir a máquina, tinha que funcionar. Do contrário, era só uma loucura de homens ricos, uma coleção de peças de metal sem propósito.

— Mas esta noite significa muito para mim — suplicou. Seus olhos azuis o olharam, e por um momento vacilou.

— É só uma festa de aniversário para sua escola — disse. Graduou-se em Oxford, e não tinham Festa de aniversário às que se sentia obrigado a ir. — Vamos aos bailes com as mesmas pessoas quase todas as noites da semana.

— Ashbrooke estará lá — desafiou.

— Sim, mas ele não entende da construção como eu — disse Phinn.

— Está realmente escolhendo uma máquina sobre sua esposa? — Perguntou incrédula. De algum jeito, isto tinha se convertido em uma escolha entre um ou outro. Realmente, entretanto, era só a prioridade. E ele estava cansado. E faminto.

— Não é, assim Olivia. É o trabalho da minha vida.

— Encontrar um marido foi o trabalho de toda a minha vida, porque isso é tudo o que me permitiram, e eu gostaria de celebrar que o obtive.

Fatigado, Phinn suspirou e disse.

— Se significar muito para você, posso tentar estar ali. Mas não posso prometer-lo.

A resposta de Olivia foi a portada de seu dormitório, deixando Phinn completamente desconcertado. Era só outra festa, não era assim?

— Não é só outra festa — Ashbrooke explicou uns dias depois. Phinn tinha passado quase todos os momentos de vigília trabalhando no motor; quando estava em sua suíte, Olivia se zangava e o evitava. Obviamente tinha feito algo INCORRETO.

Felizmente, Ashbrooke estava à mão para traduzir.

— Mas são as mesmas pessoas que vemos em cada festa, com a maioria dos quais nem sequer falamos. Mal posso tolerá-los na melhor das noites. Usualmente, conto os minutos até que Olivia e eu possamos retornar para casa. Não terei a paciência para uma festa tola quando há trabalho por fazer no motor na noite anterior à Grande Exposição.

— Se entendi Emma corretamente, — começou Ashbrooke — este evento é o equivalente a São Pedro nos portões. Aparentemente, ninguém na história dos cem anos de sua escola foi solteira em sua quarta temporada.

— Olivia estava em sua quarta temporada? — Por que ele não sabia? Ele deveria saber isso.

Ashbrooke assentiu.

— Recorreram a medidas desesperadas para casar-se. Bom, Emma o fez.

— Então, suponho, apesar de seus protestos, que Olivia realmente não se importará se não for, — disse Phinn — considerando quanto tentou não se casar comigo.

— Isso é o que deduz de quatro dias de silêncio absoluto por parte de sua esposa, salvo pela portada? — Ashbrooke

perguntou com incredulidade. — Pode compreender a física, mas não tem nem ideia quando se trata de mulheres.

— Nunca disse o contrário — Phinn murmurou.

— Me deu a entender que é uma forma peculiar de tortura ir a este evento como solteiras, o que Emma e Olivia podem testemunhar, dado que o sofreram três vezes.

— É só uma festa — Phinn protestou. — Tudo o que fizeram foi casar-se. Não é como, digamos, que construíram um motor que poderia transformar todas as indústrias na Inglaterra.

— Antes que tudo, embora esteja de acordo, aconselho-te que nunca pronuncie esse sentimento ante uma de nossas esposas. Ao menos não até depois que o motor esteja pronto. Não pode ser assassinado por uma multidão de damas zangadas antes que tenha terminado. Em segundo lugar, quem sabe o que poderiam obter se lhes ensinasse algo prático durante a escola? Em terceiro lugar, importa-lhes, portanto, importa-nos. Se isso não for uma lei científica, deveria sê-lo.

— Mas o motor... — Phinn olhou cansadamente os pedaços pulverizados pela habitação e a metade da máquina para construir. Dias. Tinham só dias para o terminar.

— O fará — Ashbrooke declarou.

— Como sabe?

— Tenho confiança em você, Radcliffe — disse o duque, lhe dando tapinhas nas costas. — E um pouco de joias tampouco seria negligente.

Capítulo Vinte e Cinco

Um dia para abrir a Grande Exposição! O rei pessoalmente revisará as exposições antes que um público entusiasta seja admitido.

O Semanal de Londres.

A noite antes da festa de Lady Penélope

Olivia golpeou nervosamente a porta de uma casa na Curzon Street. Alisou-se as saias e ajustou o ângulo de seu chapéu. Ela fazia suas próprias regras agora.

Além disso, Phinn entenderia por que tinha que procurar a ajuda de outro homem. De noite.

O mordomo abriu a porta e pareceu surpreso de encontrar uma dama no primeiro degrau.

— Eu gostaria de falar um momento com Lorde Rogan.

Entregou seu cartão ao mordomo: Lady Radcliffe. Seu nome estava impresso em tinta preta sobre pergaminho grosso.

Rogan a atendeu imediatamente, é claro. Ele a conduziu à biblioteca e lhe ofereceu brandy, que ela rechaçou. Não

tendo muito tempo livre, Olivia se lançou ao seu plano.

— Não estou seguro de como Phinn se sentirá sobre isto — Rogan disse nervosamente quando terminou.

— Embora reconheça que ao princípio fará muito alvoroço, eventualmente verá que nos unir é o melhor — disse Olivia com confiança.

— Devo-lhe algo... — Rogan murmurou.

Quando Olivia e Rogan chegaram ao armazém da Devonshire Street, não estavam sozinhos.

Emma e Ashbrooke também tinham vindo, junto com uma grande variedade de lacaios e criadas da residência Ashbrooke. Alguns trouxeram alimento, vinho e velas. Outros tinham vindo simplesmente para ajudar a construir possivelmente a maior máquina que o mundo tinha visto.

— Phinn? — Olivia gritou na escuridão. Viu-o inclinado sobre uma escrivaninha, refletindo perto dos planos iluminados por umas poucas velas miseráveis.

Quando seus olhos se acostumaram à tênue luz, viu partes da máquina empilhadas nas mesas e no chão.

— Olivia? O que está fazendo aqui? — Ficou de pé e deu um passo para ela, passando os dedos pelo cabelo. — Sinto muito, não estou em casa, e se isso é pela festa de amanhã de noite...

— Shhh. Estou aqui para ajudar — disse Olivia.

— Eu também — disse Rogan, dando um passo adiante. As criadas e lacaios procederam a acender velas, que iluminavam a habitação e a todos os outros que tinham vindo.

— Estão todos aqui para ajudar? — Phinn perguntou, incrédulo.

— Esperamos suas ordens — disse Ashbrooke, arregaçando as mangas.

— Todas as peças foram construídas. Tudo o que fica é a ensambladura — disse Phinn.

— Vamos começar — disse Olivia. — Nos diga o que fazer. — Phinn sempre tinha trabalhado sozinho. Sua família se ocupou disso lhe dando um lugar de trabalho longe da casa, que era silencioso, afastado do caminho, e muito aborrecido para caminhar. O trabalho foi algo que ele fez que o manteve afastado daqueles que amava e... da vida, de verdade, portanto, foi uma sensação estranha, cálida e não desagradável ver os rostos entusiasmados de seus amigos e sua esposa, preparados para ajudar. Isto foi um presente. Este foi um gesto generoso. Esta era a ajuda que necessitava desesperadamente. Então sorriu e começou a dar ordens.

Trabalharam toda a noite. As mulheres organizaram e poliram todas as peças. Os homens os puseram em seu lugar, conectando-os entre si, até que a máquina se levantou ante seus próprios olhos.

O sol também se levantou, e ainda assim a tripulação diversificada seguiu construindo, porque esta máquina era mais importante que qualquer coisa, mesmo que necessitasse muito dormir. À medida que passaram as horas e o motor de diferença cresceu, Phinn se deu conta de que nunca o teria obtido por si mesmo. Talvez houvesse mais na vida que o trabalho, como Nádia lhe havia dito tantas vezes. Houve

amigos que ajudaram um homem em sua hora de necessidade, e esposas generosas e dedicadas que quebraram as regras sobre o que as mulheres faziam ou deixavam de fazer, tudo para fazer o trabalho.

Era a tarde de sexta-feira, horas antes da festa de Lady Penélope, quando finalmente se completou o Motor de Diferenças.

— Agora vejamos se funciona — declarou Ashbrooke, esfregando as palmas juntas com entusiasmo.

— Tem que funcionar — disse Phinn.

— Se não for assim, tenho algumas ideias... — Ofereceu Rogan. Phinn empalideceu. Rogan sorriu.

— Alguém apresenta a equação e puxa a alavanca — disse Olivia com um estremecimento.

Ela tinha superado seu medo daquela grande máquina para ajudá-lo. A compreensão trouxe um nó na garganta do Phinn.

— Phinn, faça as honras.

Ele era um bastardo afortunado.

A máquina funcionou.

Todos aplaudiram porque, por Deus, funcionou! Ashbrooke inclusive tinha lágrimas em seus olhos. Phinn pegou a mão de Olivia, precisando aferrar-se a alguém para lhe recordar que este triunfo era real. E tudo era possível, sabia, graças à sua encantadora e decidida esposa.

Houve tempo suficiente para que todos voltassem para casa, dormissem a sesta e se vestissem. Umas horas mais tarde todos voltaram a reunir-se no baile de Lady Penélope.

Phinn tinha obtido tudo o que tinha vindo a Londres para obter: encontrar uma esposa e construir o motor de diferença. Só tinha uma coisa por fazer...

Puxou Olivia em um abraço em um rincão escuro do salão de baile, porque podia, e porque à sua encantadora esposa não importaria absolutamente.

— Amo-te, Olivia, com suas próprias regras — Phinn murmurou. Havia sentido as palavras durante tanto tempo, e se sentia bem ao dizê-las.

Olivia lhe deu aquele sorriso que sempre desejou, abraçou-o e lhe disse:

— Eu também te amo.

No baile do centésimo aniversário de Lady Penélope, uma das pessoas *menos prováveis de Londres* violou as regras, beijando escandalosamente e com espanto o homem mais famoso de Londres em um rincão afastado do salão de baile. Foi perfeito.

Exceto por uma coisa: onde estava Prudence?

Epílogo

Sete anos depois

O imóvel em Yorkshire não era o lugar desolado, remoto e aterrador que Olivia temia.

Radcliffe Manor era uma encantadora e antiga casa de pedra rodeada de formosos e extensos jardins, e um bosque. Havia muito espaço para que seus quatro filhos corressem, brincassem e tivessem aventuras.

Não havia masmorra. Ela o tinha verificado.

Isso não lhe impediu de mencionar casualmente a possibilidade de uma masmorra cada vez que um de seus filhos se comportava mau.

Ela e Phinn passavam a metade do ano em Londres e a outra metade em Yorkshire. A vida no campo não era a vasta e solitária extensão da solidão que tinha temido. Os convidados vinham para ficar com frequência, os vizinhos não estavam tão longe e vinham costumeiramente visitá-los. Entre seus visitantes, quatro crianças travessas e seu marido, Olivia estava tão ocupada que mal tinha tempo para bordar.

Entretanto, encontrou tempo para pintar, embora nunca permitiu a ninguém ver os retratos do Phinn que tinha

composto.

Phinn tinha tomado a ala leste da casa como espaço de trabalho. Seus filhos e filhas se divertiam em meio às brincadeiras, perturbando seu enfoque, mas não lhe importava. Com a mesma frequência, colocava-os a trabalhar polindo lentes ou classificando ferramentas.

Entretanto, quando sua esposa interrompeu seu trabalho, ele fechou a porta de seu escritório.

— O que te mantém ocupado agora? — Olivia perguntou, perambulando por seu espaço de trabalho, brilhando como uma visão, com seu cabelo loiro e sua figura requintada.

Algumas vezes, Phinn lhe contou sobre seu último projeto. Na maioria das vezes ele só sorria, tomava-a em seus braços e murmurava:

— Você, querida esposa.

Notas

[←1]

Na mitologia grega, deusa da juventude eterna.

[←2]

Na mitologia grega, deusa do amor, beleza e sexo.

[←3]

Lenço grande e quadrado usado por mulheres para preencher o decote baixo de um corpete.